



UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA  
LINGUAGEM  
DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

MANOEL KLEBSON DE ANDRADE OLIVEIRA

**ANÁLISE DIALÓGICA DAS POLÊMICAS ENVOLVENDO A CNBB  
NOS COMENTÁRIOS DA REDE SOCIAL FACEBOOK**

RECIFE – PE

2020

MANOEL KLEBSON DE ANDRADE OLIVEIRA

**ANÁLISE DIALÓGICA DAS POLÊMICAS ENVOLVENDO A CNBB  
NOS COMENTÁRIOS DA REDE SOCIAL FACEBOOK**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Ciências da Linguagem da Universidade Católica de Pernambuco – UNICAP, na linha de pesquisa Processos de Organização Linguística e Identidade Social, como requisito para obtenção do título Mestre em Ciências da Linguagem.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Dóris de Arruda Carneiro da Cunha

RECIFE – PE

2020

- O48a Oliveira, Manoel Klebson de Andrade.  
Análise dialógica das polêmicas envolvendo a CNBB nos comentários da rede social Facebook / Manoel Klebson de Andrade Oliveira, 2020.  
165 f.
- Orientadora: Dóris de Arruda Carneiro da Cunha.  
Dissertação (Mestrado) - Universidade Católica de Pernambuco. Programa de Pós-graduação em Ciências da Linguagem. Mestrado em Ciências da Linguagem, 2020.
1. Linguística. 2. Análise crítica do discurso.  
3. Redes sociais on-line. I. Título.

CDU 801

Pollyanna Alves CRB/4-1002

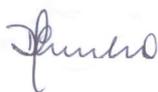
MANOEL KLEBSON DE ANDRADE OLIVEIRA

**ANÁLISE DIALÓGICA DAS POLÊMICAS ENVOLVENDO A CNBB  
NOS COMENTÁRIOS DA REDE SOCIAL FACEBOOK**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Linguagem da Universidade Católica de Pernambuco – UNICAP, na linha de pesquisa Processos de Organização Linguística e Identidade Social, como requisito para obtenção do título Mestre em Ciências da Linguagem.

Aprovada em 20 de abril de 2020.

BANCA EXAMINADORA:



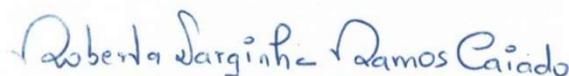
---

**Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Dóris de Arruda Carneiro da Cunha**  
Universidade Católica de Pernambuco – UNICAP  
Orientadora



---

**Prof. Dr. Pedro Farias Francelino**  
Universidade Federal da Paraíba – UFPB  
Examinador externo



---

**Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Roberta Varginha Ramos Caiado**  
Universidade Católica de Pernambuco – UNICAP  
Examinadora interna

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pela força e a Nossa Senhora da Conceição pela intercessão.

Aos meus pais, José Wilson (Totinha) e Maria Alves (Preta), pela inspiração de lutar pelos meus sonhos e confiar sempre em dias melhores.

Ao Padre Josenildo Tavares Ferreira, que me acolheu no momento em que eu mais precisei. Sem a sua boa vontade, não teria conseguido realizar este curso.

Às senhoras Lucicleide Melo, Maria Martha e Heliete Gadelha que são do meu convívio diário. Expresso minha gratidão às outras senhoras amigas, aqui, da capela dos Manguinhos, onde trabalhei durante o período do mestrado.

Aos professores do PPGCL da UNICAP, pela oportunidade de novos aprendizados, especialmente Roberta Caiado e Karl Heinz Efken.

Às novas amizades que construí ao longo do curso.

À Dóris Cunha, uma excelente orientadora, que além de despertar em mim o amor por Bakhtin e pela academia, me fez crescer como pessoa.

Enfim, a toda colaboração recebida, pois esta dissertação é fruto de uma superação psicológica e emocional.

## RESUMO

Este trabalho tem como objetivo geral analisar como se configuram os comentários polêmicos envolvendo a CNBB na rede social Facebook. A partir das características desse gênero, que não tem forma, conteúdo e estrutura fixa, temos como objetivo específico: investigar os tipos de polêmica, correlacionando com os valores que esses enunciados carregam com base no contexto extraverbal e na materialidade linguística. Sabemos que as redes sociais na internet vêm ganhando cada vez mais destaque na comunicação cotidiana. Encontramos nos escritos de Jakubinskij (2015 [1923]), Volochinov (2013 [1930]; 2017 [1929]) e Bakhtin (1997 [1963]; 2015 [1934 – 1935]; 2016 [1979]; 2017 [1979]), a base teórico-metodológica para analisar os comentários a partir das noções de linguagem, dialogismo, enunciado, gênero discursivo, polêmica, bem como nos estudiosos contemporâneos da teoria dialógica da linguagem. O corpus dessa pesquisa foi constituído pelos comentários sobre um videodocumentário publicado em 23 de fevereiro de 2018 no Facebook, que acusa a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil de alianças políticas com o Partido dos Trabalhadores e de se posicionar contra a doutrina da Igreja Católica Romana. Selecionamos para análise sequências de comentários que acentuam o enfrentamento ideológico entre os fiéis leigos católicos conservadores e os progressistas. O resultado revela o embate entre as diferentes vozes sociais, a polarização social na internet, os tipos de polêmicas, a violência verbal entre os partidários de cada posição (conservadora e progressista) e a inseparabilidade das esferas religiosa e política. A análise mostra ainda que esse gênero discursivo funciona como o diálogo, sendo moldado pelo posicionamento axiológico do internauta.

**Palavras-chave:** análise dialógica; polêmica; comentários de internautas; redes sociais.

## ABSTRACT

The general aim of this research is to analyze how the polemic comments involving the NCBB - National Conference of Bishops of Brazil (CNBB - Conferência Nacional dos Bispos do Brasil) on social media, Facebook are set up. By using the characteristics of this genre which does not have a shape, a content and a fixed structure, we have as specific aim to investigate the types of polemic correlating with the values which these utterances have brought with basis on the extraverbal context and in the linguistic materiality. It's known that social media has been putting more and more emphasis on daily communication. We have seen in Jakubinskij (2015 [1923]), Volochinov (2013 [1930]; 2017 [1929]) and Bakhtin's works (1997 [1963]; 2015, [1934 – 1935]; 2016 [1979]; 2017 [1979]) the theoretical and methodological basis to analyze the comments based on the notions of language, dialogism, utterance, discursive genre, polemic as well as contemporary scholars of the dialogical theory of language. The corpus of this research was built of comments about a documentary published on February 23, 2018 on Facebook which accuses the National Conference of Bishops of Brazil of political alliances with the Labor Party (Partido dos Trabalhadores) and their resistance to the doctrine of the Roman Catholic Church. With that being said, we have selected some comments in order to analyze the ideological confrontation between the lay faithful conservative Catholic and the progressives. The result reveals the conflict amongst the different social voices, the social polarization on the Internet, the types of polemics, the verbal violence between the supporters of each position (conservative and progressive) and the inseparability of the religious and politics spheres. Moreover, the analysis shows that this discursive genre works as a dialogue which is shaped by the axiological position of the Internet user.

**Key words:** dialogical analysis, polemic, Internet users' comments, social media.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	10
<b>INOÇÕES TEÓRICAS PARA O ESTUDO DA POLÊMICA: A TEORIA DIALÓGICA</b> .....	15
1.1 CONTEXTO EPISTEMOLÓGICO .....	15
1.2 ALGUMAS NOÇÕES TEÓRICAS PARA O ESTUDO DA DIALOGICIDADE DA POLÊMICA.....	19
1.2.1 Linguagem, diálogo, relações dialógicas, heterodiscurso.....	20
1.2.2 Enunciado e gênero discursivo .....	30
1.2.3 A palavra como signo ideológico .....	36
1.2.4 Bivocalidade .....	40
1.2.5 A Polêmica.....	44
<b>2 A COMUNICAÇÃO MEDIADA PELO COMPUTADOR</b> .....	50
2.1 REDES SOCIAIS NA INTERNET: SUPORTE PARA UMA DIVERSIDADE DE VOZES .....	50
2.2 AS INTERAÇÕES NAS REDES SOCIAIS NA INTERNET E O NOVO MODELO DE INTERAÇÃO .....	52
2.3 A PLATAFORMA DE RELACIONAMENTOS FACEBOOK E A SUA INFLUÊNCIA NO MEIO SOCIAL.....	57
2.4 OS COMENTÁRIOS DO FACEBOOK: DA FORMA AOS POSICIONAMENTOS AXIOLÓGICOS.....	61
<b>3 A TEOLOGIA DA LIBERTAÇÃO, A CRIAÇÃO DA CNBB E A SUA RELAÇÃO COM OS PARTIDOS DE ESQUERDA</b> .....	65
3.1 A TEOLOGIA DA LIBERTAÇÃO NA AMÉRICA LATINA .....	65
3.2 A CRIAÇÃO DA CNBB E SUAS CAMPANHAS DA FRATERNIDADE .....	70
3.3 O VATICANO CONTRA ALGUNS ASPECTOS DA TEOLOGIA DA LIBERTAÇÃO .....	76

3.4 OS MOVIMENTOS SOCIAIS DA IGREJA CATÓLICA E OS PARTIDOS DE ESQUERDA NO BRASIL.....	81
<b>4 ANÁLISE DO CORPUS.....</b>	<b>85</b>
4.1 A FIGURA DE BERNARDO PIRES KÜSTER NAS REDES SOCIAIS NA INTERNET .....	86
4.2 DE ONDE VEM O SENTIMENTO DE AVERSÃO AO PT?.....	90
4.3 ANÁLISE DOS COMENTÁRIOS.....	95
<b>4.3.1 As redes sociais como arena virtual das polêmicas: o embate socioideológico nos comentários do Facebook.....</b>	<b>95</b>
<b>4.3.2 A indignação reveladora de ideologia política: quando somente um grupo social é detentor da verdade.....</b>	<b>105</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>127</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>130</b>
<b>ANEXO A.....</b>	<b>138</b>
<b>ANEXO B.....</b>	<b>151</b>

## INTRODUÇÃO

A comunicação mediada pelo computador ganha cada vez mais lugar de destaque no dia-a-dia das pessoas. É comum vermos as trocas de mensagens pessoais, leitura de notícias locais e mundiais, exposição de pontos de vista diante de algum fato de interesse pessoal. Tudo isso, pela acessibilidade de informações e instantaneidade comunicativa no celular, tablet ou notebook. Como as interações sociais no mundo virtual alcançam diferentes pessoas, de diferentes ideologias e de diferentes lugares, a tensão entre essa diversidade de vozes implica, muitas vezes, em discursos polêmicos. Esses discursos tornam-se comuns nas redes sociais e qualquer usuário pode discutir sobre uma diversidade de assuntos com o direito de expressar seu ponto de vista.

Ao expressar seu posicionamento, o internauta gera confrontos com as vozes das diferentes esferas ideológicas. Esse confronto se torna mais recorrente devido as relações serem somente nas redes sociais sem que haja um convívio face-a-face no cotidiano, dessa forma, torna-se mais fácil a viralização de polêmicas. Ao presenciarmos essa viralização de discursos polêmicos, vemos que esses usuários interativos da internet não se intimidam em agredir verbalmente, tanto o autor da publicação, quanto os outros internautas envolvidos na situação comunicativa. As publicações de internautas “comuns” alcançam milhares de pessoas, público muito superior aos internautas que são alcançados pelas publicações de instituições de prestígio nas suas páginas oficiais.

Os últimos anos no Brasil são marcados por uma polarização política que passa a influenciar outras esferas sociais. Os discursos ultraconservadores ganham espaço na vida das pessoas e passa a influenciar, também, o comportamento dos internautas nas suas páginas do Facebook (doravante FB). Visto essa polarização política, os internautas, ao discutirem posicionamentos religiosos, passam a menosprezar outras formas que não sejam conservadoras e acreditam que somente eles vivem uma fé “verdadeira”. Estamos vivendo um momento em que todas as pessoas que são contra o atual presidente da república, Jair Bolsonaro, são insultadas de “comunistas”, “esquerdistas” e toda forma de expressões difamatórias. Já que esse comportamento se tornou algo corriqueiro na sociedade, dentro da Igreja Católica não é diferente.

Os fiéis de ideologia progressista são menosprezados pelos conservadores, que insistem em afirmar que são os únicos detentores da fé. Discursos do passado são usados contra os fiéis progressistas que são desacreditados nos seus posicionamentos axiológicos. E assim, os discursos polêmicos vão sendo construídos e constituídos por já-ditos contra movimentos de

ideologia progressista. Foi esse cenário de viralização de polêmicas nas redes sociais, que nos motivou a analisar os comentários do Facebook. Neles, constatamos que as tensões sociais ficam mais acentuadas, pois discussões sobre acontecimentos do dia-a-dia são objeto dos discursos dos internautas.

O que nos chamou mais atenção foram os comentários do videodocumentário, *CNBB NO BANCO DOS RÉUS: grana, poder e heresia*, publicado por Bernardo Pires Küster, em 23 de fevereiro de 2018, onde seguidores de Küster e outros internautas acusam a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) de investir financeiramente em ONGs abortistas, de fazer alianças políticas com o Partido dos Trabalhadores (PT) e de se posicionar contra a doutrina da Igreja Católica Apostólica Romana. O interesse para escolha desse corpus se deu porque a publicação surge no contexto sociopolítico brasileiro de acentuada polarização social entre diferentes ideologias, principalmente, políticas e religiosas.

Ao olharmos para o nosso corpus, fizemos a seguinte indagação: Como os posicionamentos axiológicos dos internautas moldam os comentários polêmicos do Facebook? Sabemos que o que pode ser dito e polemizado nas redes sociais na internet segue acentuando a polarização política. Esses discursos ultrapassam a barreira do tempo e dos problemas sociais de cada época. Nosso objetivo geral é analisar como se configuram os comentários polêmicos envolvendo a CNBB na rede social Facebook. A partir das características desse gênero, que não tem forma, conteúdo e estrutura fixa, temos como objetivo específico: investigar os tipos de polêmica, correlacionando com os valores que esses enunciados carregam com base no contexto extraverbal e na materialidade linguística.

Quanto às nossas escolhas teórico-metodológicas, nos baseamos primeiramente em Bakhtin (2016 [1979]), para quem as ciências humanas tem como objeto de estudo o ser expressivo e falante. Esse ser é produto das vivências sociais e situado historicamente em um contexto. É também singular e se insere ativamente no diálogo com o outro. Consequentemente, a partir da comunicação cotidiana, o homem produz uma diversidade de textos em que se posiciona axiologicamente diante dos fatos do mundo. Com base nessa concepção, quando analisamos a materialidade linguística, produto desse diálogo, consideramos o contexto extraverbal constitutivo das experiências do falante. Definimos o contexto epistemológico da teoria adotada, porque com isso, além de esclarecermos os princípios críticos da nossa pesquisa, esclarecemos como concebemos o nosso objeto de pesquisa. Nessa perspectiva, o pesquisador das ciências humanas, também, possui uma singularidade nos seus posicionamentos diante do seu objeto de estudo. Não há possibilidade de nos posicionarmos com neutralidade em qualquer situação do cotidiano. Da mesma forma que o pesquisador tem o discurso analisado

transpassado de valores, ele também o interpreta a partir de já-ditos em outras pesquisas acadêmicas.

A noção de linguagem numa perspectiva dialógica nos proporciona analisar como se configuram os comentários no FB, investigar seus tipos e os posicionamentos axiológicos dos internautas diante do objeto polêmico. As noções de enunciado, palavra e signo ideológico nos permite interpretar o corpus e reconhecer como os internautas acentuam os seus comentários dialogando com o enunciado do outro internauta e com vozes da sua esfera ideológica. E, ao descrever os tipos de polêmica, estamos explorando como ela se constitui no fenômeno discursivo.

O percurso metodológico por nós adotado foi um percurso bakhtiniano decorrente do fato de termos encontrado categorias definidas pelo próprio corpus. Então, alinhamos a natureza dialógica da nossa concepção de linguagem e o pensamento teórico ao corpus. O nosso trabalho se insere no campo das Ciências da Linguagem numa investigação qualitativa que reconhece o caráter inédito, singular e social da linguagem, e, dessa forma, trata-se de uma leitura dialógica dos comentários do FB. A seleção do corpus ainda teve como critério os comentários divulgados no mesmo dia da publicação do videodocumentário e separados por tema, especificamente os que contêm ataques contra os bispos, acusando-os de não representarem a Igreja. A análise focam os comentários que acentuam o enfrentamento ideológico entre os fiéis leigos conservadores e progressistas, observando a sequência discursiva e os encadeamentos entre um enunciado e outro, que são fundamentais para a interpretação dos sentidos e para vermos com quem cada comentário está dialogando, se com o autor da publicação ou com outros internautas.

Dividimos nossas análises em dois itens. O primeiro, “As redes sociais como arena virtual das polêmicas: o embate socioideológico nos comentários do Facebook”, *grupo* composto pelo primeiro comentário e suas dez primeiras réplicas, nos quais investigamos a tensão entre a ideologia conservadora e progressista. O segundo, “A indignação reveladora de ideologia política: quando somente um grupo social é detentor da verdade”, em que constatamos como um grupo ideológico molda os seus comentários a partir de seu posicionamento axiológico para mostrar a “sua” verdade.

Com o percurso teórico-metodológico da Análise Dialógica do Discurso para trabalhar com esse corpus, investigamos como os internautas se posicionam com seus valores nas polêmicas contidas no gênero comentário do FB. Trabalhamos com a premissa de que os internautas reacentuam já-ditos, mantendo relações dialógicas com os outros polemistas com outros contextos sociais do passado, sobre determinada situação polêmica.

Na primeira seção, nossa discussão teve início com o contexto epistemológico da nossa pesquisa e o fenômeno do diálogo na linguagem, concebida como fruto da cultura, ou seja, do convívio social que surge na interação com o outro. Assim, o contexto extraverbal se associa com as manifestações discursivas, onde há posicionamentos axiológicos, resultados da tensão entre os vários diálogos cotidianos. Discutimos as noções de gêneros discursivos nas mais diferentes esferas da atividade humana e de palavra como signo ideológico. Visto que, elas são semialheia, ao serem usadas, são saturadas de intenção, porque possuem aspiração semântica e expressiva. Bakhtin, ao analisar a obra de Dostoievski, classifica a polêmica em aberta e velada. Para tanto, como ele analisa as polêmicas nas obras literárias, ampliamos o nosso estudo para investigar os tipos de polêmica, segundo a categorização de Amossy (2017): dicotomização, polarização e desqualificação. Ela conceitua polêmica a partir da comunicação cotidiana.

Na segunda seção, apresentamos a comunicação mediada pelo computador que dá espaço para as mais diversas vozes, pois as redes sociais são verdadeiros espaços públicos para expressão dos posicionamentos ideológicos. Conceituamos redes sociais a partir da definição de Recuero (2014a, 2014b, 2014c, 2016), para a qual a comunicação no mundo digital ganha um lugar de destaque na comunicação. E de estudos de Melo Neto (2019) que aborda a internet na atualidade como instrumento de alienação. Escolhemos conceituar redes sociais, porque o nosso corpus de análise foi coletado nessa esfera comunicativa. Estudos de Barros (2017), Bezerra (2017), Emediato (2015), Fragoso (2013), Recuero (2013), Amaral (2013), Paiva (2016), Silva (2014), Costa (2014), Cunha (2013) nos ajudaram no estudo do gênero comentário do FB, por trabalharem com os gêneros discursivos no meio digital e como funciona a interação nas redes sociais na internet.

Seguindo a ordem de organização das seções, na terceira, de natureza histórica, apresentamos a Teologia da Libertação (TL), o contexto de criação da CNBB e suas companhas, a reação do Vaticano em relação aos bispos e fiéis simpatizantes da TL. Essa apresentação foi elaborada com o objetivo de compreender os ataques polêmicos que aparecem no corpus, que desqualificam a CNBB e os internautas que têm aversão à TL.

Na quarta e última seção, analisamos os comentários contendo as polêmicas, carregadas de ódio contra a CNBB e contra a TL, com acusações de que todos os progressistas são comunistas e esquerdistas, e ligados ao Partido dos Trabalhadores (PT). Inicialmente, traçamos o perfil do polemista Bernardo Pires Küster, autor o vídeo documentário que deu origem ao corpus, tendo como base as páginas pessoais do autor nas suas redes sociais e algumas notícias publicadas na internet, nas quais ele se destaca pela sua atuação no meio de comunicação digital. Em seguida, buscamos esclarecer rapidamente o cenário brasileiro em que se situam os

discursos polêmicos, com base nos escritos do sociólogo Jessé Souza (2016, 2017, 2018a, 2018b) que tem uma pesquisa empírica sobre o ódio aos mais pobres na sociedade brasileira. A sua produção intelectual é justificada por teóricos da área e é notória a importância da sua produção científica para diversos campos de estudos no Brasil, principalmente para a sociologia.

Por fim, analisamos os tipos de polêmicas e as avaliações positivas e negativas, ou seja, o caráter axiológico dos comentários. Especificidades do contexto político brasileiro, de transição do governo do PT às eleições presidenciais de 2018, mostram como os internautas entrelaçam nos seus discursos questões políticas e questões religiosas nas redes sociais. Nos comentários analisados, foram encontradas retomadas de discursos de outros momentos históricos e que não foi realidade do Brasil, como por exemplo, a acusação de “comunista” aos bispos e a todos que são contra a ideologia conservadora.

Obtivemos como resultado uma descrição dos tipos de polêmica nos comentários do FB, definidos por Bakhtin – aberta e velada – e por Amossy. Nessas polêmicas estão os valores axiológicos da esfera social de cada internauta envolvido na situação comunicativa. Progressistas e conservadores moldam o seu comentário a partir de já-ditos de antigos papas da Igreja Católica, documentos oficiais da instituição e da Bíblia, além de repetir o discurso de Küster e de outros seguidores. Como é comum nas páginas de redes sociais, os seguidores de Bernardo Küster compartilham os mesmos valores, e sempre justificam seus discursos de injúrias e difamações contra a CNBB. Com isso, vimos que os laços sociais e os diálogos no FB não são artificiais, pois, como vemos na mídia, os internautas passam a agir na vida social de acordo com o que expressam nos comentários.

Finalizando as considerações sobre este trabalho, resta ressaltar a relevância do ponto de vista dos estudos discursivos e, mais especificamente, do campo dos estudos dialógicos. Nosso intuito é contribuir para uma abordagem dialógica da polêmica, especialmente aquelas que são disseminadas nas redes sociais na internet. Este trabalho aponta caminhos para se compreender a polarização social do Brasil e mesmo que o corpus tenha sido coletado em fevereiro de 2018, as polêmicas se acentuaram nas redes sociais com a eleição do Presidente Jair Bolsonaro em outubro de 2018. A análise não contempla outros fatos e episódios que mostram a polarização social no Brasil, porém, na mesma página do corpus, podemos verificar a militância de Bernardo Küster e de seus seguidores contra todos que se opõem ao modelo de governo do atual presidente.

## 1 NOÇÕES TEÓRICAS PARA O ESTUDO DA POLÊMICA: A TEORIA DIALÓGICA

Para analisar como se configuram as polêmicas discursivas nos comentários da rede social Facebook, fundamentamos nosso trabalho na teoria dialógica da linguagem. Nesta primeira seção, explicamos o contexto epistemológico da teoria dialógica e algumas noções teóricas que revelam a dialogicidade da polêmica. A teoria dialógica é a base para as nossas análises, já que entre os estudiosos do diálogo, desde Jakubinskij, Volochinov, Bakhtin até os teóricos contemporâneos que se ocupam dessa teoria e o corpus, conseguimos investigar os tipos de polêmica, correlacionando com os valores que esses enunciados carregam com base no contexto extraverbal e na materialidade linguística.

### 1.1 CONTEXTO EPISTEMOLÓGICO

Primeiramente, buscamos caracterizar em termos epistemológicos o que é conhecer o nosso objeto de pesquisa, porque isso é primordial para o entendimento eficaz das nossas análises. Para Bakhtin (2017 [1979], p. 57), só é possível o conhecimento do objeto de estudo revelado pelo outro, por um ato unilateral do ser cognoscente, pois o objeto em si mesmo é algo morto e é apenas objeto de interesse prático. A busca de conhecimento não implica o cognoscente fazer perguntas a si mesmo, nem a um terceiro na presença da coisa morta, mas ao próprio cognoscível. Pois o que importa nessa busca “não é a exatidão do conhecimento, mas a profundidade da penetração. Neste caso, o conhecimento está voltado para o individual. É o campo das descobertas, das revelações, das interações, das comunicações” (BAKHTIN, 2017 [1979], p. 58).

Nas ciências humanas, precisamos caracterizar o conhecimento da coisa estudada, considerando tanto o conhecimento da coisa, quanto o conhecimento do indivíduo. O conhecimento de tal coisa só é possível com o sujeito cognoscente, porque a coisa em si é desprovida de sentido e não pode ser revelada a não ser pelo outro, pois só existe para o outro.

O ativismo do cognoscente e o ativismo do que se abre (dialogicamente). A capacidade de conhecer e a capacidade de exprimir a si mesmo. Aqui estamos diante da expressão e do conhecimento (compreensão) da expressão. A complexa dialética do interior e do exterior. O indivíduo não tem apenas meio e ambiente, tem também horizonte próprio. A interação <?> do horizonte do cognoscente com o horizonte do cognoscível. Os elementos de expressão (o corpo não como materialidade morta, o rosto, os olhos, etc.); neles se cruzam e se combinam duas consciências (a do eu e a do outro); aqui eu existo para o outro, com o auxílio do outro. (BAKHTIN, 2017 [1979], p. 58)

O horizonte do objeto cognoscível se cruza com o horizonte do sujeito cognoscente que de maneira dialógica possibilita a compreensão. Esse objeto é sempre aberto para o outro e pelo outro, sem que o indivíduo, envolvido no diálogo, perca a sua individualidade, pois Bakhtin (2017 [1979], p. 58) acredita que “ao abrir-se para o outro, o indivíduo sempre permanece também para si”. Sob essa ótica, acreditamos não ter uma metodologia definida, “engessada”, mas orientações metodológicas baseadas na interação do horizonte do cognoscível e do horizonte cognoscente, já que no entrelaçamento de ambos, adquirimos conhecimento. Sem essa interação, a materialidade estudada é morta e suas manifestações sem o olhar do outro não revelam, de fato, o valor do objeto de estudo.

Nos estudos das ciências humanas, é importante considerar a complexidade do ato da inter-relação, da dialogicidade, porque entendemos que não há conhecimento *a priori*, pois o conhecimento é construído quando o sujeito se depara com o objeto e com o outro. A compreensão que o sujeito tem de si e da realidade das coisas no mundo se constitui através do olhar e da palavra do outro. Essa apreensão do conhecimento se dá a partir do lugar que cada um ocupa, em um espaço e tempo determinados e é desse lugar único que revelamos o nosso modo de ver o outro e o mundo físico que nos envolve. Nessa perspectiva de análise, extraímos sentidos a partir das experiências no mundo, atravessados por valores que fazem parte da cultura de uma dada época. Ao observarmos as interações sociais e os enunciados que emergem na vida cotidiana, constatamos a nossa necessidade absoluta do outro, pois a nossa individualidade não teria sentido, ou até não existiria, se o outro não a criasse.

Nesse ponto de vista, as interações sociais devem ser a base dos estudos da linguística e das ciências humanas, porque somente o meio e o ambiente não são suficientes para o homem produzir conhecimento, pois ele está além do horizonte do objeto cognoscível. Quando o indivíduo se expressa, além da sua individualidade, ele é expressão da coletividade, dos povos, das épocas e da própria história. Os sentidos que são atribuídos nas relações dialógicas entre o cognoscente e o cognoscível estão relacionados aos fatores sociais, culturais e históricos. Devemos ter em mente que nada na vida do homem se constrói isoladamente, o eu é o outro do outro e, nessa interação mútua das consciências, chegamos a um conhecimento profundo. Nos diálogos, podemos construir nossos conceitos e acrescentar algo novo ao que já sabemos, porque qualquer objeto do saber pode ser percebido e conhecido como coisa, porém só é possível conhecer e compreender a partir do ponto de vista do outro.

Já que caracterizamos como devem ser as pesquisas nas ciências humanas, é importante destacar que, para Bakhtin (2017 [1979], p. 59), “o objeto das ciências humanas é o ser expressivo e falante. Esse ser nunca coincide consigo mesmo e por isso é inesgotável em seu

sentido e significado”. Nessa direção, as nossas análises consideram um objeto de estudo que é inesgotável em seus sentidos e significados, ou seja, inacabado. Ao falar sobre o ser, objeto das ciências humanas, que nunca coincide consigo mesmo, Bakhtin (2017 [1979], p. 59) quer dizer que só há compreensão de sentidos a partir do olhar do outro, da compreensão de sentido que o outro atribui. E continua dizendo que o ser que se abre ao nosso conhecimento é o ser de conhecimento material e não pode ser tolhido em nenhum momento substancial (BAKHTIN, 2017 [1979], p. 59). Assim, descartamos a possibilidade de conhecimento fora do mundo material, pois, sendo um saber empírico, construído dialogicamente, o pesquisador assume uma postura que apreende sentido a partir das vivências e das experiências.

A inserção do objeto cognoscível em um contexto dialógico faz com que a busca de sentido seja ativa e efetiva, porque só o compreendemos em um grau de profundidade, em uma dimensão dialógica. Se sem o diálogo não há conhecimento e o outro se torna o lugar da busca de sentido do meio e do ambiente, então a incompletude e a provisoriade faz com que haja a busca constante do conhecimento. Essa condição de inacabamento permanente do ser nos leva a compreender a condição do homem no mundo em relação à produção de conhecimento e é justamente por isso que uma linguagem instrumental e acabada não pode atribuir totalidade e precisão em qualquer teoria que explique os fenômenos no mundo. Isso permite que Bakhtin (2017 [1979], p. 64) afirme que temos um passado inacabado, pois a ele sempre se somam novos conhecimentos em uma constante construção de sentidos, mesmo sendo impossível dissolver o sentido das coisas em conceitos.

Na tensão entre as premissas do pensamento para a aquisição do conhecimento e as vivências sociais do indivíduo, a teoria dialógica procura orientar suas análises em uma abordagem que realiza o entrelaçamento dos aspectos sociais, históricos e culturais para uma visão efetiva, real e concreta do conhecimento. Ao perceber o mundo como um constante acontecimento, o conhecimento é construído a partir da relação com o outro, que apreende o sentido do objeto de estudo pelo outro e para o outro. Nesse sentido, o diálogo tem índole criadora e mesmo que os conceitos já tenham sido ditos por outros, ele é sempre inédito e nunca se esgota nos discursos. Toda atividade na vida do homem é determinada pela significação a partir do contexto social, pois, para o homem, só existe possibilidade de conhecimento a partir das vivências sociais situadas em um dado momento histórico.

A partir de uma concepção dialógica, definimos a linguagem como nosso objeto de pesquisa, considerando os posicionamentos axiológicos do ser e relacionando-o com a realidade do mundo. Bakhtin (2016 [1979], p. 71) diz que o pesquisador das ciências humanas tem o texto como objeto de pesquisa para confrontar o material linguístico produzido nas interações com o

contexto extraverbal. O pensador russo (2016 [1979], p. 71) define o texto como objeto da linguística, da filologia e de outras ciências humanas: “O texto é a *realidade imediata* (realidade do pensamento e das vivências), a única fonte de onde podem provir essas disciplinas e esse pensamento. Onde não há texto, não há objeto de pesquisa e de pensamento”. Como objeto empírico, produto dialógico, o texto é a realidade do pensamento e das vivências, junção do raciocínio e das experiências dos sentidos. Somente ele pode mostrar dados reais (empíricos) das pesquisas e, com isso, ter o ponto de partida para avanços teóricos.

Na epistemologia bakhtiniana, vemos claramente a importância do texto, compreendido como irrepitível, inédito, fruto das interações sociais, dos diálogos. O contexto extraverbal é indispensável para compreendê-lo e aqui está o grande problema da linguística estrutural, que é o de não levar em consideração o contexto e os diálogos presentes em cada texto. Bakhtin afirma que o estudo do texto vai além do seu sistema linguístico:

Portanto, por trás de cada texto está o sistema da linguagem. A esse sistema correspondem no texto tudo que é repetido e reproduzido, tudo o que pode ser dado fora de tal texto (o dado). Concomitantemente, porém, cada texto (como enunciado) é algo individual, único e singular, e nisso reside todo o seu sentido (a sua intenção em prol da qual ele foi criado). É aquilo que nele tem relação com a verdade, com a bondade, com a beleza, com a história. (BAKHTIN, 2016 [1979], p. 74).

Encontramos o sistema linguístico na materialidade textual, mas, também, em cada texto como enunciado, é que percebemos a individualidade e intencionalidade com que é produzido. Por isso, o texto reflete o mundo objetivo de maneira subjetiva, sob a visão de cada indivíduo construído pelas visões de mundo do outro. Sobre isso, Volochinov vai falar sobre a importância de se conhecer o contexto dos enunciados, para que haja uma compreensão satisfatória do que é dito.

Compreender um enunciado alheio significa orientar-se com relação a ele, encontrar para ele um lugar devido no contexto correspondente. Em cada palavra de um enunciado compreendido, acrescentamos como que uma camada de nossas palavras responsivas. Quanto maior for o seu número, quanto mais essenciais elas forem, tanto mais profunda e essencial será a compreensão.

Desse modo, cada elemento semântico isolável do enunciado, assim como o enunciado em sua totalidade, é traduzido por nós para outro contexto ativo e responsivo. Toda compreensão é dialógica. A compreensão opõe-se ao enunciado, assim como uma réplica opõe-se a outra no diálogo. (VOLOCHINOV, 2017 [1929], p. 232)

Um elemento isolado não tem significação, pois só significam no contexto com o outro, ou seja, o contexto extraverbal é ativo na compreensão dos enunciados e deve ser encontrado um lugar correspondente no contexto em que é usado. Os conhecimentos são construídos a

partir da tensão de pontos de vista, desde uma réplica do diálogo cotidiano a um texto científico, pois, quando as ideias são confrontadas é que eles são produzidos. O corte epistemológico feito por Bakhtin é propor que, nos estudos linguísticos, sejam abordados os aspectos sociais, históricos e culturais. Diferente de uma abordagem da língua fechada em seu próprio sistema, ele entende que o texto se desenvolve, nos seus aspectos linguísticos e extraverbais, em um constante processo dialógico. Assim, o nosso objeto de análise é entendido como ponto de encontro entre o material e a forma, produto das experiências nas interações situadas no tempo e no espaço determinados.

## **1.2 ALGUMAS NOÇÕES TEÓRICAS PARA O ESTUDO DA DIALOGICIDADE DA POLÊMICA**

A dialogicidade da polêmica é facilmente percebida na comunicação de qualquer esfera social. Nessa direção, Cunha (2013, p. 242) considera que os discursos polêmicos são constitutivamente dialógicos porque se configuram numa relação conflituosa. Na polêmica, percebemos o embate das vozes que perpassam o momento histórico de determinada situação comunicativa, com o objetivo de mostrar um espetáculo, muitas vezes, de injúrias e violência verbal, sem a finalidade de diálogo para propor uma solução. As polêmicas retratam conflitos ideológicos entre diferentes grupos sociais e entre indivíduos situados em determinado tempo e sociedade. Justamente, por isso, traz um ponto de vista do falante frente ao objeto polêmico, que é construído dialogicamente.

Ao assumirmos uma postura de pesquisadores da linguagem numa perspectiva dialógica, concordamos que as palavras são já-ditos e que, em cada contexto sócio-histórico, possuem posições axiológicas. Dessa maneira, tudo que é dito é fruto das vivências sociais e recebem o acento valorativo de acordo com as intenções na produção dos enunciados. Para sustentar nossa tese, trazemos para discussão a afirmação de Cunha (2013, p. 242), segundo a qual as palavras revelam o ponto de vista do enunciador em relação ao objeto de discurso e aos que o nomeiam de forma diferente. Considerando essa afirmação, podemos dizer que cada polemista vai assumir um discurso, considerado como verdadeiro pela esfera ideológica da qual ele faz parte.

É comum que na comunicação humana haja conflitos entre as diferentes vozes sociais, pois cada indivíduo, em algum momento da vida, se contrapõe a voz do outro. Há posicionamentos ideológicos diante dos fatos da vida que, muitas vezes, são geradores de polêmicas. Ao discutir o fenômeno polêmico à luz do dialogismo bakhtiniano, concordamos

com Volochinov (2013 [1930], p. 193) ao dizer que a palavra, por sua própria natureza, é desde o início um fenômeno puramente ideológico. Assim, as palavras do discurso polêmico são usadas de acordo com a ideologia do falante em cada época e contexto social. Por isso, é de fundamental importância, compreender o significado que elas assumem no discurso polêmico a partir do contexto social e histórico no qual a situação polêmica acontece.

Nesta seção, apresentamos algumas noções da teoria dialógica da linguagem que revelam a dialogicidade da polêmica, então se faz necessário considerar a linguagem constituída nos diálogos ao longo do tempo e espaço. A cada nova enunciação a palavra assume um novo significado e é reacentuada para expressar o sentido de determinada expressão. Com isso, consideramos que as palavras possuem uma memória discursiva que traz em si a história de outros usos e em outros contextos sócio-históricos. É nesse contexto que Bakhtin (1997 [1963]) afirma sobre a vida da palavra na comunicação dialógica:

A palavra não é um objeto, mas um meio constantemente ativo, constantemente mutável de comunicação dialógica. Ela nunca basta a uma consciência, a uma voz. Sua vida está na passagem de boca em boca, de um contexto para outro, de um grupo social para outro, de uma geração para outra. Nesse processo, ela não perde o seu caminho nem pode libertar-se até o fim do poder daqueles contextos concretos que integrou. (BAKHTIN, 1997 [1963], p. 203).

A palavra polêmica tem uma vida que passa de boca em boca na interação entre os falantes, ou seja, ela vai se desgastando por atravessar vários contextos e usos até cumprir seu objetivo em cada situação discursiva. Tal discussão, encontramos, também, em Bakhtin (2015 [1934 – 1935], p. 69), onde ele diz que “a palavra de uma língua é a palavra semialheia; só se torna palavra quando o falante a satura de sua intenção, de seu acento, assume o domínio da palavra, fá-la comungar em sua aspiração semântica e expressiva”. Nessa direção, esta pesquisa considera o posicionamento do falante que entra numa polêmica usando palavras que explicitam seu posicionamento axiológico positivo ou negativo frente a tal contexto extraverbal.

### **1.2.1 Linguagem, diálogo, relações dialógicas, heterodiscurso**

Para Bakhtin (1997 [1963], p. 257), “ser significa comunicar-se pelo diálogo. Quando termina o diálogo, tudo termina. Daí o diálogo, em essência, não poder e não dever terminar”. Sendo assim, o homem está essencialmente inserido em um constante diálogo e ele só é a partir da comunicação com o outro. Diversos pesquisadores têm demonstrado interesse pelos fenômenos da linguagem em uma abordagem dialógica. Iniciamos nossa discussão com a

afirmação de Cunha (2012a, p. 250), de que “a abordagem dialógica parte da concepção de linguagem como social, histórica, intersubjetiva, ideológica”. Estudar a linguagem requer considerar a sua índole de constante movimento nas interações sociais, de abertura, de inacabamento que a todo instante se mostra nos fatos sociais e históricos, expressando valores ideológicos.

Bakhtin associa a linguagem à vida e não podemos analisar o discurso verbal de maneira abstrata e isolada da interação social, pois, nas suas palavras, “a linguagem só vive na comunicação dialógica daqueles que a usam. É precisamente essa comunicação dialógica que constitui o verdadeiro campo da vida da linguagem” (BAKHTIN, 1997 [1963], p. 183). Desse ponto de vista, todo enunciado é transpassado pelo enunciado do outro, em uma relação em que o outro é sempre responsivo diante de qualquer enunciação. Com a ideia de comunicação dialógica, levamos em consideração que:

As análises do discurso consideram a linguagem como lugar do heterogêneo, em que o uso das unidades da língua vai significar de acordo com as situações, os contextos, os *backgrounds* e os modos de recepção dos sujeitos. A linguagem produz sentidos na relação com o não verbal, com outras semiologias e nos diversos modos de circulação e recepção, não havendo correspondência entre os sentidos das formas da língua e os sentidos do contexto. Daí a diversidade dos processos de interpretação e a possibilidade de conflito de interpretações (CUNHA, 2017, p. 95).

As diversas interpretações dos fatos do mundo decorrem da heterogeneidade da linguagem, pois, nas situações cotidianas, apreendemos os sentidos que os contextos extraverbais produzem na materialidade discursiva. Por meio da linguagem, percebemos como os sujeitos apreendem os sentidos das coisas e é na circulação das expressões verbais e não verbais que se dá a diversidade de interpretações dos fatos do mundo. Consequentemente, nessa diversidade de interpretações, ficamos sujeitos à tensão entre as mais diversas vozes no contexto comunicativo.

Para compreender melhor a abordagem dialógica, recorreremos ao contexto epistemológico da linguística, na Rússia soviética, no início do século XX. Embora sempre que relacionamos linguagem e diálogo venha à nossa mente o nome de Bakhtin, outros estudiosos contribuíram para o desenvolvimento de uma Teoria do Diálogo. Podemos citar, por exemplo, Jakubinskij, que, no ensaio *Sobre a fala dialogal* (2015 [1923], p. 49 – 50), defende a tese de que a atividade languageira humana é um fenômeno multiforme e a linguagem é uma variedade do comportamento *humano*, que além de ser um fato *psicológico*, (*biológico*), é um fato *sociológico*, já que depende da vida coletiva desse organismo em sua *interação* com os outros.

Nessa perspectiva, percebemos como a vida coletiva em sociedade influencia a atividade linguageira.

Tal discussão, que associa a linguagem ao comportamento humano e a todo o seu funcionamento que depende da interação entre os indivíduos, das diversidades do meio social, chama a atenção de alguns estudiosos, como Ivanova (2011, p. 242), que afirma:

[Jakubinskij] Parte da ideia da diversidade funcional da fala. [...] Ao mesmo tempo, para distinguir os tipos de linguagem, Jakubinskij se baseia na forma do enunciado, considerando que a distinção pela forma deve preceder a distinção pelo propósito, pois este último está relacionado aos fatores extralinguísticos. É a distinção pela forma que permite destacar a passagem da esfera extralinguística para os fenômenos propriamente linguísticos e que opõe o monólogo ao diálogo. (IVANOVA, 2011, p. 242)

Jakubinskij inova os estudos linguísticos ao abordar a funcionalidade da fala e de como essa funcionalidade está associada aos propósitos comunicativos, pois os fatores extralinguísticos estão ligados aos enunciados verbais produzidos na atividade linguageira. Para Cunha (2016, p. 40), os estudos sobre o diálogo partem das “formas do enunciado verbal indissociável da interação concreta na sua relação com o contexto social”. Com essas afirmações, podemos dizer que o diálogo é natural por ser um fenômeno da cultura, pois é na ação e na resposta dos interlocutores que ele adquire sentido. Diante de qualquer situação, nossa reação natural é responder dialogicamente com uma ação<sup>1</sup> nas interações. Sobre isso,

Pode-se afirmar que o diálogo tem um caráter natural, essencialmente no sentido de que ele corresponde, enquanto alternância de ações e de reações, aos fatos sociais de interação nos quais o social se aproxima o mais perto possível do biológico (psicofisiológico). Se o diálogo é um fenômeno da “cultura”, ele é tanto quanto, senão mais do que o monólogo, um fenômeno da “natureza” (JAKUBINSKIJ, 2015 [1923], P. 79).

O horizonte social contribui para Jakubinskij desenvolver estudos dos fenômenos linguageiros. Partindo dessa ideia, logo de início, além de definir o diálogo como uma forma

---

<sup>1</sup> É importante considerar que para Jakubinskij essa visão de diálogo está associada a uma teoria que considera a reação “mecânica”. Segundo Ivanova (2011, p. 245), “A análise das características da cadência da fala levou Jakubinskij à ideia da ausência de reflexão no momento de uma resposta espontânea. Isso pressupõe que o interlocutor faz uso dos — componentes usuais (ou seja, elementos de automatismo)”. Embora seja o primeiro linguista russo a abordar o diálogo na linguagem, ele o simplifica em seus componentes e podemos perceber essa redução, às sensações no momento da fala. No ensaio “*Sobre a fala dialogal*” ele diz: “Uma simples auto-observação (com base em nossas lembranças) de nossas próprias sensações no momento das manifestações verbais nos convence da existência do automatismo que evocamos. Sem falar do lado fonético e fonológico da língua, no domínio do uso das palavras, em muitos casos, constatamos falta de atenção e ausência de escolha das palavras, quaisquer que sejam” (JAKUBINSKIJ, 2015 [1923], p. 110). As réplicas do diálogo são sucessivas durante a atividade linguageira e isso se torna algo “mecânico”. À medida que o outro produz sua réplica, ela é sempre resposta à anterior, até concluir o diálogo.

direta de interação verbal, ele analisa o papel da percepção visual e auditiva do interlocutor nessa interação. Para Ivanova (2011, p. 242), “essa análise o conduz à ideia da importância da mímica, do gesto e dos movimentos do corpo humano para a compreensão mútua”. Aqui, Jakubinskij acrescenta ao estudo do diálogo as mímicas e gestos do corpo humano para uma interpretação eficaz do diálogo. Como esses elementos extraverbais contribuem para o entendimento da situação comunicativa: “a presença de um interlocutor preparando-se para replicar e a apreensão de não poder dizer tudo o que se deseja dizer, todos esses elementos determinam nosso processo de fala no diálogo” (JAKUBINSKIJ, 2015 [1923], p. 81). A possibilidade de réplicas, bem como a entonação e os gestos fazem parte de todo conjunto da enunciação.

Às vezes, mímicas e gestos desempenham um papel de réplica no diálogo, substituindo, assim, a expressão verbal. Frequentemente uma réplica por meio de mímicas dá a resposta antes mesmo da réplica verbal. [...] As mímicas e os gestos, ao acompanharem constantemente as diferentes reações do homem, são um meio constante de transmissão de informação (JAKUBINSKIJ, 2015 [1923], p. 68).

Jakubinskij atribui um caráter especial à linguagem, ao naturalizar o diálogo, presente nas manifestações da fala. Para ele, segundo Grillo (2017, p. 43), “a percepção visual e auditiva do interlocutor (sua mímica ou expressão facial, gestos, movimentos corporais) tem enorme importância como fator determinante da percepção do discurso e, conseqüentemente, da própria fala”. Ao associar todo esse contexto extraverbal com as manifestações discursivas, percebemos que a linguagem está muito além da estrutura linguística e na interação com o outro, naturalmente réplicas, gestos e mímicas fazem parte dos diálogos cotidianos e ajudam na construção de sentidos.

No mesmo contexto dos estudos de Jakubinskij, Volochinov propõe uma abordagem dialógica da linguagem, pois “as suas pesquisas científicas tinham por objeto a poética sociológica, a comunicação verbal e, mais particularmente, a natureza do enunciado. O diálogo fazia parte da análise da comunicação verbal na qualidade de componente essencial e indispensável” (IVANOVA, 2011, p. 249). A comunicação verbal passa a ser analisada a partir dos diálogos no processo de interação social e dessa maneira, os discursos são construídos a partir dos interesses das diversas classes sociais. A linguagem é dialógica e o enunciado é sempre responsivo e relacional com enunciados anteriores, pois responde a algo e orienta-se para uma resposta. Sempre espera por uma compreensão ativa e responsiva, antecipando-a, etc. (VOLOCHINOV, 2017 [1929], p. 184).

Há uma tensão dialógica entre a linguagem atual e as linguagens passadas, porque, em uma cadeia ininterrupta dos discursos, a linguagem vive e se desenvolve. Essa responsividade na linguagem é percebida desde os estudos sobre o diálogo em Jakubinskij, mesmo que, de maneira problemática, ele o definisse como se fosse algo “mecânico”. Posteriormente, Volochinov também afirma que a linguagem é composta por ininterruptos enunciados, o que o leva a defender a tese de que nas interações sociais é que a língua se desenvolve. Ela é produto da atividade humana coletiva, que reflete em todos os seus elementos, tanto a organização econômica como a sociopolítica da sociedade que a gera (VOLOCHINOV, 2013 [1926], p. 141). A verdadeira realidade da língua são as interações e, dessa forma, os fenômenos da linguagem são puramente sociológicos para esse autor. É na interação sociodiscursiva entre os falantes que encontramos a língua viva como prática concreta, histórica, social, considerada como produto da coletividade. Com isso, a questão da linguagem é abordada relacionando-a a vida social.

Dessa forma, Cunha (2005) em seu artigo *Dialogismo em Bakhtin e Jakubinskii* diz que eles elaboraram uma das teorias mais ricas e as mais frutíferas abordagens sobre o discurso. A abordagem dialógica deu origem a numerosas análises, revelando novos aspectos do funcionamento da linguagem. E continua afirmando que “o sujeito é introduzido nos estudos da linguagem, que passa a ser estudada do ponto de vista da heterogeneidade, da diversidade de sentidos e de modos de funcionamento”. Até então, o indivíduo, seu contexto social e sua reação diante do outro eram deixados de lado, porém a teoria dialógica mostra que o contexto social é a base para produção e análise dos discursos e, sem a orientação social, não há como compreender a linguagem produzida nas interações.

Os fatores, as forças motoras que determinaram as origens e o desenvolvimento da linguagem: *a organização do trabalho na sociedade e a luta de classes*. Estamos convencidos do fato de que a linguagem humana é um fenômeno de *duas faces*: cada enunciação pressupõe, para realizar-se, a existência não só de um falante, mas também de um ouvinte. Cada expressão linguística das impressões do mundo externo, quer sejam imediatas, quer sejam aquelas que se vão formando nas entranhas de nossa consciência e receberam conotações ideológicas mais fixas e estáveis, é sempre *orientada para o outro*, até um ouvinte, inclusive quando este não existe como pessoa real. (...) todas as expressões têm uma *estrutura sociológica*. (VOLOCHINOV, 2013 [1926], p. 157).

A enunciação é orientada sempre para o outro e faz com que todas as expressões da linguagem tenham uma estrutura sociológica, pois, de fato, há um constante diálogo entre a organização dos grupos na sociedade que influenciam diretamente nas expressões linguísticas. Toda expressão verbal se encontra com a diversidade de culturas e de linguagens presente em

cada estrutura social e são essas forças sociais que determinam as formas da linguagem, pois surgem da organização do trabalho, na perspectiva sociológica proposta por Volochinov. Porém, não podemos cometer o equívoco de pensar que as classes sociais são homogêneas, porque, dentro da mesma classe social, encontramos posicionamentos ideológicos diferentes e conflitos de pontos de vista diversos.

Nessa perspectiva da teoria dialógica, do contexto social e ideológico trazidos para o estudo da linguagem, concordamos que o homem é constituído pelos diversos diálogos sociais e consideramos dialogismo com Cunha (2002, p. 24), para quem,

A noção remete: a) a uma filosofia do homem que se constitui na relação de alteridade; b) ao dialogismo infinito do diálogo que não pode terminar: “ser significa comunicar-se pelo diálogo. Quando termina o diálogo, tudo termina” (Bakhtin 1997: 257); c) a uma semiologia ou uma dialógica das figuras do discurso de outrem no discurso atual, caso dos fenômenos de heterogeneidade enunciativa, como o discurso reportado, a ironia, paródia, etc.; d) ao dialogismo interlocutivo do discurso fundamentalmente direcionado ou endereçado para o outro (CUNHA, 2002, p. 24).

Nessa leitura de Cunha (2002), o termo remete a todo um contexto dialógico no qual as manifestações de linguagem estão inseridas. Em uma relação de alteridade com o mundo e em um infinito diálogo com o outro, através das diferentes culturas e épocas, o indivíduo se constitui como sujeito e faz o outro constituir-se também. É nesse contexto dialógico que Bakhtin percebe que a linguagem é permeada de relações dialógicas.

As relações dialógicas são extralinguísticas. Ao mesmo tempo, porém, não podem ser separadas do campo do discurso, ou seja, da língua enquanto fenômeno integral concreto. A linguagem só vive na comunicação dialógica daqueles que a usam. É precisamente essa comunicação dialógica que constitui o verdadeiro campo da vida da linguagem (BAKHTIN, 1997 [1963], p. 183).

As relações dialógicas, que são a verdadeira realidade da língua, surgem de fatores extralinguísticos e não do sistema e normas linguísticas. Ao abordar a dialogicidade da linguagem, Bakhtin desenvolve uma teoria do discurso ao lado de Jakubinskij e de Volochinov, que consiste em afirmar que, no campo das interações verbais, todo discurso está voltado para uma resposta e não pode evitar a influência de um discurso responsivo antecipável. Para ele, o discurso surge no diálogo como sua réplica viva, forma-se na interação dinâmica com o discurso do outro no objeto e a concepção do seu objeto pelo discurso é dialógica (BAKHTIN, 2015 [1934 – 1935], p. 52). Assim, o caráter responsivo é o que vai determinar o sentido dos discursos, pois o falante antecipa a resposta do outro ao seu enunciado e produz o seu discurso nas mais diversas situações.

Todo discurso está voltado para uma resposta e não pode evitar a *influência do discurso responsivo antecipável*.

O discurso falado vivo está voltado de modo imediato e grosseiro para a futura palavra-resposta: provoca a resposta, antecipa-a e constrói-se voltado para ela. Formando-se num clima do já-dito, o discurso é, ao mesmo tempo, determinado pelo não dito, mas que pode ser forçado e antecipado pelo discurso responsivo. Assim acontece em qualquer diálogo vivo. (BAKHTIN, 2015 [1934 – 1935], p. 52 – 53).

O discurso provoca a resposta, antecipa-a e constrói-se voltado para ela, ou seja, a orientação dialógica entre discursos alheios (de todos os graus e qualidades do alheio) cria qualidades essenciais do discurso e é impossível alguém não proferir um discurso que não seja um já-dito. Essa relação com as palavras do outro vai acontecer no decorrer de toda a vida, pois sempre vamos utilizar palavras existentes na língua e discursos de outros na constituição dos nossos. Esses discursos são produtos das interações entre falantes e pontos de vista já formados sobre determinado objeto. Estamos diante da orientação dialógica, um fenômeno natural de todo discurso vivo, que está sujeito à tensão com outros discursos ao se deparar com eles. Bakhtin diz que:

A orientação dialógica é, evidentemente, um fenômeno próprio de qualquer discurso. É a diretriz natural de qualquer discurso vivo. Em todas as suas vias no sentido do objeto, em todas as suas orientações, o discurso se depara com a palavra do outro e não pode deixar de entrar numa interação viva e tensa com ele. Só um Adão mítico, que chegou com sua palavra primeira ao mundo virginal ainda não condicionado, o Adão solitário conseguiu evitar efetivamente até o fim essa orientação dialógica mútua com a palavra do outro no objeto (BAKHTIN, 2015 [1934/1935], p. 51).

Todos os discursos se deparam com a palavra do outro, os já-ditos. Nas palavras de Bakhtin (2016[1973], p. 61), somente o Adão mítico se abstraiu da palavra do outro por ser o primeiro no mundo virginal e até certo ponto solitário, pois ele não teve tensão nos seus discursos e nem divergências de opinião em relação ao objeto do discurso. Ao mesmo tempo, todo enunciado pressupõe uma resposta, uma réplica ao diálogo anterior, então todos os falantes estão fadados a um encontro de opiniões com o outro.

Nos discursos podem acontecer convergências ou divergências de acordo com a configuração do diálogo, bem como adesão ou não a determinado discurso. Dessa forma, o diálogo vai ser um ponto de tensão de ideais ideológicos, dependendo dos interesses de quem fala (FIORIN, 2017, p. 28). Em cada discurso, há opiniões individuais que não deixam de ser a voz da esfera ideológica da qual o sujeito faz parte, sendo, portanto, uma opinião social isenta de neutralidade. Tudo que falamos está impregnado de posições axiológicas, e como toda fala

pressupõe uma réplica, surgem posições avaliativas frutos da tensão entre os diálogos que tornam os índices de valor parte inerente de todo enunciado, um complexo de relações entre pessoas socialmente organizadas (FARACO, 2009, p. 66).

Concordamos com Faraco, para quem a adesão incondicional a determinado discurso faz com que o falante descarte outros dizeres diferentes do seu ponto de vista. É inevitável que os posicionamentos socioideológicos não se choquem, a discórdia causando o embate entre as diferentes vozes sociais.

Mesmo a responsividade caracterizada pela adesão incondicional ao dizer do outrem se faz no ponto de tensão deste dizer com outros dizeres (outras vozes sociais): aceitar incondicionalmente um enunciado (e sua respectiva voz social) é também implicitamente (ou mesmo explicitamente) recusar outros enunciados (outras vozes sociais) que podem se opor dialogicamente a ela (FARACO, 2009, p. 69).

O diálogo com as diferentes vozes sociais vai permear toda atividade verbal. São essas relações que nos permitem uma análise da língua que reflete e retrata a realidade na qual o homem está inserido e, assim, sua verdadeira realidade. Dessa forma, o dialogismo é compreendido frequentemente como presença do outro em enunciados concretos, seja por meio do já-dito, seja das possíveis objeções e questionamentos do interlocutor para quem eles são endereçados. Parte do já-dito não é marcada, mas é evocada e reconhecida por se encontrar disponível na memória interdiscursiva de uma comunidade social (CUNHA, 2012, p. 250).

Como percebemos, as relações dialógicas permeiam toda atividade linguageira nas diversas esferas da comunicação humana. Bakhtin, ao analisar a obra de Dostoievski (1997 [1963]), diz que essas relações se tornam enunciados, convertem-se em posições de diferentes sujeitos, para que possam, de fato, ser relações dialógicas. Também, ao analisar o discurso no romance, ele diz que há uma orientação dialógica do discurso entre discursos alheios (2015 [1934 – 1935], p. 47), e, dentro das definições dos fenômenos dialógicos, encontramos o heterodiscurso<sup>2</sup> na linguagem, que são os vários discursos que se entrelaçam e constituem os discursos da língua. O heterodiscurso é uma força criadora da vida da língua que unifica e centraliza o pensamento verbo ideológico (BAKHTIN, 2015 [1934-1935], p. 40), e, num processo ininterrupto, a língua vive e desenvolve-se no tempo.

---

<sup>2</sup> O termo *heterodiscurso* será usado para se referir à diversidade de discursos. Na tradução da obra Teoria do Romance I: A estilística (Editora 34, 2015), Paulo Bezerra substitui plurilinguismo (ou *heteroglossia*) por *heterodiscurso*. Em algumas citações deste texto, vai aparecer o termo *heteroglossia*, pela preferência do teórico citado pelo termo, porém escolhemos *heterodiscurso* no corpo do texto, por usar a tradução de Paulo Bezerra como bibliografia básica.

[...] em cada momento de sua existência histórica, a língua é inteiramente heterodiscursiva: é uma coexistência concreta de contradições socioideológicas entre o presente e o passado, entre diferentes épocas do passado, entre diferentes grupos socioideológicos do presente, entre correntes, escolas, círculos, etc. Essas “línguas” do heterodiscurso cruzam-se de modos diversos entre si formando novas “línguas” sociotípicas. (BAKHTIN, 2015 [1934 – 1935], p. 66)

O heterodiscurso é responsável por tornar a língua palco das contradições socioideológicas, pois relaciona discurso e contexto. Cada reação dos falantes do diálogo é orientada pelo seu pensamento ideológico, seja na expressão verbal ou com gestos e mímicas. Todo ato da fala é expressão dos valores do indivíduo, pois não deixa de ser a expressão da ideologia da qual o sujeito faz parte, porque, mesmo que seja um ato individual, os diversos discursos de seu grupo social estão presentes nos seus discursos, de maneira a se fundir com seus pensamentos e suas falas. Bakhtin teoriza sobre esses vários discursos, definindo o heterodiscurso, como constitutivo da linguagem e que se desenvolve na vida do homem.

A partir disso, percebemos que cada esfera ideológica produz desde as situações mais simples do cotidiano até as situações que exigem uma linguagem complexa, que sirva a propósitos sociopolíticos, uma linguagem saturada pelos sucessivos usos nos seus propósitos ideológicos. Assim, “a língua é, então, necessariamente ‘ideologicamente saturada’ (BAKHTIN, 2015 [1934 – 1935]), impregnada de pontos de vista, opiniões e horizontes conceituais daqueles que constituem os vários agrupamentos sociais, profissionais e geracionais” (RENFREW, 2017, p. 127). Todo discurso da língua é atravessado por opiniões alheias, pelas várias opiniões sociais que tornam a língua saturada ideologicamente pelos seus sucessivos usos.

[...] todo discurso concreto (enunciado) encontra o objeto para o qual se volta sempre, por assim dizer, já difamado, contestado, avaliado, envolvido por uma fumaça que o obscurece ou, ao contrário, pela luz de discursos alheios externados a respeito. Ele está envolvido e penetrado por opiniões comuns, pontos de vista, avaliações alheias, acentos. O discurso voltado para o seu objeto entra nesse meio dialogicamente agitado e tenso de discursos, avaliações e acentos alheios, entrelaça-se em suas complexas relações mútuas, funde-se com uns, afasta-se de outros, cruza-se com terceiros [...] (BAKHTIN, 2015 [1934 – 1935], p. 48).

O heterodiscurso é entrelaçado por diferentes opiniões sociais, que também são já-ditos. Isso nos leva à indagação: como o falante pode ser único, se ele está envolvido nos já-ditos? Dessa maneira, será que não perde a sua singularidade? Para esclarecer esse pensamento, recorreremos a Renfrew (2017, p. 128). Para ele, há um perigo no fato desse modelo *eu-outro* de Bakhtin, que é dialogicamente comprometido com seu evento único de ser e que pode ser esmagado, ou seja, se perder entre essas forças e propriedades que atuam universalmente.

Porém, o heterodiscurso é a ideia que, em última instância, permite a Bakhtin conectar as relações pessoais à interação social. Então, nessa perspectiva, acreditamos que o homem não se perde nos já-ditos e permanece um ser singular. Os falantes vão ao encontro da realidade heterodiscursiva da língua, unindo suas individualidades, suas vidas e todo o contexto comunicativo através das diferentes culturas e épocas.

Nas palavras de Renfrew (2017, p. 129), a heteroglossia viva está encarnada não apenas no falante individual, mas também na eventicidade do encontro com o outro falante/ouvinte. As línguas do heterodiscurso são pontos de vista específicos de cada estrato social, fazendo com que as relações sociais se caracterizem pela forma como os falantes enxergam o mundo e, a partir do seu horizonte social, eles formam seu horizonte semântico-axiológico e contribuem para constituição da língua.

[...] todas as línguas do heterodiscurso, qualquer que seja o princípio que sirva de fundamento ao seu isolamento, são pontos de vista específicos sobre o mundo, formas de sua compreensão verbalizada, horizontes semântico-concretos e axiológicos específicos. Como tais, todas elas podem ser confrontadas, podem completar umas às outras, podem ser correlacionadas dialogicamente. Como tais, encontram-se e coexistem na consciência dos homens e, em primeiro lugar, na consciência criadora [...] Como tais, vivem de modo real, lutam e se firmam no heterodiscurso social. (BAKHTIN, 2015 [1934 – 1935], p. 67)

Os horizontes axiológicos nos quais os falantes estão inseridos se completam dialogicamente, criando várias linguagens que lutam e se firmam no meio social. Estamos falando em “línguas” e não em “língua”, pois existem várias línguas no interior da própria língua (BAKHTIN, 2015 [1934 – 1935]). Pensar numa língua homogênea é tarefa falha na teoria dialógica, pois ela considera a diversidade de linguagens que vivem no meio social e, nessa perspectiva, Faraco (2009, p. 137) diz que as linguagens “coexistem no meio social e são tomadas de posição axiológicas frente à realidade linguística, incluindo o vasto universo de vozes sociais”. A língua está numa relação íntima com a realidade social e histórica dos falantes. É na comunicação verbal que ela evolui historicamente e acompanha as mudanças do meio social. Dessa forma, as línguas do heterodiscurso, coexistentes no meio social, se completam ou se excluem, contudo elas coexistem na consciência do homem. Essa é a realidade linguística neste vasto universo de vozes.

Diante disso, a teoria dialógica mostra que a linguagem é inacabada, pois nos diálogos cotidianos sempre vamos ter infinitas réplicas, a cada novo diálogo, uma nova réplica e assim sucessivamente. Dessa forma, os discursos sempre se renovam à medida que são ditos com inferências sempre novas e complexas de sentidos, que são atribuídos de acordo com o contexto

das experiências sociais. A partir do que foi dito, sobre a linguagem ser constituída por diálogos, vamos perceber que os discursos são produzidos por enunciados, sempre inéditos a cada enunciação. A comunicação humana se dá através de enunciados orais e escritos (BAKHTIN, 2016 [1973]) que nas diferentes situações se materializam em gêneros discursivos, expressando os valores sociais de cada indivíduo. No próximo tópico, discutiremos a noção de enunciado para a teoria dialógica e de como ela compreende os gêneros discursivos no dia a dia dos falantes.

### 1.2.2 Enunciado e gênero discursivo

Para Bakhtin (2016 [1973], p. 11), “todos os campos da atividade humana estão ligados ao uso da linguagem e as formas desse uso são tão multiformes quanto os campos da comunicação”. Sabemos que a comunicação é estabelecida por meio de enunciados, que podem ser orais ou escritos, que se materializam de acordo com a situação comunicativa. No ensaio sobre gêneros do discurso (1973), Bakhtin considera imprescindível o estudo do enunciado vivo, que reflete as condições sociais e históricas dos falantes e também permite identificar o objetivo de cada esfera da comunicação por seu conteúdo (temático), estilo e construção composicional. Nas palavras de Cunha (2007, p. 7), o estudo dos gêneros discursivos vai além da estrutura da língua e das normas linguísticas, considerando a relação com o outro, a circulação dos discursos, a singularidade de cada situação, o enunciado como evento, fato singular, resposta e tomada de posição num contexto de construção de sentido específico.

A língua sempre se orienta pela responsividade, pois sempre produzimos os nossos enunciados orientados para o outro e esse enunciado, segundo Volochinov (2017 [1929], p. 184), “mesmo que seja escrito e finalizado, responde a algo e orienta-se para uma resposta. Ele é apenas um elo na cadeia ininterrupta de discursos verbais”. São as relações sociais que vão determinar a estrutura do enunciado, sempre inserido em um contexto histórico e social. Segundo esse autor, os enunciados são impressões do mundo externo, que recebem conotações ideológicas mais fixas e estáveis, fazendo com que a língua não seja algo morto e parado no tempo, mas orientada socialmente, pois seu desenvolvimento segue a vida social. À medida que a sociedade evolui no tempo e na história, a língua acompanha essas mudanças, expressando os valores sociais no contexto em que está presente (VOLOCHINOV, 2013 [1930], p. 157).

A língua está em constante movimento e cada enunciado produzido corresponde às diversas situações comunicativas nas mais diversas situações. Volochinov (2013 [1930]) determina os elementos que compõem a estrutura do enunciado: a situação, a valoração, o

auditório, os subentendidos e a entonação. A *situação* “não é senão a efetiva realização da vida real de uma das formas, de uma das variedades, do intercâmbio comunicativo social”, (VOLOCHINOV, 2013 [1930], p. 159). Todo enunciado é produzido dentro de uma situação, que é o contexto da comunicação, seja ele imediato ou não, que de maneira significativa vai determinar a forma que o falante vai atribuir ao seu enunciado.

Chamaremos de situação, um termo que já conhecemos, aos três aspectos subentendidos da parte não verbal: o espaço e o tempo em que ocorre a situação – o “onde” e o “quando”; objeto ou tema de que trata a enunciação – “aquilo de que” se fala, e a atitude dos falantes face ao que ocorre – “a valoração”. (Volochinov, 2013 [1930], p. 172)

Todo enunciado é situado no tempo e no espaço e, para entendê-lo, é preciso considerar os subentendidos da situação. Um enunciado proferido em determinada situação não vai ser compreensível por uma pessoa que desconhece o contexto da comunicação. O mesmo serve para as situações comunicativas mais complexas, além de ser essencial para a produção do enunciado, vai fazer com que o falante atribua seu valor ideológico. É preciso considerar que os nossos valores são formados a partir do grupo social do qual fazemos parte, que influencia na criação e desenvolvimento dos enunciados que produzimos nas diferentes situações e pressupõe uma atitude responsiva que pode ser uma expressão verbal, não verbal, algum gesto ou expressão corporal. Acreditamos que, em cada enunciado, há um auditório, que são os participantes da situação (VOLOCHINOV, 2013 [1926], p. 159). Na análise dos enunciados é considerável a mudança de significados nas diferentes situações e, para interpretá-los, é necessário perceber os subentendidos, que têm valores e sentidos na comunicação. Para Volochinov (2013), em qualquer situação, o discurso possui subentendidos e somente os envolvidos no ato da comunicação compreendem. Tanto que se um indivíduo não for conhecedor das atitudes costumeiras de determinada situação comunicativa, os subentendidos não significarão nada e isso compromete a interpretação do enunciado.

Outro elemento presente na estrutura do enunciado é a entonação, que é a “expressão sonora da valoração social” (VOLOCHINOV, 2013 [1930], p. 175) e faz parte da situação. A entonação é dada pela orientação social e os gestos e expressões sempre orientam a entonação ao se dirigir ao auditório.

A situação e o auditório, como já dissemos, determinam sobretudo a orientação social da enunciação e, finalmente, o próprio tema da conversação. A orientação social, por sua vez, determina a entonação da voz e a gesticulação – que dependem parcialmente do tema da conversação – nas quais encontra sua expressão exterior a relação

dessemelhante do falante e do ouvinte naquela situação e sua diferente valoração. (VOLOCHINOV, 2013 [1930], p. 180-181).

Aqui, Volochinov retoma uma questão discutida por Jakubinskij (2015 [1923]) no seu artigo *Sobre a fala dialogal*, no qual discute o papel dos gestos que mudam de acordo com o auditório e com a situação comunicativa. Não só a expressão verbal muda de situação e auditório, mas, também, os gestos que expressam o nosso posicionamento frente a qualquer objeto do discurso. Assim, como a entonação é determinada pela orientação social e recebe diferentes valorações – tanto os gestos quanto a entonação – dependendo da situação, todos os elementos envolvidos no processo de comunicação compõem a enunciação. Por estar inserido no meio social, o enunciado possui um posicionamento axiológico, ou seja, as escolhas linguísticas do falante possuem valores. Bakhtin (2002 [1924], p. 46), em um de seus primeiros textos, além de definir o que é um enunciado concreto, diz que ele possui um valor semântico-axiológico de acordo com a prática de vida do falante.

Um enunciado isolado e concreto sempre é dado num contexto cultural e semântico-axiológico (científico, artístico, político, etc.) ou no contexto de uma situação isolada da vida privada; apenas nesses contextos o enunciado isolado é vivo e compreensível: ele é verdadeiro ou falso, belo ou disforme, sincero ou malicioso, franco, cínico, autoritário e assim por diante. Não há enunciados neutros, nem pode haver; mas a linguística vê neles somente o fenômeno da língua, relaciona-os apenas com a unidade da língua, mas não com a unidade de conceito, de prática de vida, da história, do caráter de um indivíduo, etc. (BAKHTIN, 2002 [1924], p. 46).

Cada enunciado é uma posição axiológica do falante diante da vida, o qual atribui valores de acordo com a sua esfera ideológica e é condicionado pelo contexto, pela situação imediata e pelo auditório. Então, ao estudar as diferentes formas de enunciado, estamos estudando sua materialização, que denominamos *gêneros discursivos*, mas para compreendê-los é necessário analisar a sua forma pelo viés dinâmico de sua produção. Renfrew (2017, p. 181) diz que o conceito de *gênero* em Bakhtin é o mais produtivo porque decorre primeiramente do sentido que o gênero adquire tanto como categoria literária, quanto, ao mesmo tempo, como categoria expressiva do não literário. Se vamos definir gênero em uma perspectiva dialógica, precisamos considerar a intrínseca relação dessas formas de enunciados com as interações do dia a dia.

Ao falar sobre o caráter histórico dos gêneros, Cunha (2007, p. 8) diz que durante séculos, desde uma concepção aristotélica a uma hegeliana, os gêneros foram considerados invariáveis, definidos por regularidades de forma, de conteúdo. Atualmente, o conceito de gêneros a partir de uma visão bakhtiniana está vinculado ao seu funcionamento na interação

verbal. Os gêneros passam a ser vistos nas suas diversas formas associados à heterogeneidade da língua a às mais diversificadas situações comunicativas nos diversos campos ou esferas da comunicação humana.

Não podemos analisar os gêneros como um fenômeno abstrato, já que é na relação com o outro, na singularidade de cada situação e de cada indivíduo, que eles são constituídos em uma relação com os fenômenos dialogais. Contudo, os gêneros discursivos não se restringem à expressão do mundo individual de cada falante, eles abrangem todo contexto de produção da enunciação. Como o contexto de produção dos gêneros é responsável pela constituição do enunciado e pensando nessa diversidade de gêneros, Cunha (2000, p. 2) elenca cinco particularidades de enunciados ou dos gêneros que Bakhtin se dedica a descrever:

O enunciado é delimitado por fronteiras claras que são as mudanças de locutor; é acabado: ele tem fronteiras – um começo e um fim, um acabamento, que é percebido pela exaustividade do objeto de sentido, pelo projeto discursivo do locutor e pelas formas-tipo de estruturação do gênero; é marcado pela expressão do locutor, não havendo possibilidade de neutralidade quando se fala de enunciados concretos; o enunciado mantém relação com aqueles que lhe precederam e com os que estão por vir, sobre o mesmo objeto; é voltado para o alocutário<sup>3</sup>, trazendo assim a resposta presumida, as objeções, restrições do alocutário (CUNHA, 2000, p. 2).

Essas fronteiras são percebidas claramente quando termina um turno de fala no diálogo, na alternância entre enunciados dos locutores. O enunciado é sempre acabado pela exaustividade dos discursos sobre determinado objeto e em determinada situação, ao cumprir seu objetivo naquela situação comunicativa imediata. Da mesma forma, acontece com um gênero mais elaborado, seja na esfera jornalística, religiosa ou científica, seu acabamento é perceptível no cumprimento do seu objetivo naquela situação, que condiciona a expressão de quem o produz. Bakhtin (2016 [1973], p. 35) diz que a *conclusibilidade* do enunciado envolve a alternância entre os sujeitos do discurso, já que o falante disse (ou escreveu) tudo o que quis dizer em um dado momento. Ele ainda propõe que em cada enunciado, além da exauribilidade do discurso, encontramos o projeto do discurso ou vontade de discurso do falante, sentimos a intenção discursiva ou a vontade de produzir sentido (BAKHTIN, 2016 [1973], p. 37). O acabamento do gênero também é determinado pela especificidade de cada campo da comunicação, assim, o critério de conclusibilidade é justamente a possibilidade de responder ao enunciado e, quando o outro responde, naquele momento, o diálogo se dá por encerrado.

---

<sup>3</sup> No decorrer do texto, não usaremos o termo “alocutário”, pois ele está muito ligado à Pragmática. Isso pode causar uma “certa confusão” na discussão da teoria dialógica. Embora designe a pessoa a quem o locutor se dirige, um ato de fala numa situação de comunicação oral, preferimos suprimir esse termo ao discutir sobre a teoria dialógica.

Nessa responsividade do enunciado, não podemos esquecer que ele é sempre voltado para o outro e é expressão valorativa do falante em relação ao objeto em evidência.

À medida que ocorrem as réplicas no diálogo, o falante pressupõe e antecipa a reação do outro e define a forma do seu enunciado. Essa dialogicidade relativa ao discurso do outro é essencial para moldar o enunciado. Segundo Cunha (2000, p. 1), “as diferentes atividades humanas determinam o gênero ou tipo de enunciado, que por sua vez reflete as condições específicas e as finalidades de cada uma dessas esferas pelo conteúdo temático, pelo estilo de língua e pela construção composicional”. Cada esfera da comunicação humana possui sua forma ou formas de enunciado, que envolvem o estilo de linguagem e o conteúdo temático. Sendo assim, a construção composicional muda e o objetivo do enunciado se ajusta ao domínio ideológico de produção do gênero, pois cada atividade humana determina o gênero, e este, por sua vez, reflete as condições específicas e as finalidades dessas esferas.

Todo gênero possui um estilo que, em cada campo da comunicação, é individual e por isso pode refletir a individualidade do falante (ou de quem escreve), isto é, pode ter um estilo individual (BAKHTIN, 2016 [1973], p. 17). Embora possamos classificar um gênero discursivo pelas características comuns que ele possui com outros gêneros da mesma esfera comunicativa, cada um deles é reflexo da individualidade do falante junto à particularidade de cada esfera em que é produzido. Por exemplo, um simples bilhete ou uma obra literária podem ter características comuns a outros bilhetes e a outras obras literárias, mas cada falante/autor vai usar mecanismos linguísticos na produção desses gêneros que marcam as suas diferenças e, com isso, o seu estilo individual. Como Bakhtin (2016 [1973], p. 18) diz: “em diferentes gêneros podem revelar-se diferentes camadas e aspectos de uma personalidade individual, o estilo individual pode encontrar-se em diversas relações de reciprocidade com a língua nacional”, ou seja, a língua é o encontro dos diversos gêneros das diversas esferas ideológicas.

Bakhtin (2016 [1973], p. 15) diz que jamais se deve minimizar a extrema heterogeneidade dos gêneros discursivos e que é importante atentar para a diferença essencial entre os gêneros primários (simples) e os gêneros secundários (complexos). Os gêneros secundários, no processo de sua formação, incorporam e reelaboram os gêneros primários, que se formaram nas condições da comunicação discursiva imediata.

(...) é de especial importância atenuar para a diferença essencial entre os gêneros discursivos primários (simples) e secundários (complexos) – não se trata de uma diferença funcional. Os gêneros discursivos secundários (complexos – romances, dramas, pesquisas científicas de toda espécie, os grandes gêneros publicísticos, etc.) surgem nas condições de um convívio cultural mais complexo e relativamente muito

desenvolvido e organizado (predominantemente escrito) – ficcional, científico, sociopolítico, etc. (BAKHTIN, 2016 [1973], p. 15).

Identificando a distinção entre gênero primário e secundário, podemos perceber essas diferenças no dia a dia e, com isso, como as diferentes ideologias compõem os enunciados. É importante esclarecer que Bakhtin só diferencia os gêneros discursivos em termos de sua complexidade social, formal e funcional (RENFREW, 2017, p. 191), a base de bakhtiniana para essa análise está no contexto sócio-histórico e nos posicionamentos ideológicos que os falantes assumem frente à determinada situação. Na vida social é que a linguagem se desenvolve e possibilita o surgimento de novos gêneros na dinâmica e diversidade das comunicações, por isso é que não se deve restringir o estudo dos gêneros a simples análises gramaticais, deixando de lado o contexto de sua produção e de seu uso.

Ao considerar o contexto social em que o gênero é usado, também é necessário observar o tom que cada enunciado assume nas diferentes situações. Para Bakhtin (2016 [1973], p. 38), “toda uma série de gêneros sumamente difundidos no cotidiano é de tal forma padronizada que a vontade discursiva individual só se manifesta na escolha de um determinado gênero e ademais pela sua entonação expressiva”. Cada gênero pressupõe um determinado tom, então, seu sentido e sua composição são determinados pela entonação expressiva do falante. E ele ainda continua sua reflexão afirmando que, de acordo com a vontade discursiva, o gênero “pode assumir um tom mais seco ou mais respeitoso, mais frio ou mais caloroso, introduzir a entonação de alegria, etc.” (BAKHTIN, 2016 [1973], p. 40). A entonação está diretamente ligada aos valores sociais assumidos pelos falantes, que emoldura o enunciado de maneira a adequá-lo à situação comunicativa.

A partir da “relação do enunciado com o próprio falante (autor do enunciado) e com os outros participantes da comunidade discursiva” (BAKHTIN, 2016 [1973], p. 46) é que se tem o elemento *expressivo*.<sup>4</sup> O elemento expressivo é o que vai dar forças ao enunciado, sendo assim, é quase impossível que o indivíduo se expresse sem que coloque, nessa expressão, sua entonação e seus valores. Os gêneros discursivos estão presentes na realidade concreta e nas condições de uso real para que atinjam seu objetivo na comunicação, situados na época que o falante está inserido, no seu círculo social e na situação. No diálogo cotidiano, os gêneros são valorados e reelaborados. Bakhtin diz que os discursos são:

---

<sup>4</sup> O elemento expressivo é o segundo elemento do enunciado que lhe determina a composição e o estilo. É a relação subjetiva emocionalmente valorativa do falante com o conteúdo do objeto e do sentido do seu enunciado (BAKHTIN 2016 [1973], p. 47).

Enunciados plenos de palavras dos outros, de um grau vário de alteridade ou de assimilabilidade, de um grau vário de aperceptibilidade e de relevância. Essas palavras dos outros trazem consigo a sua expressão, o seu tom valorativo que assimilamos, reelaboramos, reacentuamos. (BAKHTIN, 2016 [1973], p. 54).

O caráter dialógico dos gêneros se dá justamente por o enunciado ser um novo e único acontecimento que mantém relações dialógicas com outros enunciados, eles surgem como respostas a outros gêneros. Reacentuamos e reelaboramos os enunciados sempre que os usamos em novos contextos e com novos objetivos, pois definimos o seu estilo e sua expressividade, tanto pelo objeto do discurso quanto pelo outro. Sem considerar a tonalidade dialógica do enunciado, será tarefa impossível a análise dos gêneros, pois ele é produzido e desenvolvido, à medida que cada campo da atividade humana se desenvolve, pois nós falamos apenas através de gêneros do discurso (BAKHTIN 2016 [1973], p. 38). Considerando esses elementos do contexto social e histórico, nos é proposto esclarecer como a palavra é tida como um signo ideológico, pois ela passa a significar a partir das experiências sociais. Podemos dizer, ainda, que para a teoria dialógica elas são produto das mais diversas ideologias, constituídas ao longo da história dos falantes.

### 1.2.3 A palavra como signo ideológico

Falar sobre a noção de *palavra*<sup>5</sup> na teoria dialógica é considerar que toda palavra de uma língua é ideológica, pois elas penetram as relações humanas refletindo as transformações sociais. Elas contêm posições axiológicas dos falantes frente ao mundo e não deixam de ser palco de disputas sociais de valores. Segundo Volochinov *apud* Cunha (2017, p. 97), as palavras são o material privilegiado para o estudo das ideologias; dessa maneira, a análise linguística dos discursos não deve ser separada do horizonte social em que a palavra está inserida. Em cada uma delas, há uma memória social partilhada entre os grupos, construída historicamente e que serve aos mais distintos juízos de valor porque se presta a numerosos propósitos comunicativos.

---

<sup>5</sup> Para a Teoria Dialógica, palavra também significa discurso e texto. Cunha, em um evento da ABRALIN em cena, na UFPI em 2018, com o título do trabalho: TEXTO E DISCURSO NA PERSPECTIVA DIALÓGICA tece algumas considerações sobre a dificuldade de se traduzir alguns termos dos autores russófonos da teoria dialógica. A partir de seus estudos em pesquisa em Bezerra (2015, p. 244) e Sériot (2008) esclarece sobre a tradução da palavra russa “slovo pode significar palavra e discurso, segundo Bezerra (2015: 244). Sériot (2008) diz que pode significar palavra como unidade que aparece entre dois brancos, verbo como no Evangelho e pode ser traduzido por palavra, discurso, linguagem, texto, ou seja, toda produção oral ou escrita proferida por alguém em um tempo e espaço determinados, indo de uma interjeição ao um romance volumoso. Remete a uma origem real, concreta, única, não reiterável do enunciado”.

Cunha (2017, p. 97) afirma que, na perspectiva dialógica, são os julgamentos de valores que determinam o que falar, a seleção das palavras e sua distribuição na organização do enunciado. Além disso, a autora ainda afirma que “os nomes não dizem a essência das coisas nem colocam etiquetas nos objetos do mundo, nem refletem uma realidade comum, mas revelam a percepção e o ponto de vista do enunciador em relação ao objeto de discurso”. Com essa afirmação, podemos dizer que a linguagem é o horizonte da vida social, e como ela não revela a essência das coisas, já que é uma convenção social, possibilita a percepção de ideologias<sup>6</sup> frente aos objetos no mundo. Estamos diante de valores e atribuições que as palavras têm de acordo com o que é estabelecido em sociedade, pois é a partir do horizonte da vida em sociedade que as palavras nomeiam as coisas, refletem e refratam o mundo sob a ótica do enunciador e do grupo social de que faz parte.

Encontramos em Volochinov (2013 [1926], p. 77) a afirmação de que a palavra se relaciona com a vida, porque surge da situação extraverbal e conserva com ela o vínculo mais estreito, sendo “um fenômeno ideológico *par excellence*. Toda a sua realidade é integralmente absolvida em função de ser signo” (VOLOCHINOV, 2017 [1929], p. 99). A realidade da palavra encontra-se na comunicação social porque ela é a materialização dessa comunicação, pois, “é justamente no material da palavra que se pode explicar, do melhor modo possível, as principais formas ideológicas da comunicação sígnica” (VOLOCHINOV, 2017 [1929], p. 99). Não há uma maneira melhor de estudar a ideologia e suas manifestações na sociedade sem analisar a materialidade linguística, já que por excelência a palavra é um fenômeno ideológico. Podemos perceber o valor que é atribuído às palavras verificando seu emprego em diferentes contextos, ela vai servir a diferentes propósitos, dependendo da situação de enunciação. Toda palavra da língua se torna signo porque se caracteriza como produto das interações entre os falantes e, a partir dessa comunicação, ela passa a exercer um papel avaliativo segundo a esfera ideológica da qual o indivíduo faz parte.

Volochinov (2017 [1929], p. 110) se refere aos signos linguísticos dizendo que “ao realizar-se no processo da comunicação social, todo signo ideológico, inclusive o signo verbal, é determinado pelo horizonte social de uma época e de um grupo social”. Os aspectos sócio-históricos vão penetrar em todas as relações sociais e vão sempre refletir confrontos

---

<sup>6</sup> Volochinov (2013 [1930], p. 138) diz que “por ideologia entendemos todo o conjunto de reflexos e interpretações da realidade social e natural que se sucedem no cérebro do homem, fixados por meio de palavras, desenhos, esquemas ou outras formas sígnicas”. Ou seja, para Volochinov, ideologia não é uma falsa consciência nem sequer um sistema de ideias. É, ao mesmo tempo, toda significação, todo conteúdo de pensamento na medida em que são coletivos, conjunto não de ideias, mas de signos que formam o conteúdo da consciência. Ideologia para ele é a mesma coisa que a superestrutura: as artes, o dinheiro, a ciência, a filosofia e, finalmente, a própria língua. (SÉRIOT, 2015, p. 81).

socioideológicos segundo o horizonte social do indivíduo. Se em cada época as palavras exercem sua função de signo de acordo com as atribuições impostas pela sociedade, ela pode ser signo ideológico em determinado contexto histórico, ter vários significados, dependendo da situação e, em outra época em que é usada, ser apenas uma palavra morta no dicionário. A palavra ideológica acompanha as transformações e as lutas sociais, pois da mesma maneira que o homem é inquieto, num constante movimento dialético, as palavras acompanham esse processo social.

A realidade efetiva na qual o homem real vive é a história, este mar eternamente agitado pela luta de classe, que não conhece quietude, não conhece paz. A palavra, ao refletir esta história, não pode não refletir as contradições, o movimento dialético, a sua “constituição”.

Qualquer palavra dita ou pensada não é somente um ponto de vista, mas um ponto de vista avaliativo. (VOLOCHINOV, 2013 [1926], p. 196)

A palavra passa a ser analisada a partir da inquietação do homem diante dos fatos da vida, pois ele vive no embate ideológico frente às situações em que os interlocutores podem discordar do seu ponto de vista. Ela recebe um tom avaliativo de acordo com a ideologia do falante e da sua esfera social que revelam seus posicionamentos. Até o discurso interior tem um ponto de vista avaliativo, porque é constituído sempre de um ponto de vista sígnico. Cunha (2013, p. 242) diz que “as palavras contêm indícios dos seus empregos anteriores, carregam uma memória interdiscursiva que as associam aos pontos de vista dos enunciadores”. Visto que as palavras possuem memória de pontos de vista dos outros enunciadores, toda palavra é um ato bilateral, de um lado expressa o ponto de vista do falante e do outro é escolhida de acordo com seu interlocutor.

A importância da orientação da palavra para o interlocutor é extremamente grande. Em sua essência, a palavra é um ato bilateral. Ela é determinada tanto por aquele de quem ela procede quanto por aquele para quem se dirige. Enquanto palavra, ela é justamente o produto das inter-relações do falante com o ouvinte. Toda palavra serve de expressão ao “um” em relação ao “outro”. Na palavra, eu dou forma a mim mesmo do ponto de vista do outro e, por fim, da perspectiva da minha coletividade. A palavra é uma ponte que liga o eu ao outro. Ela apoia uma das extremidades em mim e a outra no interlocutor. A palavra é território comum entre o falante e o interlocutor. (VOLOCHINOV, 2017 [1929], p. 205)

Toda palavra ganha sentido a partir do ponto de vista do falante, ela é território comum entre os interlocutores. A palavra na vida é definida como signo linguístico, pois ela significa a partir do horizonte social dos interlocutores, vive na fronteira do *eu* e do *outro* e vai ser a ponte para a comunicação, para o cruzamento dos pontos de vista dos interlocutores, o território

comum entre eles. Nessa perspectiva, a palavra assume os sentidos atribuídos pela coletividade da qual o falante faz parte e expressa seus valores e suas convicções ideológicas. Bakhtin (2015 [1934 – 1935], p. 69), diz que “a palavra de uma língua é a palavra semialheia; só se torna palavra quando o falante a satura de sua intenção, de seu acento, assume o domínio da palavra, fá-la comungar em sua aspiração semântica e expressiva”. Com essa tese, percebemos que a palavra só ganha vida no seu uso cotidiano e perpassa todas as situações de comunicação até cumprir seu objetivo discursivo. Bakhtin (2016 [1979], p. 53) define três aspectos da palavra.

[...] qualquer palavra existe para o falante em três aspectos: como palavra da língua neutra e não pertence a ninguém; como palavra *alheia* dos outros, cheia de ecos do enunciado; e, por último, como a *minha* palavra, porque, uma vez que eu opero com ela em uma situação determinada, com uma intensão discursiva determinada, ela já está compenetrada da minha *expressão*. (BAKHTIN, 2016 [1979], p. 53)

Toda palavra que usamos em nossos discursos, ao mesmo tempo em que revelamos as nossas expressões valorativas, são palavras que estão no solo comum de todos os usuários de uma língua; então, em diferentes épocas, as mesmas palavras ganham significados diferentes. Segundo Faraco (2009, p. 52), “a dinâmica da história, em sua diversidade e complexidade, faz cada grupo humano, em cada época, recobrir o mundo com diferentes axiologias, porque são diferentes e múltiplas as experiências que nela se dão”. Em cada período da história de uma sociedade, as palavras assumem o papel de signos ideológicos e são as experiências da vida em sociedade, do contínuo embate ideológico, que determinam quais palavras vão expressar com maior eficiência seus valores axiológicos. Do mesmo modo que os valores constituem a vida social, elas são constituídas pelos inúmeros valores e discursos da vida social, que nunca são imparciais. De acordo com Bakhtin,

Quanto mais interessante, diferenciada e elevada é a vida social de um grupo de falante, maior é o peso específico que o ambiente dos objetos passa a ter na palavra do outro, no enunciado do outro enquanto objeto de transmissão desinteressada, de interpretação, discussão e avaliação, refutação, apoio, sucessivo desenvolvimento, etc. (BAKHTIN, 2015 [1934 – 1935], p. 130).

As palavras vão viver constantemente nessa arena de seus usos pelos membros da sociedade, que vai desde uma simples discussão cotidiana a um texto científico. O homem nunca diz algo que seja desinteressado e espera que o outro o interprete de maneira a concordar com sua opinião, ou seja, sempre quer ter razão e fazer o outro aderir ao seu ponto de vista. As verdades estabelecidas socialmente vão depender da voz social em que estão ancoradas, se em alguma autoridade reconhecida ou mesmo já consolidada em determinada esfera, em todo caso

toda palavra é povoada por vozes sociais. Elas nunca estão livres de acentos ideológicos, aspirações e avaliações do outro. Segundo Bakhtin,

Um membro de um grupo falante nunca encontra previamente a palavra como uma palavra neutra da língua, isenta das aspirações e avaliações de outros ou despovoada das vozes dos outros. Absolutamente. A palavra, ele a recebe da voz de outro e repleta de voz de outro. No contexto dele, a palavra deriva de outro contexto, é impregnada de elucidações de outros. (BAKHTIN, 1997 [1963], p. 203)

O homem pode até encontrar a palavra morta, mas somente no dicionário, no sistema linguístico isento do seu uso concreto em determinada situação. Muito além das grandes esferas ideológicas, está a comunicação cotidiana, e como Volochinov (2017 [1929], p. 99) diz: “rica em conteúdo. Por um lado, ela entra diretamente em contato com os processos produtivos e, por outro, ela se relaciona com as várias esferas ideológicas já formadas e especializadas”. De contexto em contexto, elas vivem e expressam as mais diversas ideologias que sempre recebem na voz do outro que são valores assumidos pela coletividade. Depois de discutirmos sobre a palavra como signo ideológico, vale considerar um dos fenômenos da linguagem abordados pela teoria dialógica: a palavra bivocal. Já vimos como a palavra vive na comunicação dialógica da vida dos indivíduos e se torna signo linguístico. Para o nosso estudo, é preciso que façamos uma definição do que seja a bivocalidade na teoria dialógica.

#### 1.2.4 Bivocalidade

Para o nosso estudo, precisamos conhecer outra noção bakhtiniana, a noção de bivocalidade. Na obra *Problemas da Poética de Dostoiévski*, Bakhtin (1997[1963], p. 184 - 185), o discurso bivocal é o que surge inevitavelmente sob as condições da comunicação dialógica, ou seja, nas condições da vida autêntica da palavra. Para isso, nesta análise, a proposta é ir além da dos aspectos linguísticos isolados do contexto para investigar alguns aspectos da vida do discurso que ultrapassam essas relações linguísticas. Bakhtin (1997 [1963], p. 181) propõe uma nova disciplina nomeada metalinguística<sup>7</sup>, que analisaria o discurso bivocal,

---

<sup>7</sup> Bakhtin (1997 [1963], p. 181) diz que a linguística não é capaz de estudar todos os fenômenos da linguagem, e situa os estudos dos fenômenos da linguagem, também, no âmbito da metalinguística, que engloba diferentes aspectos e diferentes visões dos discursos. As duas não devem fundir-se nas suas análises, mas também não pode ignorar uma a outra. “A linguística e a metalinguística estudam um mesmo fenômeno concreto, muito complexo e multifacético – o discurso, mas estudam sob diferentes aspectos e diferentes ângulos de visão. Devem completar-se mutuamente e não se fundir. Na prática, os limites entre elas são violados com muita frequência”. (BAKHTIN, 1997 [1963], p. 181).

porque os fenômenos discursivos ultrapassam os limites da linguística (BAKHTIN, 1997 [1963], p. 185).

A presença de vozes nos discursos nos coloca frente ao fenômeno da palavra bivocal, já que essas vozes discordam ou concordam entre si e quase sempre supõem uma orientação dupla nos discursos, uma marca explícita de outros discursos ou discursos nos quais não podemos fazer uma distinção nítida entre as vozes. Nessa perspectiva, o falante introduz junto à sua voz o discurso do outro, introduzindo o discurso do outro na linguagem do outro. Segundo Bakhtin (1997 [1963], p. 185), na bivocalidade “a palavra tem duplo sentido, voltado para o objeto do discurso enquanto palavra comum e para um outro discurso, para o discurso de um outro”. Essa dupla orientação da palavra bivocal está presente nos discursos da arte literária e também nos discursos cotidianos.

Ao analisar a palavra bivocal, temos que conhecer o contexto de produção do discurso para que haja uma interpretação satisfatória. A bivocalidade acontece nas relações dialógicas e somente o conhecimento do objeto do discurso não é o bastante para entendermos verdadeiramente esse fenômeno. Ao combater o formalismo russo na sua época, Bakhtin deixa claro que a estilística, a lexicografia e a semântica desprezam a bivocalidade das palavras do discurso e deixam passar despercebido esse fenômeno da linguagem. “O próprio fato de existirem discursos duplamente orientados, que compreendem como momento indispensável a relação com a enunciação de um outro, coloca-nos diante da necessidade de fazer uma classificação completa e definitiva dos discursos do ponto de vista desse novo princípio”. (BAKHTIN, 1997 [1963], p. 186). Com essa dupla orientação da palavra, considerando o discurso do outro, buscamos sentidos nos nossos discursos, combinados também com o contexto de interação. Bakhtin cita o exemplo da produção do artigo científico,

[...] onde são citadas opiniões de diversos autores sobre um dado problema – umas para refutar, outras para confirmar e completar – temos diante de nós um caso de inter-relação dialógica entre palavras diretamente significativas dentro de um contexto. As relações de acordo-desacordo, afirmação-complemento, pergunta-resposta, etc. são relações puramente dialógicas mas não são, evidentemente, relações entre palavras, orações ou outros elementos de uma enunciação, mas relações entre enunciações completas. (BAKHTIN, 1997 [1963], p. 188-189).

O discurso do outro no nosso discurso serve para contestar ou afirmar nossos posicionamentos axiológicos. Em um determinado momento, incorporamos o discurso do outro no nosso discurso, a ponto de não conseguirmos traçar uma fronteira nítida entre eles. Bakhtin exemplifica a dupla orientação da palavra com o exemplo do gênero científico, mas percebemos que essa dupla orientação pode se fazer presente nos gêneros primários, na comunicação

cotidiana, ou com marcas explícitas, citando e destacando o discurso do outro, ou de maneira implícita presente na fala quando já há uma fusão de vozes.

A dupla orientação do discurso nos leva a portar o discurso do outro, um discurso socialmente orientado, portador de uma série de pontos de vista e apreciações (BAKHTIN, 1997 [1963], p. 192). Inevitavelmente, o discurso bivocal recebe orientação social de tal esfera ideológica, para que o falante possa validar seu posicionamento frente ao mundo, pois ao incorporar outra voz a sua voz, o falante dá as palavras do outro uma nova avaliação. Segundo Bakhtin (1997 [1963], p. 195), “as palavras do outro, introduzidas na nossa fala, são revestidas inevitavelmente de algo novo, da nossa compreensão e da nossa avaliação, isto é, tornam-se bivocais”.

Outro fato, também, que nos chama a atenção no fenômeno da bivocalidade é que ao transmitir sua ideia, o falante pode causar o atrito entre duas interpretações da palavra, quando faz isso em forma de pergunta (BAKHTIN, 1997 [1963], p. 195). E ele continua falando, “tendo em vista que não apenas perguntamos como problematizamos a afirmação do outro”. Isso para percebermos que, na prática, na vida cotidiana, encontramos a bivocalidade mesmo nos discursos mais simples e chega um determinado momento em que não diferenciamos os nossos discursos dos discursos do outro, pois, à medida que são retomados, eles são reacentuados e usados com alguma finalidade. Isso nos leva a confirmar a teoria elaborada por Bakhtin e outros estudiosos da linguagem de que não há discurso neutro, tudo é valorado.

Ao nos posicionarmos diante de qualquer objeto do discurso, já assumimos uma posição valorativa para defendermos nosso ponto de vista, podemos ter o discurso voltado para o objeto e para o discurso do outro, que vai ser escolhido a partir da posição assumida diante de tal objeto. Para o pensador russo, “o nosso discurso da vida prática está cheio de palavras de outros. Com algumas delas, fundimos inteiramente a nossa voz, esquecendo-nos de quem são; com outras, reforçamos as nossas próprias palavras, aceitando aquelas como autorizadas para nós”. (BAKHTIN, 1997 [1963], p. 195). Como percebemos, há um percurso nessa fusão de vozes que leva a uma orientação dialógica, que incorpora o discurso do outro nos nossos discursos, com nossas próprias intenções e não conseguimos traçar um limite entre eles.

Para Cunha (2009, p. 27), a passagem de qualquer tema por muitas e diferentes vozes é a característica da comunicação humana. Nessa circulação incessante, por meio de procedimentos que vão desde a literalidade direta na transmissão até a deformação paródica premeditada da palavra de outrem e a sua deturpação, os discursos são inevitavelmente reacentuados nos novos contextos. É com essa concepção que a teoria dialógica percebe essa dupla orientação que a palavra pode assumir no discurso: pode ser uma citação direta do

discurso do outro para expressar seu posicionamento axiológico, ou, como Cunha diz, “uma paródia”, “uma deturpação”, tendo em vista que tais palavras adquirem outro acento valorativo dependendo da situação. Ao usar a voz do outro, o falante está apropriado desse discurso e “essas duas vozes são correlacionadas dialogicamente, como que conhecem uma à outra (como duas réplicas de um diálogo, conhecem uma à outra e são construídas nesse conhecimento recíproco), como se conversassem uma com a outra. A palavra bivocal é sempre interiormente dialogada” (BAKHTIN, 2015 [1934/1935], p. 113).

Ao analisar o heterodiscurso no romance, Bakhtin ([1934/1935], p. 113) diz que a palavra bivocal serve às intenções refratadas do autor e, simultaneamente, à intenção da personagem e, dessa forma, serve a duas intenções diferentes. Através do fenômeno da bivocalidade, o falante vai abrir caminho para o horizonte alheio, vai construir sua enunciação no território alheio de acordo com o outro. Sempre ao enunciarmos, os nossos discursos contêm indícios de nossa autoria e, ao mesmo tempo, eles têm a presença da voz do outro. Assim, temos o diálogo concentrado de duas vozes, de duas visões de mundo, de duas linguagens (BAKHTIN, 2015 [1934, 1935], p. 113). Vozes que compartilham da mesma visão de mundo e ajudam o falante a expressar sua intenção, e por mais que pareça que a autoria é do falante, nessa modalidade de discurso, há a presença das vozes que construíram e constroem seu discurso bivocal.

Ainda na análise da prosa romanesca, Bakhtin (2015 [1934, 1935], p. 114) diz que o heterodiscurso social é um elemento que encontra terreno na formação sócio-histórica da sociedade e dá raízes profundas a bivocalidade. Essa orquestração sociolinguística no fenômeno bivocal – ele continua argumentando – faz com que as contraposições dos indivíduos sejam impiedosamente contraditórias, pois empregam suas consciências e suas palavras em um heterodiscurso criativo e histórico. Com essa criatividade no discurso bivocal, as possibilidades de dizê-lo de maneira indireta não se esgotam com a expressão de um discurso direto e explicitamente marcado. Assim, podemos afirmar que a bivocalidade prosaica, como ele analisa na arte literária e que podemos trazer para análise das conversações cotidianas, é pré-formada na própria língua como fenômeno social em formação histórica, socialmente estratificada e desintegrada nessa formação (BAKHTIN, 2015 [1934, 1935], p. 115 – 116). O fenômeno da palavra bivocal também é responsável pelo surgimento da palavra polêmica. Vamos discutir como a teoria dialógica classifica as polêmicas e como elas estão configuradas nos discursos sobre determinado objeto. Como os discursos polêmicos sempre se chocam nos diálogos cotidianos, é crucial que tragamos à nossa discussão como as diversas vozes sociais estão presentes nessa modalidade de discurso.

### 1.2.5 A Polêmica

Quando concebemos a língua em uma abordagem dialógica, assumimos o posicionamento de que inevitavelmente ocorrem relações entre os diversos diálogos sociais. Os nossos enunciados são constituídos por outros, numa cadeia ininterrupta de *já-ditos* e, nessa perspectiva, encontramos a *polêmica*, um fenômeno bivocal. Para Bakhtin (1997 [1963], p 196), “qualquer afirmação sobre o objeto é construída de maneira que, além de resguardar seu próprio sentido objetivo, ela ataca polemicamente o discurso do outro sobre o mesmo assunto e a afirmação do outro sobre o mesmo objeto”. Na polêmica, há o conflito de opiniões, em que diversas vozes são normalmente orquestradas e não estão livres de réplicas contrárias. Na comunicação cotidiana, muitas vezes, aparece uma multiplicidade de opiniões sobre determinados assuntos, que podem ser difundidas polemicamente de maneira a se chocar com a palavra do outro, com uma nova interpretação, já que “o discurso polêmico é dialógico” (CUNHA, 2013, p. 242).

Na realidade, os discursos polêmicos sempre se chocam, seja abertamente na réplica do outro ou de maneira indiretamente refutável. Bakhtin (1997 [1963], p. 195), ao analisar a obra de Dostoiévski, apresenta a polêmica como variedade de um tipo de discurso, no qual o autor de uma obra emprega as palavras de outro para expressar as suas próprias ideias. Levando isso em consideração, o discurso do outro não expõe explicitamente a opinião do autor, mas não deixa de entrelaçar-se com o seu discurso para expressar uma ideia. “A palavra do outro não se reproduz sem nova interpretação, mas age, influi e de um modo ou de outro determina a palavra do autor, permanecendo ela mesma fora desta” (BAKHTIN, 1997 [1963], p. 195 - 196), e acontece isso em todo discurso reportado. Mesmo a palavra, na polêmica velada, estando fora do escopo do autor, ela apresenta o sentido extraído do objeto da polêmica, sem que o discurso do outro apresente a opinião do autor de maneira explícita.

O discurso do autor está orientado para o seu objeto, como qualquer outro discurso; neste caso, porém, qualquer afirmação sobre o objeto é construída de maneira que, além de resguardar seu próprio sentido objetivo, ela possa atacar polemicamente o discurso do outro sobre o mesmo assunto e a afirmação do outro sobre o mesmo objeto. Orientado para o seu objeto, o discurso se choca no próprio objeto com o discurso do outro. Este último não se reproduz, é apenas subentendido; a estrutura do discurso seria inteiramente distinta se não houvesse essa reação ao discurso subentendido do outro. (BAKHTIN, 1997 [1963], p. 196).

O discurso polêmico velado do outro traz o discurso subentendido do autor e não pode atacar abertamente o objeto da polêmica, pois este não deixa de ser um discurso orientado para

tal objeto, que é construído ao mesmo tempo de maneira implícita e com a voz valorativa do autor. Bakhtin (1997 [1963], p. 196) define outro tipo de polêmica, que é a aberta, afirmando que “a polêmica aberta está simplesmente orientada para o discurso refutável do outro, que é o seu objeto”. A palavra do outro é contestada explicitamente, entra diretamente no discurso e podemos ver marcas visíveis desse discurso através, por exemplo, de aspas ou citações. Bakhtin continua dizendo que “a polêmica velada está orientada para um objeto habitual, nomeando-o, representando-o, enunciando-o e só indiretamente ataca o discurso do outro, entrando em conflito com ele como que no próprio objeto”. Embora haja diferenças discursivas entre esses dois tipos de polêmicas, elas não devem ser consideradas isoladas do processo de interlocução porque ambas se entrelaçam dialogicamente com o discurso do outro.

Na relação entre as vozes do discurso polêmico, percebemos que qualquer palavra do diálogo polêmico está orientada para o objeto e reage, ao mesmo tempo, à palavra do outro, correspondendo-lhe e antecipando-a. Porque é como se esse discurso reunisse, absorvesse as réplicas do outro, reelaborando-as intensamente (BAKHTIN, 1997 [1963], p. 197). Isso faz com que o discurso polêmico se desgaste na boca do falante, até o discurso do outro se incorporar de tal forma ao seu que não se diferencia. A teoria dialógica defende a ideia de que a palavra é viva e passa de boca em boca, de contexto em contexto, para receber acento valorativo a cada uso, ela não se perde até cumprir seu objetivo, tanto que em outras situações se o falante sentir necessidade vai usar as mesmas palavras com o sentido necessário para expressar sua opinião. “Nesse processo ela não perde o seu caminho nem pode libertar-se até o fim do poder daqueles contextos concretos que integrou” (BAKHTIN, 1997 [1963], p. 203). Na polêmica, quando se usam palavras para expressar um ponto de vista é preciso considerar as memórias que elas carregam.

É comum que o polemista deturpe o sentido das palavras do discurso a seu favor. Bakhtin diz que “um polemista, conhecedor do caráter dialógico dos discursos vai subpor as palavras do seu adversário com precisão para atribuir o sentido pretendido por ele” (BAKHTIN 2015 [1934,1935], p. 133). Sabemos que as palavras são ideológicas e, na polêmica, assuntos sérios são levados ao público e, muitas vezes, assustam pela maneira violenta como são tratados pelo autor do discurso. Isso se dá justamente porque o contexto emoldura o discurso na criação da representação da linguagem e a palavra do autor representa e emoldura o discurso do outro, criando uma perspectiva, inserindo nele acentos e suas expressões (BAKHTIN, 2015 [1934,1935], p.155).

Considerando os meios de análises da teoria dialógica, acrescentamos ao estudo das polêmicas o posicionamento de Amossy (2017, p. 8) que diz que: “estamos na sociedade do

espetáculo: as polêmicas atraem porque são lúdicas – podemos contar os ataques que acontecem nelas e apontar os vencedores – e não porque elas nos façam refletir”. Trazemos as definições de polêmica de Amossy, porque ela analisa os discursos nas esferas públicas. É fato que encontramos diariamente esse fenômeno em todas as esferas da comunicação humana, algo que acontece, sempre, pelo simples prazer de proporcionar um espetáculo de injúrias. Não há um diálogo para se chegar a uma solução de um problema polêmico e constatamos, ludicamente, na materialidade verbal, que não há uma intenção de reflexão. Amossy (2017, p. 13) aponta que,

Nesse contexto, a polêmica – que gerencia os conflitos, valendo-se do choque das opiniões contraditórias – não permite nem conduzir a um acordo, nem assegurar um modo de coexistência numa comunidade dividida entre posições e interesses divergentes. É que, na sua virulência e até nos seus excessos, ela permite que os participantes dividam o mesmo espaço sem recorrer à violência física – e isso justamente nos casos de dissensão profunda, nos quais as premissas são diferentes demais para autorizar uma partilha da razão. (AMOSSY, 2017, p.13).

A polêmica não seria polêmica se houvesse a possibilidade de resolução, porque desse modo negaria o seu próprio fundamento de ser polêmica. Sendo assim, ela não traz a possibilidade de diálogo e seu maior propósito é o polemista atacar o outro, como se somente ele fosse o dono da verdade. Nessa discussão, não vamos fazer um estudo aprofundado sobre a violência verbal, mas é comum observarmos nos discursos polêmicos o uso de expressões agressivas, já que os interlocutores não podem praticar a violência física. Na falta profunda da concordância sobre um ponto de vista, fica difícil a partilha pacífica dos posicionamentos dos falantes, já que a polêmica não tem uma função social importante porque não resolve problemas relevantes, mas sempre configura a comunicação, ao mesmo tempo em que é configurada.

Nos discursos polêmicos, o falante tem a oportunidade de expressar sua opinião sobre determinado assunto e com isso se sente no direito de opinar sobre qualquer tema, o que causa o desdobramento de debates inflamados sobre determinada questão. Para Amossy (2017, p. 9), “a polêmica se limita às esferas democráticas, já que estas possibilitam a expressão de posicionamentos axiológicos, enfim, elas são um lugar de exposição de confrontos aos olhos de todos, tornando-se um fenômeno global”. Pois, uma das características da polêmica é a exposição pública das opiniões dos polemistas. Determinados espaços públicos são palco de tensões dos discursos polêmicos, isentos de argumentos racionais e baseados no senso comum,

sem que haja a confirmação da veracidade dos fatos, configurando uma retórica do dissenso<sup>8</sup>, que não une opiniões, mas semeia a discórdia:

Em nossas sociedades democráticas, que procuram o consenso, as pronunciadas e prolongadas dissensões, testemunhando a incapacidade de se unir em uma opinião comum, são vistas como fontes de todos os males. Elas ameaçam não só perturbar a harmonia social, mas também dificultar os processos de tomadas de decisão necessárias ao bom funcionamento da democracia. Isso significa que as causas da culpa que se atribuem à dissensão são de ordem prática, bem como de ordem ética e social. (AMOSSY, 2017, p. 18)

Na dialogicidade dos discursos polêmicos, podemos identificar as diversas vozes sociais presentes na enunciação e as suas relações com outras vozes de outros contextos históricos, políticos e sociais. Com a polêmica, a vida social é perturbada a ponto de comprometer o funcionamento da democracia, uma vez que essas vozes somente contribuem para dissenção.

Amossy (2017, p. 53) classifica a polêmica em três tipos: a *dicotomização*, *polarização* e *desqualificação*. A linguista diz que “se há choque de opiniões contraditórias, é porque a oposição dos discursos, na polêmica, é objeto de uma clara *dicotomização* na qual duas opções antitéticas se excluem mutuamente” (AMOSSY, 2017, p. 53). O polemista não consegue aceitar o posicionamento do outro e faz com que prevaleçam como verdadeiros somente os seus discursos. Por isso, as manifestações polêmicas são permeadas de afrontamentos e opiniões contraditórias que deixam o embate mais visível.

Outro tipo de polêmica é a *polarização* que pode ser definida como um processo através do qual o público extremamente diversificado se funde em dois ou vários grupos fortemente contrastados e mutuamente excludentes. A polarização exacerba posições até torná-las inconciliáveis (AMOSSY, 2017, p. 56), gera uma atmosfera de exclusão do discurso do outro, que de toda maneira vai tornar inaceitável qualquer posicionamento contra a opinião do polemista. E por fim, segundo essa classificação, a *desqualificação* que é uma estratégia retórica para desacreditar o adversário. O discurso polêmico se constitui como desqualificador, pois o polemista usa de estratégias de má-fé para desacreditar o discurso do outro (AMOSSY, 2017, p. 58 - 59), criando uma relação que desqualifica tal pessoa ou tal grupo que defende um ponto de vista divergente do seu. Contudo, o adversário é atacado de forma que tenha descrédito em seu discurso até que fique impossibilitado de argumentar a seu favor.

---

<sup>8</sup> Segundo Amossy (2017, p. 18), na medida em que aparece como choque – muitas vezes brutal – entre opiniões antagônicas, a polêmica pública está indissolavelmente ligada ao desacordo. É por isso que ela compartilha o descrédito que pesa sobre as nossas sociedades sob as múltiplas formas do *dissenso*. E cita a definição de dissenso no *Dictionnaire culturel de la langue française*: é “uma divisão violenta ou profunda de sentimentos, de interesses, de convicções”.

Esses três tipos de polêmicas definidos por Amossy estão relacionados entre si e dificilmente um está presente no discurso polêmico sem que o outro esteja. À medida que há dicotomização da polêmica, a situação vai criando uma polarização a ponto de não haver entendimento entre os interlocutores e gerar a desqualificação do adversário. Vale ressaltar as palavras de Salerno (2017, p. 8) “la polémica no conduce a un acuerdo sino que genera monólogos que corren paralelamente a cargo de adversarios situados en lógicas inconciliables, a tal punto que el oponente aparece como carente de toda razón. No se trata de persuadir sino de desacreditar al adversário”.

Como na polêmica não há argumentos para resolução de um conflito, os interlocutores não procuram o consenso, ou seja, eles não têm a intenção de compreender o outro. Segundo Maingueneau (2005, p. 103), há um processo de interincompreensão generalizada, por causa da própria condição de possibilidade das diversas vozes e posicionamentos frente ao objeto polêmico. O linguista francês considera que pode acontecer de o polemista não compreender o sentido do enunciado do outro, ou de somente escolher enunciados que estão em conformidade com o seu discurso. Desse modo, sempre vai existir discursos divergentes, que não condizem com o ponto de vista do polemista ou afirmem o seu posicionamento, isso tudo funda o desentendimento recíproco.

Ainda segundo Maingueneau (2005), nesse movimento de intercompreensão, há vários posicionamentos que não seguem regras nem respeitam a opinião do outro. As regras são formuladas de acordo com o posicionamento de cada falante que vai atribuir significado conforme a sua formação discursiva frente ao objeto polêmico, o que gera o desentendimento recíproco, já que cada um tem sua própria verdade de aceitação discursiva. Para Maingueneau (2005, p. 114), polemizar é, sobretudo, apanhar publicamente em erro, colocar o adversário em situação de infração em relação a uma lei que se impõe como incontestável. Mais uma vez, percebemos que o polemista coloca o outro em determinada situação polêmica, cada um decide a verdade que lhe convém, que está de acordo com a sua esfera ideológica. Cada um tem os discursos que dão autoridade aos seus argumentos na defesa de sua tese, de modo que a intenção de quem polemiza é simplesmente supérflua.

A polêmica pode muito bem ser apenas reveladora de uma interincompreensão radical. Os discursos podem muito bem convencer apenas aqueles que estão já convencidos (ainda seria necessário um discurso para que essa verdade aconteça), mas nem por isso a polêmica representa um jogo gratuito, uma exibição supérflua. Não é sem razão que os espaços mais totalitários, que não têm nada a temer, em princípio, de alguém que os contradiga, polemizam continuamente, não cessam de entregar-se ao ritual de admissão-expulsão do simulacro do outro. (MAINGUENEAU, 2005, p. 118).

Os discursos do polemista visam colocar em evidência o oponente e somente fazer com que haja um espetáculo diante da sociedade, que, de maneira radical, expõe o outro que vai contra sua opinião. Não há como se chegar ao consenso diante da polêmica, porque ao desacreditar o oponente, o polemista tira o reconhecimento do outro diante da sociedade. Nessa exibição, polemizar no interior de qualquer campo da comunicação é apresentar-se implicitamente como aceitando os pressupostos que lhe são associados. Tanto que, se for contra o que determinada esfera ideológica aceita como pressuposto de verdade, o falante é expulso, por ir contra um dogma solidificado como social.

Se por um lado a polêmica possui um caráter dialógico com enunciados anteriores ao momento da situação polêmica, por outro, não há compreensão e acordo sobre a opinião a respeito do objeto polemizado. Não há uma lógica conciliável para dar voz e razão ao oponente. Só há polêmica quando há opiniões controversas, a ponto de se chegar a excluir qualquer discurso que seja contra a verdade do polemista. É importante destacar que “la polémica se desenvuelve en un conjunto de discursos públicos acerca de una cuestión controversial” (SALERNO, 2017, p. 8). Podemos dizer que é uma construção gradativa de discursos, a fim de construir um ponto de vista no público em geral que concorde com o ponto de vista do polemista.

Na próxima seção, apresentamos como a comunicação mediada pelo computador se torna um novo espaço público, pois muitos indivíduos têm acesso às redes sociais na internet e podem se expressar livremente sobre qualquer assunto. Como o nosso objeto de estudo são os comentários polêmicos do Facebook, definiremos o gênero discursivo “comentário” na rede social FB na perspectiva da teoria dialógica. Mesmo que já tenhamos falado em gêneros discursivos nesta seção, preferimos deixar a discussão sobre o gênero comentário junto à discussão sobre redes sociais, pois o Facebook é suporte para o nosso corpus de estudo.

## 2 A COMUNICAÇÃO MEDIADA PELO COMPUTADOR

Nesta seção, apresentamos a comunicação mediada pelo computador como um espaço de tensão para as mais diversas vozes. Dessa maneira, o conceito de redes sociais é caracterizado como espaço público a partir da definição de Recuero (2016). Por a internet ser palco de interações sociais, surgem vários fenômenos discursivos, inclusive discursos polêmicos, relacionados a temas de extrema importância nas esferas sociais. De acordo com a nossa concepção de gêneros, caracterizamos o nosso objeto de pesquisa a partir da teoria dialógica e, com isso, percebermos a influência do meio digital na formação de opiniões dos internautas.

### 2.1 REDES SOCIAIS NA INTERNET: SUPORTE PARA UMA DIVERSIDADE DE VOZES

O homem é essencialmente um ser social, que vive e sobrevive nas interações com os outros indivíduos. À medida que ele se constitui como sujeito na relação com o outro, também coopera para que o outro seja formado como ser e em sociedade. Nessa organização social, ele se estrutura para que possa conviver em harmonia com os outros e, para isso, a comunicação tem um papel fundamental na possibilidade de construção das bases de uma boa convivência. Dentre as várias possibilidades comunicativas e com o avanço das tecnologias, o homem sente-se obrigado a se adequar a essa nova realidade, na qual é quase impossível não se inserir e interagir com outros semelhantes do seu meio social e até de lugares mais distantes fisicamente. A discussão sobre a comunicação nas mídias sociais tem chamado a atenção de muitos estudiosos, principalmente os da área da linguagem, que buscam, nas suas análises, entender os movimentos comunicativos no mundo digital.

A internet cria possibilidades de comunicação instantânea e faz com que as interações aconteçam entre um grande número de indivíduos. Segundo Melo Neto (2019, p. 17), é evidente que a internet é um novo e gigantesco fenômeno da comunicação e se constitui como uma ferramenta de comunicação interativa que possibilita o indivíduo comum se expressar para um número gigantesco de pessoas. Como a internet oferece essa possibilidade comunicativa com um número expressivo de indivíduos, é importante a reflexão sobre o conceito de espaço público<sup>9</sup>, já que, ao se comunicar nesse meio, o homem sente a necessidade de expressar suas

---

<sup>9</sup> Para Barros (2008, p. 28), Habermas descreve a esfera pública ou espaço público como o espaço de discussão, fundamentado na capacidade de confrontar argumentos racionais com a opinião baseada na razão. A soberania do

convicções socioideológicas, para que possa ser aceito pelo seu grupo social. A internet se configura como espaço de discussões sobre os mais diversos temas. Nela, acontece a discussão desde um fato pessoal do cotidiano a uma discussão importante para a sociedade em geral. Tornou-se comum uma página ou um perfil nas redes sociais ter um maior alcance do que uma página de um órgão oficial ou especialista em tal assunto.

Esse meio digital configura um espaço de abordagem de temas de relevância social e um meio de comunicação que substitui os meios de comunicação tradicionais como TV, rádio, jornais e revistas impressos. Recuero (2016, p 18) diz que esses espaços digitais são apontados como nova esfera pública, principalmente pela criação de espaço comum e pela abertura cada vez mais ampla à participação. Ela ainda elabora sua reflexão sobre espaço público com a definição de Habermas<sup>10</sup>. Podemos dizer que esfera pública é um sistema de detecção de problemas sociais, capaz de problematizá-los e também de apresentar possíveis soluções para eles (SILVA, 2001, p. 162).

Podemos encontrar essa característica dos espaços públicos na internet, pois sites reservados para compartilhamento de fatos pessoais, notícias locais e mundiais se tornam um espaço mesclado de trocas comunicativas, algo que é comum dos espaços públicos. Podemos nos questionar se realmente a internet é um espaço democrático, que além de identificar problemas, aponta possíveis soluções. Para Melo Neto (2019, p. 18-19), a interatividade coloca o indivíduo numa posição ativa de emissor do processo comunicativo, mas acreditamos que é necessário interrogar qual tem sido o papel sociocultural desse novo fenômeno de comunicação. De fato, argumentos racionais estão presentes nas práticas discursivas na internet e produzem efeito satisfatório nas grandes questões sociais?

Se cada vez mais as características desses espaços virtuais se ampliam e eles são um grande suporte na influência das decisões e posicionamentos ideológicos, cabem-nos alguns questionamentos. Melo Neto (2019, p. 19) questiona o papel da internet na atualidade e se ela pode ser mais um instrumento destinado ao controle e à alienação dos indivíduos. Ao mesmo tempo em que a internet pode promover a discussão de justiça socioeconômica, ela também

---

povo, em sociedades complexas, passou a ser entendida como um processo prático de argumentação, fruto da interceptação e sobreposição de discursos.

<sup>10</sup> Segundo Barros (2008, p. 23-24), Habermas se dedica a compreender as patologias da modernidade e a realização deformada da razão ao longo da História. Ele resgata as origens da esfera pública grega e acompanha suas transformações até o sistema capitalista, tendo a burguesia o papel de ator social, mas reformula seu pensamento a partir de críticas recebidas. As características principais de seu raciocínio são a defesa e o exercício da crítica e da argumentação. Para Habermas, a razão deve ser usada para promover a interação nos processos sociais e de emancipação humana. Ele defende a comunicação dialógica como um imperativo prático e pretende capacitar as novas práticas sociais cotidianas à racionalidade comunicativa e define a racionalidade comunicativa como um instrumento para a construção de um comportamento social mais solidário e livre.

pode promover a produção de intransigência política e colocar em evidência grandes debates sociais que, ao invés de esclarecer a opinião das pessoas, manipula muitas vezes a verdade dos fatos, com a disseminação de falsos discursos.

## **2.2 AS INTERAÇÕES NAS REDES SOCIAIS NA INTERNET E O NOVO MODELO DE INTERAÇÃO**

As redes sociais na internet vêm ganhando credibilidade na eficácia de transmitir informações e conectar indivíduos nos mais diversos espaços geográficos. Os sites dessas redes são responsáveis por mudar a estrutura das interações sociais, de forma a dar voz a todos os indivíduos que possuam acesso a uma conta nessas redes. Recuero (2016, p. 17) afirma que os discursos presentes nas redes sociais, além de se difundirem rapidamente, são legitimados pela sociedade. É importante deixar claro que o grupo do qual o indivíduo faz parte é quem legitima seu discurso, ao passo que pessoas de um grupo social diferente ou que tenham uma ideologia de base diferente, não vão concordar com seus posicionamentos e, conseqüentemente, aceitar tal discurso. A expressão do indivíduo nesses sites de rede social passa a ser uma conversação coletiva na qual emerge, além de outras características, a opinião pessoal com a finalidade de difundir e ampliar sua visibilidade no meio digital. Para Recuero (2016, p. 19-20), “nessa perspectiva, o discurso não está apenas no enunciado e em sua construção, ele está sistematicamente imbricado como conjunto ideológico que se reflete no corpo de presenças e ausências de elementos de falas dos usuários”.

Muito além da estrutura do enunciado que forma o discurso, é a voz ideológica do grupo social que está presente nas construções discursivas de cada indivíduo que se expõe na rede social. A maioria das pessoas que se dispõe a ter um perfil ou uma conta nos sites de redes sociais busca, acima de tudo, a visibilidade, ou seja, sair da zona desconhecida em que vive e, muitas vezes, por não exercer um papel no meio social, a única opção é ter voz e opinião como uma figura pública na internet. Sobre esse aspecto da comunicação em rede, Recuero (2016, p. 21) diz que a comunicação em rede social possui muitas características híbridas verbais e não verbais, dentre elas a escalabilidade, que é a rapidez de alcance das mensagens, a persistência que é a permanência das publicações, a reprodutibilidade que é a fácil reprodução e compartilhamento dos mais diversos conteúdos de interesse e a “buscabilidade”, que se resume ao armazenamento de conteúdos que podem ser buscados, encontrados e recuperados. Todos esses aspectos nos mostram como se caracterizam ou ajudam a estruturar os discursos dos indivíduos envolvidos na comunicação digital.

Concordamos com Recuero (2016, p. 20) quando ela diz que “o discurso reconstrói no ciberespaço as estruturas de dominação, legitimando a ideologia de dominação da sociedade, particularmente as estruturas de violência simbólica”, visto que essa prática discursiva em rede atrai as mais diversas vozes sociais e elas desvelam as diversas ideologias. As redes sociais são um espaço de intolerância e violência verbal. Uma violência que, mesmo sendo praticada no mundo virtual, também pode ser uma prática no dia a dia, com as mais diversas consequências. A relação entre discursos opostos pode causar certa aversão entre os indivíduos e a tendência é a não aceitação de certos posicionamentos que se contrapõem à opinião do sujeito e vai contra o que ele acredita ser verdadeiro.

Apenas os discursos verdadeiros poderiam assim ser legitimados como pertencentes a uma ordem social que é também discursiva, todos os demais, que não estivessem ancorados na verdade nem pudessem ser autenticados, seriam assim discursos marginalizados, palavras, literalmente, “fora da lei”. (SILVA, COSTA, 2014, p. 60)

Segundo Silva e Costa (2014, p. 60), um discurso verdadeiro seria um discurso que não possui conteúdos inverossímeis e da crença popular, pois a verdade desponta como uma qualidade moral e existencial. Então, o papel desses discursos verdadeiros é inserir o indivíduo no espaço social que o interessa. Se ele faz a opção de disseminar discursos legitimados e aceitos por sua esfera ideológica, ele terá mais chances de ser reconhecido e “ancorado na verdade”. Qualquer indivíduo que se posicione contra é excluído do convívio social, mesmo que seja nas redes sociais na internet e visto como “fora da lei”. Recuero (2016, p. 20) diz que “um dos motivos pelos quais muitos autores consideram o espaço on-line como democrático em termos de mídia é justamente o fato de ele permitir a publicação de discursos não homogêneos e a pluralidade de formações discursivas”. Isso quer dizer que toda manifestação discursiva é possível nas redes sociais, desde uma simples opinião à exposição de um ponto de vista em um fato importante para sociedade. Pensando nessa possibilidade de exposição democrática, encontramos discursos de violência verbal, difamações, disseminação de desavenças. Como diz Recuero (2016, p. 29), “Esses discursos podem desvelar estratégias e modos de ação de grupos filiados a outras formações em busca de construir maior visibilidade”.

O “ser visto” pode causar no internauta a sensação de que é especialista em qualquer assunto, lhe dando a autonomia de manifestar-se como bem entender na sua conta em rede social. As redes sociais na internet passam a ser promotoras de grandes debates não só de fatos particulares, mas de grandes fatos sociais, problemas, escândalos e denúncias dos mais variados temas. Segundo Melo Neto (2019, 37), a possibilidade de expressão, advinda da internet, de

criar vários pontos de vista, a partir dos discursos de qualquer pessoa, poderia contribuir nos debates públicos, mas não é o que vemos nos diálogos na internet. O efeito da comunicação em rede é transformar o indivíduo comum, que era apenas um mero expectador, em um emissor e agente efetivo no processo comunicativo. E ele continua dizendo que, “na internet, por vezes, o indivíduo comum passa a ser mais atuante do que as grandes empresas. Alguns blogs criados por iniciativa autônoma, por exemplo, superam a audiência de páginas de tradicionais gigantes da comunicação”.

Essas novas possibilidades comunicativas configuram as relações sociais nesse meio digital, e, com isso, podemos identificar como as estruturas sociais são organizadas nesse meio. O perfil do indivíduo pode ser pessoal, institucional ou até coletivo dependendo dos objetivos e interesses do perfil criado, de modo que há um fluxo contínuo de informações que causam grandes impactos tanto no ciberespaço quanto nas estruturas sociais. Ao expressar suas personalidades individuais ou ideais de determinada instituição ou grupos que tenham ideologias semelhantes ou predominantes no seu contexto social, os indivíduos ou internautas agregam em seu perfil usuários que tenham os mesmos posicionamentos ideológicos na sociedade. Segundo Frago, Recuero e Amaral (2013, p. 115), “Esses sites [de rede social] são caracterizados pela construção de um perfil com características identitárias (que são percebidas como atores<sup>11</sup> sociais) e com a apresentação de novas conexões entre esses perfis (as arestas na rede social)”. Essas construções de perfis, das mais variadas ideologias, tornam a internet um ambiente rico de possibilidades para o estudo de grupos sociais, já que os grupos que se formam em redes são grupos que atuam de alguma forma no mundo físico.

Para Recuero (2014a), as interações nos ambientes virtuais são vistas como uma prática social e permitem o contato tanto com os conhecidos em offline<sup>12</sup>, quanto com os amigos feitos on-line<sup>13</sup>. A essas conexões em rede a autora dá o nome de *laços sociais*, que englobam as relações do dia a dia, tanto offline quanto on-line, e ambos os laços surgem de estruturas criadas na rede. Ao criarem um perfil nas redes sociais na internet, tal perfil é posto a público e logo é acessado e adicionado pelos usuários que se identificam com suas características. Muitas vezes,

---

<sup>11</sup> Recuero (2016, p 24-25) usa o termo *atores* como primeiro elemento da rede social, representada pelos nós (ou nodos). Trata-se das pessoas envolvidas na rede que se analisa. Como parte do sistema, os atores atuam de forma a moldar as estruturas sociais através da interação e da constituição de laços sociais. O termo *atores* nos dá uma visão de sujeito ativo na comunicação, autônomo na rede, mas somente utilizaremos esse termo nas citações diretas.

<sup>12</sup> Segundo Recuero (2014a), amigos *offline* são as amizades feitas, também, fora das redes sociais, no convívio físico, no contato face a face. E amigos *on-line* são as amizades que existem apenas do mundo virtual. Uma possibilidade que essa nova forma de comunicação oferece é a da maioria dos relacionamentos não existir fora do mundo virtual.

<sup>13</sup> *Idem*.

essas interações acontecem entre pessoas que não se conhecem fisicamente ou estão em lugares distantes, mas a publicação de determinados conteúdos possibilita a aproximação e a criação de laços sociais.

Os laços sociais são definidos de acordo com uma combinação do tempo de amizade, da intensidade emocional, da intimidade entre os atores e podem ser fracos ou fortes. Segundo Recuero:

*Laços fortes* são aqueles que se caracterizam pela intimidade, pela proximidade e pela intencionalidade em criar e manter uma conexão entre duas pessoas. Os *laços fracos*, por outro lado, caracterizam-se por relações esparsas, que não traduzem proximidade e intimidade. Laços fortes constituem-se em vias mais amplas e concretas para as trocas sociais, enquanto os fracos possuem trocas mais difusas. (RECUERO, 2014a, p. 41).

Os laços sociais determinam as reações positivas e negativas nas publicações: uma pessoa que tem com o internauta um laço forte vai ser cautelosa em comentar qualquer coisa e, até ter o respeito do dono de perfil em aceitar e contestar sua opinião, por manter uma relação fora das redes sociais, além de certa intimidade para falar de determinados assuntos. O cuidado, o respeito, o diálogo são favoráveis na interação entre internautas que têm um laço forte e dificilmente uma discussão séria pode alcançar proporções desagradáveis. Já um laço fraco pode favorecer discussões desagradáveis e polêmicas, pois não existe uma relação pessoal fora das redes sociais, e questões polêmicas ganham um solo fértil para se desenvolverem na rede. Os laços fracos, dessa maneira, podem manter uma boa relação entre os internautas, pois são conexões mantidas por quem tem a mesma ideologia, porém, em algum momento, podem se desentender e um atacar o outro com injúrias verbais, sem o menor constrangimento.

Assim, é importante considerar que sempre haverá conexões entre internautas, on-line ou offline, que compartilham os mesmos ideais, já que os “laços sociais que são estabelecidos estruturam a rede” (RECUERO, 2014a, p. 41), ou seja, são os laços sociais que fazem os sites de relacionamentos na internet serem redes sociais. Com as definições de laços sociais on-line e offline, vemos que “as relações mediadas pelo computador são diferentes das constituídas em espaço offline” (RECUERO, 2014a, p. 28), uma vez que as relações na rede não passam de representações de internautas que reagem, publicam e compartilham nas redes sociais. Como essas relações on-line não passam de representações e não há um contato face a face dos envolvidos, os internautas estão expostos ao contato com perfis criados somente com o objetivo de defender uma ideologia a todo custo e não medem esforços para publicar conteúdos que alicercem seu ponto de vista ou publicar postagem que difame quem pensa diferente. Isso

mostra que as relações nas redes sociais na internet se resumem a “construções de perfis de atores” (RECUERO, 2014b, p. 131).

As relações estabelecidas nas redes sociais não são exclusivamente de interações on-line ou offline, mas uma mescla. Em todo caso, as relações sociais estabelecidas em redes de internet, como aponta Recuero (2014b, p. 129), são “resultado de uma construção racional e uma sedimentação de valores, como intimidade e confiança social”, independentemente do tipo de laço social. Essas relações têm limitações nas interações entre os atores, pois “o distanciamento físico entre as pessoas envolvidas na construção das relações, pode alterar a qualquer hora e de qualquer forma a conexão estabelecida” (RECUERO, 2014a, p. 38). Desse modo, as relações construídas através das interações em rede são uma relação quase sempre artificial porque internautas estão conectados on-line sem mesmo apresentar interações face a face. Se as conexões são representações, então estamos diante de uma *artificialidade* nas relações comunicativas e que nos dizem muito sobre os discursos que emergem na internet.

A artificialidade se mostra, principalmente, numa conexão on-line, porque, segundo Recuero (2014b, p. 132), “por ser uma conexão on-line, se desgasta com o tempo, por não ter interações como as relações offline”. O internauta sente o desgaste nesse tipo de relacionamento e passa “cortar”, pouco a pouco, os laços nas conversas, nos compartilhamentos, na aceitação de pontos de vista, sem que isso afete a sua presença nesses espaços digitais. Vistas dessa forma, podemos afirmar que as ações comunicativas nessas conexões são artificiais e a qualquer momento podem se romper na falta de interesse de ambos os envolvidos. Mas, até que ponto as relações de laços sociais na internet são artificiais, principalmente nos relacionamentos on-line? Nesse ponto, discordamos em parte de Recuero, porque algo artificial nos remete a algo supérfluo e, atualmente, as relações, independente de manter um laço on-line ou offline em rede, ganham força na nossa sociedade e têm grande influência nas manifestações discursivas que vão além do mundo virtual.

Recuero (2014b, 131 – 132) diz que “é justamente por possibilitar que os laços sociais sejam estabelecidos na ferramenta que os sites de rede social também possibilitam que as redes sociais ali expressas sejam mantidas de forma artificial”. É tarefa quase impossível não se criar um laço artificial, como a autora defende, mas, mesmo sendo considerados laços artificiais, muitos internautas assumem essas relações presentes no seu cotidiano, mais do que as próprias relações que já estão firmadas desde antes da internet. O objetivo dos sites de rede social é estabelecer conexões com os mais diversificados perfis; com isso, surgem diversas plataformas, suportes para relações, mesmo que artificiais, pois elas proporcionam a troca de informações espontâneas e instantâneas, já que “com as redes sociais fica simples e rápido difundir

informações, espalhar ideias e conversar com outros atores que são geograficamente distantes” (RECUERO, 2014b, p. 132).

Ao analisar a violência verbal nos comentários de internautas, concordamos com Cunha (2013, p. 243), para quem o indivíduo ganha voz na internet e agora é onipresente, comentando e criticando tudo o que dizem as diversas autoridades sociais. A interação em redes sociais é uma prática que não é supervisionada por nenhum órgão oficial. Nela circulam livremente as mais diversas expressões, seja qual for o teor de seu conteúdo, e essa prática social faz parte da vida cotidiana de milhões de pessoas. Assim, não é de se estranhar o impacto que as relações nas redes sociais causam nas relações cotidianas fora dos ambientes virtuais. Como um meio acessível a qualquer momento e com grande facilidade de conexão, as redes sociais na internet passam a ser mais eficaz na difusão de informações do que os meios tradicionais como a TV, rádio e jornais e revistas impressos, porque tudo isso se faz acessível “na palma da mão”.

### **2.3 A PLATAFORMA DE RELACIONAMENTOS FACEBOOK E A SUA INFLUÊNCIA NO MEIO SOCIAL**

Com as redes sociais foi inaugurada uma nova forma de interação. Dentre elas, podemos destacar a plataforma de relacionamentos Facebook (doravante FB), que chama a atenção porque estabelece uma conexão entre internautas e os mais diversos fenômenos das conexões em rede. Ela pode atuar como um suporte que possui inúmeras ferramentas, como as opções de publicar vídeos, fotos e compartilhar. Os seus usuários podem *curtir* qualquer coisa que lhes interesse e *seguir* páginas de filmes, séries, programas de TV, atores famosos ou pessoas “comuns” que se destacam por alguma habilidade nas páginas dessas redes. Nos perfis do FB, encontramos a função de privacidade que configura se as informações podem ser reservadas aos amigos ou abertas ao público, além das conversações em tempo real e tudo isso torna o FB uma rede social com amplas funcionalidades. É quase impossível delimitar as possibilidades comunicativas desse espaço virtual, porque “junto a outros sites de rede social, inaugurou no cotidiano das pessoas uma nova forma de espaço público” (RECUERO, 2016, p. 18).

Internautas cada vez mais se fixam no FB e essa rede social “constitui-se como um estado atrativo da comunicação na internet, porque é um ambiente em que comportamentos semelhantes se repetem” (PAIVA, 2016, p. 67), como em outras redes sociais. A missão do FB é “dar às pessoas o poder de criar comunidades e aproximar as pessoas. As pessoas usam o FB para manter contato com amigos e parentes, descobrir o que está acontecendo no mundo e compartilhar e expressar o que é importante para elas” (FACEBOOK, 2018). No FB, as pessoas

formam comunidades e fóruns para discussões com outros internautas que têm os mesmos interesses e posicionamentos. Ao solicitar participar de determinado grupo de discussões, os moderadores do grupo analisam o perfil do internauta e observam se suas características condizem com a ideologia do grupo, para não acontecerem disputas de pontos de vista e até um mal-estar ao compartilhar determinado assunto. Surgem com essa gama de possibilidades de comunicação inúmeros tipos de reações, e, por mais que haja um filtro ou moderação dos administradores em relação ao que é publicado, pode acontecer de um internauta publicar algo que o exclua do grupo de discussão ou, se for uma publicação aberta ao público, causar reações adversas nos outros usuários.

Muitas pessoas aderem à comunicação no FB e trazem para esse espaço grandes discussões sociais; por essa razão, ele passa a ser um dos sites de maior confiança na transmissão de informações. Os conteúdos que são publicados e compartilhados têm um papel importante de formar a consciência dos internautas, que passam a movimentar essa rede social na interatividade das publicações, reações e compartilhamentos.

O Facebook, portanto, se caracteriza como um espaço destinado à escrita que é cada vez mais utilizado pelos usuários como um canal para a conscientização de um tema. As discussões giram em torno dos mais diversos assuntos, como um debate político, ou a crítica social, geralmente envolvendo temas polêmicos que despertam a atenção dos outros “facebookianos” e os quais, pela liberdade que possuem, acabam criando textos ricos em argumentação, interpretações e manifestações. (BARROS, BEZERRA, 2017, p. 8)

Os fatos que não chamam atenção do internauta não provocarão muitas reações, terão poucas curtidas, poucos compartilhamentos e poucos comentários ou mesmo nenhum, porque não despertam a atenção em rede. Ao passo que outras publicações despertam instantaneamente reações diversas, milhares de compartilhamentos e comentários, e como diz Recuero (2014c, p. 116), “as conversações [...] são reproduzidas facilmente por outros atores, espalham-se nas redes entre os diversos grupos, migram e tornam-se conversações cada vez mais públicas, moldam e expressam opiniões, geram debates e amplificam ideias”. Podemos dizer que como o FB é moldado, nas suas múltiplas funções comunicativas, pelas diversas ideologias, ele molda o ponto de vista dos usuários que passam a se fixar em determinadas páginas, grupos e perfis da mesma linha de pensamento que a sua.

As interações, nesses sites, assim, são persistentes, ou seja, são registradas pelas ferramentas e ali permanecem, a menos que exista uma ação no sentido de excluí-las (e, mesmo assim, muitas vezes, essas interações permanecem). Do mesmo modo, porque permanecem, essas interações são replicáveis por outros atores e buscáveis dentro das ferramentas digitais. (RECUERO, 2014c, p. 116)

É uma característica própria de sites de relacionamentos, como o FB, proporcionar a interação, já que este é um dos seus maiores objetivos. Nos grupos dessa plataforma, o internauta que ofende o outro é excluído pelo administrador de tal página. Mas mesmo com esse controle por parte dos administradores de páginas do FB, o internauta pode publicar também em perfis de terceiros, com a liberdade de controlar suas próprias publicações, editando ou excluindo, caso ache conveniente. Mas como o FB é um sistema aberto, ao superar sua missão inicial, a eficácia na boa comunicação, convive lado a lado com o assédio. O que provoca a falta de equilíbrio nas relações:

O sistema é aberto. Prova disso é que o FB superou sua missão e tornou-se um ambiente para exibicionismo e bullying. Além disso, as notícias que pautam a imprensa pautam também os comentários no FB. O sistema está longe do equilíbrio, pois novos conteúdos são postados, comentados, excluídos e compartilhados a cada segundo. Pedidos de novos “amigos” chegam a todo momento e as interconexões vão cada vez mais se complexificando, ficando cada vez mais intrincadas. (RECUERO, 2016, p. 68)

O FB agrega incessantemente novos usuários que pautam as novas relações sociais. Embora tenha sido uma plataforma criada por estudantes da Universidade de Harvard (SANTANA, 20--?), com o passar do tempo, ele tornou-se suporte para as mais variadas manifestações. Ele é mais um site de rede social na internet, no qual circulam debates sobre os mais variados assuntos e, constantemente, os internautas se envolvem em discussões polêmicas, criando textos que manifestam sua opinião, que não estão submetidos a um filtro pelo próprio site e pode manifestar violência verbal, causando a reação negativa do outro e até de outros internautas que não compartilham desse mesmo tipo de comportamento.

No FB, também, pode aparecer quantos perfis o internauta acha que sejam necessários e possíveis, porque nada impede de uma pessoa ter mais de um perfil, seja ele profissional, institucional ou pessoal e usá-lo da maneira que o seu perfil exigir. A quantidade de amigos no perfil ou página atribui maior potencialidade na expressão de pontos de vista dos internautas envolvidos na rede. Para Recuero (2014c, p. 116), “quanto mais contatos, maior a quantidade de recursos a que alguém potencialmente tem acesso, o que justificaria a valorização das conexões associativas nos sites de rede social”. O FB, dessa maneira, tem um valor na disseminação de conteúdos, pois possibilita uma grande diversidade de publicações, de inúmeros conteúdos, e os internautas, por ter tal perfil ou página nos seus contatos, aceitam como verdade o que é transmitido. Recuero (2014c, p. 116) ainda argumenta que a construção

desses valores é polêmica, porque os valores de um grupo social não são os mesmos para os demais.

Embora os pontos de vista sejam construídos dialogicamente, na coletividade, quando o indivíduo expressa a sua opinião sobre determinado assunto, outro indivíduo, de outro grupo social, pode não concordar com o seu posicionamento e o diálogo pode atingir proporções de agressões verbais, sem que haja uma discussão decente sobre o assunto da publicação. Segundo Emediato (2015, p. 174), essa possibilidade interacional ou conversacional do FB é claramente dialogal e toma a forma de um diálogo convencional, com a presença de um falante se dirigindo ao outro falante. Sabemos que o *curtir*, *publicar*, *compartilhar* e *comentar* são possibilidades que o FB oferece a todos os seus membros para concordar e discordar de pontos de vista publicados. De todas as funcionalidades que ele oferece, quando um internauta curte algo, imediatamente percebemos como ele recebeu a notificação.

[...] se a publicação é curtida por algum amigo, ela o é individualmente, e a curtição representa, em geral, uma apreciação implícita de cunho eletrônico, ou seja, trata-se de um sinal eletrônico que significa, em geral, um ato apreciativo positivo, mas não verbal. A curtição pode ser entendida como um ato *kinésico*, ou gestual. A publicação pode ter também como resposta um comentário, nesse caso verbal, e mais complexo, pois pode ser uma apreciação positiva, negativa, ou um julgamento axiológico, uma concordância ou uma discordância, conforme o caso. (EMEDIATO, 2015, p. 174).

A opção *curtir* explicita o julgamento axiológico frente a uma publicação e, embora seja um sinal eletrônico, significa “algo” naquela situação. Se em geral isso pode ser um ato apreciativo positivo, acrescentamos que essa curtição, considerada como um ato *kinésico*, ou seja, como um ato gestual, pode ser também um ato apreciativo negativo. Se o internauta pode reagir com um sinal de uma mão com o dedo polegar para cima, indicando que gostou, ou um coração dizendo que amou a publicação, pode reagir com um emoji, indicando riso ou ironia, um emoji indicando surpresa, pode reagir com um emoji com cara de raiva ou de choro, que indica uma apreciação negativa diante da publicação.

Nessa perspectiva, para Emediato (2015, p. 173 – 174), esses modos de interatividade no FB, de publicar, curtir, compartilhar e comentar, são atos de linguagem diversos e complexos que não devem ser subestimados. Podemos constatar que essa plataforma vem ganhando enormes proporções e citamos como exemplo a comunicação durante a eleição presidencial do Brasil em 2018, quando Jair Messias Bolsonaro, um dos candidatos a presidente naquela época, escolheu, fazer *live* no FB e conversar com os seus seguidores, ao invés de ir aos debates nas redes abertas de televisão, com os outros candidatos à presidência. Eleito presidente, Bolsonaro

escolhe semanalmente fazer *lives*<sup>14</sup> no FB e conversar sobre assuntos do seu governo naquele momento. Isso mostra como as redes sociais estão influenciando na comunicação, a ponto de discursos oficiais até da maior autoridade política do país ter como ferramenta de divulgação essa plataforma de relacionamentos.

Assim, o FB ocupa um lugar de grande destaque na comunicação entre os indivíduos, que interagem entre si, de ideologia semelhante e diferente, além de influenciar e moldar de acordo com os mais variados perfis. Uma relação que pode significar uma aproximação fora das redes sociais ou mesmo somente no mundo digital. Sabemos que essa plataforma concentra muitas comunidades e perfis responsáveis por disseminar instantaneamente informações locais e a nível mundial, a ponto de fazer com que questões relevantes, socialmente, sejam expostas e discutidas. A acessibilidade dessa rede social proporciona a comunicação, podemos dizer que, de certa forma, popularizada, justamente pelo seu potencial móvel com a criação de páginas, grupos e perfis pessoais ou coletivos, que proporcionam a produção de um vasto material discursivo, legitimado ou não pela sociedade.

## **2.4 OS COMENTÁRIOS DO FACEBOOK: DA FORMA AOS POSICIONAMENTOS AXIOLÓGICOS**

Diante das várias modalidades de interações, que as redes sociais na internet proporcionam, encontramos nos comentários do Facebook (doravante FB) a materialidade de posicionamentos axiológicos. Segundo Recuero (2014c, p. 120), os comentários são as práticas mais evidentemente conversacionais. Trata-se de uma mensagem visível tanto para o autor da postagem quanto para os demais comentaristas envolvidos naquela situação. E ela continua dizendo que “é uma ação que não apenas sinaliza a participação, mas traz uma efetiva contribuição para a conversação”. Dessa forma, ao comentar qualquer publicação, o internauta está interagindo com o perfil, com o autor da publicação e com os outros usuários do FB.

Concordamos com Recuero (2014c, p. 120) quando ela afirma que “o comentário compreenderia, assim, uma participação mais efetiva, demandando um maior esforço e acontecendo quando os usuários têm algo a dizer sobre o assunto”. Esse gênero revela os diversos posicionamentos sobre algum tema e o sentimento de liberdade que o internauta

---

<sup>14</sup> Não queremos discutir a postura do presidente ao usar o FB para pronunciamentos, somente exemplificar que ele é diferente de seus antecessores, que usavam os canais oficiais do governo para tal propósito. Caso fosse exibido em rede nacional, ouvíamos uma chamada indicando que era um pronunciamento oficial da presidência da república.

demonstra ao opinar sobre qualquer assunto. Essa exposição pública pode causar um efeito reverso e ele, ao invés de comentar algo, pode escolher somente reagir ou até mesmo compartilhar uma publicação.

Um fato que chama atenção é que os comentários do FB não possuem uma forma padrão porque o internauta vai moldá-lo de acordo com a sua intenção comunicativa. Bakhtin (2016 [1979], p. 39) diz que nós aprendemos a moldar nosso discurso, quando ouvimos o discurso alheio. Cada internauta vai moldar seu comentário e enfatizar no seu discurso aquilo que mais chama sua atenção, pois, em uma única publicação, inúmeros comentários surgem com o mesmo tema, porém destacando diferentes aspectos, claro, que pode acontecer de surgir um comentário que não condiz com o conteúdo da publicação e atacá-la com outro conteúdo, mas com o mesmo tema ou algo relacionado a ele.

Em um dos estudos de Cunha (2012, p. 28), encontramos a definição de comentários de leitores na web e usamos esse conceito para definir os comentários do FB vistos como uma prática discursiva que tem seu propósito e suas regras: a partir de um texto fonte, o internauta constrói novos discursos, reacentuando diferentemente os aspectos temáticos, os sentidos múltiplos, explícitos ou subentendidos, ou introduzindo deslocamentos e mudanças de tema em função do seu ponto de vista. Para compreensão de seus conteúdos, é necessário analisá-los em sua linearidade, pois há relações dialógicas interdiscursivas e interlocutivas por conter práticas de diálogos com o texto fonte e entre os internautas.

Atribuimos aos comentários o posicionamento axiológico que é constituinte nuclear de todo o pensamento de Bakhtin sobre qualquer manifestação verbal (FARACO, 2018, p. 97). Considerando essa premissa, podemos dizer que os comentários expressam posicionamentos axiológicos diante de fatos. Conforme Bakhtin, (2002 [1924], p. 57) na reflexão sobre o problema da forma na criação literária:

Assim, a forma é a expressão da relação axiológica ativa do autor-criador e do indivíduo que percebe (co-criador da forma) com o conteúdo; todos os momentos da obra, nos quais podemos sentir a nossa presença, a nossa atividade relacionada axiologicamente com o conteúdo, e que são superados na sua materialidade por essa atividade, devem ser relacionados com a forma. (BAKHTIN, 2002 [1924], p. 57)

Essa reflexão sobre a forma na arte literária pode servir para a análise das formas que os comentários adquirem no FB, pois, em todo gênero discursivo, há na sua forma/composição, o elemento axiológico. À medida que o internauta, autor do comentário, reage em rede, o outro reage de forma positiva ou negativa, podendo reacentuar o comentário anterior ou os anteriores, para que possa postar o seu julgamento axiológico positivo ou negativo. Quando falamos em

diálogo, pressupomos que há uma responsividade dos enunciados, já que “todo enunciado deve ser visto antes de tudo como uma *resposta* aos enunciados precedentes” (BAKHTIN, 2016 [1973], p. 57). A réplica pode rejeitar, confirmar, completar o enunciado do outro e isso confirma uma das características desse gênero: as conversações são reproduzidas facilmente e se espalham rapidamente nas redes entre os diversos grupos do FB.

Os comentários podem ser fotos, vídeos, emojis, marcações de outros perfis do FB, links em formato hipertextual, textos curtos e, geralmente, textos longos e bem estruturados. Eles possuem estilos e temas definidos de acordo com a situação comunicativa produzida pelos diversos perfis. Emediato (2015, p. 174) afirma que “cada reação individual por ato de comentário tem sempre o destinatário coletivo como destinatário indireto, e algum locutor individual anterior como destinatário direto”. Os comentários, além de terem a forma escolhida pelo internauta para sua interação, têm um destinatário direto, na resposta dada abaixo do comentário e até a possibilidade de numa maior interação, com vários internautas, de marcar um perfil e indicar que, dentre vários perfis, está interagindo especificamente com ele.

Em um estudo sobre os aspectos enunciativos no FB, Emediato (2015, p. 176 – 177) diz que não seria um exagero, dentre outros aspectos enunciativos, que os usuários do FB tenham como finalidade principal exibir seu pensamento e a posição que ocupam na topografia social, nos aspectos econômico, privado, familiar, religioso, político, ideológico. Dessa maneira, os comentários são reflexos dessa exibição da sua “própria” verdade que, muitas vezes ou quase sempre, faz com que eles sejam filtros para permanecerem ou não no FB. Nesses julgamentos, uma das ferramentas que compõem o FB é a opção “curtir”, que parece ser percebida não apenas uma forma de divulgar a informação, mas também uma forma de legitimar a face do outro através de concordância e apoio, de legitimar aquilo que é dito pelo outro. Curiosamente, “curtir” também pode denotar agradecimento pela informação, ou seja, as pessoas agradecem a publicação de uma informação considerada relevante (RECUERO, 2014c, p. 120). Essa ferramenta de “curtir”, além de ser uma reação às publicações feitas, também é proporcionada aos comentários. Trata-se de uma das formas que, além de divulgar, legitima discursos em rede, ou seja, qualquer usuário que tenha acesso à publicação pode, além de comentar, reagir aos comentários.

Além disso, outro elemento importante observado é a prática de curtir comentários. Essa prática tem um grande valor por apoiar o comentarista, manifestando concordância [...], mas igualmente serve para mostrar que o comentário foi lido [...]. Neste último caso, vemos que existe a intencionalidade de tomar parte na conversação, assentindo e demonstrando que a mensagem foi vista e compreendida. (RECUERO, 2014c, p. 120)

É como se fosse um “aval” para participar do diálogo, reagindo e comentando o seu ponto de vista, mostrando que a mensagem foi compreendida. Ao comentar, o internauta tem uma intenção. Compreendendo ou não o que foi exposto, ele reage, comentando da forma como interpretou o seu interlocutor em rede, sem se preocupar se há coerência ou não no que disse sobre o que estava sendo discutido. Tudo isso, porque, ao ser considerado “amigo” ou membro de determinado grupo, é concedida, pelo menos naquele momento, a permissão para se manifestar. À medida que cresce o acesso às redes sociais e aumenta a interação nesses ambientes digitais, a prática de comentar constitui uma ação na qual o internauta se acha mais participativo nas interações com outros da sociedade, mesmo isso implicando sua falta de formação sobre o que está sendo discutido, além de uma falta de relacionamento face a face com a outra pessoa. Assim, estamos diante de um fenômeno comunicativo que só cresce e é uma das principais fontes de interação, talvez a única, de muitos usuários do FB e de outras redes sociais.

Na próxima seção, discutiremos o que foi a Teologia da Libertação na América Latina, seus objetivos e o contexto em que ela atuou. Veremos como foi a efervescência desse movimento no Brasil e em que condições a Conferência Nacional dos Bispos deste país foi criada. Como a Teologia tradicional não respondia aos apelos do povo latino-americano foi necessária uma Igreja que combatesse os regimes autoritários neste continente e as injustiças sociais que desfiguravam o rosto dos fiéis católicos e de todos os marginalizados. Discutiremos, também, qual foi a relação da Igreja Católica no Brasil com a criação do PT. Frequentemente, vemos a associação da ala progressista da igreja com os partidos de esquerda e, dessa forma, será necessário fazer essa retomada histórica.

### **3 A TEOLOGIA DA LIBERTAÇÃO, A CRIAÇÃO DA CNBB E A SUA RELAÇÃO COM OS PARTIDOS DE ESQUERDA**

Esta seção, de natureza histórica, tem por objetivo resgatar o já-dito sobre a Teologia da Libertação (doravante TL), a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), suas companhas e a reação do Vaticano sobre a TL. Para isso, recorreremos ao momento histórico em que a TL nasceu na América Latina, em que condições a CNBB surgiu e a origem de suas Companhas da Fraternidade. Discutiremos sobre os pronunciamentos oficiais da Santa Sé e a relação da Igreja Católica do Brasil com os partidos de esquerda, especificamente sua relação com o surgimento do PT. Na realidade, o discurso do Vaticano contra o Comunismo e contra as ações sócio-políticas da TL e contra a CNBB são vozes que permeiam o discurso dos conservadores contra os progressistas nos dias atuais.

#### **3.1 A TEOLOGIA DA LIBERTAÇÃO NA AMÉRICA LATINA**

Procuramos conhecer um pouco da história da TL e de que forma ela influenciou a Igreja Católica Romana no Brasil. Não é o nosso intuito fazer uma análise teológica desse movimento, mas conhecer alguns pensamentos que serviram e servem de base para o posicionamento teológico da Igreja latino-americana. Ainda hoje, ideologias contra e a favor repercutem na vida dos fiéis a vivência de uma fé que de um lado é conservadora/tradicionalista e do outro é progressista.

A TL surge no contexto das injustiças sociais que assolavam a América Latina no final do século XX, após o Concílio Vaticano II<sup>15</sup> e com as Conferências Latino-Americanas de Medellín<sup>16</sup> e de Puebla<sup>17</sup>, quando a Igreja toma novos rumos no mundo e no nosso continente. A partir desses eventos, o livro de Gustavo Gutiérrez<sup>18</sup> *Teologia da Libertação - perspectivas* foi considerado pelos próprios teólogos da libertação, o marco inaugural desse movimento (SILVA, 2007, p. 298). A teologia europeia não respondia aos anseios da Igreja da América

---

<sup>15</sup> O Concílio Vaticano II foi um Concílio Ecumênico da Igreja Católica de 1961 a 1965, onde líderes religiosos e teólogos da Igreja Católica Apostólica Romana discutiram e regulamentaram vários temas da Igreja. Refletiram sobre a relação da Igreja com o mundo e alguns pontos da sua doutrina, porque as mudanças pelas quais o mundo estava passando exigiam que a Igreja, em parte, adequasse a sua doutrina, que não mais atendia às necessidades dos fiéis no mundo.

<sup>16</sup> A Conferência Latino-Americana de Medellín (1968) é apontada pela TL como um dos principais “resultados” do Concílio Vaticano II. Essa conferência é vista como um estrato (ou camada) visível do Concílio pelos membros da TL. (SILVA, 2007, p. 300)

<sup>17</sup> A Terceira Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano realizou-se em Puebla de Los Angeles em 1979.

<sup>18</sup> Sacerdote dominicano e doutor em Teologia. Nasceu em Lima (Peru) no ano de 1928.

Latina, então, alguns teólogos se envolveram em movimentos de lutas contra os sistemas políticos de opressão, que começaram a surgir neste continente na década de 1960. Logo na introdução do livro de Gutierrez, encontramos a definição do que é a TL.

Não se trata de elaborar uma ideologia justificadora de posições já tomadas, nem busca febril de segurança ante os radicais questionamentos já dirigidos à fé, nem de forjar uma teologia da qual se *deduza* uma ação política. Trata-se de nos deixarmos julgar pela palavra do Senhor, de pensar a nossa fé, tornar mais pleno o nosso amor e dar razão de nossa esperança a partir de um compromisso que se quer mais radical, total e eficaz. Trata-se de retomar os grandes temas da vida cristã na radical mudança de perspectiva e dentro da nova problemática levantada por esse compromisso. Isto é, o que busca a chamada *teologia da libertação*. (GUTIERREZ, 1972, p. 9).

A TL não surgiu de uma “hora para outra” na vida da Igreja, mas é fruto de movimentos que começaram a *questionar* alguns problemas sociais de desigualdade. Não era uma ideologia justificada pelas lutas por justiça social, mas um compromisso radical as problemáticas sociais. Afinal, “falar em TL é buscar resposta para a pergunta: que relação existe entre a salvação e o processo histórico de libertação do homem?” (GUTIERREZ, 1972, p. 49). A TL mostra que o homem conquista sua liberdade ao longo da existência e da história, e tem a Bíblia apresentando-nos a libertação – salvação – em Cristo como dom total, que dá seu sentido profundo a todo processo de libertação, contemplando todas as dimensões do homem com os demais e com o Senhor (GUTIERREZ, 1972, p. 10). Dessa forma, justiça social e fé caminhavam juntas no processo de libertação do homem, porque um Deus longe do povo, das necessidades básicas materiais, não condizia com as práticas da Igreja.

Os teólogos da libertação viam no processo de colonização, um projeto de exploração e opressão, sendo o papel da Igreja fazer uma reflexão teológica de engajamento e luta pela libertação do povo oprimido. Gutierrez (1972, p. 51) justifica a ideologia da TL dizendo que foram, sobretudo, as grandes revoluções sociais, francesa e russa, grande padrão do processo de fomentação revolucionária que delas se deduz, que arrancaram as decisões políticas das mãos da elite. E argumenta que o fenômeno da *politização* crescente na América Latina é uma das manifestações desse complexo processo e de luta pela libertação das classes oprimidas neste subcontinente, sendo responsabilidade política de todos. De acordo com o autor, a razão humana tornou-se razão política, pois, para a consciência histórica contemporânea, a construção da consciência política abrange e condiciona severamente todo o labor humano. A participação no processo de libertação é o lugar do exercício de uma liberdade crítica que se conquista ao longo da história.

O engajamento na luta pela libertação perpassa toda história humana e nesse processo é necessário perceber que:

Nesse sentido e nunca noutra é que surge o homem como ser livre e responsável, como um homem em relação com outros homens, como alguém que assume uma tarefa na história. As próprias relações pessoais adquirem cada vez maior dimensão política. Os homens entram em contato entre si através da mediação do político. (GUTIERREZ, 1972, p. 51).

Nessa perspectiva, o homem é um ser livre e responsável pelo outro e é nessa relação que ele assume seu papel de lutas contra as injustiças sociais na história. Mas para se chegar a concepção de Teologia da Libertação das injustiças sociais, refletimos sobre o percurso dessa ciência ao longo da história da humanidade. Gutierrez (1972) nos apresenta as tarefas clássicas da Teologia ao longo dos tempos: a *Teologia como Sabedoria*, dos primeiros séculos da Igreja, com categorias platônicas e neoplatônicas, uma filosofia de vida metafísica, em que um mundo transcendente estava acima de tudo, pois o homem provinha dele e retornava a ele. E a *Teologia como saber racional*, a partir do século XII, que teve como seus maiores expoentes Alberto Magno e Tomás de Aquino. Eles usam as categorias aristotélicas para dar uma nova visão à Teologia, considerada como disciplina intelectual, fruto do encontro entre fé e razão, que auxilia no magistério eclesiástico a definir, expor, explicar as verdades reveladas e combater as falsas doutrinas (GUTIERREZ, 1972, p. 16 - 17).

Esse percurso histórico da Teologia foi importante para que o homem redescobrisse a caridade como centro da vida cristã (GUTIERREZ, 1972, p. 19), pois o amor é o sustentáculo e a plenitude da fé. Não um amor transcendental, mas um amor que se manifestasse no bem-estar comum como reflexo do Evangelho. Nessa perspectiva, a inteligência da fé aparece como um compromisso de uma atitude global, de uma posição diante da vida. Uma visão antropocêntrica cristã do homem, que passa a abrir os horizontes de uma reflexão teológica, em que ele passa a “revalorizar” sua presença no mundo e a sua relação com os outros homens. Deus não era deixado de lado, ao contrário, a fé implicava trazer o homem para o compromisso social.

A palavra de Deus nos convoca a encarnar-se na comunidade de fé que se entrega ao serviço de todos os homens. O Concílio Vaticano II reafirmou com veemência a ideia de uma Igreja de serviço e não de poder, que não está centrada em si mesma e só se encontra quando se perde, quando vive as alegrias e esperanças, as tristezas e as angústias dos homens de nosso tempo (GS 1)<sup>19</sup>, tudo isso dá um novo enfoque para

---

<sup>19</sup> Gaudium et Spes (GS) é um dos documentos do Concílio Vaticano II, uma constituição pastoral sobre a igreja no mundo atual. No próêmio da GS encontramos “As alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos

que se veja a presença e atuação da Igreja no mundo no ponto de partida de uma visão teológica. (GUTIERREZ, 1972, p. 20).

O Concílio Vaticano II impulsionou os movimentos sociais da Igreja latino-americana e também justificou uma maneira de *ser-Igreja* de encontro com os mais pobres, contrária a uma instituição autoritária e que enxergava Deus somente dentro de seus templos. Era necessária uma Igreja mais comprometida com as questões sociais e esse era o momento do despertar da Igreja para realidade dos pobres e dos oprimidos. Não havia espaço para aqueles que desejavam que a Igreja continuasse sua “caminhada espiritual” sem se envolver com problemas políticos e sociais. Ser cristão implicava o engajamento na luta radical pelas questões sociais. Nessa linha de pensamento teológico, dentre os grandes nomes representantes da TL, ao lado de Gutierrez, aparece Leonardo Boff<sup>20</sup>, que diz o seguinte:

Fé cristã significa que Deus mesmo se fez história e se chamou Jesus Cristo. Jesus Cristo não ensinou apenas verdades. Caminhou uma senda na qual a totalidade da vida em suas positivities e em suas negatividades como uma vida vivida, suportada e assumida diante de Deus e sempre a partir de Deus. Deus não era encontrado apenas no templo; nem morava exclusivamente nos céus. Mas se auto-doava e se fazia presente em cada homem, anunciava Sua palavra, em cada situação concreta e se revela como Deus pro-vocativo, isto é, que convoca sempre para frente e para uma permanente abertura acolhedora de Sua parusia. Fé assim exige desinstalação e vivência de situação de êxodo. É no amanhã e futuro da nossa vida que ele quer armar a sua tenda. Fé cristã nesse sentido é muito mais um modo de viver e de comportar-se face à totalidade das manifestações do mundo do que a adesão a um conteúdo fixo e fixável de verdades proferidas dentro de coordenadas linguísticas que são e serão sempre vinculadas a uma determinada visão do mundo. (BOFF, 1980, p. 59)

Com essa visão de Igreja, Boff é um grande representante da TL e, para ele, além das “verdades” que a Igreja pregava, era preciso o compromisso com as causas sociais. Deus provoca o homem a anunciar a Sua palavra em todas as situações da vida, já que Ele não admite injustiças com o Seu povo (BOFF, 1980, p. 59).

A TL está pautada em dois fundamentos bíblicos: no livro de Êxodo, no qual é relatado o sofrimento do povo de Deus no Egito mediante um sistema escravocrata, que, depois de mais de quatrocentos anos, consegue a libertação por meio da liderança religiosa de Moisés. O segundo fundamento está na própria vida de Cristo, cuja tarefa foi libertar o ser humano do seu

---

homens de hoje, sobretudo dos pobres e de todos aqueles que sofrem, são também as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos discípulos de Cristo; e não há realidade alguma verdadeiramente humana que não encontre eco no seu coração”. Como a TL surge no período depois do Concílio Vaticano II, esse foi um dos seus documentos inspiradores.

<sup>20</sup> Leonardo Boff é doutor em Teologia e Filosofia. Nasceu em Santa Catarina em dezembro de 1938. Ingressou na ordem dos franciscanos em 1959, vindo a renunciar em 1992 após forte pressão do Vaticano na época do Pontificado de João Paulo II e da gestão de Joseph Ratzinger (Papa emérito Bento XVI) à frente da Congregação para a Doutrina da Fé (antigo Tribunal da Santa Inquisição).

estado de sofrimento, introduzindo o reino de Deus aqui na terra. Com sua vida, Ele devolveu dignidade aos mais pobres e excluídos da sociedade de sua época. Nessa perspectiva, a Igreja assume o compromisso de luta em favor do povo explorado, partindo da sua história real, se desinstalando do seu comodismo para reafirmar sua missão.

Como a TL é resultado do processo histórico, político, social e econômico na América Latina, ela foi essencial nos combates contra regimes militares que imperavam neste continente. Nesses combates, podemos citar algumas relações do mundo sociopolítico com o eclesial, mas um fato nos chama atenção e é o bastante para explicitar essa relação, é o da Revolução Nicaraguense<sup>21</sup>, que nos dá o exemplo de como a TL foi relevante no combate de regimes militares autoritários. Libanio (1987, p. 16) diz que:

O desencadear, a luta, a vitória e a implantação da Revolução Nicaraguense referem-se a ela, ora por meio dos seus protagonistas, ora por meio dos seus adversários, ainda que com objetivos e interesses ideológicos opostos. Para muitos dos envolvidos no processo nicaraguense, que eram cristãos e se mantiveram cristãos, a TL significou alimento da fé, motivação da esperança e criteriologia evangélica para a prática. Os adversários no interior da Nicarágua ou inimigos da revolução de qualquer quadrante, sobretudo aqueles que estão influenciados pela campanha difamatória orquestrada pela administração de Reagan<sup>22</sup>, reconhecem também a relevância da TL. Mas, no caso, ela significa o veículo enganador e camuflado do marxismo e comunismo internacional para infiltrar-se no seio da Igreja. (LIBANIO, 1987, p. 16)

A TL influenciou evidentemente vários movimentos sociais na América Latina, mas não cabe a nós comentarmos todos esses fatos. O exemplo da Revolução Nicaraguense mostra que os cristãos eram movidos por essa teologia motivadora da esperança nas práticas de lutas sociais com critérios evangélicos. Naquele momento histórico, já havia uma orquestração de uma nova política internacional americana com a elaboração de uma teologia justificadora do capitalismo

<sup>21</sup> Segundo Pereira e Mathias (2017, p. 1), a Revolução Nicaraguense (1979 – 1990) foi uma ofensiva revolucionária, que culminou com a derrubada da ditadura dos Somoza e deu início à Revolução Sandinista – ou Nicaraguense –, um peculiar processo de insurreição popular que, através da luta armada, derrubou a ditadura da família Somoza e reconstruiu um país em ruínas, configurando a tentativa de consolidação de uma hegemonia alternativa, portanto, um processo que visou produzir para além de transformações de ordem política, uma nova concepção de mundo. Silva (2005, p. 1) diz que o caso da Revolução Sandinista da Nicarágua, de 1979, pareceu-me o mais emblemático desses processos [processos de lutas sociais na América Latina]; pela grande participação dos padres da chamada Igreja popular. [...] Houve uma evolução do pensamento católico na América Latina e as relações entre a Igreja e o Estado na Nicarágua nos anos que antecederam à Revolução e durante o governo revolucionário; o papel dos padres progressistas foi determinante na formação ideológica do novo regime e na polarização da Igreja naquele país.

<sup>22</sup> Ronald Reagan foi presidente dos Estados Unidos (1981 – 1989). Em Libanio (1987, p. 16 – 17) encontramos: Outro sinal da presença da TL são algumas diretivas da política internacional da administração Reagan. O documento “Uma nova política interamericana para os anos 80”, elaborado por um grupo de assessores de Ronald Reagan para o Conselho Interamericano de Segurança dos Estados Unidos, refere-se expressamente à TL nos seguintes termos: “a política exterior dos EUA deve começar a enfrentar (e não simplesmente reagir posteriormente) a teologia da Libertação, tal como é utilizada na América Latina pelo clero da ‘teologia da libertação’”.

e que combatesse a TL. Segundo Libanio (1987, p. 17), a TL estava envolvida nas lutas sociais na Rússia, no Chile, em Cuba e no Brasil. Isso foi o que causou certa visibilidade ao movimento no mundo com toda essa mobilização ideológica. A TL aparece como temível adversária desses governos opressores, à medida que ela adquire cidadania no interior da Igreja.

Em nível internacional, a TL simboliza e encarna todas as forças progressistas de libertação que se referem e relevam de inspiração cristã. Por isso, em relação a ela, posicionam-se contrariamente as forças que querem parar qualquer movimentação libertária de origem popular. E paradoxalmente há forças de cunho transformador e revolucionário que veem nela um adversário, ao perceber como ela desfaz os mitos antirreligiosos dos movimentos de libertação e de uma ortodoxia marxista rígida, trabalhando o caráter crítico libertador da fé cristã (LIBANIO, 1987, p. 17).

Esse caráter crítico e libertador da fé cristã causou uma imagem negativa ao movimento pelos métodos marxistas de análise da realidade. Acreditamos que ainda hoje, ao se referir à TL, sempre a relacionamos com movimentos de caráter cristão do processo de libertação dos mais fracos e oprimidos, mas também associamos a ela os termos *marxista* e *comunista*, justamente por essa ideologia libertária. A Igreja Católica foi uma grande aliada para os revolucionários da América Latina nos anos 1970, que passaram a lutar, antes de tudo, pela causa dos homens pobres, afastando-se da mentalidade mais conservadora que havia marcado a História da instituição. Sendo assim, a TL foi um fato social e eclesial, que variou de acordo com as lutas dos países latino-americanos. Na luta contra os sistemas opressores, algumas políticas internacionais agiram para combater a TL, como, por exemplo, a Revolução Nicaraguense e a política norte-americana, revelando esta união entre religião e política, para não citar as lutas em Cuba e no Chile no mesmo período.

Essa polarização vem de anos atrás e hoje só está mais acentuada por causa da popularização das mídias sociais e a instantaneidade na divulgação de informações. A ala progressista, desde o início da TL, foi atacada de comunista justamente por assumir ideais de luta pelos pobres. Se hoje presenciamos um ataque dos conservadores contra os progressistas, é medo das ações da TL no passado, que questionava os sistemas econômicos deste continente. Mesmo depois de muitas décadas, os conservadores se dizem guardiões da “verdadeira” fé. É no cenário sociopolítico brasileiro da metade do século XX, que a CNBB dá seus primeiros passos e começa a combater as injustiças sociais que assolavam o país.

### **3.2 A CRIAÇÃO DA CNBB E SUAS CAMPANHAS DA FRATERNIDADE**

A Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) foi fundada em 1952 por Dom Helder Câmara (FALLACI, 2004)<sup>23</sup>. A iniciativa contou com o apoio no Vaticano do então Monsenhor Montini (que mais tarde viria a ser o Papa Paulo VI) e com a aprovação do Papa Pio XII. Em 1952, foi aprovada a sua fundação. Ela começou dez anos antes do Concílio Vaticano II, que viria a propor que todos os países contassem com suas respectivas conferências episcopais. Assim, a Igreja Católica no Brasil se antecipou e sua “conferência” serviu de referência prática no Concílio para os bispos de todo o mundo (VALENTINI, 20--?). No Código de Direito Canônico da Igreja Católica<sup>24</sup>, do cânon 447 ao cânon 459, encontramos a constituição hierárquica da Igreja sobre as conferências episcopais. Dessa forma, essas conferências episcopais têm a permissão da Igreja de Roma para existir em colegiado em cada país, incluindo a conferência brasileira.

No site oficial da CNBB, encontramos que ela é uma instituição permanente que congrega os bispos da Igreja Católica no país. Com o exemplo dos Apóstolos, os bispos conjuntamente e nos limites do direito, exercem algumas funções pastorais para dinamizar a própria missão evangelizadora. Isso promove uma melhor vida eclesial e responde mais eficazmente aos desafios contemporâneos. Para tanto, usam formas de apostolado adequadas às circunstâncias e realizam evangelicamente seu serviço de amor, na edificação de uma sociedade justa, fraterna e solidária, a caminho do Reino definitivo. Com a missão de expressar um afeto colegial a todos os seus membros, que são todos os bispos do país, incluindo os bispos eméritos, auxiliares e que exercem qualquer ofício no território brasileiro, busca respeitar a

---

<sup>23</sup> Dom Helder Câmara (1909 - 1999) foi um bispo católico, arcebispo de Olinda e Recife de 1964 a 1985 e um dos fundadores da CNBB. Em 2017, foi declarado como Patrono Brasileiro dos Direitos Humanos, pela sua luta pelos direitos humanos durante a ditadura militar no país. Podemos citar alguns trechos de entrevista de Dom Helder Câmara à jornalista italiana Oriana Fallaci, publicada no livro “A arte da entrevista” (Boitempo), com organização de Fábio Altman, na qual ele diz diante das acusações de ser comunista: “O Papa sabe muito bem o que eu digo e o que eu faço. Quando denuncio as torturas no Brasil, o papa fica sabendo. Quando eu luto pelos prisioneiros políticos e pelos pobres, o Papa fica sabendo. Quando eu viajo ao exterior para exigir justiça, o Papa fica sabendo. Ele já conheceu minhas opiniões porque nós nos conhecemos há algum tempo, desde 1950, para ser exato, quando ele era secretário de Estado do Vaticano para Assuntos Ordinários. Não escondo nada dele, nunca escondi. E se o Papa achasse errado fazer o que faço, se ele me pedisse para parar, eu pararia. Eu sou servo da Igreja e conheço o valor do sacrifício. Mas o Papa não me diz nada disso, e se ele me chama de ‘arcebispo vermelho’ ele o faz brincando, afetuosamente, com certeza, não do modo como o fazem aqui no Brasil onde qualquer um que não seja um reacionário é chamado de comunista ou a serviço dos comunistas. A acusação não me atinge. Se eu fosse um agitador, um comunista, eu não poderia ir aos Estados Unidos e receber o título de Doutor Honoris Causa das universidades americanas”. “As torturas no Brasil, por exemplo, foram denunciadas, primeiro e principalmente, pela comissão papal que, esta sim, empenhou a autoridade do Papa. O próprio Papa então foi condenado, e sua condenação é muito mais eloquente que a de um sacerdote que não teme ninguém no Vaticano”.

<sup>24</sup> O Código de Direito Canônico contém as leis da disciplina sagrada da Igreja Católica. Nele, encontramos as leis que regem a Igreja universal ao longo dos séculos, ou seja, é um documento da Igreja Católica do mundo inteiro. Após o Concílio Vaticano II, em 25 de janeiro de 1983, a publicação do Código de Direito Canônico é revista, de acordo com os documentos do concílio.

competência e a responsabilidade de cada um deles, tanto em relação à Igreja Universal, quanto em relação à sua diocese.

A CNBB busca responder mais eficazmente aos desafios contemporâneos na promoção da vida tanto na esfera eclesial, quanto na edificação de uma sociedade justa, fraterna e solidária rumo ao reino dos céus. É preciso deixar claro que essa conferência não anula o poder particular do bispo na sua jurisdição eclesiástica, ou seja, sua diocese, pois cada um tem a liberdade para agir da maneira que acredite ser correta. Assim, a CNBB não tem poder hierárquico sobre os bispos, quem tem poder sobre eles é o Papa, que se comunica com cada um através da Nunciatura Apostólica. No Código de Direito Canônico, encontramos:

Cânon 447 — A Conferência episcopal, instituição permanente, é o agrupamento dos bispos de uma nação ou determinado território, que exercem em conjunto certas funções pastorais a favor dos fiéis do seu território, a fim de promoverem o maior bem que a Igreja oferece aos homens, sobretudo por formas e métodos de apostolado convenientemente ajustados às circunstâncias do tempo e do lugar, nos termos do direito. (CDC, cânon 447)

As conferências episcopais são sinais de comunhão entre os bispos do mesmo país e com o Papa, proposta da Igreja em documentos oficiais. Embora alguns fiéis digam que a CNBB não representa a Igreja, todos os bispos estão sujeitos ao respeito dessa determinação do Vaticano, porque aí está o colégio episcopal que, em conjunto, cria diretrizes para a Igreja local e de todo país. Ela está unida ao Papa em todas as suas decisões referentes ao caminhar da Igreja e sempre ajusta seu apostolado de acordo com as circunstâncias do tempo. Todos os passos do trabalho pastoral são decididos no colegiado episcopal, nas assembleias, que sempre propõem diretrizes para evangelização. Os bispos não podem se identificar com nenhuma ideologia política, para não transformar o cristianismo numa espécie de ONG, pois colocaria de lado a graça e a união interior com Cristo. Porém, a Igreja não pode viver entregue ao intimismo, suspeitando do compromisso social dos outros e considerando-o superficial e mundano. É certo que ela não pode nem deve tomar nas suas próprias mãos a batalha política, não pode nem deve se colocar no lugar do Estado, mas também não pode nem deve ficar à margem na luta pela justiça. Deve inserir-se nela pela via da argumentação racional e deve despertar as forças espirituais, sem as quais a justiça não poderá firmar-se nem prosperar (RIFAN, 2018).

Com esse mesmo objetivo, há mais de 50 anos, Dom Helder se antecipou e sentiu a necessidade de uma conferência nacional dos bispos, que ouvisse o clamor dos pobres e oprimidos. Mesmo que não seja nossa pretensão transmitir uma biografia dele, uma breve exposição é essencial para que possamos compreender os comentários, objeto de nossas

análises, já que Dom Helder é citado como bispo “vermelho”, “comunista”, porque sua vida marcou o rumo da Igreja no Brasil na luta contra o governo militar. Quando lembramos o contexto sócio-político brasileiro de criação da CNBB e a reação de Dom Helder com alguns bispos no início dessa instituição, compreendemos melhor que as vozes que ecoam ainda hoje contra alguns bispos brasileiros são vozes que desde o início da instituição são adversárias. Segundo Snard (1999, p. 97), “O episcopado brasileiro tinha do tempo da colônia e do império uma tradição de isolamento: cada bispo em sua diocese, muitas vezes sem saber o que os demais pensavam ou faziam”.

O contexto para afirmação de uma Igreja com características brasileiras foi uma motivação para Dom Helder criar a CNBB. Era o nascimento de uma pastoral coletiva na Igreja do Brasil que não era separada de Roma, mas que olhava para as necessidades do país. Em Roma, Dom Helder e seu amigo Monsenhor Montini conseguiram autorização para criação da CNBB. “O próprio nome “conferência” indica que não se tratava de uma instância superior aos bispos, mas uma associação dos mesmos para um fim comum” (SNARD, 1999, p. 99). O secretário-geral, responsável pelas principais articulações da instituição era Dom Helder e, em 1962, criavam-se as regionais, já que o Brasil era grande demais com diferenças notáveis entre as várias regiões.

Depois de um período no Rio de Janeiro, o Papa Paulo VI nomeia Dom Helder para a Arquidiocese de Olinda e Recife e, em 12 de abril 1964, ele toma posse como Arcebispo, 12 dias antes do golpe militar no Brasil. Com sua pobreza secular, Recife, uma das mais importantes capitais do país, torna-se palco de lutas, enfrentamentos, prisões arbitrárias, repressões e mortes, o que fez da capital pernambucana um ambiente desafiador para o trabalho pastoral de Dom Helder. Como ele era secretário-geral da CNBB, deu grande visibilidade à Igreja Católica no Nordeste e, sem dúvidas, foi sinônimo de resistência e lutas pelos direitos humanos (PINHEIRO, 1999, p. 78). Sobre os enfrentamentos da cúpula da Igreja Católica contra o governo militar do Brasil, uma reportagem da *Globo News*, em junho de 2018, revela relatórios da CIA que citam essa tensão durante a ditadura no Brasil. A Agência de Inteligência dos EUA revela que o governo dos Estados Unidos acompanhou durante quase duas décadas a tensa relação entre a ditadura militar brasileira e a cúpula da Igreja Católica no país (CAMAROTTI; CARNEIRO, 2018).

Ainda de acordo com a reportagem, a Igreja Católica foi a principal adversária do regime militar. Esses relatórios também destacam a atuação especial de alguns bispos influentes e além de Dom Helder Câmara, aparecem os cardeais: Dom Paulo Evaristo Arns e Dom Aloisio Lorscheider, que denunciavam torturas e violações aos direitos humanos do regime militar.

Essa informação é confirmada num relatório secreto do Itamaraty, do início dos anos 70, que foi revelado pela Comissão Nacional da Verdade, instituída no ano de 2011, para investigar as violações de direitos humanos ocorridas entre 1946 a 1988. A Igreja não pode tomar decisões de cunho político, mas não pode calar-se em tempos de opressão. Como vimos, alguns bispos exerceram seu ministério em uma ditadura militar no Brasil e não se intimidaram em lutar pelos perseguidos.

Em 1986, o Papa João Paulo II escreveu uma carta aos bispos da CNBB, após o encontro de um grupo representativo do episcopado brasileiro com ele e com os seus colaboradores na Cúria Romana, na qual ele relata que esse encontro foi um exercício altamente expressivo de autêntica colegialidade afetiva e efetiva. Podemos destacar alguns pontos desse encontro, no qual os bispos apresentam um relatório sobre o estado pastoral das suas dioceses e ouvem a apreciação e os conselhos do Papa sobre elas.

A caridade fraterna que nela reinou, unida à busca incessante da verdade, inspirou um diálogo não superficial, mas profundo e coerente, diálogo que desejou ser, o tempo todo, instrumento daquela comunhão que, desde os primórdios da Igreja e ao longo de toda a sua história, mas de modo especial nos documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II, aparece como elemento essencial na mesma Igreja de Jesus Cristo. (JOÃO PAULO II, 1986)

Diante das muitas denúncias que o Vaticano estava recebendo dos bispos brasileiros envolvidos na luta contra a ditadura, o Papa João Paulo II reconhece a missão da CNBB e reafirma a comunhão com o bispo de Roma, já que todo trabalho pastoral está pautado no que ficou decidido no Concílio. O Papa ainda afirma que a Igreja deve ocupar-se de questões sociais e garantir que os homens vivam com dignidade desde o nascimento até à morte. É função dos pastores iluminar a busca de soluções para problemas sociais e políticos à luz da fé; uma práxis no campo sociopolítico deve manter-se em indefectível coerência com o ensinamento constante do Magistério da Igreja e continua dizendo que:

Outros desafios são de natureza cultural, sócio-política ou econômica e se revelam particularmente interpeladores e estimulantes no momento histórico que o País está vivendo. É, globalmente falando, o desafio do contraste entre dois Brasis: um, altamente desenvolvido, pujante, lançado rumo ao progresso e à opulência; outro, que se reflete em desmesuradas zonas de pobreza, de doença, de analfabetismo, de marginalização. Ora, este contraste penaliza com seus tremendos desequilíbrios e desigualdades grandes massas populares condenadas a toda sorte de misérias. (JOÃO PAULO II, 1986.)

A Igreja em Roma tem consciência dos problemas sociais pelos quais o Brasil estava passando, conhece os desafios político-sociais e o contraste de status da sua população. A Igreja

tem a missão de estar sempre atenta às necessidades que o país apresenta, já que ele é heterogêneo e constante no contraste de desigualdades. Um fato que nos chama atenção é o posicionamento de João Paulo II em relação à TL, depois de se encontrar com os bispos brasileiros, diz o seguinte:

Na medida em que se empenha por encontrar aquelas respostas justas – penetradas de compreensão para com a rica experiência da Igreja neste País, tão eficazes e construtivas quanto possível e, ao mesmo tempo, consonantes e coerentes com os ensinamentos do Evangelho, da Tradição viva e do perene Magistério da Igreja – estamos convencidos, nós e os Senhores, de que a *teologia da libertação é não só oportuna, mas útil e necessária*. Ela deve constituir uma nova etapa – em estreita conexão com as anteriores – daquela reflexão teológica iniciada com a Tradição apostólica e continuada com os grandes Padres e Doutores, com o Magistério ordinário e extraordinário e, na época mais recente, com o rico patrimônio da Doutrina Social da Igreja, expressa em documentos que vão da *Rerum Novarum à Laborem Exercens*. (JOÃO PAULO II, 1986)

Mais adiante falaremos das reações que a TL causou no interior da Igreja, porém é importante o reconhecimento do Papa em relação à TL e diz que ela é “útil” e “necessária” no país. Diante do contexto social que o Brasil estava vivendo, era uma experiência rica e coerente com os ensinamentos do Evangelho e ele faz uma retomada da Tradição Apostólica, passando pelos Padres e Doutores da Igreja até o momento atual. Essa postura de João Paulo II mostra a condenação da TL em alguns aspectos, mas isso não quer dizer que o movimento foi aceito pela Igreja de Roma, ele foi duramente combatido por ele próprio sem nenhuma piedade e pelas autoridades da Cúria Romana. Desse embate entre Roma e TL é que hoje muitos fiéis não aceitam a CNBB, nem seus pronunciamentos e nem suas campanhas, taxadas de comunistas e hereges. Como as Campanhas da Fraternidade (CF) que são realizadas todo ano no período da Quaresma, acrescentam a esse tempo litúrgico práticas sociais, causando desconforto aos conservadores que não aceitam as reflexões propostas.

A CF é uma campanha realizada anualmente pela Igreja Católica do Brasil, sempre no período da Quaresma. Vale destacar que ela acontece somente no Brasil e em nenhum outro lugar do mundo. Seu objetivo é despertar a solidariedade dos seus fiéis e da sociedade em relação a um problema concreto que envolve a sociedade brasileira, buscando caminhos de solução. A cada ano é vivenciado um tema que aborda uma problemática social e as orações, Via-Sacra, celebrações, músicas e estudos bíblicos são elaborados de acordo com a temática da campanha. Com isso, a Igreja Católica no Brasil busca uma conscientização dos fiéis frente à sociedade no período quaresmal.

A CNBB sentiu a necessidade de trabalhar temas relacionados aos problemas sociais, porque a Quaresma é um tempo de jejum, de penitência, de oração e de conversão, no caso,

uma conversão voltada para a vida em fraternidade, com base na justiça e no amor que são exigências centrais do Evangelho. Pensando nisso, os fiéis assumem a responsabilidade de promover justiça e igualdade social em todos os aspectos da vida. Outro motivo de ataque à CF é que, no Domingo de Ramos, início da Semana Santa, sempre é realizada a coleta da solidariedade, na qual é arrecadado dinheiro em toda a Igreja do Brasil. Segundo o site *Catequese Católica*, o dinheiro arrecadado tem o seguinte destino: 45% para a própria paróquia aplicar em programas de promoção humana; 35% para a Diocese aplicar na mesma finalidade; 10% para a CNBB Regional e 10% para a CNBB Nacional. Então, conservadores aproveitam o destino desse dinheiro, para dizer que ele vai ser aplicado em ONGs e movimentos contrários à doutrina católica, já que são campanhas envolvidas com questões sociais.

No site da CNBB encontramos que o embrião da CF foi a experiência de três padres de Natal, no Rio Grande do Norte, no ano de 1961. Eles planejaram uma campanha para arrecadar recursos com a finalidade de financiar as atividades assistenciais promovidas por aquela instituição religiosa. No ano seguinte, foi realizada pela primeira vez a CF naquela cidade e, devido ao bom êxito da experiência, no ano seguinte, 16 dioceses do Nordeste também realizaram a campanha em suas comunidades. Mas foi durante o Concílio Vaticano II que os bispos estruturaram a CF para que ela fosse vivenciada em todo país. O site oficial da CNBB diz que a CF desperta a solidariedade, a consciência e ação social desde a sua primeira ação, em 1962, até os dias de hoje e que ela é uma ação ampla de evangelização realizada anualmente no tempo da Quaresma. O principal objetivo é despertar a solidariedade dos cristãos e da sociedade a respeito de um problema real que atinge a sociedade brasileira, buscando caminhos e soluções para enfrentar e solucionar tais problemas.

Assim, muito além de um suposto envolvimento em ideologias políticas, a CNBB busca que o fiel católico vá muito além de exercícios espirituais quaresmais, ou seja, vá além de uma oração transcendental e vincule fé e prática social, desperte a solidariedade para com aqueles que mais precisam de justiça social, pois são impossibilitados de lutar pelos seus direitos. Com a permissão do Vaticano, a CNBB congrega todos os bispos do Brasil e busca vivenciar principalmente nas suas campanhas, além das orações exigidas pela Quaresma ou outro tempo litúrgico, o compromisso de conscientização social e política diante de problemas que assolam o país.

### **3.3 O VATICANO CONTRA ALGUNS ASPECTOS DA TEOLOGIA DA LIBERTAÇÃO**

No fervor do movimento, nas décadas de 1960 a 1980, os teólogos da TL são alvos de censura da Santa Sé e são condenados. Essas polêmicas acontecem no pontificado de João Paulo II, com a Congregação para a Doutrina da Fé<sup>25</sup>, cujo prefeito era o cardeal Joseph Ratzinger, que posteriormente se torna Papa Bento XVI. Segundo Santos (2007, p. 299), nessa época, os movimentos conservadores ganham grande força para atuar na vida da Igreja e desqualificar a TL. Ele ainda afirma que, na verdade, a reforma proposta pelo Vaticano II, nestes últimos 50 anos, foi interpretada de forma diferente pelos dois grandes grupos da Igreja Católica: os progressistas e os conservadores. Para os defensores de uma Igreja mais ligada às questões sociais, o Concílio foi visto como o despertar da Igreja para realidade dos pobres e dos oprimidos. Mas, para aqueles que desejavam que a igreja continuasse sua “caminhada espiritual”, sem se envolver com problemas políticos e/ou ideológicos, as reformas do Vaticano II não serviram muito, pois queriam um catolicismo místico, voltado para conversão pessoal.

Para entendermos os mais de cinquenta anos de desavenças entre a TL e o Vaticano, precisamos conhecer como os conservadores da Igreja Católica reagiram a esse momento. O Cardeal Ratzinger é o símbolo do movimento conservador na Igreja e, embora exista um grande movimento contra a TL, devemos deixar claro que existem várias correntes dentro desse movimento. Na instrução da Congregação para a Doutrina da Fé, *Instrução sobre alguns aspectos da Teologia da Libertação* (RATZINGER, 1984), são reconhecidos os benefícios que a TL trouxe para o catolicismo, porém condena-se a sua base marxista de análise da realidade. Ratzinger (1984) chama a atenção dos pastores e teólogos da libertação, bem como dos fiéis adeptos desse pensamento para os desvios e a possibilidades de surgimento deles que são prejudiciais à vida cristã. Há certas formas de TL que usam a religião para defender ideologias políticas, reduzindo a libertação anunciada pelo catolicismo a uma simples libertação social, assumindo uma corrente de pensamento marxista. O Vaticano condena o pensamento marxista que existe nesse movimento, porém reafirma o compromisso que a instituição tem que ter preferencialmente com os pobres.

Esta advertência não deve, de modo algum, ser interpretada como uma desaprovação de todos aqueles que querem responder generosamente e com autêntico espírito

---

<sup>25</sup> A Congregação para Doutrina da Fé da Igreja Católica Romana surge no século XVI com o objetivo de combater as heresias contra a Igreja. O atual prefeito da congregação, o Cardeal Gerhard L. Müller, diz que a congregação tem a “finalidad de facilitar el gobierno de la Iglesia: vigilar que la leyes emanadas fueran observadas, favorecer iniciativas para realizar los fines propios de la Iglesia y resolver las controversias que pudiesen surgir de cuando en cuando. En este contexto surge la Congregación para la doctrina de la fe”. Ou seja, a Congregação investiga determinadas questões e se essas estiverem contra a doutrina da Igreja recebem as punições cabíveis. É um órgão do Vaticano que ajuda no governo da Igreja Católica. Na página oficial do Vaticano, na sessão sobre a Congregação, vamos encontrar que ela é a evolução do Santo Ofício, órgão do Vaticano responsável pela Inquisição.

evangélico à *opção preferencial pelos pobres*. Nem pode, de maneira alguma, servir de pretexto para aqueles que se refugiam numa atitude de neutralidade e de indiferença diante dos trágicos e urgentes problemas da miséria e da injustiça. Pelo contrário, é ditada pela certeza de que os graves desvios ideológicos que ela aponta levam inevitavelmente a trair a causa dos pobres. Mais do que nunca, convém que grande número de cristãos, com uma fé esclarecida e decididos a viver a vida cristã na sua totalidade, se empenhem, por amor a seus irmãos deserdados, oprimidos ou perseguidos, na luta pela justiça, pela liberdade e pela dignidade humana. Hoje mais do que nunca, a Igreja propõe-se condenar os abusos, as injustiças e os atentados à liberdade, onde quer que eles aconteçam e quaisquer que sejam seus autores, e lutar, com os seus próprios meios, pela defesa e promoção dos direitos do homem, especialmente na pessoa dos pobres. (RATZINGER, 1984).

O Vaticano adverte os teólogos da libertação para que não cometam graves desvios ideológicos e nem se acomodem diante dos graves problemas de misérias. Pois, a Igreja tem um autêntico espírito evangélico, faz opção preferencial pelos pobres e condena todo tipo de injustiça social. Escolhemos justamente essa instrução do Cardeal Ratzinger, para mostrar o posicionamento oficial da Igreja sobre a TL nos anos de sua efervescência. A luta preferencial pelos pobres não pode servir de pretexto para um desvio ideológico de apoio aos interesses políticos. A libertação de natureza prevalentemente ou exclusivamente política tinha que ser acompanhada da libertação do homem para sua redenção. O prefeito da Congregação para a Fé reconhecia o contexto de opressão e marginalização ao qual a Igreja na América Latina estava submetida e era conhecedor dos malefícios que os dirigentes políticos latino-americanos traziam para o povo.

O abuso do poder por parte de certos dirigentes, as manobras selvagens de um certo capital estrangeiro, constituem outros tantos fatores que alimentam um violento sentimento de revolta junto àqueles que, deste modo, se consideram vítimas impotentes de um novo colonialismo de cunho tecnológico, financeiro, monetário ou econômico. A tomada de consciência das injustiças é acompanhada por *un pathos* que pede muitas vezes emprestado ao marxismo seu discurso, apresentado abusivamente como sendo um discurso *científico*. (RATZINGER, 1984).

O erro da TL, segundo Ratzinger, foi fazer uma análise científica da realidade com base no marxismo e, mesmo diante da realidade de abuso de poder, a teologia não podia atender ao interesse de classes. Ela não poderia propor uma revolução, pois, dessa maneira, seria uma “teologia de classes”, com um discurso que era a favor dos pobres, mas excluía as outras classes, como se todas as outras fossem opressoras. Então, os teólogos da libertação afirmavam que uma classe oprimida deveria ser revolucionária. Esta era a única verdade que servia de critério teológico. Um exemplo disso é o episódio do êxodo bíblico, que serve de base para a TL, que não poderia operar como uma inversão dos símbolos. Assim, em lugar de ver no Êxodo, uma

figura do batismo, como São Paulo enxerga, se tenderá ao extremo de fazer deste um símbolo da libertação política do povo (RATZINGER, 1984).

Não pretendemos fazer uma hermenêutica dos textos da TL e muito menos das cartas reacionárias do Vaticano naquela época, até porque este trabalho não é de cunho teológico, mas uma breve explanação para percebermos como vozes pejorativas ressoam nos discursos de tradicionalistas contra os bispos, sacerdotes e fiéis, engajados com questões sociais. A Igreja não pode reduzir a sua realidade espiritual a uma realidade analisada puramente pelo viés sociológico.

A luta de classes como caminho para uma sociedade sem classes é um mito que impede as reformas e agrava a miséria e as injustiças. Aqueles que se deixam fascinar por este mito deveriam refletir sobre as experiências históricas amargas às quais ele conduziu. Compreenderiam então que não se trata, de modo algum, de abandonar uma via eficaz de luta em prol dos pobres em troca de um ideal desprovido de efeito. Trata-se, pelo contrário, de libertar-se de uma miragem para se apoiar no Evangelho e na sua força de realização. (RATZINGER, 1984).

As lutas propostas com bases marxistas agravam a miséria humana, na visão do Vaticano, e não fazem com que o homem reflita sobre sua condição de cristão comprometido com o reino de Deus e com a justiça social. Segundo a carta encíclica *Divinis Redemptoris* (1937) do papa Pio XI, que dá o posicionamento da Igreja a respeito do comunismo, não se trata de abandonar a luta pelos pobres e desfavorecidos, mas trocar a ideologia marxista pela verdadeira libertação proposta pelo Evangelho de Cristo. Os exemplos que a história trazia com o marxismo, comunismo e socialismo eram deploráveis e as práticas dessas ideologias eram condenadas pela Igreja Católica. Como vimos, esse movimento foi combatido ferozmente, na época, pelo Papa João Paulo II e com o seu braço direito, o Cardeal Joseph Ratzinger (LOPES, 2017). É importante considerar que João Paulo II foi o papa responsável pela Igreja durante 26 anos e responsável para pôr em prática as decisões do Concílio.

Mesmo o Vaticano tendo instruído sobre algumas ações da TL na década de 1980, o pontificado de João Paulo II foi marcado por punições, medo e até terror no interior da Igreja, dirigidos contra bispos, padres, freiras e leigos ligados à TL ou simplesmente adeptos do Concílio Vaticano II. O objetivo era liquidar a TL, o espírito da primavera do Concílio Vaticano II e restaurar “a grande disciplina”. João Paulo II assumiu o compromisso e acabar com o socialismo que assolava sua terra natal, a Polônia, e reagiu contra todo e qualquer movimento com ideais socialistas no restante do mundo (LOPES, 2017, p. 1). O que nos leva a um fato já citado nesse texto no item 3.2: em 2018, o portal de notícias da Rede Globo de Comunicações, o G1, divulgou documentos da CIA em que eles investigavam a tensão entre a liderança da

Igreja Católica no Brasil e o governo militar na época da ditadura. Lopes (2017, p. 1) já havia apontado, em uma reportagem do ano anterior, o envolvimento da CIA na esfera religiosa na época de João Paulo II.

Pode parecer inacreditável, mas João Paulo II recebeu agentes da CIA mais de 15 vezes no Vaticano para troca de informações, inicialmente sobre o Leste Europeu e particularmente sobre a Polônia. Mais tarde, com a decisão do Papa de combater sem tréguas a Teologia da Libertação na América Latina, o Vaticano passou a se utilizar dos informes da CIA sobre leigos e clérigos católicos que se opunham aos regimes ditatoriais e defendiam os pobres na região. (LOPES, 2017, p.1)

Esse fato é o suficiente para percebermos a relação atual entre as autoridades religiosas católicas e as autoridades civis, que sempre existiu. São inúmeros exemplos ao longo da história do cristianismo de alianças com o governo civil. Se *hoje* há polêmica sobre o envolvimento da Igreja em causas sociais, é reflexo de anos de lutas contra injustiças e que *hoje* só está mais exposta por causa da rapidez das informações. Estamos vivendo outra realidade na Igreja. Lopes (2017) cita em seu artigo que o arcebispo de El Salvador, que foi um grande representante da TL neste continente, sofreu perseguição vaticana, uma virulenta campanha de difamação a Dom Oscar Romero, assassinado pelos militares enquanto celebrava missa em San Salvador, em 24 de março de 1980. Nem o seu assassinato foi suficiente para um apoio do Vaticano. Segundo Kirchgassner e Watts (2015) em uma entrevista traduzida por Claudia Sbardelotto, para a Revista IHU On-line, quase 50 anos depois, o Papa Francisco aproxima a Igreja Católica dos teólogos da libertação e canoniza Dom Oscar Romero como mártir da Igreja.

Retornando ao pontificado de João Paulo II, no Brasil, os principais líderes do episcopado foram atacados, como dom Helder Câmara, dom Paulo Evaristo Arns, dom Pedro Casaldáliga, dom Ivo Lorscheiter, entre outros. A CNBB foi manietada. As brutais punições a frei Leonardo Boff foram escolhidas como símbolo, para atemorizar quem ousasse afrontar a restauração romana (LOPES, 2017, p.1).

Segundo Libanio (1999, p. 137-138), a relação da TL com a Igreja de Romana nunca foi tranquila, os problemas teóricos e práticos acentuaram a tensão entre a utopia de uma sociedade mais justa e a escatologia cristã. Há um embate no plano sociopolítico com a clássica problemática teológica do natural e sobrenatural. Para ele, as utopias brotam na história humana como modelo ideal que os seres humanos querem criar. Todos os homens buscam uma vida digna e plena de felicidade. Porém, na história do cristianismo, as virtudes para atingir a perfeição cristã despertam energias sadias de compromisso, de luta, de heroísmo.

O ideal do *ser-cristão* exige uma humanidade que une o reino de Deus e a vida material digna, não se pode ter uma alienação diante das causas sociais. Só uma consciência que concebe o transcendente e a realidade imediata combate as mais variadas violências e totalitarismos. A TL viu-se às voltas com o problema, que, de um lado, tinha a teologia com as coordenadas fundamentais da realidade do pecado e, do outro, a impossibilidade de realização plena do Reino na terra, que tem uma dimensão essencialmente escatológica. Em razão de sua própria natureza, a teologia afirma essa dupla realidade. (LIBANIO, 1999, p. 137 – 138). O homem tem a necessidade de viver livre, a Igreja na América Latina viu esse anseio do povo pobre, que vivia às margens da sociedade e sem nenhuma atenção por parte dos governantes. Isso foi um dos motivos para a formação da TL e para que ela ganhasse força para tratar dos problemas sociais.

A Igreja sempre teve compromisso com o clamor do seu povo, talvez seja por isso que ela seja tão perseguida na atualidade quando se manifesta contra regimes políticos totalitários. Dom Helder Câmara dizia: “Quando dou comida aos pobres, me chamam de santo. Quando pergunto por que eles são pobres, chamam-me de comunista”. Esse pensamento esteve presente na vida desse bispo, que não se calou diante das injustiças e mostrou que é essencial para a Igreja anunciar o Evangelho, mas também lutar por justiça social. A Igreja na América Latina ergueu a voz e defendeu o injustiçado e, até o momento, a TL era a resposta mais prática da Igreja Católica ao olhar para a maioria desprezada da América Latina na sua necessidade social, político e econômica imediata.

### **3.4 OS MOVIMENTOS SOCIAIS DA IGREJA CATÓLICA E OS PARTIDOS DE ESQUERDA NO BRASIL**

A história política do Brasil se entrelaça com as ações da Igreja Católica. De modo particular, abordaremos a relação dos movimentos sociais da Igreja Católica com os partidos de esquerda da metade do século XX aos dias atuais. Pois, como discutimos um pouco do contexto da TL na América Latina e criação da CNBB no país, faremos uma breve retomada da relação religiosa e política. Para um entendimento do nosso corpus, precisamos entender por qual motivo o vídeo-documentário e os seus comentários, em alguns momentos, abordam que o PT é fruto da TL e denunciam a infiltração dos “esquerdistas” na cúpula da Igreja Católica no Brasil.

Mas em que momento da história do Brasil houve engajamento da Igreja Católica com questões sociais? No tópico 3.2 sobre a criação da CNBB e a gênese de suas Campanhas da

Fraternidade, vimos que, desde os anos 1960, a Igreja sentiu a necessidade de justiça social, de lutar pelos mais pobres e oprimidos no Brasil. Essa luta surge com os padres da TL, de uma visão mais progressista de Igreja. Não bastavam somente as celebrações dentro de seus templos, mas o compromisso social da TL, principalmente, no auge do Concílio Vaticano II, no nosso continente e no Brasil.

No contexto das mudanças propostas pelo Concílio Vaticano II e da ação pastoral da TL, já discutidas neste trabalho, “a Igreja tenta integrar-se, cada vez mais, à sociedade civil e aos movimentos sociais” (AZEVEDO, 2004, p. 112). Se, desde a colonização do Brasil, a Igreja exercia um papel de autoridade e, mesmo com a expulsão dos jesuítas, retorna no início do século XX com presença tanto na educação quanto nas forças armadas brasileiras, uma ala mais conservadora convive com uma Igreja mais ligada às lutas sociais. Nisso, já encontramos uma polarização entre autoridades eclesiásticas e fiéis que assumem um posicionamento progressista ou tradicionalista.

Nas décadas de 1950 a 1960, a Igreja no Brasil prioriza a questão do desenvolvimento. Ao contrário da posição adotada diante do regime do Estado Novo, de Getúlio Vargas, em que a Igreja assumiu uma posição conciliatória diante do regime de exceção, a CNBB desempenha um papel-chave na articulação da sociedade civil, em defesa dos direitos humanos, das liberdades democráticas, da reforma agrária, dos direitos dos trabalhadores e da redemocratização (AZEVEDO, 2004, p. 112).

Desde o início da CNBB, seus posicionamentos foram em defesa dos direitos humanos. E em todas as suas Campanhas da Fraternidade sempre foram abordados temas de justiça social. Mesmo com a eleição do Papa João Paulo II, que mudou o cenário mundial da Igreja Católica, principalmente na luta contra a TL, “no Brasil, a CNBB mantém sua linha de trabalho e intervém, como ator sociopolítico, diante dos problemas nacionais” (AZEVEDO, 2004, p. 113). Ao longo da história da democratização do país, a Igreja assumiu um papel de conscientização política diante do contexto social e político. Azevedo (2004, p. 115) diz que a Igreja percebe que todos são atores importantes e não podem estar à margem. Ela considera que, para consolidar a democracia representativa, garantindo a governabilidade, é preciso verificar também a composição do Congresso Nacional e as alianças que permitam concretizar os projetos governamentais. Foi com essa ideologia que o viés progressista, com base na TL, juntamente com os sindicalistas e os grupos de esquerda foram uma das forças sociais que formaram o Partido dos Trabalhadores (PT).

Ao analisar o corpus de estudo, perceberemos a associação dos internautas entre a CNBB, a TL e os partidos de esquerda. As acusações de comunistas, esquerdistas, aos bispos

mais progressistas e aos fiéis dessa mesma ideologia é algo que não está somente associado à religião, mas também à ideologia política, que acaba influenciando os discursos na esfera religiosa. Queremos deixar claro que, neste estudo, quando nos referimos ao apoio da Igreja Católica à formação do PT, estamos nos referindo às diversas alas ideológicas formadas em seu seio, já que, na instituição, há grupos com diversas ideologias. Para Machado (2009, p. 3), há uma tensão entre os setores católicos e os outros grupos formadores do PT, além de posicionamentos desses setores dentro do contexto de abertura política, do surgimento dos novos partidos, dando ênfase em sua relação e participação na criação do PT. Foi um período em que coincidiam as lutas dos partidos de esquerda por melhorias sociais com o viés de lutas por justiça social da TL. Machado (2009, p. 3) define como era o engajamento da Igreja nesse contexto sociopolítico e o que quer dizer quando diz “Igreja Católica”.

Quando muitas vezes me refiro à Igreja Católica como “setores católicos”, tento abarcar nessa categoria não só a Igreja instituição, ou seja, apenas o seu clero (padres, freiras, bispos), mas sim, toda a sua complexidade, a qual se expressa na ampla gama de movimentos que eram vinculados ou tinham alguma ligação com ela, tais como as CEBs, a Pastoral Operária (PO), as Comissões de Justiça e Paz e o Movimento do Custo de Vida. (MACHADO, 2009, p. 3)

Nessa reorganização da Igreja Católica no Brasil e dos movimentos sociais, principalmente, dos operários em São Paulo, os movimentos católicos aderiram às pautas de luta por direitos. Segundo Machado (2009, p. 1), o Partido dos Trabalhadores (PT) surgiu no bojo da reorganização partidária articulada pelo governo ditatorial no final dos anos 1970. Ele continua dizendo que, mais importante do que isso, a criação do PT representava o surgimento de um novo ator político, o qual reunia os anseios de diversos movimentos sociais que tiveram o seu apogeu nos anos anteriores a 1980, na efervescência das lutas sociais em São Paulo.

Na cidade de São Paulo, o apoio da Igreja paulista, ou seja, da arquidiocese de São Paulo, aos diversos movimentos sócio-políticos, que posteriormente tiveram grande influência na constituição do PT, ocorreu das mais variadas formas e a diversos movimentos. Um fato relevante nesse contexto foi que esse apoio passou a ter uma evidência e relevância maiores a partir do momento em que D. Paulo Evaristo Arns assume a arquidiocese, no ano de 1970. [...] torna-se importante ressaltar que o apoio, o incentivo e uma maior ligação com esses movimentos por parte da hierarquia da Igreja foram fundamentais para o crescimento e o fortalecimento das relações entre a Igreja e esses diversos movimentos. (MACHADO, 2009, p. 6 - 7)

Embora estejamos discutindo sobre a efervescência desse envolvimento político e religioso na segunda metade do século XX, desde o início do século, já existia a Ação Católica, envolvida com a política no Brasil.

A participação leiga na Igreja passou a ser estimulada através da implantação da Ação Católica que, no Brasil, deu-se em 1929. O objetivo da Ação Católica quando criada na Itália, no final do século XIX, era de restituir a influência da Igreja sobre a sociedade. Objetivo este, também compartilhado pelo episcopado brasileiro. A década de 1940 marca o início de uma preocupação dos bispos brasileiros com os aspectos sociais. À medida que os bispos passam a se identificar com esta nova concepção de Igreja, deixam de declarar apoio à ordem estabelecida para posicionar-se ao lado dos oprimidos e na defesa dos Direitos Humanos. (CARVALHAL, 2005, p. 3)

As angústias dos pobres e injustiçados na sociedade foram um impulso para os trabalhos pastorais da Igreja Católica se engajar nas lutas sociais. Se depois do Concílio Vaticano II isso se tornou possível na Igreja Católica do Brasil, o surgimento do PT, também, se deu com essa abertura política da Igreja na luta contra o regime militar. A política partidária daquele momento histórico não atendia aos anseios do povo, os movimentos sociais prometiam lutar pelos direitos dos mais injustiçados, ganhando, assim, o apoio da ala progressista da Igreja. Entretanto, a emergência dos diversos movimentos sociais no final dos anos 1970 fez com que, nesses movimentos e em certas parcelas dos setores católicos, fermentasse a ideia de que era necessária a criação de um novo ator político, ou seja, um partido político que representasse e agregasse essas forças sociais (MACHADO, 2009, p. 8).

Feito esse percurso histórico, a próxima seção é dedicada à análise do corpus, no qual vamos perceber como o discurso religioso está imbricado pelo discurso político. O ódio que se manifesta nas redes sociais está em íntima relação com questões sociais e não há possibilidade de entendermos os discursos polêmicos separados do contexto sociopolítico. Mesmo que sejam polêmicas envolvendo uma instituição religiosa, elas abrangem a esfera política e expõem cada vez mais a polarização entre progressistas e conservadores da Igreja Católica.

## 4 ANÁLISE DO CORPUS

Esta seção é dedicada à análise dialógica dos comentários, analisados por *grupos*. Eles mostram as diversas formas que esse gênero discursivo assume quando o internauta expressa seu posicionamento axiológico. Na teoria dialógica, partimos do contexto mais amplo para o contexto mais imediato, ou seja, para a materialidade linguística, para que as pessoas compreendam melhor as nossas análises.

Os comentários foram enumerados na sequência 1, 2, 3 e assim sucessivamente. Quando há réplica ao comentário, optamos por enumerar o número do comentário, seguido do número da réplica e separado por um ponto. Por exemplo: 1.1 é a primeira réplica do comentário 1, ou 2.20 que é a vigésima réplica do comentário 2. Os internautas respondem diretamente a Bernardo Küster, porém, em alguns momentos, marcam outro internauta no seu comentário, mostrando que a resposta é dirigida ao internauta marcado. Quando acontece esse tipo de marcação, o nome do internauta aparecerá em azul, como acontece no Facebook (doravante FB). É importante esclarecer que os comentários foram coletados no FB e como estão numa rede social, expostos em um domínio público, trazemos nas análises o nome do internauta da forma como aparece na página de Bernardo Küster. Como não vamos analisar todos os comentários da publicação, anexamos a este trabalho a transcrição<sup>26</sup> do videodocumentário que gerou o corpus e os dois primeiros comentários com suas réplicas.

Nossas análises focalizam, conforme o objetivo geral estabelecido inicialmente, analisar como se configuram os comentários polêmicos envolvendo a CNBB na rede social Facebook. A partir das características desse gênero, que não tem forma, conteúdo e estrutura fixa, temos como objetivo específico: investigar os tipos de polêmica, correlacionando com os valores que esses enunciados carregam com base no contexto extraverbal e na materialidade linguística.

Antes da análise, também, construímos o perfil de Bernardo Pires Küster, a partir de suas páginas nas redes sociais. Veremos que, até o ano de 2017, ele não era conhecido na internet. Sua popularidade só aumenta com seus posicionamentos radicais contra o aborto e ataques contra a CNBB. Posteriormente, ele se mostra um ultraconservador na defesa do presidente da república Jair Bolsonaro, a ponto de ser convocado para prestar esclarecimento no Congresso Nacional pelos seus posicionamentos na internet. Nesta seção, também, fazemos uma breve discussão sobre o ódio ao PT no Brasil, que se relaciona nos comentários com o ódio aos trabalhos pastorais sociais da CNBB. Acrescentamos, ainda, que organizamos os resultados

---

<sup>26</sup> A transcrição do videodocumentário de Küster, não seguiu nenhuma norma oficial de transcrição. Pedimos que não observem com atenção esse fato, pois o nosso objeto de análise são os comentários da rede social FB.

das análises em dois tópicos: *As redes sociais como arena virtual das polêmicas: o embate socioideológico nos comentários do Facebook*, no qual analisamos as redes sociais como verdadeiras arenas de embates socioideológicos, que ganham impulso na sociedade, e *A indignação reveladora de ideologia política: quando somente um grupo social é detentor da verdade*, para mostrar que o discurso de indignação com certas atitudes da CNBB não passa de uma indignação política, de ódio ao PT e aos trabalhos pastorais e sociais dos bispos do Brasil com os menos favorecidos.

#### 4.1 A FIGURA DE BERNARDO PIRES KÜSTER NAS REDES SOCIAIS NA INTERNET<sup>27</sup>

Qualquer pessoa que possua uma conta nas redes sociais na internet pode alcançar a fama e opinar sobre qualquer assunto. Sem mesmo ter uma formação em determinada área do conhecimento, o internauta pode se destacar por compartilhar momentos de sua vida pessoal ou comentar sobre um assunto que chame a atenção das pessoas. É o caso de Bernardo Pires Küster, uma figura bastante polêmica, que se tornou *youtuber* pelo seu posicionamento ultraconservador nos últimos anos, especificamente no final de 2016. Queremos deixar claro que não recorreremos a nenhuma bibliografia oficial dele, então, faremos um trabalho de construção do seu perfil a partir de dados obtidos nas suas páginas oficiais nas redes sociais, vídeos e entrevistas no YouTube.

Nos seus perfis – do Facebook e YouTube – encontramos a descrição *Ensaísta, tradutor e jornalista*, tanto no seu perfil do FB quanto no seu canal do YouTube, onde encontramos links para acesso a outras redes sociais. Na sua página no FB, constatamos que ele é seguido por 150.492 pessoas. Embora nosso corpus tenha sido coletado nessa plataforma, seu maior destaque é como *youtuber*, com o total de 795 mil inscritos<sup>28</sup> no seu canal.

Segundo Briguet (2018) da Folha de Londrina, os vídeos de Bernardo Küster se tornaram um verdadeiro fenômeno no YouTube nos quais as pessoas veem inúmeras denúncias sobre o envolvimento da Igreja com política. Ele representa os ideais ultraconservadores da Igreja Católica e combate veementemente a TL na Igreja. Com o slogan “tirem o PT do altar”, ele diz que a cúpula da Igreja Católica do Brasil, especificamente da CNBB, é envolvida com

---

<sup>27</sup> Bernardo P. Küster é um ativista de extrema direita. Ele não fala por nenhuma instituição social, então, os posicionamentos dele não são institucionais. Ele é investigado no inquérito das Fake News do Supremo Tribunal Federal (STF), como apresentamos neste tópico, mas somente depois das análises desta dissertação, ele foi alvo de mandados de busca e apreensão em operação da Polícia Federal (PF).

<sup>28</sup> Dados coletados em 31/10/19 nas páginas do seu perfil pessoal nas redes sociais na internet.

ONGs abortistas e com o PT. Küster e seus seguidores se dão a missão de combater o comunismo e o marxismo que atuam na Igreja. Na reportagem da Folha de Londrina, encontramos que ele teve formação evangélica e, posteriormente, optou pela fé católica. O autor da reportagem chega a comparar Bernardo Küster com São Paulo e Santo Agostinho, para dizer que, após a sua conversão, ele lutou a favor da fé católica. A narrativa continua exaltando as qualidades intelectuais que ele possui, uma pessoa normal que bebe cerveja, fuma charutos e consome alimentos calóricos. No site *acidigital* (Agência Católica de Informações), reconhecida juridicamente como uma associação educativa vinculada à Igreja Católica, encontramos algumas notícias sobre Bernardo Küster. Ele é tratado como intelectual católico e as notícias que o envolvem sempre são em tom de denúncia contra CNBB.

Em sua página oficial do FB, não encontramos nenhuma informação do seu perfil pessoal, trabalho, educação, lugares onde morou, família e outros detalhes. Embora, a maioria dos usuários do FB preencha, pelos menos, o mínimo de informações pessoais, Bernardo Küster não expõe nenhum dado pessoal. Em consulta à sua linha do tempo, constatamos que ele só publica a partir de 2010 e suas publicações possuem poucas reações, comentários e compartilhamentos. Somente em 2017 é que ele começa a ganhar visibilidade com publicações contra o aborto. No videodocumentário, que gerou o corpus, as acusações contra a CNBB começam com o apoio da cúpula da Igreja Católica a ONGs abortistas e, a partir disso, a ligação de alguns bispos com o PT.

A coleta do nosso corpus foi feita em fevereiro de 2018, porém ressaltamos que, em janeiro de 2018, o número de reações, nas publicações de Bernardo Küster, superou as dos anos anteriores. O corpus da pesquisa é constituído pelos comentários do videodocumentário *CNBB NO BANCO DOS RÉUS: grana, poder e heresia*<sup>29</sup>, publicado no FB, em 23 de fevereiro de 2018. Ele acusa a CNBB de investir financeiramente em ONGs abortistas, de fazer alianças políticas com o PT e de se posicionar contra a *doutrina* da Igreja Católica Apostólica Romana. O vídeo tem 5,6 mil reações, 2,1 mil comentários e 7,5 mil compartilhamentos. O interesse para escolha desse corpus se deu porque a publicação surge no contexto polarização social, especialmente religiosa e política, que aparece de maneira mais acentuada nas redes sociais. Na publicação, encontramos a descrição: “É ano dos leigos, mas também de eleições presidenciais! Chegou a hora de conhecer a fundo as ligações político-financeiras e as contradições doutrinárias da cúpula da CNBB. Finalmente a máscara caiu!”. Na descrição da publicação

---

<sup>29</sup> A transcrição do vídeo-documentário encontra-se no final deste trabalho. O vídeo e os comentários podem ser consultados, também, no perfil pessoal de Bernardo Küster no FB.

também encontramos o contato da Nunciatura Apostólica no Brasil – Dom Giovanni D'Aniello, Núncio Apostólico, embaixador do Vaticano no Brasil.

O alcance da página de Bernardo Pires Küster é enorme e, no período da publicação, ocorreu uma grande repercussão no mundo digital. Alguns padres famosos se pronunciaram em defesa da CNBB, como o Padre Zezinho<sup>30</sup>, com o texto em seu blog: “*Küster: Discordância, discórdia e confrontação*”. Padre Zezinho se pronuncia dizendo que Bernardo Küster tem um discurso bem articulado e convence muitos leigos a aceitar seus argumentos, pois, claramente, não estão aceitando a liderança dos bispos do Brasil. Muitos leigos conservadores católicos veem o Bernardo Küster como seu porta-voz. A questão é que ele adquire fama e passa a ter voz influente nas redes sociais na internet. A CNBB não se manifestou contra as acusações, mas emitiu uma nota no site *Vatican News*, dizendo que não colabora com ONGs abortistas.

No site do UOL, aparece a notícia “Youtuber mira CNBB 'esquerdizada' e rejeita fama de 'MBL dos católicos' - O paranaense Bernardo Küster, 30, ganhou popularidade com vídeos como 'Cala a Boca, Abortista!' e 'Projeto de Ditadura LGBTTI+@Y123's. Essa popularidade nas redes sociais, denunciando o envolvimento da CNBB com o PT, o financiamento das campanhas para ONGs abortistas, proporcionou a Küster grande visibilidade, principalmente para os conservadores (BALLOUSSIER, 2018). Na época da publicação, vários sites de ideologia conservadora publicaram textos em favor de Bernardo Küster, entre eles o da editora *Cleófas*, *O catequista* e o *Paraclitus*. Em entrevista com Leda Nagle, no seu canal no YouTube, em 11 de outubro de 2018, ele diz que é um jornalista católico. Para ele, a Igreja já teve papas piores que Francisco, pois ele não é apóstolo da TL, mas concorda com algumas ideias desse movimento. Ele ainda fala que está produzindo um filme sobre a TL com depoimentos de alguns intelectuais contra esse movimento, inclusive de alguns bispos.

Além do envolvimento de Bernardo Küster contra a CNBB e a defesa de questões ultraconservadoras, ele se destaca pelos seus posicionamentos a favor do atual presidente do Brasil. Logo após a eleição presidencial, em novembro de 2018, seu nome já aparece em uma notícia do *The Intercept Brasil* (FILHO, 2018). Ainda segundo esse site, ele é um dos youtubers recomendados por Jair Bolsonaro, apresentado como um opositor do Papa Francisco em alguns assuntos e da TL e é caracterizado como disseminador de mentiras nas suas páginas. Por exemplo, Bernardo Küster diz que o parlamento francês legalizou oficialmente a pedofilia e

---

<sup>30</sup> Padre Zezinho é o pioneiro da música católica popular e considerado o maior cantor e compositor da música católica brasileira de todos os tempos com renome internacional. Desde 1967 iniciou sua carreira de cantor e foi de imediato reconhecido entre os fiéis católicos, tido por eles como um profeta de várias gerações. Em 2010 recebeu a indicação para concorrer ao Grammy Latino na categoria "Melhor Álbum de Música Cristã em português". Podemos consultar mais detalhes no blog oficial do Padre Zezinho, SCJ (Sagrado Coração de Jesus).

que isso está vindo para o Brasil. A reportagem ainda diz que, nas palavras de Küster, “os cientistas de hoje não entendem nada” e fazem as pessoas acreditarem em “mentirinhas”, como o evolucionismo e o aquecimento global.

Em 17 de junho de 2019, Bernardo Küster é citado na reportagem da revista Fórum: *Jornalista denuncia ação de robôs comandada por Carlos Bolsonaro contra Greenwald*<sup>31</sup>, como um dos youtubers famosos por espalhar notícias falsas nas redes sociais. O site *Viomundo* também publica: *Suspeito de ser o Pavão, Carlos Bolsonaro usa Greenwald para unir base contra golpe de Mourão*. Para esse site, Bernardo Küster é um dos responsáveis por espalhar a mentira “Glenn Greenwald e seu marido pagaram a Jean Wyllys, para que abandonasse o mandato, permitindo a ascensão de David Miranda ao cargo de deputado federal”. Esses fatos envolvendo Küster, de que ele é um dos youtubers de confiança de Bolsonaro e recomendado pelo presidente, nos levam a considerar a sua fama de espalhar notícias falsas na internet na hora de analisarmos o nosso corpus.

No dia 23 de outubro de 2019, a *CPI das fake news*<sup>32</sup> convoca, dentre outras pessoas, Bernardo Pires Küster para prestar esclarecimentos sobre ataques virtuais na internet. Como constatamos na análise da linha do tempo do FB de Bernardo Küster, ele não tinha muita visibilidade até 2017, porém ganhou milhares de seguidores a partir da publicação de vídeos conservadores contra as ações pastorais da CNBB. Se em um primeiro momento, ele tinha o objetivo de denunciar as relações de alguns bispos do Brasil com o PT, agora, é um youtuber da extrema-direita brasileira. Convocado pela *CPI das Fake News*, seus discursos passam a ser duvidosos para algumas autoridades políticas brasileiras. Seus discursos são discursos radicais que alimentam a extrema-direita brasileira. Assim, mais do que nunca, as mídias nas redes sociais viralizam discursos de ódio e intolerância com as diferenças.

O perfil de Bernardo Küster é construído no FB com as características identitárias da sua esfera ideológica. É apresentado um conteúdo comum aos que compartilham de ideais conservadores e, à medida que esses discursos polêmicos viralizam, acontecem conexões entre internautas e se firmando laços fortes. Na página de Küster, não há privacidade que restrinja o

---

<sup>31</sup> Glenn Greenwald é um jornalista norte-americano que está divulgando áudios com autoridades responsáveis pela operação Lava-Jato. Ele é casado com o deputado David Miranda (PSOL – RJ), que assumiu o lugar de Jean Wyllys na câmara dos deputados.

<sup>32</sup> Criada em julho, a *CPI das Fake News* tem, entre outros objetivos, a finalidade de investigar "ataques cibernéticos que atentam contra a democracia e o debate público". Também deve investigar a suposta criação de perfis falsos nas redes sociais para influenciar as eleições presidenciais de 2018 e a prática de "ciberbullying" contra autoridades e cidadãos. [...] De acordo com o requerimento de criação da CPMI, a comissão deve investigar: ataques cibernéticos que atentam contra a democracia e o debate público; utilização de perfis falsos para influenciar resultado de eleições de 2018; cyberbullying; e aliciamento de crianças para o cometimento de crimes de ódio e suicídio e contra autoridades.

acesso de internautas que não são seus seguidores ao acesso as suas publicações. Dessa maneira, o internauta pode acompanhar as suas publicações sem que seja seu seguidor. Um dos efeitos disso é que indivíduos comuns ganham voz na sociedade e estimulam debates importantes, só que, ao invés de contribuir para se chegar a um acordo, expressam sua ideologia a ponto de tornar o FB uma arena de embates socioideológicos. As esferas ideológicas nesse grupo de comentários – progressista e conservadora – possibilitam identificar comportamentos nessas esferas ideológicas que, apesar de ser no mundo virtual, atuam no mundo físico.

#### 4.2 DE ONDE VEM O SENTIMENTO DE AVERSÃO AO PT?

É importante retornar ao posicionamento da Igreja Católica contra a TL, pois o Vaticano se posicionou contra bispos, padres, teólogos e fiéis leigos que aderiram a esse movimento com o viés marxista. Sabemos que o Papa João Paulo II é natural da Polônia e seu pontificado foi de luta para combater o comunismo no seu país de origem. Ao se deparar com a nova visão de *Ser-Igreja* na América Latina, fez do seu pontificado uma *Inquisição* contra o movimento da TL. Já vimos também que a Congregação da Doutrina da Fé agiu duramente contra padres e teólogos da libertação a ponto de excomungá-los da vida da Igreja. Por isso, os internautas conservadores, associam o ódio ao PT com os internautas de ideologia progressista. Se atentarmos para esse sentimento *antiTL*, as pessoas que são contra a TL não consideram a distinção entre os pontos positivos e negativos feitos pelo próprio Papa João Paulo II e o Cardeal Ratzinger.

Na junção desse ódio à TL, às autoridades eclesiásticas, aos teólogos e aos fiéis adeptos desse movimento, encontramos o ódio ao PT, que no final dos anos 1970 e início dos anos 1980, nasceu dos movimentos sociais nos quais a Igreja católica estava envolvida. No item 3.4, constatamos que o PT nasceu no seio da TL e, no vídeo documentário que gerou o corpus deste trabalho, há uma fala do ex-presidente Lula<sup>33</sup> dizendo que o PT é fruto desse movimento. Por isso afirmamos que, na íntima relação dessa polarização social, encontramos a polarização política e a polarização religiosa. Desde as primeiras manifestações da TL e da CNBB por justiça social, a ala conservadora agiu contra o engajamento da Igreja na luta contra as injustiças sociais.

---

<sup>33</sup> Fala de Lula no vídeo-documentário de Bernardo dizendo que é fruto da TL: [18min50s] Lula: - Mas por que é que eu cheguei aonde cheguei? Porque eu tenho por detrás de mim um movimento. Eu tenho por detrás de mim uma grande parte da Igreja Católica. A base da Igreja Católica. A base da Igreja Católica [repetindo duas vezes]. E eu era fruto da teologia da libertação [repetindo duas vezes].

Neste tópico, abrimos uma breve discussão sobre o ódio ao PT. Não fazemos uma discussão aprofundada sobre esse fato na sociedade brasileira, até porque, nosso trabalho é de cunho linguístico, mas para compreendermos os comentários do Facebook (FB), fazemos uma breve explanação sobre o ódio ao PT no Brasil, que se manifesta na maioria dos discursos polêmicos. Assim, trazemos para essa discussão Jessé Souza, professor universitário e pesquisador brasileiro. Suas obras são justificadas por teóricos da área e é notória a importância da sua produção científica para diversos campos de estudos no Brasil, principalmente à sociologia, no que diz respeito à discussão de temas relevantes, para os âmbitos político, social, econômico e cultural. Souza escreve livros, dentre outras produções científicas, sobre teoria social, pensamento social brasileiro e estudos teórico/empíricos sobre desigualdade e classes sociais no Brasil contemporâneo. Ao fazer uma radiografia do golpe contra a presidente Dilma Rousseff (PT), Jessé Souza (2016) faz toda uma análise da sociedade brasileira e a divide em elites.

[...] a elite do dinheiro, que é a elite que retira do bolso da sociedade o produto do trabalho de todos para pô-lo no próprio bolso, precisa de outras elites para ajudá-la a fazer esse trabalho. Nesse sentido, é incorreto falar em “elite” de maneira abstrata, pelo menos nas sociedades capitalistas modernas. A elite que “manda” é sempre a elite do dinheiro, pelo simples fato de que ela pode comprar todas as outras elites, que, por conta disso, lhe são subordinadas. (SOUZA, 2016, p. 19 – 20)

Quando falamos em elite do dinheiro, falamos em algo concreto pois é ela que manipula as outras elites da sociedade brasileira. Todas as decisões importantes no meio social são tomadas a partir dos seus objetivos de dominação, para que possa continuar no poder. É ilusão acreditar que outras esferas sociais exercem o poder de decisão na sociedade, porque, na verdade, é a elite do dinheiro que dita as regras a serem seguidas. Ele ainda diz que os privilégios são um prêmio pela atuação social e a elite intelectual é a primeira a ser comprada para fazer esse trabalho. A elite religiosa também assume o papel de pregar a humilhação redentora e a falsa humildade, que justificam as atrocidades feitas com os mais marginalizados. A relação da hierarquia divina com a hierarquia profana justifica os posicionamentos da elite do dinheiro diante da sociedade.

A correspondência entre as hierarquias profana e sagrada era perfeita e servia para justificar por “vontade divina” o mundo como ele era. O dado fático, a vida injusta, era transformado em desejável e moralmente justo. Por conta disso, dados potencialmente revolucionários do cristianismo, a noção de humildade e a experiência da humilhação, percebidas como virtudes redentoras, e não como fraquezas, foram vistas como ensejo para uma recompensa no “outro mundo”, e não “neste mundo”. Com isso, a justificação do privilégio tático e injusto se torna perfeita. (SOUZA, 2016, p. 20)

Toda essa justificação dos privilégios sociais que são concedidos a outras elites é necessária para que a elite do dinheiro lucre cada vez mais à custa da sociedade. O Brasil correto é o Brasil que atende aos interesses dos poderosos. Souza (2016, 2017) discute de onde vem esse ódio ao PT ou podemos dizer, às políticas públicas. O PT conseguiu diminuir as injustiças sociais e minimizou as diferenças entre as classes sociais, proporcionando aos menos favorecidos oportunidades de ascensão social. Quando a melhoria de vida da população mais carente e menos favorecida aconteceu, as elites se sentem ameaçadas de perder o seu prestígio.

Com a ascensão social das classes mais baixas, as elites demonizaram o estado que é tido como corrupto. A elite do dinheiro, com os seus propósitos, conseguiu legitimar a corrupção, acabando com os políticos envolvidos com essa prática. Assim, o governo comprometido com o uso do orçamento público, pode ser acusado de corrupção. A esquerda, que “sempre (se) imaginou que bastava um plano econômico redistributivo, sem que uma reflexão aprofundada sobre o Estado em suas diversas dimensões fosse levada a cabo” (SOUZA, 2016, p. 39), assume o discurso de demonização do Estado. Por isso que projetos sociais não foram o bastante para fazer um governo satisfatório. Esse foi o erro do PT que não soube formar a consciência política das elites: a cultural, a científica, a intelectual, para que contribuíssem para ascensão dos excluídos e marginalizados da sociedade brasileira.

Nesse cenário, a ideia de que somos descendentes dos colonizadores e de que tudo que vem de fora é melhor do que as coisas do Brasil, de fato, é uma péssima ideia que contribui para esse sentimento de vira-lata, segundo Souza (2016, p. 41). Essa ideia de que tudo que vem “de fora” é superior ao que é nacional, vem desde o Período Colonial. E ele continua dizendo que não havia escravidão em Portugal como houve no Brasil, a Igreja Católica lá tinha muito prestígio e era uma instância de recursos judiciais, enquanto, aqui, o capelão era funcionário, sem formação religiosa, da casa grande.

A tese da continuidade com Portugal só serve para montar uma caricatura em que a corrupção e o estatismo já viriam por vínculos culturais há séculos desde o Portugal medieval até nós. É caricatural porque só se pode falar de corrupção a partir da noção, muito mais tardia, de soberania popular - segundo a qual a fonte do poder é o povo e que as riquezas do país são públicas. (SOUZA, 2016, p. 41)

De acordo com Souza (2016), toda a nossa organização social foi moldada pela escravidão. Continuando o percurso na história do Brasil, desde Getúlio Vargas foi sonhada uma burguesia boa, que compartilhasse da sua boa vida com as demais classes sociais. Foi o

sonho dos governos brasileiros reformadores que tentaram fazer justiça social, para que os menos favorecidos tivessem condições dignas de vida, mas a esquerda se enganou.

A “esquerda” brasileira sempre sonhou com a “boa burguesia” e acordou com o pesadelo do Estado de exceção. A “boa burguesia” foi sempre a burguesia industrial, ou seja, a fração das classes proprietárias que em tese teria muito a ganhar com um mercado interno forte e saudável. Afinal, com bons salários para os trabalhadores, ela poderia vender muito em um mercado interno protegido para seus bens. (SOUZA, 2016, p. 43).

O que iria garantir uma boa convivência com a classe trabalhadora era uma boa remuneração pela mão de obra. Isso faria com que os bens da classe industrial ficassem protegidos e seus lucros cada vez mais crescessem. Essa ideia de que a classe industrial era uma boa burguesia, não foi o suficiente para garantir uma boa governabilidade do PT. As classes sociais mais estigmatizadas tiveram uma participação maior nas decisões políticas. Regiões até então esquecidas pelo resto do país começaram a fazer a diferença no cenário político nacional.

Com milhares de pessoas usufruindo dos programas do Governo Federal, as pessoas de regiões marginalizadas historicamente, como é o caso do Norte e Nordeste do país, são chamadas a ter seus direitos garantidos, elegendo governantes comprometidos com a justiça social. Segundo Souza (2016, p.55), “o mascaramento da perspectiva da classe social é a necessidade primeira de todo discurso do poder. A razão é simples: a abertura à perspectiva de classe permite criticar todos os privilégios injustos que são, todos eles, formados literalmente desde o berço”. Ele ainda diz que todo mal-entendido continua com a ideia errônea de classe social definida a partir da renda financeira, como se o comportamento das pessoas fosse unicamente orientado financeiramente.

O governo do PT era um governo popular que cuidava dos mais pobres, dos interesses dos mais pobres e fazia com que a soberania popular prevalecesse na escolha dos governantes. Essa noção de populismo contribuiu para que as classes dominantes desqualificassem o voto das classes populares. Vistos como *coitadinhos*, que inconscientemente votavam no representante político que atendesse às suas necessidades, esse “voto” colocava em risco a sociedade democrática. Então, essa ideia de analfabetismo político se espalhou pela esfera pública e, como as classes populares não tinham representatividade científica, sua participação na democracia era posta em dúvida. Se, em algum momento da história, os pobres e marginalizados eram esquecidos, com o PT ganharam voz na esfera política e logo foram deslegitimados pela classe científica e pela classe midiática.

A noção de populismo, atrelada a qualquer política de interesse dos mais pobres, serve para mitigar a importância da soberania popular como critério fundamental de qualquer sociedade democrática. Afinal, como os pobres, coitadinhos, não têm mesmo nenhuma consciência política, a soberania popular e sua validade podem ser sempre, em graus variados, postas em questão. O voto inconsciente corromperia a validade do princípio democrático por dentro. A proliferação dessa ideia na esfera pública, a partir da sua respeitabilidade científica e depois pelo aparato legitimador midiático, que o repercute todos os dias de modos variados, é impressionante. (SOUZA, 2017, p. 80)

As classes populares são cada vez mais injustiçadas e “taxadas” pelas elites pela má-participação na política, pois ao não saber escolher seus representantes, que garantam uma democracia livre de corrupção e que governem para o desenvolvimento de todas as áreas sociais, o seu voto vale menos. Outro fato que colabora com a desigualdade na política é o da classe média acreditar que é elite. “Isso justifica a proliferação de ideias como a de que o povo não sabe votar, que seu voto vale menos, posto que menos instruído, e vai funcionar, na prática, como condenação da democracia e da soberania popular. Isso, quando sua validade científica é menor que zero” (SOUZA, 2017, p. 80). É necessário colonizar a esfera pública para que os posicionamentos da elite sejam justificados como o certo e válido. É como se fosse a única classe decente, capaz de lutar por justiça social. O que acontece, na verdade, é uma exploração dos mais pobres para atender aos interesses das elites.

O tema da esfera pública colonizada é fundamental para nosso argumento, posto que foi e é o lócus onde a classe média é arregimentada para os interesses da elite do dinheiro. Tudo acontece nessa esfera da informação seletiva e da opinião instrumentalizada, como se o mundo fosse um prolongamento das fantasias e da autoimagem da classe média. A decência e a virtude passam a ser percebidas dentro do estreito contexto da moralidade dessa classe. Para uma classe que explora as outras abaixo dela sob formas cruéis e humilhantes, moralidade não pode ser, por exemplo, o tratamento igualitário dos outros seres humanos, ou o comprometimento com chances e oportunidades para todos. Ora, em um contexto de sociedades influenciadas pelo cristianismo, moralidade deveria ser, antes de tudo, igualdade e fraternidade. (SOUZA, 2017, p. 81)

Outro fato que nos chama atenção é o de Jessé Souza (2017) dizer que uma sociedade que tem sua moral fundada sobre os princípios do cristianismo não tem nenhuma manifestação de igualdade e fraternidade para com as classes mais baixas. A elite consegue explorar os mais pobres e justificar essa exploração, pois o discurso de aceitação do sofrimento e de humildade, que vem de anos atrás, é uma justificativa das hierarquias políticas com a hierarquia sagrada. Essas “virtudes cristãs” levavam a um prêmio de uma vida eterna, ou seja, aguentar perseguições e sofrimentos ainda são virtudes cristãs. Soma-se a isso a falsa-ideia de que as classes mais pobres são intelectualmente incapazes de ter voz na esfera pública. Para relacionarmos o que já havíamos discutido no item 3.2 e 3.4 deste trabalho, sobre o

envolvimento da Igreja Católica com os movimentos sociais na Ditadura Militar no Brasil, citamos Souza (2017, p. 84).

Os anos 1960 e 1970 no Brasil presenciaram uma luta desigual contra a Ditadura Militar de frações mais críticas e rebeldes da classe média, especialmente no campo da cultura, ainda que alguns tenham chegado à radicalidade da luta armada. Foi apenas a entrada das classes trabalhadoras organizadas, semente do PT, já no fim dos anos 1970, que propiciou a esses setores descontentes o aliado de que necessitavam. (SOUZA, 2017, p. 84)

A Ditadura Militar no Brasil constituiu os anos mais sombrios do país, principalmente no campo da cultura. Durante muitos anos, mesmo após o fim desse regime, as classes trabalhadora e menos favorecida não tiveram voz ativa na sociedade. Somente com a chegada do PT ao poder é que os trabalhadores ganharam voz na participação política. Nesse percurso descrito ao longo deste trabalho, desde o trabalho de lutas da TL na América Latina, do nascimento da CNBB e envolvimento com os movimentos sociais e partidos de esquerda, refletimos um pouco sobre esse ódio ao PT, que está ligado ao ódio contra a TL e contra a CNBB. Se hoje, muitos fiéis não aceitam os posicionamentos da Igreja contra as injustiças sociais, é que há um ódio enraizado no seio da sociedade brasileira, que ultrapassa as atuais manifestações polêmicas nas redes sociais.

### **4.3 ANÁLISE DOS COMENTÁRIOS**

#### **4.3.1 As redes sociais como arena virtual das polêmicas: o embate socioideológico nos comentários do Facebook**

As redes sociais na internet estão ganhando um lugar de destaque na comunicação cotidiana das pessoas. Ela é palco de discussões de grande relevância social e com isso é um lugar propício de tensão entre as diferentes vozes ideológicas. Grupos de internautas com o mesmo pensamento ideológico se unem com o propósito de defender sua ideologia e, dificilmente, encontramos um diálogo decente, que respeite o ponto de vista do outro, já que a violência verbal constitui uma estratégia para desacreditar o adversário. É visível que os sites de redes sociais estão se tornando uma das principais fontes de informação no cotidiano das pessoas, pois são um espaço público que proporcionam um diálogo entre os internautas para discussões sobre os mais variados temas, desde algo corriqueiro da vida pessoal, até um assunto de relevância social.

A partir da construção dialógica dos comentários, o internauta de cada esfera social defende a sua ideologia a ponto de não filtrar o conteúdo dos seus posicionamentos, expondo, sem nenhum constrangimento, o seu adversário na discussão de temas polêmicos. Segundo Volochinov (2017 [1929], p. 110), no processo da comunicação social, todo signo ideológico, inclusive o signo verbal, é determinado pelo horizonte social de uma época e de um grupo social. Entre o grupo de fiéis conservadores e o grupo de fiéis progressistas encontramos a tensão de vozes sociais que procuram afirmar suas ideologias. Nas redes sociais, não acontece um debate, um diálogo, mas um afrontamento verbal com a única finalidade de promover um espetáculo de injúrias. A intenção do internauta não é chegar a um acordo sobre um assunto polêmico, mas defender sua ideologia, proferindo injúrias contra seu adversário.

Introduzimos a nossa análise, com a transcrição<sup>34</sup> do início do videodocumentário de Bernardo Küster, no qual ele deixa claro o conteúdo das suas denúncias contra a CNBB. O discurso dele desencadeia os comentários, pois polemizam a partir dos insultos contra a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil.

**[00min33s] – Bernardo Küster**

Católico, você que é fiel. Você, que acredita que a CNBB é um órgão que representa a Igreja Católica, veja o que a CNBB assinou. [música] O carnaval mal acaba e o samba continua, só que dessa vez, tocado pela CNBB. Todo ano, na Quarta-Feira de Cinzas, começa a Campanha da Fraternidade, que são ações sempre politizadas da CNBB e, agora, este ano, eles instauraram a fraternidade e a superação da violência. O ano passado foi bioma e defesa da vida. É sempre politizada. Eles alteram a oração, a liturgia, os grupos de reflexão bíblica, eles alteram a Via-Sacra e tudo sempre na Quaresma. E no final de tudo isso, no Domingo de Ramos, eles fazem uma grande arrecadação e nós vamos falar disso daqui a pouco. Como a gente está falando em Campanha da Fraternidade, ela não vem do nada. Ela é promovida pela CNBB, Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, e a pergunta é: o que é a CNBB? Você fiel católico, que todo dia vê notícia acontecendo aí sobre a CNBB, você sabe o que é a CNBB? Você deve estar achando que a CNBB é uma embaixada do Vaticano aqui. Que eles são deliberativos. Que eles podem tomar decisão, dizendo o que nós devemos ou não fazer. Que nós temos a obrigação de obedecer a Conferência dos Bispos do Brasil. Mas na verdade, não. A Conferência dos Bispos do Brasil tem autorização de existir, mas ela não é um órgão que decide ou não as coisas. Ela é um órgão que a gente chama de consultivo. Eles dão opiniões gerais, mas eles não falam em nome da Igreja Católica. Eles não são a Igreja Católica. E lá tem bispos, bispos bons, muito bons e bispos também que nós podemos chamar de vermelhos. E a CNBB foi constituída lá pelos anos 50 e o pivô de tudo isso foi o tal do Dom Helder Câmara, que era um bispo lá do Nordeste, que era conhecido como o arcebispo vermelho pela sua defesa e, assim, ele não mudava de ideia em relação ao comunismo. Ele era o teólogo da libertação que é a politização da fé, daí, do pessoal de esquerda. Ele lançou isto, tinha até um poema que ele dizia que o sonho dele era ver o papa ateando fogo no Vaticano, tipo o imperador Nero e distribuindo a riqueza para os pobres. E pra não ser injusto, e não ser assim, não atear fogo na CNBB inteira e dizer que todo mundo é ruim do mesmo saco, a CNBB é dividida em alas. Não é mesmo? Então tem a Regional Nordeste, Regional Sul, Regional Norte, e tem, por exemplo, aqui no Sul a

<sup>34</sup> Como o nosso objeto de análise são os comentários da publicação de Bernardo Küster, não seguimos normas oficiais para transcrição do videodocumentário.

Regional Sul I e a Regional Sul II, nós vamos falar dela mais pra frente. E lá tem muita gente boa, que é fiel à Igreja e tem o pessoal da esquerda, o pessoal do lado vermelho, que tá há anos e anos infiltrado na Igreja, atazanando a Igreja, fazendo coligações políticas, que nós vamos provar por A mais B nesse vídeo. [...]

Bernardo Küster, no início do vídeo, se coloca contra a Campanha da Fraternidade (doravante CF), proposta todo ano na Quaresma e diz que a CNBB não representa a Igreja Católica. Nesse início de discurso, ele fala da infiltração de teólogos da libertação e de comunistas na cúpula da Igreja. Ao se referir à criação da CNBB, ele se refere a Dom Helder Câmara como “o arcebispo vermelho”, “pela sua defesa ao comunismo”, “teólogo da libertação” e a fala sobre ligação do arcebispo com o pessoal de esquerda. Essas atribuições de Bernardo Küster a Dom Hélder Câmara são as associações que os tradicionalistas fazem nos comentários entre os fiéis de ideologia progressista com partidos de esquerda, principalmente com o Partido dos Trabalhadores (PT). Vamos perceber as relações dialógicas nesses enunciados, à medida que formos fazendo as nossas análises.

O primeiro recorte do corpus é do comentário 1 e suas dez primeiras réplicas. Eles dialogam com Bernardo Küster e com Jair Presinate, que é contra as denúncias apresentadas na publicação.

**1. Cris Ruiz** Bernardo, você precisa se colocar a par do escândalo das casas da Coohabras administrado pelo **Aras Cáritas** e um vereador do PT aqui em Maringá.

**1.1- Jair Presinate** Cuidado, o diabo é especialista em dividir, mentir e caluniar...

**1.2- Cris Ruiz** Será mesmo calúnia e mentiras? Já dizia Padre Gabrielli Amorth que o demônio já se encontrava dentro da Igreja, só não sabemos de que lado, né? kkkk

**1.3- Jair Presinate** Por isso que digo CUIDADO, discernimento. Claro que temos que dizer a verdade, corrigir na caridade. Mas tenho a impressão que esse rapaz quer é fazer um "inferno". Não vejo uma correção fraterna nas colocações dele. Mas vejo um desejo de denegrir e difamar a Igreja. Pra ele não tem nada de bom. Será que é um cristão católico mesmo? Por isso que eu digo cuidado, pode ter mais inspiração do espírito mal do que do Espírito Santo. Sem querer julgar. Mas cuidado.

**1.4- Leonardo Guerra Jair Presinate** ser cristão católico tem que se calar? É isso? Tipo o senhor? Que está vendo comprovado por documentos? E ainda escreve umas asneiras dessas?? Eclesiastes 7:5 "Melhor é ouvir a repreensão do sábio do que ouvir a canção do insensato."

**1.5- Jair Presinate** Poupe-me, não vou perder meu tempo com outro sem noção.

**1.6- Bernardo Pires Küster** Jair Presidente, se falo a verdade, isso o aborrece? Se minto, por que não mostra onde menti? Reclamar eu fazia com 5 anos. Grow up.

**1.7- Diego Corrêa Jair Presinate** acho que o senhor não assistiu o vídeo, ou é muita desonestidade com o Bernardo.

**1.8- Cláudia Helena Jair Presinate**, o **Bernardo Pires Küster** não quer difamar a Igreja porque a CNBB não faz parte da hierarquia, ou seja, a CNBB não é a Igreja, mas um sindicato de bispos comunistas. Não lhes devemos obediência.

**1.9- Maria Cláudia Bertuzzo Veiga** Pois é, esperando o dito cujo mostrar onde o Bernardo mentiu... silêncioooo

**1.10- Giuliane Toledo** Você assistiu o mesmo vídeo que eu? De jeito nenhum! Ele sempre diz que "são alguns", ele não pede a cabeça de ninguém, mas a conversão, a mudança, a retratação e uma explicação (a que todos nós temos direito). Infelizmente, ele está certo e provou suas afirmações.

Ao considerarmos o corpus na perspectiva dialógica, constatamos que os internautas usam já-ditos para expressar seu posicionamento axiológico, quase sempre em forma de polêmica aberta. Elas não desenvolvem uma argumentação, pois o que interessa aos polemistas é expor o adversário publicamente, sem dialogar e sem chegar a um consenso. Nelas, há um processo de interincompreensão generalizada, no qual as vozes de diferentes esferas ideológicas se excluem mutuamente e, assim, constroem os comentários. O adversário é sempre exposto publicamente em erro, ou, pelo menos, o outro sempre julga que seu adversário está errado.

Os discursos que são difundidos nessas *fanpages*, são os discursos da esfera ideológica de que ele faz parte, ou seja, é um discurso legitimado pela sua esfera social. Cris Ruiz (1)<sup>35</sup> traz a denúncia publicada no Paraná Portal em 09 de fevereiro de 2018: *MP investiga irregularidades em programa habitacional popular em Maringá*, onde veio à tona que o Ministério Público investigava irregularidades no programa habitacional popular em Maringá – PR e ela, mesmo que não ataque explicitamente a CNBB, sugere a discussão de polêmicas que envolvem a Cáritas<sup>36</sup> e o PT para atingir a Conferência dos Bispos do Brasil. Notamos uma relação de concordância e de necessidade de exposição de mais fatos polêmicos. Este primeiro comentário do corpus não retoma o discurso de Küster, mas a internauta concorda com o teor das denúncias a ponto de remeter a mais fatos contra o PT. Vale ressaltar, ainda, que escândalos do PT são trazidos para a discussão polêmica como se a internauta acreditasse que difamando o PT, atingiria a CNBB.

No comentário 1, está clara a polarização em que se encontra a Igreja Católica, pois além de concordar com Bernardo Küster, Cris Ruiz (1)<sup>37</sup> mostra a cisão entre os que estão do

<sup>35</sup> **1. Cris Ruiz Bernardo**, você precisa se colocar a par do escândalo das casas da Coohabras administrado pelo Aras Cáritas e um vereador do PT aqui em Maringá.

<sup>36</sup> A Cáritas Brasileira, fundada em 12 de novembro de 1956, é uma das 170 organizações-membro da Cáritas Internacional. Sua origem está na ação mobilizadora de Dom Helder Câmara, então Secretário-Geral da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB). As orientações do Concílio Vaticano II marcaram a ação da Cáritas que, desde então, vive sob os valores da pastoralidade transformadora. A Cáritas é um organismo da CNBB e possui uma rede com 182 entidades-membro, 12 regionais e 5 articulações.

<sup>37</sup> **1. Cris Ruiz Bernardo**, você precisa se colocar a par do escândalo das casas da Coohabras administrado pelo Aras Cáritas e um vereador do PT aqui em Maringá.

lado da CNBB e dos que estão contra. Dessa maneira, há uma polarização, conforme a definição de Amossy (2017): um processo através do qual o público extremamente diversificado se funde em dois ou vários grupos fortemente contrastados e mutualmente excludentes. A polarização aqui leva ao exacerbamento de posições e tensão entre os progressistas e conservadores, ambos fortemente contrastados e mutualmente excludentes.

Jair Presinate (1.1<sup>38</sup> – *Cuidado, o diabo é especialista em dividir, mentir e caluniar...*) é a única voz discordante dos conservadores nesse bloco de comentários. Ele classifica Küster como divisor dentro da Igreja, dá a definição cristã de diabo, segundo a qual é diabólico tudo que tem características negativas, ao contrário de tudo que é bom e atribui características diabólicas ao *youtuber*. Dentre os vários comentários deste corpus, poucos são a favor da CNBB, pois, para os conservadores, o que vale é a defesa de sua ideologia. A página de Küster reconstrói um discurso de dominação da ideologia conservadora, seus seguidores legitimam tal ideologia de dominação da sociedade, tanto na esfera política quanto religiosa. Logo, se aparecer algum internauta com um ponto de vista discordante, é atacado verbalmente e seus discursos não são aceitos. Em 1.1, por exemplo, o insulto de “diabo”, além de ter a carga emotiva do internauta, mostra seu posicionamento axiológico contra Küster.

Cris Ruiz (1.2)<sup>39</sup> usa a afirmação de Jair Presinate só que agora em forma de pergunta, o que cria um atrito entre as duas opiniões em relação às denúncias. Cris Ruiz retoma as palavras do seu adversário para contestá-lo. Ela usa a voz de um sacerdote, Padre Gabrielli Amorth, como argumento de autoridade, para jogar a afirmação de Jair Presinate contra ele. A voz do outro é incorporada ao seu discurso, para expressar o seu posicionamento nesse diálogo contém marcas explícitas de outras vozes, no caso do padre, para expor seu ponto de vista. Há também uma ironia de Cris Ruiz em relação a Jair Presinate (1.1) no final do seu comentário “*kkkk*”.

Nesse grupo de comentários não são discutidos argumentos racionais sobre os posicionamentos ideológicos das autoridades eclesiásticas e dos leigos, pelo contrário, os internautas usam acusações sem fundamento, para defender a ideologia do seu grupo. Sabemos que as palavras são ideológicas e ao reacentuar as palavras de Jair Presinate, Cris Ruiz (1.2) expressa seu ponto de vista, além de mostrar a memória que as palavras carregam ao passar de boca em boca. Como veremos, os internautas de ideologia conservadora sempre justificam os seus posicionamentos polêmicos, afirmando que estão gerando essa situação conflituosa apenas para o bem, que eles têm o objetivo de corrigir com amor, para que o outro encontre “a verdade”,

---

<sup>38</sup> **1.1- Jair Presinate** Cuidado, o diabo é especialista em dividir, mentir e caluniar...

<sup>39</sup> **1.2- Cris Ruiz** Será mesmo calúnia e mentiras? Já dizia Padre Gabrielli Amorth que o demônio já se encontrava dentro da Igreja só não sabemos de que lado né kkkk

mas há internautas que desconfiam dessas intenções e começam a questionar os posicionamentos desses conservadores.

Jair Presinate (1.3)<sup>40</sup> ataca abertamente o conteúdo polêmico da publicação de Bernardo Küster e mantém o diálogo com Cris Ruiz (1.2), exortando-a a ter cuidado com a intenção de Bernardo Küster. Jair Presinate acredita que o autor do videodocumentário não está expondo as polêmicas envolvendo a CNBB para o bem e para a correção fraterna. A veracidade dos fatos apresentados no vídeo é questionada. Ao mesmo tempo em que Jair Presinate diz não querer “*julgar*”, traz um juízo de valor. Posteriormente, iremos discutir como alguns internautas questionam o posicionamento de Bernardo Küster e de seus seguidores.

Tanto Cris Ruiz quanto Jair Presinate não aceitam a voz do outro e cada um quer, a todo custo, fazer prevalecer o seu discurso. No confronto de opiniões, as manifestações polêmicas revelam afrontamentos entre opiniões contraditórias que deixam o embate mais visível. Há uma desqualificação mútua entre os grupos dos conservadores e dos progressistas. O outro é sempre atacado de forma que fique impossibilitado de argumentar a seu favor. A violência verbal é comum, pois, já que não há uma interação face a face, fica mais fácil criticar a opinião do outro de maneira vulgar ou violenta e não se constrói uma negociação para o problema apresentado pelo polemista principal, Bernardo Küster.

Nos comentários, há respostas tanto à publicação quanto aos outros internautas envolvidos naquela situação comunicativa: Jair Presinate (1.3) responde ao comentário de Cris Ruiz (1.2) e questiona o objetivo de todos aqueles discursos contra os bispos. A maioria dos comentários reforçam as críticas do vídeo, com enunciados que absorvem os discursos anteriores, respondendo positivamente às denúncias de Küster.

O comentário de Leonardo Guerra (1.4)<sup>41</sup>, se dirige a Jair Presinate para contestá-lo. Encontramos um trecho bíblico para reafirmar a posição de apoio a Bernardo Küster. A passagem bíblica é retomada com novos acentos valorativos para afirmar o seu posicionamento, com a voz do livro do Eclesiastes e para refutar a opinião de Jair Presinate. É interessante considerar o por que dele escolher essa passagem bíblica para expressar seu posicionamento axiológico e não outro trecho. cAs denúncias expostas na publicação não são questionadas, já

---

<sup>40</sup> **1.3- Jair Presinate** Por isso, que digo CUIDADO, discernimento. Claro que temos que dizer a verdade, corrigir na caridade. Mas tenho a impressão que esse rapaz quer é fazer um "inferno". Não vejo uma correção fraterna nas colocações dele. Mas vejo um desejo de denegrir e difamar a Igreja. Pra ele não tem nada de bom. Será que é um cristão católico mesmo? Por isso, que eu digo cuidado, pode ter mais inspiração do espírito mal do que do Espírito Santo. Sem querer julgar. Mas cuidado.

<sup>41</sup> **1.4- Leonardo Guerra** **Jair Presinate** ser cristão catolico tem que se calar ? É isso ? tipo o senhor ? Que está vendo comprovado por documentos? E ainda escreve umas asneiras dessas?? Eclesiastes 7:5 "Melhor é ouvir a repreensão do sábio do que ouvir a canção do insensato."

que Bernardo Küster apresenta supostos documentos que sustentam as suas denúncias. O posicionamento de Jair Presinate é desacreditado porque são “*asneiras*”. Os internautas preferem atacar verbalmente o outro a dialogar sobre o objeto da polêmica, pois sempre há uma mudança de afirmações anteriores em forma de perguntas, com o intuito de confrontar o outro.

O comentário 1.5<sup>42</sup> de Jair Presinate desqualifica os apoiadores de Bernardo Küster. Acentuando mais a polarização entre os grupos ideológicos. A polêmica aberta entre Küster e seus apoiadores contra a CNBB configura-se também como uma dicotomização, pela não aceitação do discurso do outro e uma polarização que exacerba as opiniões e torna os grupos inconciliáveis. Nesse grupo de comentários, encontramos um imbricamento desses tipos de polêmica.

Bernardo Küster (1.6)<sup>43</sup> se manifesta contra a opinião de Jair Presinate. Vale notar que ele o chama de “Jair Presidente”, de forma irônica para contestá-lo. O tom emotivo-valorativo do enunciado de Küster é de censura à postura infantil dele. Ele quer a todo custo que é detentor da verdade em seu discurso contra a CNBB. Esses diálogos são estruturados a partir da violência verbal, uma possibilidade oferecida pelas relações em redes sociais. Observamos que os diálogos nesses comentários não seguem o mesmo padrão de forma e conteúdo. Embora o conteúdo do comentário seguinte quase sempre seja determinado pelo comentário anterior, os internautas procuram reafirmar sua opinião contra ou a favor do conteúdo do vídeo, destacando somente aquilo que mais chamou sua atenção na publicação. Isso forma um confronto verbal nas redes sociais, como acontece no diálogo espontâneo, mas muito mais exacerbado já que manifestações desse tipo não levam a uma reflexão, mas a uma difusão de polêmicas sobre uma multiplicidade de assuntos.

Diego Corrêa (1.7)<sup>44</sup> discorda de Jair Presinate, acusando-o de desonesto por não concordar com a opinião dos conservadores. Há tensão entre as vozes conservadora e progressista, pois enquanto os conservadores concordam incondicionalmente com Bernardo Küster, eles recusam outros enunciados de vozes progressistas que se opõem dialogicamente ao ponto de vista do autor do vídeo. Em 1.7, encontramos um questionamento que deixa claro que os comentários não abarcam todo conteúdo do vídeo, mas somente aquilo que chama a atenção do internauta e que desperta seu interesse.

---

<sup>42</sup> **1.5- Jair Presinate** Poupe-me não vou perder meu tempo com outro sem noção.

<sup>43</sup> **1.6- Bernardo Pires Küster** Jair Presidente, se falo a verdade, isso o aborrece? Se minto, por que não mostra onde menti? Reclamar eu fazia com 5 anos. Grow up.

<sup>44</sup> **1.7- Diego Corrêa** **Jair Presinate** acho que o senhor não assistiu o vídeo, ou é muita desonestidade com o Bernardo.

Claudia Helena (1.8)<sup>45</sup> absorve os enunciados de Bernardo Küster para elaborar seu discurso contra a CNBB. Há três posicionamentos de Bernardo Küster em 1.8: a de que a CNBB não faz parte da hierarquia da Igreja, que ela é um sindicato de bispos comunistas e o fiel católico não deve obediência aos bispos da Conferência. Mas, se a CNBB é uma instituição permanente que reúne os Bispos da Igreja Católica no Brasil, tem a permissão do Vaticano para existir em comunhão com o papa e articulada com outras Conferências Episcopais do mundo, Cláudia Helena não pode afirmar que a CNBB não faz parte da hierarquia da Igreja. Ela ataca polemicamente os bispos, revelando sua posição, reiterando as vozes da sua esfera ideológica contra o compromisso dos bispos com as lutas sociais.

Cláudia Helena (1.8) retoma o discurso de Küster, dialogando diretamente com o texto fonte, que faz uma acusação grave ao atribuir a uma liderança eclesial o adjetivo de comunista, pois os comunistas foram excomungados da Igreja pelo Papa Pio XII em 1949. A palavra “comunista” é recorrente no discurso dos conservadores para atacarem os progressistas. A questão do comunismo, nesse comentário (1.8), pode ser tratada como um insulto que os conservadores usam para dizer que ser comunista é ser contra a Igreja e contra a “liberdade”. Nesse enunciado, há uma retomada dos discursos tradicionais que o Brasil, mais uma vez, tem que ser salvo da ameaça comunista. Rodrigo Patto Sá Motta, doutor em História pela USP e professor do Departamento de História da UFMG, em uma entrevista à Thiago Domenice em primeiro de abril de 2019, do site *Publica*, aborda o anticomunismo no Brasil em 1964 e mostra que agora essa “suposta ameaça” é retomada com uma nova roupagem. O grupo de ideologia conservadora tenta prevalecer em defesa de um ponto de vista sobre uma ameaça comunista.

Está claro que os comentários são o espaço de luta entre vozes sociais, o que significa que é inevitavelmente o lugar de conflitos ideológicos. Ainda hoje prevalece esse pensamento de infiltração comunista tanto na cúpula da Igreja, quanto entre os fiéis leigos católicos. É o que pensa Bernardo Küster e os internautas que assistem ao seu vídeo e repetem seu discurso no FB. São discursos contemporâneos com resquícios de um passado que remete à época da guerra fria, que, a propósito, não foi a realidade do Brasil. Esse discurso contra o “comunismo” é usado com outra intenção, agora contra os progressistas, incluindo a CNBB, radicalizando e polarizando a relação entre os fiéis. O grupo conservador se apropriou desses discursos de excomunhão para condenar bispos, sacerdotes e fiéis envolvidos com movimentos sociais, simpatizantes da TL e de uma visão progressista de Igreja.

---

<sup>45</sup> **1.8- Cláudia Helena Jair Presinate**, o **Bernardo Pires Küster** não quer difamar a Igreja porque a CNBB não faz parte da hierarquia, ou seja, a CNBB não é a Igreja, mas um sindicato de bispos comunistas. Não lhes devemos obediência.

Os internautas se apropriam de palavras, que são produto da sua esfera ideológica, atravessadas de opiniões do senso comum, ou seja, opiniões sem base bibliográfica de pessoas que não possuem formação teológica ou conhecimento de qualquer obra sobre a TL, ou até mesmo sobre o comunismo. Maria Cláudia (1.9)<sup>46</sup> marca em seu comentário Bertuzzo Veiga, porém no momento da coleta do corpus, o comentário dele já tinha sido apagado, mas esse enunciado nos dá a entender que ele cobrou de Jair Presinate uma explicação sobre as supostas mentiras dele nos posts. Maria Cláudia (1.9) pede silêncio a Jair Presinate e acusa-o de não apontar qual é a mentira de Bernardo Küster.

Giuliane Toledo (1.10)<sup>47</sup>, embora não marque Jair Presinate, o questiona sobre o seu posicionamento e defende Küster, que somente quer o bem da CNBB. Ao corrigir fraternalmente e sem nenhuma intenção negativa, Bernardo Küster ganha a adesão incondicional de seus seguidores, que acreditam na veracidade das suas denúncias. Os conservadores querem uma retratação dos bispos pelo envolvimento com questões contra a doutrinação católica.

À medida que os comentários vão se encadeando progressivamente, a voz de Jair Presinate, que não pertence à esfera ideológica conservadora, silencia diante das opiniões contra a CNBB. Dessa forma, as vozes a favor de Bernardo Küster se correlacionam e constroem o corpus dialogicamente. Os conservadores se incomodam com a suposta ameaça comunista que está invadindo o Brasil. Isso justifica os posicionamentos axiológicos dos conservadores ao relacionar sempre a ala progressista ao mal comunista. É um discurso que já está enraizado nos diálogos da classe tradicionalista/conservadora e frequentemente usam já-ditos para caluniar os fiéis católicos, bispos e sacerdotes que apoiam os partidos de esquerda.

A possibilidade de expressar um ponto de vista no FB é algo proporcionado pelos sites de redes sociais. Bernardo Küster, um cidadão comum, viraliza polêmicas com seus apoiadores a ponto de desencadear discursos que formam opiniões de outros internautas, seja de concordância com a ideologia deles, seja contra os posicionamentos conservadores. Assim, os internautas se tornam agentes efetivos na comunicação, comentando e criticando até as autoridades sociais. O próprio FB não supervisiona os comentários que devem ser publicados, a não ser o dono da página ou o próprio internauta, autor do comentário. Isso proporciona a livre transição de opinião, seja qual for o conteúdo do comentário.

---

<sup>46</sup> **1.9- Maria Cláudia Bertuzzo Veiga** Pois é, esperando o dito cujo mostrar onde o Bernardo mentiu... silênciooooo

<sup>47</sup> **1.10- Giuliane Toledo** Você assistiu o mesmo vídeo que eu? De jeito nenhum! Ele sempre diz que "são alguns", ele não pede a cabeça de ninguém, mas a conversão, a mudança, a retratação e uma explicação (a que todos nós temos direito). Infelizmente, ele está certo e provou suas afirmações.

A partir do contexto de ascensão dos partidos de direita no Brasil – que teve início em 2016, com o impeachment da presidenta Dilma Rousseff do PT – como afirma o próprio Bernardo Küster no final do vídeo, uma “onda” de discursos conservadores emerge no cotidiano do povo brasileiro e ao mesmo tempo em que problematiza essa questão, convoca os católicos, que têm o mesmo viés ideológico que ele, a repensar seu posicionamento em relação a CNBB e a suas campanhas. Vejamos a transcrição da fala no vídeo que mostra um pouco do contexto dessas polêmicas:

**[37min18s] Bernardo Küster**

Não é no mínimo estranho, gente, tudo isso que eu descrevi para vocês, está acontecendo justamente nesse período eleitoral, que o PT perdeu 64% das prefeituras? Que o PT perdeu o dinheiro que ia pros sindicatos, que são grupo do apoio deles, com o fim da contribuição obrigatória? Que o PT perdeu completamente a credibilidade, depois que a Dilma foi impeachmada? E não sofreu golpe. Depois que o Lula foi condenado em primeira instância pelo Sérgio Moro e agora foi condenado pelo TRF-4 a 12 anos e 1 mês. Agora que o movimento conservador, movimento cristão, movimento católico, movimento liberal, todo mundo crescendo? Gente, não é no mínimo estranho tudo isso acontecendo? Será que não está na hora da CNBB reinventar a Campanha da Fraternidade e fazer com que os fiéis participem da decisão dos temas, da Via-Sacra, do que vai ser isso? Por que ficar, sei lá, o padre Luiz Fernando Silva, o outro assessor político, amiguinho do PT e etc., decidindo tudo e nós tendo que engolir de goela abaixo. Será que a CNBB não tem que reinventar isso? Ou ela reinventa ou que se acabe a Campanha da Fraternidade. Por que o tema do próximo ano, gente, não sei se vocês sabem, já tá decidido vai ser fraternidade e políticas públicas. O que vocês acham que vem de novo? O que vocês acham que vem? Vem esquerdismo de novo. Vem politização da fé de novo, minha gente.

O posicionamento de Bernardo Küster e seus seguidores contra o PT e a CNBB é produto do contexto sócio-histórico atual e de outras épocas. Não podemos analisar esses discursos sem considerar os já-ditos nas polêmicas envolvendo política e religião. Com a análise do primeiro comentário e suas dez primeiras réplicas, vimos que a palavra sempre está a serviço das intenções dos falantes. No embate para expressar seu posicionamento socioideológico, os internautas acreditam estar enunciando sua verdade e não apenas um ponto de vista sobre o mundo. Nos comentários analisados, em nenhum momento, verificamos uma reflexão aprofundada sobre a CNBB estar ou não envolvida com o comunismo, com a TL e com o PT, mas somente uma exposição de versículos bíblicos para justificar opiniões, crenças religiosas e insultos para reafirmar o posicionamento ideológico.

No próximo tópico, analisaremos a indignação dos internautas que revela a ideologia política. Os conservadores se posicionam como donos da verdade, pois vivem de acordo com a Tradição da Igreja e não permitem outras formas de manifestação da fé católica, que não seja baseada na antiga Doutrina da Igreja, antes do concílio Vaticano II. Na continuação das análises, identificamos uma constante tensão entre o grupo dos conservadores e o grupo dos

progressistas. A cada comentário, constatamos que cada expressão linguística se forma nas entranhas de nossa consciência e recebe conotações ideológicas, sempre orientadas para o outro (VOLOCHINOV, 2013 [1926], p. 157). Portanto, todos os comentários do FB, assim como toda expressão comunicativa, têm uma estrutura sociológica com as quais cada internauta se posiciona contra ou a favor da CNBB.

### 4.3.2 A indignação reveladora de ideologia política: quando somente um grupo social é detentor da verdade

Muitos internautas sentem-se indignados com a acusação de Bernardo Küster à CNBB de se envolver com ONGs abortistas, que é tema inicial do seu discurso polêmico<sup>48</sup>, e, conseqüentemente, dos seus apoiadores. Nossa análise se dá a partir dos enunciados que revelam como os tradicionalistas se sentem donos da verdade na vivência da fé católica. Todos eles dialogam com Bernardo Küster, exceto os que contêm a marcação em azul do nome de outro internauta, pois se trata de uma resposta direta ao internauta marcado no comentário. O segundo recorte é da réplica 12 à réplica 20 do primeiro comentário.

**1.11- Pablina Baez Jansen** CNBB e uma sopa Uruguaya , ingredientes [linguiça , carne de porco , de vaca, beijo , estômago de boi .todos juntos !! Guacala

**1.12- Pedro Soares** "e não tenhais cumplicidade nas obras infrutíferas das trevas; pelo contrário, condenai-as abertamente." - Efésios 5:11

**1.13- Jackson Kloeppe** Não vi o Bernardo falar da Igreja Católica, sim da CNBB!

**1.14- Fábio Gaik** Usando do poder da igreja pra promover interesses políticos

**1.15- Fábio Gaik** Triste

**1.16- Nailton Lavor** [Jair Presinate](#) Pelo contrário. Não tem difamação nenhuma. Tem exposição de fatos, tristes, diga-se, que já ocorrem há décadas. Os fatos em si não são nem novidade, algumas denúncias esparsas já foram feitas, no passado, mas não teve a repercussão que está tendo agora. Louvado seja Deus por este homem. Trabalho que

---

<sup>48</sup> [00min33s] - **Bernardo Küster** - (...) vamos pegar, por exemplo, o ano passado, 2017, que a gente já tem comprovado aonde foi investido esse dinheiro, que é administrado pela CNBB. Ela distribui para projetos que são aprovados lá por um conselho que a CNBB tem. Em 2017, por exemplo, eles investiram um número de reais que não sabemos numa tal de ABONG, que é Associação Brasileira das ONGs. E essa ONG tem certos princípios se você for vê o que eles defendem: legalização do aborto. Eles defendem a união homoafetiva. Eles defendem a reforma agrária radical que é um negócio comunista de redistribuição de terra. E defendem a liberdade afetivo-sexual de todas as pessoas. Liberdade afetivo-sexual? Pô, tipo, para todo tipo, inclusive pedofilia, zoofilia. Cadê a restrição das coisas? E a CNBB está bancando isso aí, está bancando, inclusive, uma tal de fundação do grupo ESQUEL do Brasil que é administrado pelo MST e por essa ABONG que defende o aborto, que defende reforma agrária, liberação sexual, união homoafetiva gay, entendeu? Então, poxa gente, que que é isso? Aí você vai dizer assim para mim: Bernardo! Mas você não viu a nota que a CNBB emitiu no dia 21 falando, explicando, dizendo que esse financiamento não foi para ONG abortista, que foi para plataforma do Marco Civil Regulatório. (...)

tem de continuar e para expurgar toda sujeira do nosso país. Em todos os setores, política, judiciário, universidades e na Igreja.

**1.17- Nailton Lavor** [Bernardo Pires Küster](#) kkk é [Jair Presinate](#), sem querer você oprimiu o sujeito mais ainda.

**1.18- Elison Martins** Ele faz certo em denunciar e abrir os olhos do povo quem avisa amigo é ..esquerdismo lixo ..apoiam corruptos essas pessoas são desviadas ..O PT vai usar as pessoas como massa de manobra..bomq tem internet p abrir os olhos.. pq já tá um inferno pastores e padres comunistas..

**1.19- Elison Martins** [Jair Presinate](#) como ele mente se ele deu fontes e td reunido com petralha só cego n qr ver...

**1.20- Leonardo Guerra** Não aguentou ele mesmo se calou novamente, saiu de fininho 😂😂😂😂😂😂

Nesse grupo de comentários, continua a associação da CNBB com política. É de fundamental importância considerar que a página de Küster é um espaço propício para viralização de discursos polêmicos conservadores, pelo seu posicionamento ideológico, pois ele agrega apoiadores da mesma esfera ideológica na sua página pessoal. A CNBB é desmoralizada no FB e os internautas continuam polarizando o diálogo com extremismos, a ponto de excluir Jair Presinate da situação comunicativa. Os internautas desse segundo recorte do corpus usam trechos bíblicos e ironia.

Pablina Baez Jansen (1.11)<sup>49</sup> compara a CNBB a uma sopa uruguaia, que tem uma mistura exótica de alguns animais. Para ela, existe uma mistura de bispos na CNBB e a sua intenção não é uma comparação, para mostrar a heterogeneidade de ideologias ou a riqueza na diversidade da CNBB, mas construir uma imagem negativa dos bispos do Brasil. A internauta se posiciona a favor de Bernardo Küster, expondo a CNBB de maneira polêmica. O tom emotivo-valorativo belicoso é marca dos internautas que acompanham as publicações de Bernardo Küster e constroem o espaço em rede.

Pedro Soares (1.12)<sup>50</sup> usa uma citação bíblica como argumento de autoridade, para fundamentar seu posicionamento ideológico. Com isso, ele justifica o espetáculo de injúrias no FB, tanto dele quanto dos que têm a mesma ideologia. A citação foi usada por São Paulo na comunidade de Éfeso, há mais de 2.000 mil anos e ele a usa em seu enunciado, para expressar seu ponto de vista. Ao citar a passagem bíblica, Pedro Soares atribui à CNBB um trabalho estéril, que ele e os outros tradicionalistas têm o dever de corrigir publicamente, impondo um valor de verdade ao que é dito contra os bispos.

<sup>49</sup> **1.11 - Pablina Baez Jansen** CNBB e uma sopa Uruguaya , ingredientes [lingüça , carne de porco , de vaca, beico , estomago de boi .todos juntos !! Guacala

<sup>50</sup> **1.12- Pedro Soares** "e não tendais cumplicidade nas obras infrutíferas das trevas; pelo contrário, condenai-as abertamente." - Efésios 5:11

Jackson Kloeppe (1.13)<sup>51</sup> retoma parte do discurso de Cláudia Helena (1.8) (“o Bernardo Pires Küster não quer difamar a Igreja”) para fazer uma correção (*Küster fala mal da CNBB e não da Igreja Católica*) e Fábio Gaik (1.14)<sup>52</sup> continua dialogando com Küster e seus apoiadores, acusando a CNBB de fazer política dentro da Igreja. Fábio Gaik (1.15)<sup>53</sup> concorda com as duas réplicas anteriores, com um enunciado explicitamente apreciativo (“triste”) diante da posição da CNBB. Não importa a veracidade dos fatos que são apresentados por Küster, há o apoio incondicional ao discurso dele pelos seus seguidores. As convicções socioideológicas são reafirmadas e os conservadores tornam o discurso deles incontestável. A página de Bernardo Küster tem como auditório internautas que não acrescentam nenhum argumento para apoiar as acusações contra a CNBB, mas somente insultos e difamações.

Nailton Lavor (1.16)<sup>54</sup>, além de manter o posicionamento a favor Küster, responde ao comentário 1.3<sup>55</sup>, pois marca Jair Presinate no seu comentário. Em cada enunciado, os internautas desqualificam os bispos do Brasil e tiram-lhes toda autoridade como representantes da Igreja Católica. É interessante observar que, no comentário 1.16, encontramos uma polêmica aberta contra Jair Presinate, referindo-se às denúncias antigas da relação da CNBB com os partidos de esquerda. Ele, ainda, revela a ideologia política e religiosa de extrema-direita. Em 1.17<sup>56</sup>, Nailton Lavor acredita que Küster reprimiu o adversário com a sua resposta no comentário 1.6<sup>57</sup>. Em nenhum momento, nesse recorte do corpus, os conservadores recorrem às passagens bíblicas que falam da partilha de bens entre os cristãos. Por exemplo, no livro dos Atos dos Apóstolos, no capítulo 2, do versículo 42 ao versículo 46, é narrada a vida da comunidade dos primeiros cristãos.

<sup>42</sup> Eles perseveravam na doutrina dos apóstolos, na vida em comunidade, na fração do pão e nas orações.<sup>43</sup> O temor se apoderava de todos, e eram numerosos os prodígios e sinais feitos pelos apóstolos.<sup>44</sup> Todos os que creram estavam juntos e tinham tudo em

<sup>51</sup> **1.13- Jackson Kloeppe** Não vi o Bernardo falar da igreja católica, sim da CNBB!

<sup>52</sup> **1.14- Fábio Gaik** Usando do poder da igreja pra promover interesses políticos.

<sup>53</sup> **1.15- Fábio Gaik** Triste

<sup>54</sup> **1.16- Nailton Lavor** **Jair Presinate** Pelo contrário. Não tem difamação nenhuma. Tem exposição de fatos, tristes, diga-se, que já ocorrem a décadas. Os fatos em si não são nem novidade, algumas denúncias esparsas já foram feitas, no passado, mas não teve a repercussão que está tendo agora. Louvado seja Deus por este homem. Trabalho que tem continuar e para expurgar toda sujeira do nosso país. Em todos os setores, política, judiciário, universidades e na Igreja.

<sup>55</sup> **1.3- Jair Presinate**: Por isso, que digo CUIDADO, discernimento. Claro que temos que dizer a verdade, corrigir na caridade. Mas tenho a impressão que esse rapaz quer é fazer um "inferno". Não vejo uma correção fraterna nas colocações dele. Mas vejo um desejo de denegrir e difamar a Igreja. Pra ele não tem nada de bom. Será que é um cristão católico mesmo? Por isso, que eu digo cuidado, pode ter mais inspiração do espírito mal do que do Espírito Santo. Sem querer julgar. Mas cuidado.

<sup>56</sup> **1.17- Nailton Lavor** **Bernardo Pires Küster** kkk é **Jair Presinate**, sem querer você oprimiu o sujeito mais ainda.

<sup>57</sup> **1.6- Bernardo Pires Küster** Jair Presidente, se falo a verdade, isso o aborrece? Se minto, por que não mostra onde menti? Reclamar eu fazia com 5 anos. Grow up.

comum.<sup>45</sup> Vendiam suas propriedades e seus bens e distribuíam o dinheiro entre todos, conforme cada um precisava.<sup>46</sup> Unidos de coração, frequentavam todos os dias o templo e partiam o pão em suas casas, tomando as refeições com alegria e simplicidade de coração<sup>58</sup>.

Parece que somente dar uma esmola é suficiente para mostrar a cristandade e que não é preciso lutar pelo bem da comunidade em geral. A vivência da fé dentro dos templos do início do cristianismo tinha que se refletir nas boas ações, na vida em comunidade. Porém, o intuito dos polemistas não é de dialogar, mas atacar com insultos o adversário, com o único objetivo de defender seu posicionamento axiológico.

Elison Martins, nos comentários 1.18<sup>59</sup> e o 1.19<sup>60</sup>, além de retomar o discurso contra o PT, acrescenta insultos contra as pessoas de ideologia de esquerda. No comentário 1.18, de Elison Martins, ao invés de argumentar, agride verbalmente as pessoas que são de esquerda e as autoridades religiosas que seguem o viés ideológico diferente do seu. Há polêmicas abertas contra o PT: a esquerda é lixo, apoia a corrupção, não tem uma boa intenção com seus apoiadores e as autoridades religiosas são comunistas. Podemos classificar os tipos de polêmicas que se misturam em seus tipos: a dicotomização, ele quer que prevaleça o seu discurso como verdadeiro; a polarização, pois há uma exclusão do discurso do outro e a desqualificação, numa relação de desacreditar o adversário. Dessa maneira, a relação com o outro se torna inconciliável pela quantidade de insultos. O fio discursivo que liga dialogicamente os comentários dos conservadores é o discurso anticomunista, anticorrupção e antipetismo, que coma mesma carga emotiva-valorativa belicosa.

Com relação à afirmação em 1.19<sup>61</sup>, de que as denúncias contra a CNBB são comprovadamente verdadeiras, vale lembrar do envolvimento de Bernardo Küster com a viralização das Fake News durante os anos de 2018 e 2019, o que coloca em evidência as suas supostas “fontes” contra a CNBB. No tópico 4.1, mostramos a reportagem sobre Küster no portal do *The Intercept Brasil*, de novembro de 2018, no qual ele é caracterizado como disseminador de mentiras nas suas páginas. Em junho de 2019, ele também é citado na *Revista Fórum* como um dos *youtubers* famosos por espalhar notícias falsas nas redes sociais. Esses e

---

<sup>58</sup> A Bíblia é dividida por capítulos e versículos. A numeração da passagem bíblica marcada com números em expoente, corresponde aos versículos, nos quais estão divididos os capítulos de cada livro das Sagradas Escrituras. Mantivemos a numeração dos versículos da citação, tal qual é enumerada na Bíblia.

<sup>59</sup> **1.18- Elison Martins** Ele faz certo em denunciar e abrir os olhos do povo qm avisa amigo é ..esquerdismo lixo ..apoiam corruptos essas pessoas são desviadas ..O PT vai usar as pessoas como massa de manobra..bomq tem internet p abrir os olhos.. pq ja ta um inferno pastores e padres comunistas.

<sup>60</sup> **1.19- Elison Martins Jair Presinate** como ele mente se ele deu fontes e td reunido com petralha so cego n qr ver..

<sup>61</sup> **1.19- Elison Martins Jair Presinate** como ele mente se ele deu fontes e td reunido com petralha so cego n qr ver..

outros fatos já citados anteriormente o levam a ser convocado pela *CPI das Fake News* em outubro de 2019. Ao insultar o outro de “*petralha*”, ele deixa claro o seu posicionamento axiológico a favor de Küster.

É importante observar que, em quase todos os comentários, a indignação sempre vem acompanhada de insultos, para confirmar o posicionamento de cada um que julga estar com a verdade. Neles, também encontramos, emojis que representam expressões corporais, elementos constitutivos do processo comunicativo. Ao colocar no seu comentário o emoji chorando de rir, Leonardo Guerra (1.20)<sup>62</sup> se deleita com a saída de Jair Presinate da discussão, já que ele é a favor da CNBB.

A indignação dos católicos conservadores se resume, como vimos, nesse grupo de comentários, são de ordem ideológica, referentes às relações da CNBB com o PT. Para esse grupo social, somente eles são católicos de verdade e os progressistas estão condenados por praticar obras das trevas, por promover ideologia política e ir contra a verdade dos fatos que Küster trouxe à tona. Às vezes, uma página do FB, é um instrumento interativo de comunicação e ao mesmo tempo, um instrumento de alienação em massa. Pois, os grupos que se formam no mundo físico também se formam no mundo digital e, embora exista a possibilidade de pesquisar sobre a veracidade dos fatos, os internautas preferem reproduzir discursos de ódio.

O terceiro recorte do corpus, vai da réplica 28 à réplica 36 do primeiro comentário. Embora esse grupo de comentários seja composto por réplicas ao primeiro comentário, os internautas continuam respondendo a Jair Presinate e não ao primeiro comentário ou a Küster.

**1.28- Ricardo Minamoto** **Jair Presinate** não sabes o que falas! A igreja está sendo usurpada por malfeitores comunistas, que se utilizam de suas investiduras para disseminar sua nefasta ideologia, profanando os serviços sacramentais. Acho que você não sabe da gravidade do assunto.

**1.29- Grasi Rodrigues** Ora, ora, ora....

---

<sup>62</sup> **1.20- Leonardo Guerra** Não aguentou ele mesmo se calou novamente, saiu de fininho



**1.30- Kelly Cristina** **Jair Presinate** que feio, hein?

**1.31- Delano Arraes** **Jair Presinate** tu não é CATÓLICO coisa alguma, tomar vergonha na cara e vai abrir a igreja do LULA eu já denunciei aqui para vários e a máscara dos hereges irá cair. VEJA [https://www.youtube.com/watch?v=TpZQH\\_qH888&t=8s](https://www.youtube.com/watch?v=TpZQH_qH888&t=8s).

**1.32- Bel Mistrinel de Almeida** **Jair Presinate** pior cego é aquele que NÃO quer ver! Infelizmente “ a fumaça do demônio “ entrou sim na santa Igreja Católica e temos SIMM que defender nossa Santa Mãe, ainda que voltemos a ser 12 !!!!

**1.33- Rodrigo Jacques** **Jair Presinate** foi exorcizado do debate. #Xatiado

**1.34- Kelly Cristina** **Bel Mistrinel de Almeida** sim, eu sei. Mas que decepção

**1.35- Delano Arraes** **Bel Mistrinel de Almeida** ele como sacerdote tem o dever de defender a FÉ da Igreja, agora vir aqui e apoiar pacifismo e herege? Será que ele não estudou o suficiente para saber que o próprio Papa Paulo VI na ONU em discurso disse que nós CATÓLICOS somos pela PAZ e não pacifista !!!

**1.36- Frederico Alves** **Jair Presinate** O argumento de quem não tem argumento é atacar o interlocutor!!! Em momento nenhum ele fala da IGREJA! Fala da CNBB, que não responde pela Santa Igreja! Como o Gnosticismo está entranhado no Cristianismo desde a sua fundação, o comunismo e ideias marxistas agora tb está (e olha que isso é CLARAMENTE condenado pelo Papa e pela Igreja)! É preciso assumir um lado... Chega desse discurso raso...

Uma característica da comunicação nas redes sociais é a criação de laços sociais, que podem ser fortes ou fracos, dependendo se há a interação no mundo físico ou não. Nesse grupo de comentários, os internautas respondem a Jair Presinate (1.1 e 1.3)<sup>63</sup> e não hesitam em corrigi-lo em rede. Vemos claramente que não existe nenhum tipo de laço entre eles, já que ele não

<sup>63</sup> **1.1- Jair Presinate** Cuidado, o diabo é especialista em dividir, mentir e caluniar.../ **1.3- Jair Presinate** Por isso que digo CUIDADO, discernimento. Claro que temos que dizer a verdade, corrigir na caridade. Mas tenho a impressão que esse rapaz quer é fazer um "inferno". Não vejo uma correção fraterna nas colocações dele. Mas vejo um desejo de denegrir e difamar a Igreja. Pra ele não tem nada de bom. Será que é um cristão católico mesmo? Por isso que eu digo cuidado, pode ter mais inspiração do espírito mal do que do Espírito Santo. Sem querer julgar. Mas cuidado.

participa da mesma esfera ideológica conservadora. Os internautas se surpreendem com a sua função social. Jair Presinate não responde a nenhum internauta e o diálogo continua desencadeando insultos verbais e mais polêmicas contra a CNBB e contra o PT.

Ricardo Minamot (1.28)<sup>64</sup> dialoga diretamente com Jair Presinate, lamentando que uma pessoa de ideologia comunista ministre os sacramentos católicos. Ser “comunista” continua sendo um insulto, significando algo profano e distante da doutrina cristã. Isso revela a intenção dos conservadores, que é demonizar todos que não partilham de sua ideologia. Esse comentário reproduz a polêmica aberta de leigos católicos conservadores afirmando que os progressistas espalham uma “*nefasta*” ideologia comunista; na visão dos conservadores, a ideologia dos progressistas é algo maléfico. Eles ignoram que toda palavra é ideológica, carregada de valores. Esses valores são atribuídos de acordo com a vivência e intenção de quem fala – e o discurso de uma suposta ameaça comunista se repete para criar um ambiente de medo da CNBB e do PT.

Grasi Rodrigues (1.29)<sup>65</sup> acessou o perfil de Jair Presinate, constatou que ele é padre católico e se surpreende ao ver o *print* do perfil de Jair Presinate. Isso gera reações, que retomam discursos contra a CNBB, contra a TL e contra o PT, presentes na fala de Küster e de seus apoiadores. Kelly Cristina (1.30)<sup>66</sup> censura as atitudes do padre, mas o que nos chama atenção é a série de insultos dirigidos diretamente a Jair Presinate no comentário 1.31<sup>67</sup> de Delano Arraes. Ele ainda publica um hiperlink para um vídeo no Youtube, no qual denuncia o Arcebispo de Maringá, Dom Anuar Battisti, que defende a Teologia da Libertação. Assim, Delano Arraes mostra que faz um trabalho nas redes sociais de denúncias da relação CNBB e TL, dialogando com o discurso de Bernardo Küster.

Bel Mistrinel de Almeida (1.32)<sup>68</sup> continua ofendendo o padre católico, pelos seus posicionamentos. Ela dialoga com Bernardo Küster, ao dizer que tem que defender a fé católica, mesmo que continuem a ser 12 como os 12 apóstolos. Trata-se de um enunciado bivocal, pois Küster encerra o vídeo dizendo “*Fiquem com Deus e lembrem-se de que são João Paulo II disse, que nós devemos defender a verdade, nem que voltemos a ser 12 de novo*”. É importante

---

<sup>64</sup> **1.28- Ricardo Minamoto** **Jair Presinate** não sabes o que falas! A igreja está sendo usurpada por malfeitores comunistas, que se utilizam de suas investidas para disseminar sua nefasta ideologia, profanando os serviços sacramentais. Acho que você não sabe da gravidade do assunto.

<sup>65</sup> **1.29- Grasi Rodrigues** Ora, ora, ora....

<sup>66</sup> **1.30- Kelly Cristina** **Jair Presinate** que feio, hein?

<sup>67</sup> **1.31- Delano Arraes** **Jair Presinate** tu não é CATÓLICO coisa alguma, tomar vergonha na cara e vai abrir a igreja do LULA eu já denunciei aqui para vários e a máscara dos hereges irá cair. VEJA [https://www.youtube.com/watch?v=TpZQH\\_qH888&t=8s](https://www.youtube.com/watch?v=TpZQH_qH888&t=8s)

<sup>68</sup> **1.32- Bel Mistrinel de Almeida** **Jair Presinate** pior cego é aquele que NÃO quer ver! Infelizmente “a fumaça do demônio entrou sim na santa Igreja Católica” e temos SIMM que defender nossa Santa Mãe, ainda que voltemos a ser 12 !!!!

observar que o enunciado de Bernardo Küster também é bivocal, uma vez que ele retomou o discurso de João Paulo II. O que mostra a dialogicidade nesse gênero e ilustra o que diz Bakhtin: os discursos passam de boca em boca recebendo novo acento valorativo. No videodocumentário, Küster diz que a intenção ao expor fatos contra a CNBB era zelar pela “verdade” que a doutrina da Igreja Católica sempre defendeu. Para os conservadores, a CNBB, ao se colocar do lado do PT, dá um exemplo contrário da “verdadeira catolicidade”, ou podemos dizer “cristandade”. Ser contra a ideologia conservadora é ser um excomungado, na visão dele.

Rodrigo Jacques (1.33)<sup>69</sup> traz explicitamente no seu enunciado a questão emotivo-valorativa no termo “*exorcizado*”. O exorcismo só acontece na Igreja quando uma pessoa está possuída pelo demônio, então, para ele, o padre estava possuído. Kelly Cristina (1.34)<sup>70</sup> volta para dialogar diretamente com Bel Mistrinel de Almeida, expressando sua indignação com o posicionamento de Jair Presinate. Delano Arraes também volta ao diálogo no comentário 1.35<sup>71</sup>, fazendo referência ao discurso do Papa Paulo VI na ONU, em 4 de outubro de 1965. A afirmação de que “o Papa Paulo VI na ONU, em discurso, disse que nós CATÓLICOS somos pela PAZ e não pacifista”, sem considerar toda a argumentação do papa, usada por esse internauta, pretende justificar sua agressividade contra o sacerdote. Então, um fragmento do discurso de Paulo VI é distorcido e usado como argumento de autoridade. Na sequência de comentários, o ataque ao padre Jair Presinate mostra que os internautas não reconhecem a sua autoridade como sacerdote católico.

O comentário 1.36<sup>72</sup> de Frederico Alves continua na defesa de Küster e exclui Jair Presinate do diálogo com o enunciado “*chega desse discurso raso*”. O internauta cita uma polêmica de que Küster não fala no vídeo, sobre o gnosticismo, presente na Igreja Católica desde o início da pregação dos Apóstolos. Frederico Alves também repete o discurso do videodocumentário e o de Ricardo Minamoto (1.28)<sup>73</sup> ao falar sobre o comunismo e marxismo que ganham espaço na vida da Igreja. Os tradicionalistas não hesitam em corrigir publicamente

<sup>69</sup> **1.33- Rodrigo Jacques** [Jair Presinate](#) foi exorcizado do debate. #Xatiado

<sup>70</sup> **1.34- Kelly Cristina** [Bel Mistrinel de Almeida](#) sim, eu sei. Mas que decepção

<sup>71</sup> **1.35- Delano Arraes** [Bel Mistrinel de Almeida](#) ele como sacerdote tem o dever de defender a FÉ da Igreja, agora vir aqui e apoiar pacifismo e herege? Será que ele não estudou o suficiente para saber que o próprio Papa Paulo VI na ONU em discurso disse que nós CATÓLICOS somos pela PAZ e não pacifista!!!

<sup>72</sup> **1.36- Frederico Alves** [Jair Presinate](#) O argumento de quem não tem argumento é atacar o interlocutor!!! Em momento nenhum ele fala da IGREJA! Fala da CNBB, que não responde pela Santa Igreja! Como o Gnosticismo está entranhado no Cristianismo desde a sua fundação, o comunismo e idéias Marxistas agora tb está (e olha que isso é CLARAMENTE condenado pelo Papa e pela Igreja)! É preciso assumir um lado... Chega desse discurso raso...

<sup>73</sup> **1.28- Ricardo Minamoto** [Jair Presinate](#) não sabes o que falas! A igreja está sendo usurpada por malfeitores comunistas, que se utilizam de suas investiduras para disseminar sua nefasta ideologia, profanando os serviços sacramentais. Acho que você não sabe da gravidade do assunto.

nem mesmo um sacerdote, pois eles se posicionam como se fossem os que estão do lado do verdadeiro catolicismo.

O quarto recorte do corpus vai da réplica 8 à réplica 21 ao segundo comentário, nos quais encontramos o diálogo entre internautas de diferentes ideologias com Bernardo Pires Küster.

**2.8- Maria Maria** As informações contidas no vídeo causaram forte impressão aqui em casa. Parece-me que os envelopes da Campanha da Fraternidade voltarão vazios.

**2.9- Valdirez Moreira Lima** Muito triste e pesada essa função. Já ouvir Padres defenderem o porte de armas, compreendi, já ouvir padres defendendo o direito a terra, compreendi. Mas não consigo compreender ações e atos que provocam divisões na Igreja. É lamentável, atos políticos concretos tanto da Direita quanto da Esquerda. Lamentável.

**2.10- Isa Maria Valdirez Moreira Lima** é lamentável sim, pois isso enfraquece, mas é um dever do leigo alertar e denunciar sobre atos de ensino que estejam acontecendo contrariamente ao ensino da Igreja. O vídeo só deixou a desejar sobre o armamento individual pois no catecismo se forem ler 2265, 2266 falam sobre os defensores da autoridade tem o direito de repelir pelas armas... mas se continuar a ler percebe que estes detentores de autoridade ã é a pessoa civil, o dono da propriedade, cm falou o Bernardo, mas é o estado que tem o direito de repelir pelas armas os agressores da COMUNIDADE civil pelas quais são responsáveis. No caso seria a polícia que pode ter as armas.

**2.11- Eva Carmo** Fiquei passada com esses esclarecimentos. Fiquei bastante incomodada com a atitude de padres durante a homilia na missa de cinzas, agora entendi o porquê.

**2.12- Vinicius Henrique Oliveira Bernardo Pires Küster** parabéns pela atitude.

**2.13- Silva Junior** Um fantástico trabalho, mas do que esclarecedor. Assisti com toda a minha família. Ficamos triste, mas esta é a realidade da nossa nação, nossa gente!

**2.14- Nailton Lavor Valdirez Moreira Lima** Cadê a divisão? Uma pequena parte barulhenta, com cargos, e organizada, tomando a Igreja de assalto por década é exposta agora. O que ele fez foi denunciar os erros, as ligações escusas de membros da Igreja com partidos políticos e movimentos esquerdistas, que usam a Igreja para seus propósitos ideológicos de poder.

**2.15- Valdirez Moreira Lima** A Igreja tem muitas faces. Todas as faces são de Cristo. A misericórdia, piedade, proteção, amparo, salvífica, sofredora, mártir, cruenta, não cruenta etc.

Cabe a nós fazermos parte desse corpo, pois somente Cristo é o todo. Não devemos ter medo. Pois o Próprio Cristo nos garantiu “os poderes do inferno nunca prevalecerá” não se vence o "inimigo" com atos que provocam divisões dentro da Igreja. Quantos cristãos foram martirizados por causa das injustiças, quantos padres, irmãs, bispos. O momento político no Brasil é delicado, todos os atos, diálogos caminham pro campo da política. Não passa nada despercebido, jogar disputa política partidária no seio da Igreja é muito perigoso e nocivo nas comunidades. Cristo tem muitas faces. Há Igreja em todas as partes; nos centros urbanos, nos bairros, nas periferias. A mesma Igreja, mas com realidades distintas; umas abastadas, outras que passam fome, umas justicadas, outras injusticadas, umas com a face Cruenta de Cristo e outras com a face não cruenta. “A Igreja é maior do que a terra”.

**2.16- Cloves da Silva** O Bernardo pareceu mesmo um direitista? será que me enganei? Quem são os de direita e os de esquerda? Gostaria de entender melhor? De esquerda foram os que saíram do poder? E os de direita são os que comandam hoje o País?

**2.17- Jose Osmildo** Bernardo, você não passa de um embusteiro que quer aparecer à custa dos erros da Igreja, você não tem nada de caridade, o que tem na teologia da libertação, tem muito pior em você, que não tem nenhum compromisso com os pobres, os necessitados, como os irmãos do MST que você mete o pau, você já visitou um acampamento do MST para falar as baboseiras que você fala do MST? Esqueça os líderes e visite os assentamentos para você morder nessa sua língua de trapo, isto é, se você vivenciar um pouquinho do evangelho de JESUS CRISTO, você irá de imediato confessar suas calúnias. Deixa de ser prepotente, levanta esta bunda da cadeira e vá conhecer a pobreza de perto, foi isso que JESUS fez, mas morreu. Será que você daria sua vida pelo evangelho? Deixa de ser oportunista, querer aparecer com uma coisa tão séria que é ter compromisso com os pobres. Isso que você está fazendo é o mesmo que os religiosos fizeram com JESUS há 2000 anos atrás. Fariseus, açorda.

**2.18- Bernardo Pires Küster** Jose Osminto, julgar a intenção é a primeira coisa que um idiota faz. Julgue os fatos. Se puder contradizê-los com mais contundência, darei meu braço a torcer. Até lá, cale-se.

**2.19- Cesar Manieri** José, honre o nome que tu tens e honre o filho de Deus que nasceu do ventre imaculado de Maria. Não se engane. A igreja não pode ser instrumento das trevas. Acorde você: Jesus não morreu!

**2.20- Solange Bomentre Bernardo Pires Küster** Mandou vc "açordar" - agora a coisa ficou séria.

**2.21- Jose Osmildo** O problema que pessoas como vocês só julgam e não contribuem, foram pessoas que agiam como vocês que mataram JESUS e queimaram muitas pessoas inocentes na inquisição, porque vocês acham que estar certo é estar numa ponta da "verdade", mas não se esqueçam que quem vai julgar vocês é o mesmo que disse "Pai, perdoa-lhes, eles não sabem o que fazem". Entre a sua verdade, caro Bernardo, tem uma coisa que São Paulo fala "só o amor e a caridade salvam", o resto é vaidade e vento que passa. Cuidado, você se acha com toda razão em expor, perseguir, difamar, julgar... por acaso DEUS te constituiu juiz? Se coloque diante de JESUS e pergunte o que ELE acha desta sua atitude?

As relações que são estabelecidas nas redes sociais são as mesmas que se estabelecem no mundo físico. Sabemos que o que é dito e polemizado no mundo digital influencia nas ações dos internautas no cotidiano, então a comunicação na internet se mostra cada vez mais menos artificial. O comentário 2.8<sup>74</sup> deixa claro que o que foi denunciado contra as CF por Bernardo Küster vai fazer com que ela boicote sua ajuda financeira para tal ação social. Embora tenhamos escolhido o grupo de réplicas do segundo comentário, alguns internautas não seguem uma ordem para suas respostas.

---

<sup>74</sup> **2.8 - Maria Maria** As informações contidas no vídeo causaram forte impressão aqui em casa. Parece-me que os envelopes da campanha da fraternidade voltarão vazios.

Às vezes, os internautas respondem diretamente a Küster, mesmo sendo em uma réplica do outro internauta. No comentário de Valdirez Moreira Lima (2.9)<sup>75</sup>, só compreendemos o sentido de “*muito pesada essa função*”, considerando todo o contexto polêmico e supomos que ela se referia à função de ser sacerdote, visto que, nas réplicas ao comentário 1 e na publicação como um todo, o alvo das polêmicas são autoridades religiosas católicas. Ao analisarmos o comentário 2 e as suas réplicas de 1 a 8, não encontramos nenhuma referência textual à “função” a que Valdirez Moreira Lima se refere com o recurso coesivo “essa”. Por isso, acreditamos que seja a função de sacerdote, bispo ou outra autoridade religiosa. Ela dialoga com os comentários anteriores, que compartilham da ideologia conservadora e com Küster. Em 2.9 aparece a questão do porte de armas defendido por algumas autoridades religiosas, ao passo que Valdirez Moreira Lima se opõe à relação política e religião, compreende os conservadores que defendem o armamento e sustentam seu posicionamento no Catecismo da Igreja Católica. Para ela, porte de armas de fogo não causa divisão entre os fiéis, somente os posicionamentos políticos. Transcrevemos o trecho do vídeo documentário no momento em que Küster justifica seu posicionamento a favor do porte de armas de fogo, fundamentado no Catecismo da Igreja Católica.

**[32min28s] Bernardo Küster**

Ainda mais, segundo a reportagem do UOL, a cúpula da Igreja Católica, pelo menos o pessoal da CNBB, que não representa totalmente a Igreja Católica, anda falando que eles apoiam o desarmamento. É agora é preciso fazer uma ressalva muito importante. E pra isso, eu vou pegar o livrinho. Você sabe o que é que é isso aqui, vou mostrar pra você, fiel, [mostrando o livro] o Catecismo da Igreja Católica. Vamos para o ponto aqui muito importante. Ponto do Catecismo da Igreja Católica 2263 que diz o seguinte: a ação de defender-se pode acarretar em duplo efeito. Então, quando você vai se defender, por exemplo, de um bandido na sua casa e pode causar duas coisas: A conservação da sua própria vida quando você se protege e outra é a morte do agressor. Só se quer o primeiro e o outro não. Você quer preservar sua vida e não matar o agressor. Mas isso pode acontecer, explica o Catecismo. “Quem defende a sua vida não é culpado de homicídio, mesmo que foi obrigado a matar o agressor”.

A ação dos conservadores diante de qualquer questão doutrinária sempre está baseada nos documentos oficiais da Igreja. Isa Maria (2.10)<sup>76</sup> dialoga com o comentário anterior e usa

<sup>75</sup> **2.9- Valdirez Moreira Lima** Muito triste e pesada essa função. Já ouvir Padres defenderem o porte de armas, compreendi, já ouvi padres defendendo o direito a terra, compreendi. Mas não consigo compreender ações e atos que provocam divisões na Igreja. É lamentável, atos políticos concretos tanto da Direita quanto da Esquerda. Lamentável.

<sup>76</sup> **2.10- Isa Maria Valdirez Moreira Lima** é lamentável sim, pois isso enfraquece, mas é um dever do leigo alertar e denunciar sobre atos de ensino que estejam acontecendo contrariamente ao ensino da Igreja. O vídeo só deixou a desejar sobre o armamento individual pois no Catecismo se forem ler 2265, 2266 falam sobre os defensores da autoridade tem o direito de repelir pelas armas... mas se continuar a ler percebe que estes detentores de autoridade ã é a pessoa civil, o dono da propriedade, cm falou o Bernardo, mas é o estado que tem o direito de

o Catecismo da Igreja Católica como argumento de autoridade para refutar as afirmações de Küster. Como sabemos, cada internauta tem a liberdade de produzir seu comentário de acordo com o que chamou a atenção na publicação. Isa Maria (2.10) responde diretamente a Valdírez Moreira Lima, marcando-a em seu comentário e completa o discurso de Küster sobre a sugestão da autorização do uso de armas de fogo.

Não é nosso trabalho fazer uma hermenêutica do texto do Catecismo, mas numa consulta ao parágrafo citado por Küster, vemos que só algumas passagens do que ele diz está presente no §2263 do Catecismo : “*a ação de defender-se pode acarretar em duplo efeito*”, “*a conservação da sua própria vida*”, “*outra é a morte do agressor. Só se quer o primeiro e o outro não*”. As palavras são deturpadas pelo polemista para que alcance o objetivo de convencer seus seguidores de que, segundo o Catecismo, é justificável portar armas de fogo para legítima defesa. Só que Isa Maria, em 2.10, consulta o texto do Catecismo para expressar sua opinião e indica que faltou acrescentar o restante do texto sobre a legítima defesa.

Em todo caso, constatamos a deturpação de discursos de antigos papas, documentos oficiais da Igreja Católica, para autorizar toda revolta contra a CNBB e contra o PT. A maioria dos comentários que são a favor de Küster trazem polêmicas abertas sobre o envolvimento da Igreja Católica no Brasil com a política, ou com as autoridades religiosas apoiando o armamento civil. Em 2.10, a internauta contesta o discurso armamentista, porém é menos agressiva nas suas observações do que os demais apoiadores de B. Küster. Ela retoma as palavras do videodocumentário, mas acrescenta sua interpretação.

Eva Carmo (2.11)<sup>77</sup> faz um encadeamento ao comentário anterior, referindo-se à explicação de Isa Maria. Ao analisarmos esse comentário, não sabemos a quem exatamente ela se refere ao dizer que se incomodou com a homilia “*de padres*” na Missa de Cinzas. Nas réplicas anteriores ao segundo comentário e em seu próprio comentário, não há referência a padre, missa ou lugar. Pode ser que diante das denúncias apresentadas, tanto no vídeo, quanto nos comentários, a internauta suponha o desconforto de um “determinado” padre dentro da Igreja que ela frequenta.

Vinicius Henrique Oliveira (2.12)<sup>78</sup> dialoga diretamente com Bernardo Küster, marcando-o em seu comentário e o enaltecendo pela atitude (*Bernardo Pires Küster parabéns*

---

repelir pelas armas os agressores da COMUNIDADE civil pelas quais são responsáveis. No caso seria a polícia que pode ter as armas.

<sup>77</sup> **2.11- Eva Carmo** Fiquei passada com esses esclarecimentos. Fiquei bastante incomodada com a atitude de padres durante a homilia na missa de cinzas, agora entendi o porquê.

<sup>78</sup> **2.12- Vinicius Henrique Oliveira** [Bernardo Pires Küster](#) parabéns pela atitude.

*pela atitude*). Silva Junior (2.13)<sup>79</sup>, também apoia o discurso de Bernardo Küster, acrescentando que assistiu ao videodocumentário com sua família e explicitando o afeto sentido com a situação do país. Nos comentários 2.11, 2.12 e 2.13, há expressões diferentes do tom emotivo-valorativo nos enunciados. Vendo essas manifestações de apoio e admiração por uma pessoa comum, confirmamos a ideia de que as redes sociais dão voz a indivíduos até então desconhecidos. Bernardo Küster ficou famoso pela sua luta contra o aborto e, a partir disso, começou a disseminar discursos contra a TL, contra a CNBB e contra a ideologia de esquerda. Logo, não faltaram apoiadores que preferiram acreditar num indivíduo comum do que acreditar em um ministro ordenado da Igreja, como mostramos a indignação com o padre Jair Presinate no terceiro recorte do corpus.

Nailton Lavor (2.14)<sup>80</sup> responde mais uma vez, agora diretamente Valdírez Moreira Lima, reacentuando o apoio a Bernardo Küster. Além de dialogar com a publicação, retomando os discursos polêmicos, ele acrescenta que o ativista está expondo a presença da esquerda na Igreja. Lavor desqualifica todos os “*partidos políticos e movimentos esquerdistas*”, reproduzindo a voz da ideologia conservadora, que sempre vai atribuir valores negativos a esse movimento. Esse discurso pejorativo de que todo esquerdista é nefasto faz com que a polarização aumente e os grupos ideológicos fiquem irreconciliáveis. Os discursos polêmicos vão se repetindo nos comentários e desde o início do corpus quase nenhum argumento é acrescentado aos enunciados. Os internautas, envolvidos na polêmica contra a CNBB, retomam o mesmo discurso: “*esquerdistas e comunistas com propósitos ideológicos infiltrados na Igreja*”.

No comentário 2.15<sup>81</sup>, Valdírez Moreira Lima se opõe ao discurso contra a CNBB e usa uma passagem da Bíblia em “*os poderes do inferno nunca prevalecerá*”, expressando seu

---

<sup>79</sup> **2.13- Silva Junior** Um fantástico trabalho, mas do que esclarecedor. Assisti com toda a minha família. Ficamos triste, mas esta é a realidade da nossa nação, nossa gente!

<sup>80</sup> **2.14- Nailton Lavor Valdírez Moreira Lima** Cadê a divisão? Uma pequena parte barulhenta, com cargos e organizada tomando a Igreja de assalto por década é exposta agora. O que ele fez foi denunciar os erros, as ligações escusas de membros da Igreja com partidos políticos e movimentos esquerdistas, que usam a Igreja para seus propósitos ideológicos de poder.

<sup>81</sup> **2.15- Valdírez Moreira Lima** A Igreja tem muitas faces. Todas as faces são de Cristo. A misericórdia, piedade, proteção, amparo, salvífica, sofredora, mártir, cruenta, não cruenta etc. Cabe a nós fazermos parte desse corpo, pois somente Cristo é o todo. Não devemos ter medo. Pois o Próprio Cristo nos garantiu "os poderes do inferno nunca prevalecerá", não se vence o "inimigo" com atos que provocam divisões dentro da Igreja. Quantos cristãos foram martirizados por causa das injustiças, quantos padres, irmãs, bispos. O momento político no Brasil é delicado todos os atos, diálogos caminham pro campo da política. Não passa nada despercebido, jogar disputa política partidária no seio da Igreja é muito perigoso e nocivo nas comunidades. Cristo tem muitas faces. Há Igreja em todas as partes; nos centros urbanos, nos bairros, nas periferias. A mesma Igreja mas com realidades distinta; umas abastadas, outras que passam fome, umas justicadas, outras injusticadas, umas com a face Cruenta de Cristo e outras com a face não cruenta. "A Igreja é maior do que a terra".

posicionamento axiológico. A CNBB é obra do inferno, segundo os conservadores, e ela não pode continuar conduzindo a Igreja Católica no Brasil. Se em um primeiro momento ela defende a diversidade de “faces” que a Igreja possui, depois, reproduz o mesmo discurso dos conservadores sobre o partidarismo dentro das Igrejas. Porém, no corpus coletado, só encontramos a indignação contra atos políticos referentes aos partidos de esquerda envolvidos com a CNBB. Os insultos *comunistas*, *esquerdistas* e *petralhas* se repetem nos enunciados contra os progressistas. A internauta ainda traz outra voz: “*A Igreja é maior do que a terra*”, mas não ela não indica a autoria. Ao dizer isso, ela se refere à Igreja, que é maior que a CNBB, pois por mais que estejam acontecendo esses atos político-partidários dentro da Igreja, a Igreja vai conseguir sobreviver. O contexto em que a polêmica acontece é trazido para o diálogo, que é o contexto sociopolítico brasileiro do início de 2018, que era de um Governo Federal pós-impeachment, de instabilidade social no país e discussões sobre as eleições presidenciais. Valderez Moreira Lima reconhece as diversas vozes sociais que compõem a Igreja e que os conservadores não reconhecem.

Cloves da Silva (2.16)<sup>82</sup> faz uma série de perguntas sobre alguns fatos abordados no videodocumentário, pois não compreende o que é exposto. José Osmildo (2.17)<sup>83</sup> se opõe diretamente a Küster. Ele prefere responder a Bernardo Küster em uma réplica ao segundo comentário e o insulta: “*embusteiro*”, “*não tem nenhum compromisso com os pobres, os necessitados, como os irmãos do MST*”, “*língua de trapo*”, “*oportunista*” e “*fariseu*”. Com isso, José Osmildo argumenta sobre a falta de caridade de Küster, para expressar seu posicionamento axiológico, mostrando que está do lado dos mais pobres e injustiçados, como aconselha Jesus Cristo nos Evangelhos. No seu enunciado encontramos a dicotomização: quando José Osmildo compara Bernardo Küster a um fariseu, ele o equipara a uma das seitas<sup>84</sup> opositoras a Jesus e,

---

<sup>82</sup> **2.16- Cloves da Silva** O Bernardo pareceu mesmo um direotista? será que me enganei? quem sao os de direita e os de esquerda? gostaria de entender melhor? de esquerda foram os que saíram do poder? e os de direita sao os que comandam hoje o País?

<sup>83</sup> **2.17- Jose Osmildo** Bernardo, você não passa de um embusteiro que quer aparecer à custa dos erros da Igreja, você não tem nada de caridade, o que tem na teologia da libertação, tem muito pior em você, que não tem nenhum compromisso com os pobres, os necessitados, como os irmãos do MST que você mete o pau, você já visitou um acampamento do MST para falar as baboseiras que você fala do MST? Esqueça os líderes e visite os assentamentos para você morder nessa sua língua de trapo, isto é, se você vivenciar um pouquinho do evangelho de JESUS CRISTO, você irá de imediato confessar suas calúnias. Deixa de ser prepotente, levanta esta bunda da cadeira e vá conhecer a pobreza de perto, foi isso que JESUS fez, mas morreu. Será que você daria sua vida pelo evangelho? Deixa de ser oportunista, querer aparecer com uma coisa tão séria que é ter compromisso com os pobres. Isso que você está fazendo é o mesmo que os religiosos fizeram com JESUS há 2000 anos atrás. Fariseus, açorda.

<sup>84</sup> No Evangelho de Mateus, capítulo 23, versículos 13 ao 15 e do 23 ao 28, encontramos uma narrativa em que Jesus chama os fariseus de hipócritas, ou seja, um grupo que queria viver fielmente as leis de sua Tradição e as ações do cotidiano diziam o contrário. Nessa passagem do Evangelho, Jesus chama os fariseus de “sepulcros caiados”. Pois, por fora parecem formosos, mas por dentro estão cheios de ossos, de cadáveres e de toda espécie de podridão.

dessa maneira, mostra uma cisão entre os comentaristas. Há polarização, pois cada um dos envolvidos nos enunciados tem posicionamento axiológico distinto; dicotomização, com a exclusão do outro e a desqualificação, com a agressão verbal. José Osmildo não concorda com o discurso de Küster sobre o MST, que durante o videodocumentário, além de criticar os trabalhos pastorais dos bispos que para ele vão contra a Doutrina da Igreja Católica, ele relaciona esse trabalho com o MST. Vejamos o fragmento a seguir:

[00min33s] - **Bernardo Küster:** [...] E a CNBB está bancando isso aí, está bancando, inclusive, uma tal de fundação do grupo ESQUEL do Brasil, que é administrado pelo MST e por essa ABONG, que defende o aborto, que defende reforma agrária, liberação sexual, união homoafetiva gay, entendeu? [...] Eles fazem a Campanha da Fraternidade todo ano, ao final da campanha, no dia do Domingo de Ramos, fazem a grande coleta nacional e 40% vai para ela, ela envia para projetos como esses abortistas, pessoal do MST, o pessoal lá da pastoral da terra.

Küster sempre relaciona o MST com a corrupção e o mal uso do dinheiro das CF. No videodocumentário, o MST é difamado. Ao se manifestar sobre o posicionamento de Bernardo Küster contra o MST, José Osmildo refuta a opinião tanto de Bernardo quanto a de parte da direita, segundo a qual no MST só há vagabundos, drogas, violência. Em 2.18<sup>85</sup>, Bernardo Küster responde a José Osmildo, marcando o nome “*Jose Osminto*”, certamente para dizer que José Osmildo mente nos seus posicionamentos. O ativista dialoga com José Osmildo com o insulto “*idiota*” e ordena que ele se cale, caso não apresente mais contundência na sua argumentação. Cesar Manieri (2.19)<sup>86</sup> exorta José Osmildo a não aceitar o que está acontecendo na Igreja, concordando com o discurso de Küster. Solange Bomentre (2.20)<sup>87</sup> dialoga diretamente com José Osmildo dizendo a Bernardo Küster ele lhe deu uma ordem. E com ironia diz um erro de grafia de José Osmildo com a palavra “*açordar*”, porque ele disse “*açorda*” em 2.17.

Jose Osmildo (2.21)<sup>88</sup> responde a Bernardo Küster e a seus apoiadores citando a fala de Jesus Cristo quando estava agonizando da cruz: “*Pai, perdoa-lhes, eles não sabem o que fazem*”

<sup>85</sup> **2.18- Bernardo Pires Küster** Jose Osminto, julgar a intenção é a primeira coisa que um idiota faz. Julgue os fatos. Se puder contradizê-los com mais contundência, darei meu braço a torcer. Até lá, cale-se.

<sup>86</sup> **2.19- Cesar Manieri** José, honre o nome que tu tens e honre o filho de Deus que nasceu do ventre imaculado de Maria. Não se engane. A igreja não pode ser instrumento das trevas. Acorde você: Jesus não morreu!

<sup>87</sup> **2.20- Solange Bomentre Bernardo Pires Küster** Mandou vc “açordar” - agora a coisa ficou séria.

<sup>88</sup> **2.21- Jose Osmildo** O problema que pessoas como vocês só julgam e não contribuem, foram pessoas que agiam como vocês que mataram JESUS e queimaram muitas pessoas inocentes na inquisição, porque vocês acham que estar certo é estar numa ponta da “verdade”, mas não se esqueçam que quem vai julgar vocês é o mesmo que disse “Pai, perdoa-lhes, eles não sabem o que fazem”. Entre a sua verdade, caro Bernardo, tem uma coisa que São Paulo fala “só o amor e a caridade salvam”, o resto é vaidade e vento que passa. Cuidado, você se acha com toda razão em expor, perseguir, difamar, julgar... por acaso DEUS te constituiu juiz? Se coloque diante de JESUS e pergunte o que ELE acha desta sua atitude?

e cita uma fala de São Paulo: “só o amor e a caridade salvam”. As falas de Jesus Cristo e de São Paulo são retomadas para mostrar que não há caridade na exposição das polêmicas pelos tradicionalistas e de alguma forma eles não sabem o que estão fazendo nesse confronto ideológico. José Osmildo também se refere à inquisição, comparando a atitude de Bernardo Küster com esse momento da história da Igreja. Como todos sabem, a inquisição foi uma instituição formada pelos tribunais da Igreja Católica que perseguiram, julgavam e puniam pessoas acusadas de se desviarem da doutrina católica.

Desde o século XIII, a inquisição atuava na Europa para conter o avanço de ideologias que divergissem das normas e condutas da Igreja Católica. Foi uma época vergonhosa na história da Igreja e da humanidade, pois, das várias condenações que o Santo Ofício executava, estava a morte na fogueira, uma das punições mais severas que poderia ser dada a uma pessoa. A Igreja Católica, aliada à burguesia europeia, conseguiu confiscar muitos bens materiais para seus cofres, isso foi um grande incentivo para continuar atuando na sociedade. Ao agredir verbalmente Bernardo Küster, José Osmildo traz à tona um fato extremamente negativo para a Igreja Católica, mas com um novo acento valorativo para atacar seu adversário. O tom emotivo-valorativo é de indignação.

No mesmo comentário (2.21), encontramos uma polêmica aberta contra Bernardo Küster, ao compará-lo com um inquisidor (*foram pessoas que agiam como vocês que mataram JESUS e queimaram muitas pessoas inocentes na inquisição, porque vocês acham que estar certo é estar numa ponta da "verdade"*). Então, o trabalho de Küster, nas redes sociais é condenar inocentes sem que eles tenham o direito de defesa. Se os conservadores são comparados a inquisidores, quer dizer que eles estão na função de acusadores injustos. Na voz de José Osmildo está presente a voz de que a militância em defesa da fé dos conservadores não é um trabalho social, pois não mantém contato com os mais necessitados e não conhece de perto os trabalhos do MST. No comentário 2.21, há uma mistura de insultos que constroem a polêmica tanto do ponto de vista social quanto religioso.

Nosso quinto recorte é da réplica 22 à 29 do segundo comentário, em que acontece o diálogo direto de Bernardo Küster com José Osmildo. Repetimos o comentário 2.21 no próximo recorte, porque Bernardo Küster responde a José Osmildo.

**2.21- Jose Osmildo** O problema que pessoas como vocês só julgam e não contribuem, foram pessoas que agiam como vocês que mataram JESUS e queimaram muitas pessoas inocentes na inquisição, porque vocês acham que estar certo é estar numa ponta da "verdade", mas não se esqueçam que quem vai julgar vocês é o mesmo que disse "Pai, perdoa-lhes, eles não sabem o que fazem". Entre a sua verdade, caro Bernardo, tem uma coisa que São Paulo fala "só o amor e a caridade salvam", o resto é vaidade e vento que passa. Cuidado, você se acha com toda razão em expor,

perseguir, difamar, julgar... por acaso DEUS te constituiu juiz? Se coloque diante de JESUS e pergunte o que ELE acha desta sua atitude?

**2.22- Bernardo Pires Küster** Então ótimo, vamos tolerar a CNBB em conluio com o PT. Lindo. Parabéns, José!

**2.23- Bernardo Costa** Esse José é doente. Fala nada com nada.

**2.24- Alessandro Bufalo Bernardo Pires Küster** não perca tempo discutindo com comunistas

**2.25- Jose Osmildo** Doente é você só de não entender nada do que JESUS nos propõe, a sua doença chama-se farisaísmo, se é que você sabe o que é isso.

**2.26- Bernardo Pires Küster** José, contraprovas. Só isso. Pare de acusar e reclamar e seja amigo da verdade, ó paladino do Evangelho.

**2.27- Jose Osmildo** Bernardo, você não é a partidário, você é um reacionário alienado de direita, seja isento, seja santo, cara.

**2.28- Joao Batista Freitas** Mst, cambada de vagabundos. Conheço.

**2.29- Jose Osmildo** Julgar a sua intenção é fácil, aparecer às custas da Igreja.

Neste grupo de comentários, vemos a continuação do diálogo entre Bernardo Küster e José Osmildo. No corpus, raramente Bernardo Küster responde a algum comentário, porém dialoga com José Osmildo para reafirmar seu posicionamento e agredi-lo verbalmente. A ironia presente no enunciado de Küster mostra, mais uma vez, a relação que os conservadores fazem entre o PT e a CNBB. A polêmica aberta da CNBB envolvida com o PT (2.22)<sup>89</sup> é acompanhada de insultos durante o diálogo ente os internautas (*doente* – 2.23; *comunistas* – 2.24; *fariseu* – 2.25; *reacionário alienado de direita* – 2.27; *cambada de vagabundos* – 2.28). Bernardo Küster e seguidores não aceitam opiniões divergentes.

Os internautas encontram essa liberdade de expressão nas redes sociais já que não há um laço social forte, ou seja, não convivem pessoalmente no cotidiano. Dessa forma, fica mais fácil agredir o outro e desqualificá-lo, fazendo que seu discurso seja desacreditado, mesmo que seja com insultos. Ao dizer que o outro não fala com lucidez (2.23)<sup>90</sup>, ou que é comunista (2.24)<sup>91</sup>, eles reproduzem um discurso que opõe definitivamente opiniões conservadoras e progressistas. Fica difícil qualquer diálogo, pois da mesma forma que Bernardo Küster e seus apoiadores excluem José Osmildo, ele faz o mesmo com eles.

<sup>89</sup> **2.22- Bernardo Pires Küster** Então ótimo, vamos tolerar a CNBB em conluio com o PT. Lindo. Parabéns, José!

<sup>90</sup> **2.23- Bernardo Costa** Esse José é doente. Fala nada com nada.

<sup>91</sup> **2.24- Alessandro Bufalo Bernardo Pires Küster** não perca tempo discutindo com comunistas.

José Osmildo (2.25)<sup>92</sup> responde a Bernardo Costa devolvendo o adjetivo “doente”, retomando o mesmo insulto feito a Bernardo Küster, desta vez, acusando-o de farisaísmo. A repetição da palavra “fariseu” constrói a imagem dos conservadores na polêmica, pois para os progressistas, os conservadores estão seguindo rigidamente as leis, mas não têm o compromisso com a vivência da fé. As palavras “comunismo” e “farisaísmo” são insultos usados pelos conservadores e progressistas respectivamente, para fazer prevalecer suas verdades. As palavras contêm a memória do povo, pois elas têm uma memória social. Os insultos voltados para a esfera religiosa se amparam em palavras que estão presentes na Bíblia e os insultos da esfera política em discursos na luta contra o comunismo. Ao se referir a José Osmildo como “paladino do Evangelho”, Bernardo Küster (2.26)<sup>93</sup> ironiza o outro depois de pedir para que apresente a verdade.

A reação de José Osmildo (2.27)<sup>94</sup> é um insulto a Bernardo Küster. Joao Batista Freitas (2.28)<sup>95</sup> responde agredindo verbalmente o MST, concordando com Bernardo Küster no videodocumentário. Ele retoma a polêmica aberta contra o MST, dialogando com sua esfera ideológica e diz que conhecia pessoalmente o MST para dar credibilidade ao seu ponto de vista ao mesmo tempo em que responde ao comentário 2.17<sup>96</sup>, em que José Osmildo defende o Movimento Sem-Terra.

No último comentário desse recorte, José Osmildo (2.29)<sup>97</sup> reafirma que tanta exposição contra a Igreja só é para ganhar audiência. Pode ser que Küster esteja tentando chamar a atenção dos internautas. Alguns progressistas fazem essa afirmação, mas não apresentam argumentos ou fatos que comprovem isso. Bernardo Küster apresenta documentos que comprovam tudo que ele diz, segundo ele. Tanto que ao dialogar com o outro internauta pede algo que mostre que o que ele falou é mentira (*contraprovas* – 2.26).

---

<sup>92</sup> **2.25- Jose Osmildo** Doente é você só de não entender nada do que JESUS nos propõe, a sua doença chama-se farisaísmo, se é que você sabe o que é isso.

<sup>93</sup> **2.26- Bernardo Pires Küster** José, contraprovas. Só isso. Pare de acusar e reclamar e seja amigo da verdade, ó paladino do Evangelho.

<sup>94</sup> **2.27- Jose Osmildo** Bernardo, você não é a partidário, você é um reacionário alienado de direita, seja isento, seja santo, cara.

<sup>95</sup> **2.28- Joao Batista Freitas** Mst, cambada de vagabundos. Conheço.

<sup>96</sup> **2.17- Jose Osmildo** Bernardo, você não passa de um embusteiro que quer aparecer a custa dos erros da igreja, você não tem nada de caridade, o que tem na teologia da libertação, tem muito pior em você, que não tem nenhum compromisso com os pobres, os necessitados, como os irmãos do MST que você mete o pau, você já visitou um acampamento do MST para falar as baboseiras que você fala do MST? Esqueça os líderes e visite os assentamentos para você morder nessa sua língua de trapo, isto é, se você vivenciar um pouquinho do evangelho de JESUS CRISTO, você irá de imediato confessar suas calúnias. Deixa de ser prepotente, levanta está bunda da cadeira e vá conhecer a pobreza de perto, foi isso que JESUS fez, mas morreu. Será que você daria sua vida pelo evangelho? Deixa de ser oportunista, querer aparecer com uma coisa tão séria que é ter compromisso com os pobres. Isso que você está fazendo é o mesmo que os religiosos fizeram com JESUS há 2000 anos atrás. fariseus, açorda.

<sup>97</sup> **2.29- Jose Osmildo** Julgar a sua intenção é fácil, aparecer às custas da Igreja.

O sexto recorte do corpus é da réplica 68 a 78 do segundo comentário. Os internautas continuam o diálogo com José Osmildo e com Bernardo Küster.

**2.70- Denis Cervinskis Bernardo Pires Küster, #WagnerAntonioHorta, #KauanSilvaSampaio, Ivan Carlos Semmer, #AnaClaraSterque, #JuniorLobo, #RosemaraNunes,** não adianta discutir com comunistas como esse, #JoseOsmildo, que não entende de nada, não tem argumentos e, muito menos, religião definida. Deixe esse ser pra lá. Dou meus parabéns às pessoas que, como o #BernardoPiresKüster, defendem a verdadeira Igreja e denunciam o que precisa ser denunciado. Daí, eu pergunto: o que o Papa tem feito? Denunciado!!!

**2.71- Vic Oliveira** Bernardo, a vinda aqui de pessoas como o José está apenas começando. Eles vão atacar de vários lados, como pragas. Insuflados que são pelos discursos da TL... preparemo-nos.

**2.72- Magno Sales** José se e o MST é mesmo de um povo sofrido e trabalhador, me diz pq eles precisam do PT como ajuda?

**2.73-Rodrigo Nogueira Jose Osmildo,** eu tenho embasamento para o que vou falar: uma pessoa que é casada, tinha casa na cidade, entra para o grupo do MST, invadem uma área, montou seu barraco e para não perder aquele espaço enquanto a ocupação ocorria, revezavam marido e mulher para que ninguém lhes tirasse dali. Ambos empregados e cada qual ia para seu barraco após fim de expediente, fazendo a troca na vigilância. Regularizado a situação, dividido os terrenos, feito escritura e registro, o que fizera!?!?! VENDERAM a área que haviam ganhado com o único esforço de permanecer no local por um curto tempo. É esse lixo em que se resume o MST. OBS: fato verídico que acompanhei perto.

**2.74- Jackson Kloeppe!** Por favor, José, conteste o que o Bernardo apresentou, vc fica falando, falando e não apresenta nada que possa nos mostrar que Bernardo falou alguma mentira!

**2.75- Ivi Lopes** Ah o José estudou em Universidades Federal, isso explica muita coisa.

**2.76- Dalte Anderson** Fonseca Jose Osmildo, mostre onde o Bernardo esta mentindo. Estou esperando. Sempre ouço que petista não tem cérebro para separar fatos de argumentos. Será que é verdade isto?

**2.77- Andreia Peixoto** José. Honra teu nome. Todos estão cansados do discurso comunista, marxista etc. A verdade não vai ser mudada de tanto vc repetir mentiras. Não vê o Lula? Quanto mais mente. Mais verdades aparecem sobre ele.

**2.78- Nailton Lavor** Olha o idiota útil com o discursinho manjado da TL. O uso ideológico que esquerda faz do pobre e da pobreza.

Essas sequências dão continuidade a temas e insultos já mencionados (*comunismo, MST, etc.*). Nesse grupo de comentários, a discussão se resume a ataques verbais contra José Osmildo. Denis Cervinskis (2.70)<sup>98</sup> dialoga diretamente com Bernardo Küster e Ivan Carlos

<sup>98</sup>**2.70- Denis Cervinskis Bernardo Pires Küster, #WagnerAntonioHorta, #KauanSilvaSampaio, Ivan Carlos Semmer, #AnaClaraSterque, #JuniorLobo, #RosemaraNunes,** não adianta discutir com comunistas como esse, #JoseOsmildo, que não entende de nada, não tem argumentos e, muito menos, religião definida. Deixe esse ser pra

Semmer (2.48)<sup>99</sup>, marcando-os em seu comentário. Ele usa *hashtags* para marcar outros internautas, inclusive José Osmildo. A acusação de comunista continua, tanto para José Osmildo quanto para outros da sua ideologia. Ele acrescenta uma polêmica aberta contra o Papa Francisco, acusando-o de não tomar nenhuma iniciativa diante dos fatos apresentados por Küster e seus apoiadores, o que contribui para que tudo isso aconteça na Igreja do Brasil. Vic Oliveira (2.71)<sup>100</sup> alerta Bernardo Küster sobre as “pragas” que têm a mesma ideologia de José Osmildo, ou seja, insultando-os.

Magno Sales (2.72)<sup>101</sup> responde diretamente a José Osmildo, que defende o MST desde que começou a participar do diálogo no comentário 2.17: “[...] *os irmãos do MST que você mete o pau, você já visitou um acampamento do MST para falar as baboseiras que você fala do MST? Esqueça os líderes e visite os assentamentos para você morder nessa sua língua de trapo [...]*”. Ele é seguido por Rodrigo Nogueira (2.73)<sup>102</sup> continua dialogando diretamente com José Osmildo sobre o MST. Além de concordar com Magno Sales (2.72) concorda com Küster e relata um fato verídico, segundo ele, sobre uma má ação de um membro do MST, para expressar seu posicionamento axiológico. Mas não se sabe se o relato é factual.

Jackson Kloepfel (2.74)<sup>103</sup> reitera o que disse Bernardo Küster e pede que José Osmildo argumente e prove que o ativista está mentindo. Em 2.18<sup>104</sup> Küster dialogou-se dirigiu diretamente com José Osmildo em: “*Julgue os fatos. Se puder contradizê-los com mais contundência, darei meu braço a torcer*”. Ivi Lopes (2.75)<sup>105</sup> considera que José Osmildo se posiciona contra os tradicionalistas, porque teve a sua formação acadêmica em Universidade Federal. O posicionamento de 2.75 revela os valores da extrema-direita contra as universidades,

---

lá. Dou meus parabéns às pessoas que, como o #BernardoPiresKüster, defendem a verdadeira Igreja e denunciam o que precisa ser denunciado.

Daí, eu pergunto: o que o Papa tem feito? Denunciado!!!

<sup>99</sup> **2.48- Ivan Carlos Semmer** Mostre onde ele não provou com documentos o que ele fala. Xingar ele sem argumentos é atestar a veracidade do que ele falou.

<sup>100</sup> **2.71- Vic Oliveira** Bernardo, a vinda aqui de pessoas como o José está apenas começando. Eles vão atacar de vários lados, como pragas. Insuflados que são pelos discursos da TL... preparemo-nos.

<sup>101</sup> **2.72- Magno Sales** José se e o MST é mesmo de um povo sofrido e trabalhador, me diz pq eles precisam do PT como ajuda?

<sup>102</sup> **2.73-Rodrigo Nogueira Jose Osmildo**, eu tenho embasamento para o que vou falar: uma pessoa que é casada, tinha casa na cidade, entra para o grupo do MST, invadem uma área, montou seu barraco e para não perder aquele espaço enquanto a ocupação ocorria, revezavam marido e mulher para que ninguém lhes tirasse dali. Ambos empregados e cada qual ia para seu barraco após fim de expediente, fazendo a troca na vigilância. Regularizado a situação, dividido os terrenos, feito escritura e registro, o que fizera!?!?! VENDERAM a área que haviam ganhado com o único esforço de permanecer no local por um curto tempo. É esse lixo em que se resume o MST. OBS: fato verídico que acompanhei perto.

<sup>103</sup> **2.74- Jackson Kloepfel** Por favor José, conteste o que o Bernardo apresentou, vc fica falando, falando e não apresenta nada que possa nos mostrar que Bernardo falou alguma mentira!

<sup>104</sup> **2.18- Bernardo Pires Küster** Jose Osminto, julgar a intenção é a primeira coisa que um idiota faz. Julgue os fatos. Se puder contradizê-los com mais contundência, darei meu braço a torcer. Até lá, cale-se.

<sup>105</sup> **2.75- Ivi Lopes** Ah o José estudou em Universidades Federal, isso explica muita coisa.

ou seja, os comentários nesse perfil de FB são de pessoas que não frequentaram essas universidades e quiçá outras. Podemos dizer, inclusive, que a escrita desses internautas aponta para um nível de escolaridade que não é o que se espera de quem tem nível superior.

Dalte Anderson Fonseca (2.76)<sup>106</sup> marca José Osmildo em seu comentário e cobra argumentos e provas contra o que Bernardo Küster expôs contra a CNBB. E xinga os petistas com “*petista não tem cérebro*”, que não sabem discernir situações, partindo do pressuposto que José Osmildo é petista. As acusações de comunistas e marxistas estão presentes na maioria dos comentários dos conservadores. Como é o caso de Andreia Peixoto (2.77)<sup>107</sup>, que está cansada de discursos de conteúdo marxista/comunista, dá o exemplo de Lula (PT), que profere mentiras e fatos sobre ele mostram o contrário. Mais uma vez, há um já-dito cobrando a José Osmildo que honre o nome “José”, como fez Cesar Manieri (2.19)<sup>108</sup> ao cobrar a mesma coisa: “*José, honre o nome que tu tens e honre o filho de Deus que nasceu do ventre imaculado de Maria [...]*”. Nailton Lavor (2.78)<sup>109</sup> ataca verbalmente José Osmildo chamando-o de “*idiota útil*” e diz acrescentando ao que foi dito pelos seguidores do ativista que as pessoas de ideologia de esquerda e simpatizantes da TL usam o discurso de justiça para os pobres como uma maneira para se promover. Para ele, não há uma ação verdadeira nas ações da TL ou dos partidos de esquerda que já estão “*manjados*” nas suas afirmações. Nesse recorte do corpus, da réplica 68 à réplica 78 do segundo comentário, só encontramos enunciados concordantes com o posicionamento de Bernardo Küster e, predominantemente, contra José Osmildo.

A voz de José Osmildo é silenciada pelo próprio Küster e pelos seus apoiadores que não poupam insultos a ele. Küster consegue legitimar o seu discurso nas redes sociais, fazendo com que os seus apoiadores polemizem contra a CNBB e contra o PT, aceitando incondicionalmente seus enunciados. Os discursos polêmicos de demonização do comunismo e da TL, atribuídos ao PT e à CNBB, agregam internautas da sua esfera ideológica que repetem e viralizaram discursos contra os progressistas, baseados em já-ditos, entre os quais os dos papas contra a TL. Os conservadores defendem que Jesus Cristo veio trazer a salvação espiritual e não uma

---

<sup>106</sup> **2.76- Dalte Anderson Fonseca Jose Osmildo**, Mostre onde o Bernardo esta mentindo. Estou esperando. Sempre ouço que petista não tem cérebro para separar fatos de argumentos. Será que é verdade isto?

<sup>107</sup> **2.77- Andreia Peixoto** José. Honra teu nome. Todos estão cansados do discurso comunista, marxista etc. A verdade não vai ser mudada de tanto vc repetir mentiras. Não vê o Lula? Quanto mais mente. Mais verdades aparecem sobre ele.

<sup>108</sup> **2.19- Cesar Manieri** José, honre o nome que tu tens e honre o filho de Deus que nasceu do ventre imaculado de Maria. Não se engane. A igreja não pode ser instrumento das trevas. Acorde você: Jesus não morreu!

<sup>109</sup> **2.78- Nailton Lavor** Olha o idiota útil com o discursinho manjado da TL. O uso ideológico que esquerda faz do pobre e da pobreza.

libertação política, ou seja, o cristão aceita a realidade de injustiça sem lutar por melhorias de vida, porque o encontro com o Deus Vivo vai além dos sistemas escravocratas deste mundo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo que guiou este trabalho foi analisar como se configuram os comentários polêmicos envolvendo a CNBB na rede social Facebook. A partir das características desse gênero, que não tem forma, conteúdo e estrutura fixa, temos como objetivo específico: investigar os tipos de polêmica, correlacionando-os com os valores que esses enunciados carregam com base no contexto extraverbal e na materialidade linguística. Para compreender que as polêmicas vão além dos enunciados verbais, identificamos os conflitos ideológicos entre os conservadores católicos, que são de partidos de ultradireita e os fiéis progressistas, de ideologia de partidos de esquerda. A tensão entre essas vozes é construída historicamente na sociedade e no seio da Igreja, acompanhando as transformações de cada época. Assim, as possíveis mudanças no cenário sociopolítico brasileiro na época da transição de um Governo Federal de centro-esquerda para um Governo Federal ultraconservador influenciaram os posicionamentos dos internautas nas redes sociais.

No Brasil, em 2018, ano de eleição presidencial, figuras polêmicas ganharam destaque pela viralização de seus posicionamentos polêmicos diante de alguns fatos sociais. Nesse contexto social, político e religioso, a CNBB é atacada com insultos verbais por fiéis conservadores. Esses acontecimentos retomam discursos polêmicos que desde o século passado estão presentes na sociedade e que só agora estão mais explícitos por causa do fácil acesso à internet. Os comentários do FB deixam clara a associação do fiel conservador à ideologia de direita e do fiel progressista à de esquerda. A maneira que o internauta molda seu comentário mostra o seu posicionamento axiológico, seja por meio de um enunciado verbal, uma foto, um emoji, um link ou qualquer outra imagem não verbal, que dialogam com já-ditos em outros contextos.

Nossas análises mostraram os tipos de polêmica nos comentários do FB e nelas estão os valores axiológicos da esfera social de cada internauta envolvido na situação comunicativa. Progressistas e conservadores moldam o seu comentário a partir de já-dito de antigos papas da Igreja Católica, documentos oficiais da instituição e da Bíblia, além de repetir o discurso de Küster e dos seus semelhantes. As vozes indignadas com questões doutrinárias da Igreja e que acusam a CNBB de heresia revelam indignação política contra o PT e os movimentos sociais que lutam por justiça. A violência verbal está presente em quase todos os comentários.

A figura de Bernardo Pires Küster, que aparece indignado nas redes sociais com o aborto, usa recorrentemente o insulto “esquerdistas comunistas”, como produto da necessidade de desqualificar os progressistas e a esquerda política. Com isso, ele e outros conservadores

tentam fazer valer sua voz ultraconservadora. Como é comum nas páginas de redes sociais, os seguidores de Küster compartilham os mesmos ideais, de modo que, raramente, aparecem internautas em defesa da CNBB. Os conservadores justificam seus discursos de injúrias e difamações contra a CNBB e aqueles de ideologia progressista e de esquerda. São discursos retomados e reacentuados para condenar quem pensa diferente deles. Já os progressistas usam o discurso de luta contra os marginalizados e injustiçados para contestar as acusações. Com isso, vimos que os laços sociais e os diálogos no FB não são algo artificial, pois os internautas passam a levar essas considerações para a vida social, como, por exemplo, em relação às doações financeiras para as CF e ao comportamento de alguns sacerdotes e fiéis dentro da Igreja.

Os discursos de autoridade de decretos de papas antigos servem para desqualificar autoridades eclesiásticas atuais, progressistas, a ponto de os fiéis leigos, nos seus comentários, afirmarem que padres e bispos da CNBB não representam a Igreja Católica e eles é que seguem a “verdadeira” doutrina. Os insultos mais comuns são: “comunistas”, “marxistas”, “esquerdistas”, “petistas”, “lixo”, “hereges”, entre outros. Podemos dizer que a polarização religiosa é política no Brasil: os conservadores acreditam que todas as pessoas de esquerda são comunistas e marxistas, que devem ser excomungados da Igreja Católica, já que no passado ela excomungou os comunistas na Europa.

A necessidade de dicotomizar o discurso religioso e com isso acentuar a polarização desses grupos religiosos e políticos se manifesta por meio da busca de exaltação da “verdadeira fé”, que para os conservadores só existe no conservadorismo. Ao desqualificar os discursos dos bispos e padres, eles legitimam os seus posicionamentos e dão visibilidade às suas polêmicas nas redes sociais. As polêmicas que seguem o vídeo de Bernardo Küster no FB surgem nesse contexto religioso da Quaresma<sup>110</sup> e de eleições presidenciais no Brasil.

Atualmente, estamos vivendo uma crise institucional na Igreja Católica, no Vaticano e visivelmente no Brasil, onde alguns católicos se posicionam explicitamente contra a CNBB e contra os fiéis progressistas. A CNBB está diante de um país ideologicamente polarizado, que vive um levante político conservador. Os posicionamentos da instituição são dissecados em vídeos no Facebook e em outras redes sociais por fiéis ou mesmo por padres, minutos depois de serem anunciados. Essa exposição na internet molda os mais diversos discursos da esfera

---

<sup>110</sup> No período de contemplação, que é o tempo litúrgico da Quaresma, a Igreja pede jejum, penitência e oração e esse tempo é proposto para fazer campanhas para arrecadar dinheiro para projetos sociais, além de conscientizar os fiéis de problemas sociais.

religiosa onde as vozes da atualidade dialogam com as de outros momentos históricos da vida da Igreja e da sociedade.

Assim, vimos enunciados do passado que condenam o comunismo e a TL – e não apenas alguns aspectos como o Vaticano elencou – mas também os progressistas e o PT. Vimos também que a interpretação dos comentários depende não só do que está expresso na materialidade linguística, mas primeiramente do contexto mais amplo: situação política do país e da Igreja não só no momento de gravação do vídeo, mas também da história nessas duas esferas inseparáveis. Consideramos, portanto, que uma leitura dos comentários do FB na perspectiva dialógica para a apreensão dos sentidos é bastante profícua.

O entrelaçamento dos tipos de polêmicas mostra como os internautas parecem querer mais um espetáculo de injúrias que debates consistentes. Como as opiniões se excluem mutuamente, não há diálogo. É uma polarização que está longe de acabar. Embora só tenhamos abordado o embate de vozes entre conservadores e progressistas no que diz respeito à política e religião, outras noções da teoria dialógica poderiam ser usadas nesse corpus como, por exemplo, a carnavalização, que pode ser objeto de pesquisa no que diz respeito à autoridade dos bispos, que são tirados de seu posto hierárquico na Igreja Católica. Esperamos que esta dissertação contribua para os estudos dialógicos da polêmica e da violência verbal nas redes sociais tão presentes na conjuntura atual e para o campo da educação.

## REFERÊNCIAS

- AGÊNCIA CATÓLICA DE INFORMAÇÕES. **Quem somos?** Disponível em: <https://www.acidigital.com/quemsomos.htm>. Acessado em 01/11/19.
- AMOSSY, R. **Apologia da polêmica**. São Paulo: Contexto, 2017.
- AQUINO, Felipe. Bernardo Küster: CNBB financiou instituições contrárias ao ensinamento da Igreja. **Editora Cleófas**. São Paulo, 2018. Disponível em: <https://cleofas.com.br/bernardo-kuster-cnbb-financiou-instituicoes-contrarias-ao-ensinamento-da-igreja/> . Acessado em 01/11/19.
- AZEVEDO, Dermi. A Igreja Católica e seu papel político no Brasil. **Estudos Avançados**. Vol. 18 n° 52 São Paulo, 2004. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-40142004000300009](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142004000300009)>.
- BAKHTIN, M. **Teoria do romance I. A Estilística**. Organização, tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra. São Paulo, Editora 34, 2015.
- BAKHTIN, M. **Os gêneros do discurso**. Organização, tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra. São Paulo, Editora 34, 2016.
- BAKHTIN, Mikhail. O texto na linguística, na filologia e em outras ciências humanas. *In*. **Gêneros do discurso**. Organização, tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra – 4ª Ed. São Paulo: Editora 34, 2016, p 71 - 107.
- BAKHTIN, M. **Notas sobre literatura, cultura e ciências humanas**. Organização, tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra. São Paulo, Editora 34, 2017.
- BAKHTIN, M. **Problemas da poética de Dostoievski**. 2 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.
- BAKHTIN, M. O problema do conteúdo, do material e da forma na criação literária. *In*. **Questões de literata e de estética: A Teoria do Romance**. São Paulo, Editora Hucitec, 2002.
- BALLOUSSIER, Anna Virginia. Youtuber mira CNBB 'esquerdizada' e rejeita fama de 'MBL dos católicos'. **Folha de São Paulo**. São Paulo, 2018. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/05/youtuber-mira-cnbb-esquerdizada-e-rejeita-fama-de-mbl-dos-catolicos.shtml> . Acessado em 01/11/19.
- BARROS. E. F. A. BEZERRA. B. G. A argumentação em site de rede social: o Facebook como suporte para debates. **Hipertextus Revista Digital**. Disponível em [www.hipertextus.net](http://www.hipertextus.net), v.17, Novembro 2017.
- BARROS, Ana Paula Ferrari Lemos. **A importância do conceito de esfera pública de Habermas para a análise da imprensa - uma revisão do tema**. Universitas: Arquit. e Comun. Social, Brasília, v. 5n. 1/2, p. 23-34, jan./dez. 2008.

BRAIT, Beth. MELO, Rosineide de. Enunciado/enunciado concreto/enunciação. In. **Bakhtin: conceitos-chave**. Beth Brait (org.). São Paulo: Contexto, 2017.

BOFF, Leonardo. **Teologia do Cativo e da libertação**. Petrópolis, Editora Vozes. 1980.

BOFF, Leonardo. **Igreja: carisma e poder**. 3ª Ed. Rio de Janeiro: Record, 2012.

BRIGUET, Paulo. Dossiê Bernardo. **Folha de Londrina Digital**. Paraná, 2018. Disponível em: <https://www.folhadelondrina.com.br/blogs/paulo-briguet/dossie-bernardo-999808.html>. Acessado em 31/10/19.

CÂMARA DOS DEPUTADOS. CPMI das Fake News quer ouvir Joice, Delegado Waldir e integrantes do governo. **Site da Agência Câmara de Notícias**. Brasília, 2019. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/noticias/603561-cpmi-das-fake-news-quer-ouvir-joice-delegado-waldir-e-integrantes-do-governo/>. Acessado em 03/11/19.

CAMAROTTI, G. CARNEIRO, T. Relatórios da CIA citam tensão entre militares e a Igreja durante a ditadura no Brasil. **Portal G1**. 2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/blog/gerson-camarotti/post/2018/06/08/governo-dos-eua-acompanhou-relacao-entre-militares-e-a-igreja-durante-a-ditadura-no-brasil.ghtml>. Acessado em 20/08/19.

CARVALHAL, Juliana Pinto. A influência da Igreja Católica na formação dos Movimentos de Defesa dos Direitos Humanos (1970-1985). **I Colóquio do LAHES**. Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Juiz de Fora – Juiz de Fora, 2005.

CATEQUESE CATÓLICA. **CF - Campanha da Fraternidade - Sua história**. 20--? Disponível em <http://www.catequisar.com.br/texto/materia/fraternidade/01.htm>. Acessado em 21/08/19.

CNBB, Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. **Quem somos?** Brasília. 20--? Disponível em <http://www.cnbb.org.br/quem-somos/>. Acessado em 16/08/19.

**CÓDIGO DE DIREITO CANÔNICO**. Versão Portuguesa. 4ª edição revista. Editorial Apostolado da Oração – Braga. Conferência Episcopal Portuguesa – Lisboa, 1983. Disponível em [http://www.vatican.va/archive/cod-iuris-canonici/portuguese/codex-iuris-canonici\\_po.pdf](http://www.vatican.va/archive/cod-iuris-canonici/portuguese/codex-iuris-canonici_po.pdf). Acessado em 20/08/19.

CONCÍLIO VATICANO II. **Gaudium et spes**. Roma. 1965. Disponível em [http://www.vatican.va/archive/hist\\_councils/ii\\_vatican\\_council/documents/vatii\\_const\\_19651207\\_gaudium-et-spes\\_po.html](http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vatii_const_19651207_gaudium-et-spes_po.html). Acessado em 12/08/19.

CUNHA, D. A. C. A noção de gênero: dificuldades e evidências. **Leitura. Teoria & Prática** (Campinas), Campinas - SP, v. 39, p. 60-64, 2000.

CUNHA, D. A. C. O funcionamento dialógico em revistas e artigos de opinião. Dionísio, A., Machado, A. R. e Bezerra, M. A. (org.) In. **Gêneros textuais & Ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002, p. 166-179.

CUNHA, D. A. C. **Dialogismo em Bakhtin e Jakubinskij**. Investigações, Recife, 2005, v. 18, n. 2, p. 91-101.

CUNHA, D. A. C. O caráter histórico dos gêneros e da representação da enunciação. **Revista do GELNE (UFC)**, v. 9, p. 07-20, 2007.

CUNHA, D. A. C. Circulação, reacentuação e memória no discurso da imprensa. **Bakhtiniana**, São Paulo, v. 1, n. 2, p. 23-39, 2º sem. 2009.

CUNHA, D. A. C. VALOIS, Michelle. La bivocalité dans un récit autobiographique. Le discours et la langue - **Revue de linguistique française et d'analyse de discours**, tome 2.2, 2011.

CUNHA, D. A. C. Dialogismos e ponto de vista: um estudo da charge. **EUTOMIA: revista de literatura e linguística**, vol. 1, nº 09, 2012a. <https://periodicos.ufpe.br/revistas/EUTOMIA/article/view/947>.

CUNHA, D. A. C. Reflexões sobre o ponto de vista e a construção discursiva de comentários de leitores na web. **Revista Investigações** - Vol. 25, nº 2, Julho/2012b.

CUNHA, D. A. C. Violência verbal nos comentários de leitores publicados em sites de notícia. **Calidoscópio**. Vol. 11, n. 3, p. 241-249, 2013.

CUNHA, D. A. C. Discurso outro e ponto de vista na construção do gênero perfil jornalístico. **Revista Investigações**. Vol. 28, nº Especial, Dezembro/2015.

CUNHA, D. A. C. “Sobre a fala dialogal”: convergências e divergências entre Jakubinskij, Bakhtin e Volochinov. **Conexão Letras**, vol. 11, nº 16, 2016, p. 31-49. <http://seer.ufrgs.br/index.php/conexaolettras/article/view/70352>.

CUNHA, D. A. C. Vozes e poder no telejornal: o funcionamento do discurso reportado no jornal nacional da rede globo. **Linha D'Água (Online)**, São Paulo, v. 30, n. 1, p. 89-114, jun. 2017. <http://www.revistas.usp.br/linhadagua/article/view/128319/133040>.

DOMENICE, Thiago. 1964: “O Brasil não estava à beira do comunismo”. Entrevista. **Apublica**. 2019. Disponível em: <https://apublica.org/2019/04/1964-o-brasil-nao-estava-a-beira-do-comunismo-diz-historiador/>. Acessado em: 11/03/2020.

EMEDIATO, Wander. Discurso e web: as múltiplas faces do Facebook. **Revista da ABRALIN**, v.14, n.2, p. 171-192, jul./dez. 2015.

ESPAR-ARGERICH, Miguel. **Dialogismo em discursos do partido dos Trabalhadores (PT)**. Tese de doutorado. Programa de Pós-Graduação em Letras. Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2007.

FACEBOOK. **Nossa missão**. Newsroom. 2018. Disponível em <https://br.newsroom.fb.com/company-info/> acessado em 16/11/18.

- FALLACI, Oriana. “A arte da entrevista”. Fábio Altman (ORG.). **BOITEMPO**. 2004. Disponível em <http://memoriasdaditadura.org.br/biografias-da-resistencia/dom-helder-camara/>. Acessado em 16/08/19.
- FARACO, C. A. **Linguagem e diálogo – ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.
- FARACO, C. A. Bakhtin e filosofia. **Bakhtiniana**, São Paulo, 12 (2): 45-56, Maio/Ago. 2017.
- FARACO, C. A. O problema do conteúdo, do material e da forma na atividade verbal. *In*. **Bakhtin, polifonia e dialogismo** / Beth Brait (org.). São Paulo: contexto, 2018.
- FILHO, João. Quem são os youtubers recomendados por Jair Bolsonaro. **The Intercept Brasil**. São Paulo, 2018. Disponível em: <https://theintercept.com/2018/11/17/youtubers-bolsonaro-nando-moura-diego-rox-bernardo-kuster-fake-news/>. Acessado em 01/01/19.
- FIORIN, J. L. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. 2ª. Ed. São Paulo: Contexto, 2017.
- FRAGOSO, S. RECUERO, R. AMARAL, A. **Métodos de pesquisa para internet**. Porto Alegre, Sulina, 2013.
- GONZAGA, Juliane de Araújo. A interincompreensão gera polêmica: alteridade e heterogeneidade nos discursos das cantoras Anitta e Pitty sobre comportamento sexual feminino. **Revista de Estudos da Linguagem**, Belo Horizonte, v. 25, n. 1, p. 381-409, 2017.
- GUBERT, Antônio Luiz. O GÊNERO “NOTÍCIA” SOB A PERSPECTIVA DIALÓGICA DE BAKHTIN. **Linguagens - Revista de Letras, Artes e Comunicação**. Blumenau, v. 9, n. 2, p. 241-252, mai./ago. 2015.
- GUIMARÃES, Luiz Ernesto. **A teologia da libertação e o contexto latino-americano**. Disponível em: [http://www.pjmp.org/subsidios\\_arquivos/pjmp/enfojan\\_2015/DOC7ATEOLOGIA DALIBER TACAO-E-O-CONTEXTO-LATINO-AMERICANO.pdf](http://www.pjmp.org/subsidios_arquivos/pjmp/enfojan_2015/DOC7ATEOLOGIA DALIBER TACAO-E-O-CONTEXTO-LATINO-AMERICANO.pdf). Acesso em: 14 ago. 2019.
- GUTIERREZ, Gustavo. **Teologia da libertação. Perspectivas**. 2ª Ed. Editora Vozes, Petrópolis, 1976.
- GRILLO, Sheila. Ensaio introdutório. *In*. **Marxismo e filosofia da linguagem. Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. Tradução, notas e glossário Sheila Grillo e Ekaterina, Vólkova Américo. São Paulo, Editora 34, 2017, p. 7 – 79.
- GRILLO, Sheila. Esfera e campo. *In*. **Bakhtin: outros conceitos-chave**. Beth Brait, (org.). – São Paulo: Contexto, 2006, p. 133 – 160.
- IVANOVA, I. O diálogo na linguística soviética dos anos 1920-1930. Tradução de Dóris de A. C. da Cunha; Heber O. Costa e Silva, **Bakhtiniana**, São Paulo, v. 1, n.6, 2011. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/bak/v6n1/v6n1a15.pdf>.

ISNARD, Dom Clemente. Dom Helder e a Conferência dos bispos. *In. Helder, o dom: uma vida que marcou os rumos da Igreja no Brasil*. Zildo Rocha (Org.) Editora Vozes, Petrópolis, RJ, 1999.

JAKUBINSKI, L. **Sobre a fala dialogal**. Textos inéditos e apresentados por Irina Ivanova. Tradução Dóris de A. C. da Cunha e Suzana L. Cortez. São Paulo, Parábola Editorial, 2015.

JOÃO PAULO II. **Carta do papa João Paulo II aos bispos da conferência episcopal dos bispos do Brasil**. Vaticano, 1986. Disponível em: [http://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/letters/1986/documents/hf\\_jp-ii\\_let\\_19860409\\_conf-episcopale-brasile.html](http://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/letters/1986/documents/hf_jp-ii_let_19860409_conf-episcopale-brasile.html).

KIRCHGAESSNER, S. WATTS, J. Igreja Católica abre-se à teologia da libertação enquanto seu fundador é recebido no Vaticano. **REVISTA IHU ON-LINE**. [s.l.]. [s.n]. 2015. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/169-noticias/noticias-2015/542535-igreja-catolica-abre-se-a-teologia-da-libertacao-enquanto-seu-fundador-e-recebido-no-vaticano>. Acessado em 20/08/19.

KÜSTER, B. P. **Perfil pessoal**. 20--? Disponível em <https://www.facebook.com/bernardopkuster> e <https://www.youtube.com/user/starkerbar/about>. Acessado em 31/10/2019.

LOPES, Mauro. João Paulo II: os anos de terror na Igreja. **Revista IHU on-line**. Junho/2017. Disponível em <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/568973-joao-paulo-ii-os-anos-terror-na-igreja>.

LIBANIO, João Batista. **Teologia da Libertação: roteiro didático para um estudo**. Edições Loyola – São Paulo, 1987.

LIBANIO, João Batista. Perspectivas e desafios futuros da teologia da libertação. *In. Helder, o dom: uma vida que marcou os rumos da Igreja no Brasil*. Zildo Rocha (Org.) Editora Vozes, Petrópolis, RJ, 1999.

MACHADO, Adriano Henriques. A influência dos setores católicos na formação do Partido dos Trabalhadores: da relação com os movimentos sociais à ideia de formar um novo partido. **ANPUH – XXV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA** – Fortaleza, 2009.

MAINGUENEAU, Dominique. **Gênese dos discursos**. Tradução: Sírio Possenti. Curitiba: Criar Edições, 2005.

MELO NETO, João. E. T. Uma reflexão sobre a Internet à luz da Dialética do esclarecimento. *In. Filosofia do virtual: reflexões filosóficas acerca da Internet* [recurso eletrônico] / João Evangelista Tude de Melo Neto; Martha Solange Perrusi; Sérgio Gonçalves Ferreira (Org.). Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2019.

NAGLE, Leda. Bernardo Küster: Jornalista Católico, sucesso no Youtube. **Entrevista online no Youtube**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=QE1-x4boing&t=839s>. Acessado em 01/11/19.

O CATEQUISTA. Dom Rifan e CNBB: “Está na hora de recuperarmos o bom nome da nossa Conferência Episcopal”. São Paulo, 2018. Disponível em:

<https://ocatequista.com.br/catequese-sem-sono/catolico-fail/item/18165-dom-rifan-e-cnbb-esta-na-hora-de-recuperarmos-o-bom-nome-da-nossa-conferencia-episcopal>. Acessado em 01/11/19.

**PADRE ZEZINHO, SCJ.** Küster: Discordância, discórdia e confrontação. 2018. Disponível em: <https://blogdopadrezezinho.catholicus.org.br/discordancia-discordia-e-confrontacao/>. Acessado em 01/11/19.

PAIVA, V. Facebook: um estado atrator na internet. ARAÚJO, J.; LEFFA, V. (org.). *In. Redes Sociais e ensino de línguas: o que temos de aprender?* São Paulo: Parábola Editorial, 2016.

**PARACLITUS.** DENÚNCIA GRAVE – Coleta da Campanha da Fraternidade financiou MST e ONGS abortistas! São Paulo. 2018. Disponível em: <https://www.paraclitus.com.br/atualidades/denuncia-grave-coleta-da-campanha-da-fraternidade-financiou-mst-e-ongs-abortistas>. Acessado em 01/11/19.

PEREIRA, Nicolle Montalvão. MATHIAS, Meire. Hegemonias em disputa na Nicarágua: da revolução sandinista à implantação do neoliberalismo. **Revista Despierta**, Ano 04, Número 04, 2017.

PINHEIRO, Ernanne. Dom Helder Câmara como arcebispo de Olinda e Recife. *In. Helder, o dom: uma vida que marcou os rumos da Igreja no Brasil.* Zildo Rocha (Org.) Editora Vozes, Petrópolis, RJ, 1999.

PAULO VI, Papa. **Discurso do Papa Paulo VI na sede da ONU.** Disponível em: [http://w2.vatican.va/content/paul-vi/pt/speeches/1965/documents/hf\\_p-vi\\_spe\\_19651004\\_united-nations.html](http://w2.vatican.va/content/paul-vi/pt/speeches/1965/documents/hf_p-vi_spe_19651004_united-nations.html). Acessado em 12/11/19.

PARANÁ PORTAL. MP investiga irregularidades em programa habitacional popular em Maringá. **Paraná Portal.** Paraná, 2018. Disponível em: <https://paranaportal.uol.com.br/cidades/511-mp-investiga-coohabras-maringa/>. Acessado em: 05/12 /19.

PIO XI, Papa. **Carta encíclica Divinis Redemptoris.** Roma. 1937. Disponível em: [https://w2.vatican.va/content/pius-xi/pt/encyclicals/documents/hf\\_p-xi\\_enc\\_19370319\\_divini-redemptoris.html](https://w2.vatican.va/content/pius-xi/pt/encyclicals/documents/hf_p-xi_enc_19370319_divini-redemptoris.html). Acessado em 20/08/19.

PUZZO, Miriam Bauab. Gênero discursivo, estilo, autoria. **Linha D'Água (Online)**, São Paulo, v. 28, n. 2, p. 172-189, dez 2015.

RATZINGER, Joseph Card. **Instrução sobre alguns aspectos da Teologia da Libertação.** Roma, Sede da Sagrada Congregação para a Doutrina da Fé, 6 de Agosto de 1984. Disponível em: [http://www.vatican.va/roman\\_curia/congregations/cfaith/documents/rc\\_con\\_cfaith\\_doc\\_1984\\_0806\\_theology-liberation\\_po.html](http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cfaith_doc_1984_0806_theology-liberation_po.html)>.

RECUERO, R. **Redes sociais na internet.** Porto Alegre: Sulina, 2ª ed. 2014a.

RECUERO, R. **A conversação em rede: comunicação mediada pelo computador e redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2ª ed. 2014b.

RECUERO, R. **Curtir, compartilhar, comentar: trabalho de face, conversação e redes sociais no Facebook**. Verso e Reverso, Universidade Católica de Pelotas. Pelotas, RS, 2014c.

RECUERO, R. Discurso mediado pelo computador nas redes sociais. *In. Redes sociais e ensino de línguas: o que temos de aprender?* Júlio Araújo e Vilson Leffa (Org.). 1ª Ed. São Paulo: Parábola editorial, 2016.

RENFREW, Alastair. **Mikhail Bakhtin**. Trad. Marcos Marcolino. 1ªEd. Parábola. São Paulo, 2019.

**REVISTA FÓRUM**. Jornalista denuncia ação de robôs comandada por Carlos Bolsonaro contra Greenwald. 2019. Disponível em: <https://twitter.com/revistaforum/status/1140596455343890432?s=17>. Acessado em 01/01/19.

RIFAN, Dom Fernando Arêas. **A CNBB: esclarecimentos**. 2018. Disponível em: <http://www.cnbb.org.br/a-cnbb-esclarecimentos/>. Acessado em 20/08/19.

SALERNO, Paula. **Discurso polêmico e interacción en Twitter y comentarios digitales: el caso de Malvinas durante el último gobierno de CFK**. Facultad de Filosofía y Letras, Universidad de Buenos Aires, Argentina, 2017.

SÉRIOT, Patrick. **Vološinov e a filosofia da linguagem**. Parábola, São Paulo, 2015.

SILVA, Carolina. UM OLHAR DIALÓGICO PARA A POLÊMICA NA IMPRENSA: os sentidos de "maconha" nas capas de revista. **Dissertação de Mestrado**. Unesp/Araraquara: São Paulo, 2017.

SILVA, Filipe Carreira Da. **Espaço Público em Habermas**. Universidade de Cambridge, Reino Unido, 2001.

SILVA, E. G. Os (des) encontros da fé – análise interdiscursiva de dois movimentos da igreja católica. **Sínteses** – Revista dos Cursos de Pós-Graduação, Vol. 12, p.297-310, 2007.

SILVA, Sandro Ramon Ferreira. A Revolução Sandinista e a Teologia da Libertação. **ANPUH – XXIII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA** – Londrina, 2005. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20161030080430/http://anais.anpuh.org/wpcontent/uploads/mp/pdf/ANPUH.S23.0930.pdf>. Acessado em 15/08/19.

SILVA, Naiana Rodrigues. COSTA, Rafael Rodrigues. “Concordo com os termos de uso”: apontamentos sobre controle dos discursos em plataformas de comentários na web. *In. Comentários na Internet*. Lucas Santiago Arraes Reino, Thaísa Bueno Organizadores - Imperatriz - Maranhão: EDUFMA, 2014.

SANTANA, Ana Lucia. História do Facebook. **Infoescola**. 20--? Disponível em <https://www.infoescola.com/internet/historia-do-facebook/> acessado em 22/11/18.

SOUZA, Solange Jobim e. ALBUQUERQUE, Elaine Deccache Porto e. A pesquisa em ciências humanas: uma leitura bakhtiniana. **Bakhtiniana**, São Paulo, 7 (2): 109-122, Jul./Dez. 2012.

SOUZA, Jessé. **A radiografia do golpe: entenda como e por que você foi enganado**. Rio de Janeiro: LeYa, 2016.

SOUZA, Jessé. **A elite do atraso: da escravidão à Lava Jato** [recurso eletrônico]. Rio de Janeiro: Leya, 2017.

SOUZA, Jessé. **A classe média no espelho: sua história, seus sonhos, e ilusões, sua realidade**. Rio de Janeiro: Estação Brasil, 2018a.

SOUZA, Jessé. **A ralé brasileira: quem é e como vive**. 3ª Ed. São Paulo, editora Contracorrente, 2018b.

STELLA, Paulo Rogério. Palavra. In. **Bakhtin: conceitos-chave**. Beth Brait (org.). São Paulo: Contexto, 2017.

VALENTINI, Dom Demétrio. **Como surgiu a CNBB? 20--?** Disponível em <https://formacao.cancaonova.com/diversos/como-surgiu-a-cnbb/>. Acessado em 16/08/19.

VATICAN NEWS. **Nota de esclarecimento da CNBB**. Brasília, 2018. Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/igreja/news/2018-02/nota-de-esclarecimento-cnbb.html>. Acessado em 04/11/19.

VELOSO, S. R. A. Polêmicas discursivas: refrações da palavra do outro na arena do Roda Viva. **Bakhtiniana**, São Paulo, v. 1, n.5, p. 20-33, 2011a.

VELOSO, S. R. A. Polêmicas discursivas e réplicas dialógicas: refrações reveladoras de posicionamentos discursivos. **Estudos Linguísticos**, São Paulo, 40 (3): p. 1597-1609, set-dez 2011b.

VIOMUNDO. Suspeito de ser o Pavão, Carlos Bolsonaro usa Greenwald para unir base contra golpe de Mourão. **Viomundo**. 2019. Disponível em: <https://www.viomundo.com.br/opiniao-do-blog/suspeito-de-ser-o-pavao-carlos-bolsonaro-usa-internet-tambem-para-unir-base-contr-golpe-de-mourao.html>. Acessado em 02/11/19.

VOLOCHINOV, V. N. **A construção da enunciação e outros ensaios**. São Carlos, Pedro e João Editores, 2013.

VOLOCHINOV, V. N. **Marxismo e filosofia da linguagem. Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. Tradução, notas e glossário Sheila Grillo e Ekaterina, Vólkova Américo. São Paulo, Editora 34, 2017.

## ANEXO A

**Observação:** Como o nosso objeto de estudo são os comentários dessa publicação, transcrevemos o videodocumentário sem seguir regras de transcrição.

## TRANSCRIÇÃO DO VIDEODOCUMENTÁRIO

### CNBB NO BANCO DOS RÉUS: grana, poder e heresia.

Disponível em:

<https://www.facebook.com/bernardopkuster/videos/10156268603813395/>

Publicado em 23 de fevereiro de 2018.

#### [00min01s] – Bernardo P Küster (autor do vídeo)

Meu nome é Bernardo Küster. Eu estou fazendo esse vídeo por conta própria. Eu preciso dar um aviso antes desse vídeo começar. Eu sou um leigo, católico e estou aproveitando este ano do protagonismo leigo, pra mostrar alguns fatos pra vocês. Coisas que vem acontecendo há anos e anos no Brasil e que agora esses fatos chegaram ao nível intolerável.

#### [música]

#### [00min20s] - Gleisi Hoffmann (Senadora do PT/PR)

[Nossas Igrejas progressistas] Quero parabenizar a Conferência Nacional dos Bispos da Igreja Católica, por esse ano ter colocado na pauta da sua Campanha da Fraternidade, a questão da superação da violência.

#### [00min29s] – Padre Paulo Renato Campos (Assessor político da CNBB)

A senadora Gleisi já é de casa

#### [00min33s] – Bernardo Küster

Católico, você que é fiel. Você que acredita que a CNBB é um órgão que representa a Igreja católica. Veja o que a CNBB assinou. [música] O carnaval mal acaba e o samba continua, só que dessa vez, tocado pela CNBB. Todo ano na Quarta-Feira de Cinzas, então, começa a Campanha da fraternidade, que são ações sempre politizadas da CNBB e agora este ano eles instauraram a fraternidade e a superação da violência. O ano passado foi bioma e defesa da vida. É sempre politizada. Eles alteram a oração, a liturgia, os grupos de reflexão bíblica, eles alteram a Via-Sacra e tudo sempre na Quaresma. E no final de tudo isso, no Domingo de Ramos, eles fazem uma grande arrecadação e nós vamos falar disso daqui a pouco. Como a gente está falando em Campanha da Fraternidade, ela não vem do nada. Ela é promovida pela CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil) e a pergunta é: o que é a CNBB? Você fiel católico, que todo dia vê notícia acontecendo aí sobre a CNBB, você sabe o que é a CNBB? Você deve está achando que a CNBB é uma embaixada do Vaticano aqui. Que eles são deliberativos. Que eles podem tomar decisão dizendo o que nós devemos ou não fazer. Que nós temos a obrigação de obedecer a Conferência dos Bispos do Brasil. Mas na verdade não. A

Conferência dos Bispos do Brasil tem autorização de existir, mas ela não é um órgão que decide ou não as coisas. Ela é um órgão que a gente chama de consultivo. Eles dão opiniões gerais, mas eles não falam em nome da Igreja Católica. Eles não são a Igreja Católica. E lá tem bispos, bispos bons, muito bons e bispos também que nós podemos chamar de *vermelhos*. E a CNBB foi constituída lá pelos anos 50 e o pivô de tudo isso foi o tal do Dom Helder Câmara, que era um bispo lá do nordeste, que era conhecido como o arcebispo vermelho pela sua defesa, e assim, ele não mudava de ideia em relação ao comunismo. Ele era o teólogo da libertação que é a politização da fé, daí, do pessoal de esquerda. Ele lançou isto, tinha até um poema que ele dizia que o sonho dele era ver o papa ateando fogo no Vaticano, tipo o imperador Nero e distribuindo a riqueza para os pobres. E pra não ser injusto, e não ser assim, não atear fogo na CNBB inteira e dizer que todo mundo é ruim do mesmo saco, a CNBB é dividida em alas. Não é mesmo? Então tem a Regional Nordeste, Regional Sul, regional Norte, e tem, por exemplo, aqui no Sul a regional Sul I e a Regional Sul II, nós vamos falar dela mais pra frente. E lá tem muita gente boa, que é fiel à Igreja e tem o pessoal da esquerda, o pessoal do lado vermelho, que tá há anos e anos infiltrado na Igreja, atasanando a Igreja, fazendo coligações políticas, que nós vamos provar por A mais B nesse vídeo. Então vamos passar pra se organizar. A CNBB não é um órgão diretivo, não é órgão absoluto, não é o magistério da Igreja, ela é um órgão consultivo que tem autorização para existir. Então vamos fazer assim: metaforicamente, um sindicato dos bispos. Eles se reúnem e podem emitir opiniões, mas não é uma opinião oficial da Igreja. Que deve ser observada por todo mundo. Inclusive os bispos têm autonomia pra tomar uma decisão contrária à CNBB. O próprio Ratzinger, o antigo papa, o papa emérito Bento XVI, quando esteve no Brasil aqui, falou sobre isso: que a conferência dos bispos não deve sobrepujar, não deve superar a decisão local do bispo da arquidiocese. É importante a gente ressaltar aqui, que eles fazem essa companha da fraternidade, deve ser aderida ou não. Isso é uma decisão do bispo, do pároco. Quem é a jurisdição do papa aqui no Brasil não é a CNBB. Quem é o representante oficial aqui no Brasil e em todos os países é a tal da Nunciatura Apostólica que fica lá em Brasília e hoje é comandada pelo Dom Aniello. A campanha da fraternidade começou, com esse tema de superação da violência e a CNBB emitiu uma série de documentos e tem um documento deles sobre a Via-Sacra, esse aqui, por exemplo, [segurando um livro] é daqui da minha arquidiocese aqui de Londrina, o ano nacional do laicato e tem uma via-sacra aqui que é exatamente a mesma que veio da CNBB. Se você for ver aqui na via-sacra, você pode pedir depois, para o seu pároco, pra dá uma olhada. Lá tá cheio de coisa de ideologia de gênero, tá cheio de apelo por estado, tá cheio de ideia de feminismo, lei Maria da Penha, tem questão de desarmamento que vai contra o Catecismo da Igreja Católica e muitos fiéis acham que são obrigados a seguir isso, muitos padres, inclusive, acham que são obrigados a seguir o livrinho, na verdade não. Se o padre quiser fazer uma Via-Sacra própria, dele, a próprio punho, ele pode. Nós temos a Via-Sacra de Santa Teresinha do Menino Jesus. Nós temos a Via-Sacra de Bento XVI. Coisa que há dois mil anos a Igreja vem fazendo. Então, assim, a gente pode seguir outro livro. A CNBB diz que está tão preocupada com os pobres, não é mesmo? Porque que eles ficam gastando dinheiro fazendo estes livros aqui, se a Igreja tem uma Tradição de dois mil anos tão rica que pode abençoar e dar uma Via Sacra tão riquíssima. [música] Então, assim gente, apareceu a palavra gênero nesse negócio da Via-Sacra do documento da CNBB. Você sabe que o gênero já foi condenado pelo Papa Francisco, já foi condenado pelo Bento XVI. Gênero nada mais é do que a relativização total da identidade humana. Diz que ninguém nasce homem. Ninguém nasce mulher. Cada um define seu próprio gênero, Segundo eles se percebem. Entendeu? Isso não tem nada a ver com que a Igreja acredita. Então vamos fazer um resgate: a CNBB é um conselho que parece que tem essa autoridade mandatória, que manda em tudo, mas na verdade não. Conselho, simplesmente estabelece a Campanha da Fraternidade que é facultativa. Você pode adotar ou não. Aí eles fazem, então, essa Via-Sacra cheia de bagunça, das coisas que eu expliquei, e ao fim da Quaresma, tem a Sexta-Feira Santa, o Sábado Santo e

depois tem Domingo de Ramos que a gente chama. E nesse domingo de Ramos, eles fazem uma grande coleta Nacional da Solidariedade que as pessoas contribuem nas paróquias e 60% desse dinheiro fica na Arquidiocese e 40% sobe tudo lá para Brasília, no tal de FNS (Fundo Nacional de Solidariedade). E desde 2015 é gerido pela CNBB. Então a CNBB cria esse Fundo Nacional de Solidariedade e a pergunta é o seguinte: Para onde vai o dinheiro? Essa é a pergunta que todo fiel deve fazer, porque é o seu dinheiro, é o meu dinheiro, que vai para o Fundo Nacional de Solidariedade. Vamos pegar, por exemplo, o ano passado, 2017, que a gente já tem comprovado aonde foi investido esse dinheiro, que é administrado pela CNBB. Ela distribui para projetos que são aprovados lá por um conselho que a CNBB tem. Em 2017, por exemplo, eles investiram um número de reais que não sabemos numa tal de ABONG, que é Associação Brasileira das ONGs. E essa ONG tem certos princípios se você for vê o que eles defendem: legalização do aborto. Eles defendem a união homoafetiva. Eles defendem a reforma agrária radical que é um negócio comunista de redistribuição de terra. E defendem a liberdade afetivo-sexual, de todas as pessoas. Liberdade afetivo-sexual? Pô, tipo, para todo tipo, inclusive pedofilia, zoofilia. Cadê a restrição das coisas? E a CNBB está bancando isso aí, está bancando, inclusive, uma tal de fundação do grupo ESQUEL do Brasil que é administrado pelo MST e por essa ABONG que defende o aborto, que defende reforma agrária, liberação sexual, união homoafetiva gay, entendeu? Então, poxa gente, que que é isso? Aí você vai dizer assim para mim: Bernardo! Mas você não viu a nota que a CNBB emitiu no dia 21 falando, explicando, dizendo que esse financiamento não foi para ONG abortista, que foi para plataforma do Marco Civil Regulatório. Sim, gente, eu vi a nota, li na íntegra nota e vou dizer para vocês: não mudou absolutamente nada, minha gente, sabe por quê? A CNBB explicou o seguinte: vou resumir aqui pra vocês, trocar em miúdos que a CNBB disse, para não dizer que enviou dinheiro pra ONG abortista, a tal de ABONG. Eles falaram assim: veja bem, a plataforma que era o projeto aprovado pela CNBB não tinha CNPJ, então, eles pegaram CNPJ da ABONG pra mandar dinheiro pra plataforma. Só que, quando você entra no site da plataforma do marco civil regulatório blá blá blá blá, você vai ver que a plataforma foi lançada, ou seja, foi criada sabe por quem? Pela ABONG. Foi criado pelo MST, por outros órgãos também, mas foi criado também pela tal de fundação Grupo ESQUEL do Brasil, que é administrada pela ABONG, administrada pelo MST, ou seja, o dinheiro rodou, rodou, rodou e parou no mesmo lugar. CNBB! Saiu pior a emenda que o soleto. [música] A CNBB começa todo ano a Campanha da Fraternidade, com esse samba de uma nota só. Aí quando ela é cobrada, a se justificar, ela emite uma nota, super evasiva e ficou pior a emenda que o soleto. E essa nota, acabou tocando na mesma nota: dinheiro foi pra ABONG sim, CNBB. [música] Então lembre-se, gente, Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, que não tem o poder de mandar diretamente na sua vida, mas é um conselho, simplesmente. Eles fazem a Campanha da Fraternidade todo ano, ao final da campanha, no dia do Domingo de Ramos, fazem a grande coleta nacional e 40% vai para ela, ela envia para projetos como esses abortistas, pessoal do MST, o pessoal lá da pastoral da terra, toda essa gente, e enviam inclusive pra organizações como o Cáritas que é uma organização mundial, tem a sua parte aqui no Brasil, faz o serviço muito bacana em muitas coisas. Porém, porém, porém, a gente tem que ver quem são as pessoas que apoiam, aqueles que são os parceiros do Cáritas. É só entrar no site, gente. Quem que apoia o Cáritas? Tá lá a CNBB. Pô, que legal Bernardo. Tá o grupo Marista, pô, você que tem filho no Marista, fica esperto aê. E se eu disser para você, que a CUT, aquele sindicato petista, envolvido num monte de rolo de corrupção, ligado ao Lula, ao PT, também é apoiador da Cáritas. E se eu disser pra você que o MST é ligado a Caritas, esse pessoal que invade terra, que mata polícia. Você acha legal eles apoiarem o Cáritas? Você acha legal, por exemplo, a fundação ADVENIAT apoiar o Cáritas? Aquela fundação dos bispos cismáticos alemães que querem romper com Vaticano que financiou aqui, ó [mostrando o livro das CEBs] Tá aqui ó, o livrinho das CEBs, 14º intereclesial, ADVENIAT, tá aqui ó, ADVENIAT pagou. E você, seu dinheiro, fiel, está indo pra esse

negócio aqui. A CÁRITAS também é apoiada pelo CONIC (Conselho Nacional das Igrejas Cristãs) que é o negócio mais herético que eu já vi. Eu vou mostrar pra vocês mais para frente. Vocês vão ver o documento que eles emitiram e que a CNBB assinou no final. Você sabe quem apoia o Cáritas, o governo brasileiro através de cinco órgãos. Você acha que o CÁRITAS vai se opor ao governo federal sendo que ele recebe o apoio de cinco organizações do governo? Você não bate na mão que te afaga, não é mesmo. Eles receberam apoio de quem também, gente, isso para mim é chocante. Que vergonha! Fundação Ford, que a maior Fundação Mundial que financia aborto no mundo inteiro, que financia aquela Débora Diniz, que financia a ideologia de gênero, a educação Progressista, como é que nós podemos confiar o nosso dinheiro a Cáritas, que tá essa mescla, essa Babel de gente apoiando. [música] Você vai dizer: Bernardo, como você exagera, foi um ano, etc., eles se confundiram, não analisaram bem os projetos. Você quer vê, vamos voltar um pouco no tempo, 5 anos atrás, ano de 2013. Sabe para quem que eles distribuíram dinheiro? Distribuíram dinheiro pro Sindicato dos Trabalhadores Rurais da Jordânia, que é uma cidade, R\$ 10.000. Distribuíram R\$ 10.000 para Associação do grito dos excluídos Continental. Que que é isso? Pra ficar gritando R\$ 10.000. Deram R\$ 20.000 para o Instituto de Desenvolvimento Humano Agroecológico João Calazam, só para fazer negócio de reforma agrária, gente, R\$ 20.000 para o grupo ESQUEL, aquele movimento do MST, dos abortistas novamente receberam R\$ 50.000 em 2013. Seu dinheiro foi para lá. Você sabia, fiel? Você sabia disso? [música] A CNBB tem mais ou menos uns 400 e tantos bispos aí que me parece. E você sabia que, mais ou menos uns 60 desses bispos estiveram, esses bispos da CNBB, estiveram aqui em Londrina, cidade onde eu moro, no 14º intereclesial das Comunidades Eclesiais de Base e que eles fizeram um evento, que já denunciei em quatro vídeos, que saiu no site do exterior *Church Militant*. E gente, eu preciso contar um negócio pra vocês do Frei Betto. Vocês ficaram dizendo assim: ah Bernardo, eu acho que você é obcecado pelo Frei Betto. Eu vou mostrar pra vocês o quanto eu sou obcecado pelo Frei Betto, quer vê? Olha aqui ó, vocês sabem o que é isso aqui [mostrando um panfleto] esse papel aqui, ó, foi distribuído no dia das CEBs, você sabe o que é isso aqui, minha gente, livros de Frei Betto. Ó! Tá aqui ó! Praticamente todos os livros de Frei Betto, com desconto para vender no pessoal das CEBs. Vocês sabem quem é o Frei Betto? Frei Betto é o cara que fundou o PT, junto com Lula. Frei Beto foi o cara que teve a ideia do foro de São Paulo. Frei Beto foi o cara que comandou as comunidades eclesiais de base para alastrar o PT. O Frei Betto é aquele que fez a entrevista com Fidel Castro, escreveu um livro. É aquele cuja biografia foi prefaciada pelo Fidel Castro. Recebeu o prêmio do Hugo Chaves, o do irmão do Fidel Castro, esse cara aqui, estava distribuindo panfleto, para vender o livro lá gente. Vocês vão falar que eu tô louco, olha aqui, ó gente, aqui ó [mostrando o panfleto] Oh Maravilha, chan, chan, chan, chan, chan. O livro de culinária, livro pra criança. Tem todo tipo, você quer? Tem Frei Betto para todo mundo, gente. E por falar em Frei Betto, você sabia que ele se gaba no artigo, aqui, que ele deu uma entrevista para um tal de Antônio ateu? Que ele escreveu no ano de 1988, um artigo defendendo o aborto dizendo que, se homens tivessem, se engravidassem, se parissem, o aborto seria um Sacramento na Igreja. Ele se gaba que a CNBB nunca deu uma advertência pra ele. Agora sim, a CNBB nesse Fundo Nacional de solidariedade da Campanha da Fraternidade, distribuí dinheiro pra ONGs, que apoiam a legalização do aborto, mas nunca advertiu o Frei Betto. Que espécie de viés é esse que a CNBB tem? [música] E por falar em Frei Betto, e 14º intereclesial, eu preciso falar do assistente do Frei Betto, ou melhor, o ex-assistente dele: Dom Geremias Steinmetz, que é atualmente o Arcebispo de Londrina, que foi anfitrião do 14º intereclesial, aqui em Londrina. Só que pouca gente sabe de algumas coisas sobre ele, por exemplo, lá no site do regional Sul 2, a gente pode ver, que o Dom Geremias teve atuações fortes no Cáritas, é, aquele órgão que é apoiado pelo MST, pela Fundação internacional Ford, etc., que ele é vice-presidente da Regional Sul 2, que nós vamos mencionar mais para frente. Não esqueça disso. Logo no começo do arcebispado dele, aqui em Londrina, autorizou, aliás, eu denunciei o evento, mas ele autorizou, a semana

LGBT, aqui em Londrina, ele fez o tal do grito dos excluídos, e anda parece, que anda fazendo as reuniões com sindicalistas, aqui em Londrina. E porque eu estava mencionando o 14º intereclesial das Comunidades eclesiais de base, aqui em Londrina, porque são justamente esses grupos, que fazem parte do esquema da CNBB, para difusão da Campanha da Fraternidade no Brasil, os grupos bíblicos também, são outros, e a Campanha da Fraternidade foi lançada no último dia 14 de fevereiro de 2018, lá na CNBB, em Brasília, com a ministra Cármen Lúcia, do Supremo Tribunal Federal. Estava lá o Alessandro Molon. Vocês sabem quem é o Alessandro Molon? Ele é um ex-petista, assim, nato, que depois foi para o partido da Marina Silva. Estava lá, inclusive, Dom Leonardo Steiner, que é o secretário-geral da CNBB, não é o presidente, mas é o secretário-geral da CNBB. Estava o presidente da CNBB, o Cardeal, não é nem Bispo, Cardeal Sérgio Rocha da CNBB. E vamos checar algumas declarações que o Sérgio Rocha deu, que saíram na agência estado. O Cardeal Sérgio Rocha, disse na ocasião do lançamento da Campanha da Fraternidade, o seguinte: precisamos de políticas públicas para nos ajudar a superar e assegurar os direitos fundamentais que as pessoas têm. Eu acho engraçado que o Cardeal não menciona, por exemplo, a conversão, a mortificação, a penitência, o arrependimento. Nada! Não se não menciona sequer o inferno, céu, nem Jesus. A solução do problema é políticas públicas. O Estado tem que fazer. Sabe o que se chama isso? Chama-se socialismo, gente. Outra declaração dele, por exemplo, nesse evento, "a corrupção é uma forma de violência e ela mata". Bom, se isso for verdade, porque que a CNBB, o Cardeal Sérgio Rocha, porque, Dom, Dom Sérgio Rocha, porque que o Senhor não condena a corrupção do PT? Porque que o Senhor não condenou a corrupção do PMDB? Porque o Senhor não louvou as ações do Sérgio Moro? Ou, a condenação do TRF-4, que condenou Lula, a 12 anos e 1 mês de cadeia, sendo que está comprovada a corrupção dele e essa corrupção mata. [música] E por fim, olha o que Dom Sérgio Rocha, o presidente da CNBB, sinalizou. E esse ponto vai ser destacado mais pra frente novamente. Ele disse o seguinte: a Igreja está orientando os eleitores, ajudando-os a formar sua consciência e a identificar quais candidatos estão comprometidos com a paz. Então assim, a CNBB vai começar agora, inclusive, a influenciar mais ainda nas eleições. Será que a igreja não tem problemas maiores no Brasil para lidar? Do quê que ficar indicando que candidato tem que voltar ou não? E nessa reunião, inclusive, estava uma pessoa muito importante que nesse vídeo ganhará grande destaque, que é o padre Luiz Fernando da Silva, o secretário executivo da Campanha da Fraternidade, este padre que vocês estão vendo, que é o responsável por toda a Campanha dentro da CNBB. Que ele estava em todos os eventos, e o próximo deles, agora, a treta fica grande. E porque que eu mencionei o padre Luiz Fernando da Silva, que é o responsável pela Campanha da Fraternidade da CNBB? Por que ele estava numa reunião, no senado, com a bancada do PT, com a presidente do PT Dona Gleisi Hoffman.

**[16min27s] Gleisi Hoffmann (Senadora do PT/PR)**

[Primeiro a CNBB] (repete três vezes) Em nome do Padre Paulo. [música] E a gente tem aqui uma parcela muito representativa as nossas Igrejas progressistas [nossas Igrejas progressistas] (repete três vezes).

[música]

**[16min45s] Bernardo Küster**

Estava na bancada do PT no Senado, junto com Lindbergh Farias, e outros senadores do PT, com o tal do pessoal do CONIC.

**[16min53] Gleisi Hoffmann (Senadora do PT/PR)**

Quería fazer uma saudação muito especial ao CONIC em nome da pastora Romi.

**[16min58] Bernardo Küster**

Estava com o pessoal da igreja Ortodoxa, Anglicana, Batista, Presbiteriana. Estava com pessoal da Visão Mundial, que nós vamos falar mais pra frente. Debatendo questões, assim, que são totalmente importantes. Eles falaram, por exemplo, o tal de desmonte da Constituição Federal, patrocinado pelo Temer, não é mesmo. A ruptura democrática, que aconteceu no golpe, contra a presidente em 2014, contra Dilma, não é! O impeachment. O impeachment, para eles, foi Golpe.

**[17min22s] Lula (Ex-presidente do Brasil – PT)**

É golpe! [repetição da palavra golpe].

**[17min25s] Bernardo Küster**

Sobre a entrega do patrimônio nacional ao capital externo. Eu não sei o que isso significa, mas diz que foi o tema da reunião. [música] E como vocês podem ver num próximo vídeo, que vai passar agora, a Gleisi Hoffmann, estava lá na bancada do senado, dando apoio irrestrito à Campanha da Fraternidade. Pra mim funciona o seguinte: a Gleisi apoia, eu vou contra. Se ela vai contra, eu apoio.

**[17min46] Gleisi Hoffmann (Senadora do PT/PR)**

Quero parabenizar a Conferência Nacional dos Bispos da Igreja Católica por esse ano ter colocado na pauta, da sua campanha da fraternidade, a questão da superação da violência. [o padre falando é de casa, se referindo a Gleisi].

[música]

**[17min59s] Bernardo Küster**

Então de um lado nós temos Dom Geremias Steiner, aqui em Londrina, que foi o anfitrião desse evento das CEBs, esse evento que deu, que fez um a ação de agravo contra o Sérgio moro pedindo o controle do Poder Judiciário, ele que foi assistente do Frei Betto.

**[18min10s] Dom Geremias (Vice-presidente da Regional Sul 2 da CNBB)**

Pude aprender, por ter sido, pelo menos, assistente das pessoas, como o Frei Betto, que aqui está.

**[18min18s] Bernardo Küster**

E atualmente é vice-presidente da Regional Sul 2 da CNBB e do outro lado nós temos a Gleisi Hoffmann, que é presidente do PT [padre falando que ela é de casa] Ela que é senadora atualmente no PT, estava recebendo todo este pessoal, numa maravilha de um evento lá no Senado, junto com Lindbergh Farias e todo esse povo.

**[18min39s] Gleisi Hoffmann (Senadora do PT/PR)**

Primeiro a CNBB, Padre Paulo.

[música]

**[18min41s] Bernardo Küster**

O que casa muito bem, com uma fala famosa do Lula, que ele fala no avião, que ele chegou onde chegou graças a base da igreja católica, que ele é fruto da teologia da libertação.

**[18min50s] Lula (ex-presidente)**

Mas por que é que eu cheguei aonde cheguei? Porque eu tenho por detrás de mim um movimento. Eu tenho por detrás de mim uma grande parte da Igreja Católica. A base da Igreja Católica. A base da Igreja Católica [repetindo duas vezes]. E eu era fruto da teologia da libertação [repetindo duas vezes].

[música]

**[19min11s] Bernardo Küster**

Justamente o que o Frei Betto apoia, o que a Gleisi Hoffmann apoia, e o que fez nascer o PT. E nessa reunião também, tinha mais um membro da CNBB que estava lá, além do responsável pela Campanha da Fraternidade. Estava o tal do padre Paulo Renato Campos. Sabe quem que é ele? Ele é o assessor político da CNBB. Toda decisão política que a CNBB toma, é assessorada por ele. Vocês sabem o que é que ele disse naquela reunião com pessoal do Senado do PT? Ele disse uma fala assim, abrindo as portas pro PT, da CNBB.

**[19min44s] Padre Paulo Renato Campos**

Então nós queríamos colocar a conferência, mais uma vez, à disposição dos senhores para o diálogo, como sempre foi feito [repete duas vezes].

[música]

**[19min55s] Bernardo Küster**

E falou inclusive que a senadora Gleisi era de casa. [padre Paulo Renato repetindo duas vezes que Gleisi já era de casa]

**[20min01s] Gleisi Hoffmann (Senadora do PT/PR)**

Quero parabenizar a Confederação Nacional dos Bispos.

[música]

**[20min06s] Bernardo Küster**

E o senador Lindnbergh Farias já apareceu várias vezes com eles na CNBB. [Padre Paulo Renato falando que o senador Lindnbergh Farias já tinha comparecido várias vezes] [uma pessoa grita num palanque de comício: esse é um golpe duro] [música] Se estava escancarando, mostrando a estreita ligação que o PT tem com a CNBB, gente. Agora faz sentido esse tipo de Campanha da Fraternidade, esse apoio a ONGs que defendem a legalização do aborto, esse apoio a ONGs que tem ligação direta com MST, reforma agrária e todas essas fundações internacionais globalistas. Gente, só deixa eu fazer uma ressalva rápida: eu não estou condenando a CNBB inteira, todos os bispos, todos os padres, todo mundo, não. Eu estou dizendo que a cúpula da CNBB estava reunida com o senado tomando decisões que depois escorrem para todas as alas da CNBB. Outro grupo que estava junto com esse pessoal lá na cúpula no senado junto com a cúpula da CNBB era um tal de pastor Welinton Pereira representando a visão mundial. Vocês sabem o que é a visão mundial? A visão mundial não tem nada a ver com o catolicismo, tem a ver com a ala protestante da Igreja Cristã, vamos dizer assim. E esse pessoal é a ala totalmente progressista. É o pessoal da tal da missão integral (pastor falando: que óculos a teologia da missão mundial deveria usar?) Que é a Teologia da Libertação protestante. O pessoal que quer politizar tudo dentro da igreja protestante. E esse pastor Welinton Pereira estava representando a Visão Mundial lá junto com o PT no senado federal. Vocês sabem quem que é o presidente da Visão Mundial? Que que é o cara que

encabeça tudo isso? É um homem, um pastor chamado Ariovaldo Ramos. É um homem absolutamente progressista, comunista, que defende abertamente o marxismo [Fala do Pastor Ariovaldo: - Que óculos que a Teologia da Visão Mundial deveria usar? Eu acho que a Teologia da Visão mundial também é uma Teologia da práxis. Bem naquela cara do Karl Marx [repete duas vezes "do Karl Marx"] E ele, inclusive, hoje, escreva para a mídia ninja. Vocês lembram da mídia ninja que surgiu na época dos protestos, vocês lembram que a mídia ninja tem um site. Vocês sabem quem são os colunistas da mídia ninja? O pastor Ariovaldo Ramos. Sabe quem escreve lá junto com ele? Eu vou dizer pra vocês quem escreve. Jandira Feghali do PT. O Jean Wyllys, comunista. Tico Santa Cruz, aquele artista super comunista. Guilherme Boulos do movimento dos trabalhadores sem teto. O Marcelo Freixo. Não preciso falar nada. A Marcia Tiburi, como conversar com um fascista. O Lindbergh Farias que estava na mesma reunião. [Interrupção com o padre falando: - O senador Lindbergh Farias já com pareceu varias vezes]. A Maria do Rosário [cena dela gritando com Bolsonaro: - O que é isso aqui? O que é isso aqui?] Todos eles socialistas, comunistas, progressistas. [Senadora Gleisi falando: - Nossas Igrejas Progressistas] São parceiras do dom Ariovaldo Ramos da visão mundial. Se vocês olharem, por exemplo, o relatório de 2016 da visão mundial, vocês vão vê por exemplo, eventos como esse, do Tico Santa Cruz, um artista daquele, parece, Detonaltas, dando curso pra adolescente. Que tipo de organização é essa que tem um fundo de 40 milhões por ano. E o pior, vocês querem saber quem banca esse negócio? A CNBB. [música] Mas vocês sabem quem banca essa visão mundial, essa organização protestante absolutamente progressista, esquerdista? A IBAB, que é a Igreja Batista de Água Branca do famoso pastor Ed René Kivitz, o pessoal da Microsoft, lá do Bill Gates, o pessoal do banco interamericano do desenvolvimento, uma tal de fundação capital. E sabe quem? A CNBB. [música] O dinheiro que vai pra CNBB, que vocês enviam, vai também pra essa organização progressista, comunista, da visão mundial.

**[23min25s] Gleisi Hoffmann (Senadora do PT/PR)**

Nossas Igrejas Progressistas

**[23min28s] Bernardo Küster**

Lembra que eu mencionei o CONIC, o conselho das Igrejas Cristãs, lá atrás.

**[23min33s] Gleisi Hoffmann (Senadora do PT/PR)**

Quero fazer uma saudação especial ao CONIC em nome da pastora Romi

**[23min36s] Bernardo Küster**

Faz parte dos apoiadores do Cáritas, lá atrás no começo do vídeo. Pois então nós vamos falar do CONIC de novo (Conselho Nacional das Igrejas Cristãs). Ele estava na reunião do Senado com PT. Estava lá com padre Paulo Renato Campos, assessor político da CNBB. Tava lá o responsável pela Campanha da Fraternidade Da CNBB. O pessoal da CONIC estava sendo representada lá pela pastora luterana Romi Bencke.

**[24min] Gleisi Hoffmann (Senadora do PT/PR)**

Queria fazer uma saudação especial ao CONIC em nome da pastora Romi.

**[24min04s] Bernardo Küster**

A mesma Romi Bencke estava sentada a mesa no evento da UEL, na época do 14º eclesial. Esteve sentada à mesa com Frei Betto, do qual o Dom Geremias foi assistente e com o Marcelo Barros, que é o cara da Pastoral da Terra, que recebe dinheiro desse fundo nacional da CNBB. Eu preciso falar um pouquinho para vocês do CONIC porque ele é muito importante. Eu tenho

certeza que você fiel, você pastor, você padre, não conhece o CONIC. A mesma Romi Bencke que, por exemplo, diz que o impeachment da Dilma foi um golpe.

**[24min34s] Romi Bencke (Conselho Nacional de Igrejas Cristãs do Brasil – CONIC)**

Eu sou Romi, sou do Conselho Nacional de Igrejas Cristãs do Brasil para resistir ao golpe. [repete].

**[24min40s] Bernardo Küster**

Oh, que novidade! Você sabe quem que faz parte do CONIC? Vou dizer a vocês. Aquelas Igrejas que estavam no PT. Nessa reunião do PT, no senado. Na reunião do conselho das Igrejas presbiterianas, das Igrejas anglicanas, das Igrejas ortodoxas, da Igreja Batista. E sabe quem faz parte também do CONIC? A CNBB. O mesmo CONIC que no último relatório de 2015/2016, diz lá no texto que eles fizeram uma ruptura democrática, que houve uma ruptura democrática, com o impeachment da Dilma. Que isso foi, em outras palavras, um golpe. [Romi repete duas vezes: Resistir ao golpe]. O mesmo CONIC do qual a CNBB faz parte. Que todos os anos realizam uma tal de Campanha da Fraternidade Ecumênica, não é Campanha da fraternidade igual da CNBB. Eles fazem uma Campanha da Fraternidade ecumênica, à parte, que envolve outras denominações cristãs e eles fizeram essa Campanha da fraternidade ecumênica lançada, sabe com quem gente? Foi lançada com a Dilma. Olha a fotinha aí, desse pessoal todo com a Dilma em 2016. E vocês sabem que eles também fazem uma coleta, tipo a CNBB. E vocês sabem quanto eles juntaram, segundo o relatório deles, em torno de R\$ 6.000.000,00. Isso é muita grana e que são usados em projetos, somente R\$ 4.000.000,00. Agora eu quero fazer uma pergunta pro pessoal da CONIC, o pessoal da CNBB, que faz parte da CONIC, que tem um tesoureiro lá da CONIC e da CNBB, o senhor Teodoro, também: onde foram parar esses dois outros milhões, esses dois milhões? Cadê a prestação de contas? Isso é dinheiro de fiel. Onde é que tá essa grana? Esses dois milhões. [Gleisi saudando o CONIC]. Eu sei que esse vídeo exige muita atenção, mas eu quero que vocês prestem ainda mais atenção no que eu vou falar para vocês. Eu estou falando desse CONIC, desse Conselho Nacional das Igrejas Cristãs, que estava na reunião do senado, com o PT, com pessoal da CNBB e das outras Igrejas e, também, da visão Mundial. [música] Eles produziram um documento chamado “hospitalidade eucarística”. Que é um documento próprio deles. No qual eles dizem, verifiquem vocês o documento [mostrando o documento]. Nós representantes das igrejas membros da CONIC, que inclui a CNBB, reunidos em um seminário sobre hospitalidade eucarística, queremos compartilhar os resultados das reflexões. E aí, eles, então, começam a discutir questões, as conclusões, aliás, doutrinárias que eles verificaram as seguintes convergências entre igreja ortodoxa, anglicana, presbiteriana, batista, católica e eles dizem o seguinte [música]. Sobre a presença real de Cristo na ceia. Olha o que eles dizem: nenhuma igreja defende uma doutrina de uma presença meramente simbólica de Cristo na eucaristia, mas sim real e sacramental. Mas prestem atenção fiel católico do meu Brasil, você que banca a Campanha da fraternidade, que faz parte da CNBB, que faz parte do CONIC. Veja só o que eles dizem: É verdade, existem diversas formas de expressar a presença real de Cristo, mas todas realçam que, todos que participam da mesa do Senhor, recebe o próprio Cristo. Ou seja, não importa se é a eucaristia católica, não importa se é uma santa ceia Batista, não importa se é uma consagração anglicana. É tudo a mesma coisa. Então aquele Sacramento, aquela consagração que o padre faz no momento da Eucaristia, aquilo não faz diferença, segundo eles. [música] Outro ponto é o conceito de sacrifício que eles já colocam entre aspas eles dizem que, o aspecto sacrificial constitui uma dimensão inerente e irrenunciável da Santa Ceia. No entanto, atenção católico, não se entende esta [a Santa Ceia] como uma repetição do único sacrifício Redentor de Cristo. Católico, você que é fiel, você que acredita que a CNBB é um órgão que representa a Igreja Católica, veja o que a CNBB assinou. A CNBB tá dizendo, assinou esse documento aqui dizendo que na missa não é um sacrifício. Então, quando você

reza na igreja, com todos os fiéis, o mundo inteiro reza: Senhor, recebe em tuas mãos este sacrifício, na verdade isso pra eles não significa nada. [música] Como se fosse um negócio, um culto protestante. Vale o que tá na sua cabeça. Não importa, não tem nenhuma objetividade, ali. Pra mim, isso passou dos limites, gente. Agora a coisa ficou séria, mesmo. Agora é a respeito da transubstanciação, ou seja, da presença de Cristo, da presença real do corpo e do sangue de Jesus Cristo na eucaristia. Você quer saber o que é a CNBB assinou nesse documento, aqui, junto com as outras igrejas: eles disseram, por exemplo, que “Ainda não se possa afirmar estar de todo superado o dissenso da questão em torno desse termo, da transubstanciação, é preciso dizer que ela já se deslocou pra periferia das considerações doutrinárias, ou seja, parece que isso não é nenhuma questão de doutrina na Igreja Católica. E eles dizem: tem horas que os católicos entendem o termo transubstanciação como uma forma filosófica, adequada para determinado tempo e lugar que visava a realçar, sabe precisamente a presença de Cristo na Santa Ceia. Ou seja, a transubstanciação é uma forma filosófica para expressar a presença de Cristo, ali, é por isso que a gente vê esses abusos litúrgicos, é por isso que essa maluquice está começando a aparecer na Igreja. Porque a CNBB, pelo menos a cúpula da CNBB, não digo toda a CNBB, tá participando de grupos como isso aqui. Então, o doutor Angelicus, Santo Tomás de Aquino, que eu estou com a Suma teológica, aqui, pelo menos quando ele escreveu aquela música maravilhosa *panis angelicus*, na verdade aquilo era só uma brincadeira, São Tomás, na verdade, tá rolando na tumba por um absurdo desse, gente. Que que é isso que tá acontecendo CNBB. Vocês devem explicações aos fiéis, explicações ainda mais por esse ponto que vocês tão apoiando aqui, neste documento de hospitalidade eucarística, a respeito do ministério. Dizendo, por exemplo, que para algumas de nossas igrejas, a questão do não reconhecimento da validade do ministério de outras igrejas, ou seja, de igrejas batistas, protestantes, etc., ainda é o ponto chave que impede o reconhecimento da validade, da celebração da Santa Ceia do Senhor, presidida por ministros e ministras femininas de outras tradições. Ou seja, o que é que eles estão sinalizando aqui, que a coisa mais linda do mundo é mulher celebrar a missa, que a coisa mais linda do mundo é ter uma anglicana, um batista, uma presbiteriana, um ortodoxo, todo mundo celebrando em volta da mesma eucaristia. E não é então que isso é de se esperar, que isso vem acontecendo. Foi o que denunciou, por exemplo, o site *Fratres in Unum*, está com razão, corretíssimo o que eles disseram naquela celebração que aconteceu, lá no 14º eclesial de bases, no Rio Grande do Sul, onde tem vários e vários sacerdotes celebrando a missa e tem duas mulheres no meio. Vocês acham que isso surgiu do nada? Para mim, isso aí surgiu em função de um documento, assinado pela CNBB, chamado hospitalidade eucarística. Tudo isso rola também com dinheiro da Campanha da fraternidade. [música] Gente, pra resumir então, o que é que foi essa reunião da ala petista do senado federal no Brasil, com o pessoal da CONIC, com pessoal da visão mundial e com o pessoal da CNBB.

**[31min20s] Gleisi Hoffmann (Senadora do PT/PR)**

Também [quero agradecer] a CNBB em nome do Padre Paulo.

**[31min25s] Lula (ex-presidente)**

E eu era fruto da teologia da libertação.

**[31min26s] Bernardo Küster**

E eles estavam lá, fazendo alguma articulação política, muito possivelmente, aqui eu tô fazendo uma suposição por causa das eleições desse ano. Porque eles tão preocupados com certos candidatos que podem fazer grande oposição ao plano de poder de poder deles. Foi aí então que depois, continuando a nossa história aqui, a UOL publicou dizendo que, a Igreja Católica não vai apoiar candidatos que apoiam a violência, diz a CNBB. Deixa eu fazer ressalva de novo, lembre-se gente: a CNBB não fala em nome da Igreja Católica. A CNBB fala em nome da

CNBB. Ela é só um conselho, ela não é diretiva ela não dá direção direta para os católicos que são obrigados a cumprir, sob pena, sei lá, de excomunhão, por exemplo. Dom Sérgio Rocha, presidente da CNBB, disse assim: nós queremos candidatos comprometidos com a justiça social e a paz. Não queremos candidatos que promovam ainda mais a violência. Lembra que ele tinha dito que, a corrupção é uma violência? Será que eles vão condenar todos os candidatos progressistas petistas envolvidos na corrupção? Eu acho que não, né, que eles estavam reunidos lá no senado com eles.

**[32min26s] Padre Paulo Renato Campos**

A senadora Gleisi já é de casa.

**[32min28s] Bernardo Küster**

Ainda mais, segundo a reportagem do UOL, a cúpula da Igreja Católica, pelo menos o pessoal da CNBB, que não representa totalmente a Igreja Católica, anda falando que eles apoiam o desarmamento. E agora é preciso fazer uma ressalva muito importante. E pra isso, eu vou pegar o livrinho. Você sabe o que é que é isso aqui, vou mostrar pra você, fiel, [mostrando o livro] o catecismo da Igreja Católica. Vamos para o ponto aqui muito importante. Ponto do Catecismo da Igreja Católica 2263 que diz o seguinte: a ação de defender-se pode acarretar em duplo efeito. Então, quando você vai se defender, por exemplo, de um bandido na sua casa e pode causar duas coisas: A conservação da sua própria vida quando você se protege e outra é a morte do agressor. Só se quer o primeiro e o outro não. Você quer preservar sua vida e não matar o agressor. Mas isso pode acontecer, explica o catecismo. “Quem defende a sua vida não é culpado de homicídio, mesmo que foi obrigado a matar o agressor”. Claro, que isso tem que ser em último caso. Aí você vai dizer: ah, Bernardo! Mas o catecismo não está defendendo que a pessoa pode usar arma. Não está? Pois, inclusive, eu vou ler um ponto pra vocês 2265 e 2266: “A legítima defesa pode não ser somente um direito, mas um dever grave”. Ou seja, você tem que ter o direito de legítima defesa. A este título, os legítimos detentores da autoridade, por exemplo, eu que sou proprietário desta casa, eu tenho o direito de repelir por armas, os agressores da comunidade civil pela qual eu sou responsável. CNBB, vocês devem uma explicação aos fiéis. Porque cês tão indo contra o catecismo e vocês se dizem representantes da Igreja Católica? Porque vocês não seguem isso aqui, e defendem candidatos, por exemplo, que apoiam a o fim do estatuto do desarmamento. [música] Aconteceu tudo isso que eu descrevi para vocês, e aí a CNBB essa semana, dia 20, 21, 22 e 23 de fevereiro, reuniu o conselho permanente da CNBB, que são os vice-presidentes das regionais, os presidentes das regionais, os bispos de todo o Brasil, vão lá para Brasília fazer uma reunião e decide sobre vários assuntos. Eles tiveram uma reunião sobre o processo eleitoral e sobre uma cartilha que eles vão fazer para orientar os fiéis a respeito das eleições. Em quem votar, como fazer, etc., aquilo que eu tinha mencionado que o Dom Sérgio Rocha, o cardeal presidente da CNBB, disse que iria fazer. Mas eu preciso contar pra vocês como foi o processo de elaboração dessa cartilha, pra a gente entender qual o viés que ela vai ter, entendeu? O comprometimento da CNBB com pessoal da esquerda. No próprio site da CNBB existe o processo de feitura, de confecção dessa cartilha. Primeiro acontece em um projeto piloto. Que é realizado pela Regional Sul 2, lá em Curitiba. Que são os responsáveis por fazer o exemplo primeiro de toda essa cartilha. Essa Regional Sul 2, a mesma que o Dom Jeremias recebeu as CEBs aqui em Londrina, da qual é vice-presidente e é responsável para tocar a feitura dessa cartilha. É o tal do padre Mario Spaki, que então se reuniu com o pessoal lá no dia 5 de Janeiro, lá no começo do ano em Curitiba, com uma equipe de especialistas para se reunir e fazer essa cartilha. Vocês sabem quem estava lá, da CNBB? Da cúpula? Da alta cúpula da CNBB? Que estava lá, naquele evento? O tal do padre Paulo Renato Campos, aquele mesmo padre Paulo Renato Campos que estava lá na reunião do PT, no senado,

com o pessoal da esquerda da visão Mundial, o pessoal da esquerda do CONIC, o mesmo Padre Paulo Renato Campos que falou que a senadora Gleisi Hoffmann, presidente do PT, já era de casa.

**[35min45s] Padre Paulo Renato Campos**

A senadora Gleisi já é de casa.

**[35min47s] Bernardo Küster**

O mesmo Padre Paulo Renato Campos que fala de Lindbergh Farias, aquele comunista declarado, que ele já tinha se encontrado várias vezes com o pessoal da CNBB.

**[36min] Padre Paulo Renato Campos**

O senador Lindbergh já compareceu várias vezes.

**[36min01s] Bernardo Küster**

O mesmo padre Paulo Renato Campos, que é o assessor de política da CNBB. Ele estava no começo da feitura de todo o processo. Então eles fizeram esse primeiro exemplo na regional sul 2, vice presidida pelo Dom Jeremias Steiner. Aí esse documento então recebeu a sua forma e subiu lá para CNBB. Só que a gente precisa ver um negócio, o responsável por essa cartilha. Como vocês podem ver nessas fotos, tem uma foto dele, aí, com todo o pessoal: Gleisi Hoffmann e vários outros padres, num evento e depois a gente vê uma foto do mesmo Mario Spaki com o Dom Geremias Steinmetz, que é vice-presidente da Regional Sul 2. Gente, a pergunta é: o que é que você fiel, da igreja católica, acha que vai ser feito com essa cartilha? Que viés você acha que ela vai ter? Você acha que vai ser o viés completamente fiel ao magistério da igreja? A doutrina social e tudo mais? Ou vai ser o viés completamente esquerdista e progressista? Um viés que reflete todos esses aspectos que eu tenho mostrado a vocês desde a Campanha da fraternidade, reunião do PT, apoio a ONGs que financiam aborto, MST e tudo mais. O que é que vocês acham? Fiéis da Igreja Católica. [a voz do técnico de filmagem com admiração por Bernardo ter falado tudo isso]

**[37min12s] Gleisi Hoffmann (Senadora do PT/PR)**

Quero parabenizar a Confederação Nacional dos Bispos

**[37min16s] Maria do Rosário (Deputada Federal PT/RS)**

[gritos com Bolsonaro] O que é que é isso aqui? [repete]

**[37min18s] Bernardo Küster**

Não é no mínimo estranho, gente, tudo isso que eu descrevi para vocês, está acontecendo justamente nesse período eleitoral, que o PT perdeu 64% das prefeituras? Que o PT perdeu o dinheiro que ia pros sindicatos, que são grupo do apoio deles, com o fim da contribuição obrigatória? Que o PT perdeu completamente a credibilidade, depois que a Dilma foi impeachmada? E não sofreu golpe. Depois que o Lula foi condenado em primeira instância pelo Sérgio moro e agora foi condenado pelo TRF-4 a 12 anos e 1 mês. Agora que o movimento conservador, movimento cristão, movimento católico, movimento liberal, todo mundo crescendo? Gente, não é no mínimo estranho tudo isso acontecendo? Será que não está na hora da CNBB reinventar a Campanha da fraternidade e fazer com que os fiéis participem da decisão dos temas, da Via-Sacra, do que vai ser isso? Por que ficar, sei lá, o padre Luiz Fernando Silva o outro assessor político, amiguinho do PT e etc., decidido tudo e nós tendo que engolir de goela abaixo. Será que a CNBB não tem que reinventar isso? Ou ela reinventa ou que acabe-se a Campanha da fraternidade. Por que o tema do próximo ano, gente, não sei se vocês sabem, já

tá decidido vai ser fraternidade e políticas públicas. O que vocês acham que vem de novo? O que vocês acham que vem? Vem esquerdismo de novo. Vem politização da fé de novo, minha gente. Então eu vou propor duas ações simples demais, para vocês que assistiram esse mini-documentário sobre a CNBB no banco dos réus. Eu quero que vocês façam uma coisa: bom, o meu bispo, o da diocese aqui de Londrina Dom Geremias Steiner já está exposto, os fatos já foram apresentados, ele já foi cobrado disso e continuará a ser cobrado. A pergunta é: o seu bispo, qual a posição dele em relação a isso? A Campanha da fraternidade e a tudo isso que eu apresentei para vocês, ele é a favor? Ele é contra? Ele já se pronunciou ou não? Cobre um pronunciamento do seu bispo. Ligue. Fale com o pessoal do bairro, com o pessoal da paróquia, pra cobrar uma posição dele. E a segunda ação que eu quero que vocês façam é ligar para a nunciatura apostólica e cobrar uma posição do núncio apostólico. Que o núncio apostólico não é um conselho autorizado, ele é responsável pelos bispos aqui no Brasil e deve ter uma palavra sobre tomar uma atitude. Não é que ele pode é que ele deve. Porque o escândalo já passou do limite. Considere aquelas doações que eu mencionei no começo. Considere o evento das CEBs com 60 bispos, aqui em Londrina, que aconteceu. Considere, por exemplo, a Campanha da Fraternidade que os abusos da Via-Sacra. Considere aqueles grupos bíblicos, que estão sendo usados para alastrar tudo isso no Brasil inteiro. Considere as reuniões que o PT teve com o pessoal da CNBB, as heresias do CONIC que a CNBB assinou, a visão mundial que a CNBB é parceira. Considera tudo isso que eu apresentei para vocês. Cobre o núncio apostólico. Núncio, Dom Aniello, por favor, se pronuncie. Eu só lembro que eu falei sobre a coleta da campanha da fraternidade, pois é, no Domingo de Ramos vai acontecer isso agora. Daqui a pouco. Daqui menos de 30 dias vai acontecer isso aqui no Brasil. Em nenhum momento, neste vídeo, falei pra você não doar o seu dinheiro para o Domingo de Ramos na coleta nacional da solidariedade. Agora, eu lavo as minhas mãos. Eu não vou pensar por você. Você a partir de tudo que mostrei pra vocês aqui, vocês vão decidir se vocês querem doar o seu dinheiro para eles ou não. Se vocês querem doar para uma instituição de caridade ou não. Se vocês querem dar esse dinheiro para o padre da sua da sua região ou não. Se você quer dar esse dinheiro direto para o dia 17 ou não. Isso é uma decisão sua. Decida com a sua própria consciência diante de Deus e diante de si mesmo. Você deve ter ouvido muitas vezes, como eu já ouvi que esse tipo de vídeo, com esse tipo de fatos quebra a unidade da Igreja. Preciso dizer uma coisa pra você: sabe que quebra a unidade da Igreja? Esses fatos que eu apresentei. Essas coisas todas. A negação da transubstanciação. Negação do sacrifício. Esse ecumenismo bagunçado, maluco sem propósito nenhum. Essa politização excessiva esses acordos. Esses dinheiros mal explicados. Isso sim quebra unidade. Vem da Igreja o exemplo a unidade que a gente busca, a unidade com Magistério, com a tradição da Igreja e com as Escrituras. Tudo centrado na liturgia porque assim a gente sabe que tem hierarquia e nós temos que obedecê-la. O próprio são Tomás de Aquino diz uma coisa importante num no texto a suma teológica na questão tem 33 ele diz o seguinte: “não se deve obedecer ao prelado contrariando um preceito divino”, ou seja, se uma autoridade da Igreja desobedece um presente divino estabelecido a gente não pode obedecê-la, senão vai pecar ele e vai pecar a gente. Então, fica alerta. Boa Quaresma. Fiquem com Deus e lembrem-se de que são João Paulo II disse que nós devemos defender a verdade, nem que voltemos a ser 12 de novo.

## ANEXO B

## ➤ COMENTÁRIOS

1- **Cris Ruiz** Bernardo você precisa se colocar a par do escândalo das casas da Coohabras administrado pelo **Aras Cáritas** e um vereador do PT aqui em Maringá

1.1- **Jair Presinate** Cuidado, o diabo é especialista em dividir, mentir e caluniar...

1.2- **Cris Ruiz** Será mesmo calúnia e mentiras? Já dizia Padre Gabrielli Amorth que o demônio já se encontrava dentro da Igreja só não sabemos de que lado né kkkk

1.3- **Jair Presinate** Por isso, que digo CUIDADO, discernimento. Claro que temos que dizer a verdade, corrigir na caridade. Mas tenho a impressão que esse rapaz quer é fazer um "inferno". Não vejo uma correção fraterna nas colocações dele. Mas vejo um desejo de denegrir e difamar a igreja. Pra ele não tem nada de bom. Será que é um cristão católico mesmo. Por isso, que eu digo cuidado, pode ter mais inspiração do espírito mal do que do Espírito Santo. Sem querer julgar. Mas cuidado.

1.4- **Leonardo Guerra** Jair Presinate ser cristão catolico tem que se calar ? É isso ? tipo o senhor ? Que está vendo comprovado por documentos? E ainda escreve umas asneiras dessas??  
Eclesiastes 7:5  
"Melhor é ouvir a repreensão do sábio do que ouvir a canção do insensato."

1.5- **Jair Presinate** Poupe-me não vou perder meu tempo com outro sem noção.

1.6- **Bernardo Pires Küster** Jair Presidente, se falo a verdade, isso o aborrece? Se minto, por que não mostra onde menti? Reclamar eu fazia com 5 anos. Grow up.

1.7- **Diego Corrêa** Jair Presinate acho que o senhor não assistiu o vídeo, ou é muita desonestidade com o Bernardo.

1.8- **Cláudia Helena** Jair Presinate, o **Bernardo Pires Küster** não quer difamar a Igreja porque a CNBB não faz parte da hierarquia, ou seja, a CNBB não é a Igreja mas um sindicato de bispos comunistas. Não lhes devemos obediência.

1.9- **Maria Cláudia Bertuzzo Veiga** Pois é, esperando o dito cujo mostrar onde o Bernardo mentiu... silêncioooo

1.10- **Giuliane Toledo** Você assistiu o mesmo vídeo que eu? De jeito nenhum! Ele sempre diz que "são alguns", ele não pede a cabeça de ninguém, mas a conversão, a mudança, a retratação e uma explicação (a que todos nós temos direito). Infelizmente, ele está certo e provou suas afirmações.

1.11- **Pablina Baez Jansen** CNBB e uma sopa Uruguaya , ingredientes [lingüça , carne de porco , de vaca, beico , estomago de boi .todos juntos !! Guacala

1.12- **Pedro Soares** "e não tenhais cumplicidade nas obras infrutíferas das trevas; pelo contrário, condenai-as abertamente." - Efésios 5:11

1.13- **Jackson Kloeppel** Não vi o Bernardo falar da igreja católica, sim da CNBB!

1.14- **Fábio Gaik** Usando do poder da igreja pra promover interesses políticos

1.15- **Fábio Gaik** Triste

1.16- **Nailton Lavor** Jair Presinate Pelo contrário. Não tem difamação nenhuma. Tem exposição de fatos, tristes, diga-se, que já ocorrem a décadas. Os fatos em si não são nem novidade, algumas denúncias esparsas já foram feitas, no passado, mas não teve a repercussão que está tendo agora. Louvado seja Deus por este homem. Trabalho que tem continuar e para expurgar toda sujeira do nosso país. Em todos os setores, política, judiciário, universidades e na Igreja.

1.17- **Nailton Lavor Bernardo Pires Küster** kkk é Jair Presinate, sem querer você oprimiu o sujeito mais ainda.

1.18- **Elison Martins** Ele faz certo em denunciar e abrir os olhos do povo qm avisa amigo é ..esquerdismo lixo ..apoiam corruptos essas pessoas sao desviadas ..O PT vai usar as pessoas como massa de manobra..bomq tem internet p abrir os olhos.. pq ja ta um inferno pastores e padres comunistas..

1.19- **Elison Martins** Jair Presinate como ele mente se ele deu fontes e td reunido com petralha so cego n qr ver ..

1.20- **Leonardo Guerra** Não aguentou ele mesmo se calou novamente, saiu de fininho 😂😂😂

1.21- **Carlos Eduardo Silveira Raimundo** <https://www.google.com.br/url?sa=t&source=web&rct=j...>  
Para quem por ventura não conhecer o decreto excomungando comunistas

1.22- **Lucas Junior** Não dá pra ficar com palavreado brando nesse momento estamos sendo atacados dentro de nossas igrejas e dioceses. É desse tom pra ação não tem como ficar com a mão no bolso irmão. Pense reflita sobre o que estamos passando ... a não ser que concorde com a situação crítica que está nosso país.

1.23- **Rafael Jesus** O capeta dominando espaços na igreja e tem gente idiota falando em correção fraterna??? PQP!!!

1.24- **Gabriel Camargo** Jair Presinate ?????

1.25- **Cledson Brito** So na cabeça de um tapado o conselho dos bispos iria mudar por causa de uma "correção fraterna" do Bernardo Pires Küster. Os incomodados que se convertam

1.26- **Ricardo Mello** Esse Jair Presinate é a cara da teologia da libertação! Deve votar em comunista e bater tambor! Hahaha

1.27- **Gerson Martins** Assisti esse vídeo 3 vezes e não encontrei nenhuma incoerência, não tem como falar que tudo isso é mentira.

1.28- **Ricardo Minamoto** Jair Presinate não sabes o que falas! A igreja está sendo usurpada por malfeitores comunistas, que se utilizam de suas investiduras para disseminar sua nefasta ideologia, profanando os serviços sacramentais. Acho que você não sabe da gravidade do assunto.

1.29- **Grasi Rodrigues** Ora, ora, ora....



1.30- **Kelly Cristina** Jair Presinate que feio, hein?

1.31- **Delano Arraes** Jair Presinate tu não é CATÓLICO coisa alguma, tomar vergonha na cara e vai abrir a igreja do LULA eu já denunciei aqui para vários e a máscara dos hereges irá cair. VEJA >>> [https://www.youtube.com/watch?v=TpZQH\\_qH888&t=8sGerenciar](https://www.youtube.com/watch?v=TpZQH_qH888&t=8sGerenciar)



YOUTUBE.COM

**Arcebispo de Maringá que...**

1.32- **Bel Mistrinel de Almeida** Jair Presinate pior cego é aquele que NÃO quer ver! Infelizmente “ a fumaça do demônio “ entrou sim na santa Igreja Católica e temos SIMM que defender nossa Santa Mãe, ainda que voltemos a ser 12 !!!!

1.33- **Rodrigo Jacques** Jair Presinate foi exorcizado do debate. #Xatiado

1.34- **Kelly Cristina** Bel Mistrinel de Almeidasim, eu sei. Mas que decepção

1.35- **Delano Arraes** Bel Mistrinel de Almeida ele como sacerdote tem o dever de defender a FÉ da Igreja, agora vir aqui e apoiar pacifismo e herege ? Será que ele não estudou o suficiente para saber que o próprio Papa Paulo VI na ONU em discurso disse que nós CATÓLICOS somos pela PAZ e não pacifista !!!

1.36- **Frederico Alves** Jair Presinate  
O argumento de quem não tem argumento é atacar o interlocutor!!!  
Em momento nenhum ele fala da IGREJA!

Fala da CNBB, que não responde pela Santa Igreja! Como o Gnosticismo está entranhado no Cristianismo desde a sua fundação, o comunismo e idéias Marxistas agora tb está (e olha que isso é CLARAMENTE condenado pelo Papa e pela Igreja)!

É preciso assumir um lado... Chega desse discurso raso...

1.36- **Patricia Marques** Bernardo Deus te abençoe, obrigada pelas informações, agora os que estão a favor disso é claro que não conhece Jesus muito menos sua igreja.

1.37- **Diogo L. Lima** Entrei aqui pois pensei ter lido "Jair Presidente". Juro. Ou meu cérebro foi enganado ao associar as letrinhas já conhecidas ou sou um fruto daquilo que Pascal Bernardin denuncia no livro "Maquiavel Pedagogo". Hehehe

1.38- **Noelly Morgante** Grande Bernardo

1.39- **Alessandra Veiga** Jair Presinate  
E os esquerdistas aperfeiçoaram a especialidade do Diabo . Contra fatos não há argumentos.

1.40- **Almir Peixoto da Silva** O cara vem aqui, insinua que o Bernardo tá mentindo, dividindo... e depois diz que não vai perder seu tempo para provar??? Tá de sacanagem meu amigo!!

1.41- **Emerson Santos** Ué! Sumiu, Jair???

1.42- **Tayson Barbosa Barbosa** E melhor jair se acostumando kkkk #JairPresidente kkk

1.43- **Leonardo Carneiro de Oliveira** Jair Presidente está certo.  
Jair Presinate é apenas um bocó falando bobagem

1.44- **Lucia Sarti Santos** Este Jair,tem tudo pra ser um sumo sacerdote que condenou Jesus.

1.45- **Cici Lima** O avestruz ! Jair presinate, enfiou a cara na lama.

1.46- **Pedro Fagundes** impressionante como tem pessoas que ainda defendem toda essa sujeira.  
"O PIOR CEGO É AQUELE QUE NÃO QUER ENXERGAR, O PIOR SURDO É AQUELE QUE NÃO QUER ESCUTAR, O PIOR MUDO É AQUELE QUE NÃO QUER FALAR"

2- **Rodrigo Webler** Bernardo, o Domingo de Ramos é antes da Semana Santa. Depois é o Domingo de Páscoa.

2.1- **Bernardo Pires Küster** Já coloquei uma nota.

2.2- **Rodrigo Webler** Pois é, quis avisar logo. **Parabéns** pelo trabalho! 😊

2.3- **Lorenzo Giuliano B. Machado** Na verdade o Domingo de Ramos abre a Semana Santa amigos!

2.4- **Rodrigo Webler** Boa colocação. Na minha cabeça ele fecha a Quaresma, mas provavelmente estou errado nesse sentido.

## 2.5- Edilene Couto



2.6- **Filipe Alberto** Bernardo o "gordinho embaçado", é um elogio não fique bravo, por favor, é como chamamos os que tem atitude onde eu moro. Oremos por ele.

2.7- **Hugo Silva** O tempo da quaresma termina na quinta feira Santa, Rodrigo Webler.

2.8- **Maria Maria** As informações contidas no vídeo causaram forte impressão aqui em casa. Parece-me que os envelopes da campanha da fraternidade voltarão vazios.

2.9- **Valderez Moreira Lima** Muito triste e pesada essa função. Já ouvir Padres defenderem o porte de armas, compreendi, já ouvir padres defendendo o direito a terra compreendi. Mas não consigo compreender ações e atos que provocam divisões na Igreja. É lamentável, atos políticos concretos tanto da Direita quanto da Esquerda. Lamentável.

2.10- **Isa Maria** Valderez Moreira Lima é lamentável sim, pois isso enfraquece mas é um dever do leigo alertar e denunciar sobre atos de ensino que estejam acontecendo contrariamente ao ensino da Igreja. O vídeo só deixou a desejar sobre o armamento individual pois no catecismo se forem ler 2265, 2266 falam sobre o os defensores da autoridade tem o direito de repelir pelas armas... mais se continuar a ler percebe que este detentores de autoridade ã é a pessoa civil, o dono da propriedade, cm falou o Bernardo, mais é o estado que tem o direito de repelir pelas armas os agressores da COMUNIDADE civil pela quais são responsáveis. No caso seria a policia que pode ter as armas.

2.11- **Eva Carmo** Fiquei passada com esses esclarecimentos. Fiquei bastante incomodada com a atitude de padres durante a homilia na missa de cinzas, agora entendi o porquê.

2.12- **Vinicius Henrique Oliveira Bernardo Pires Küster** parabéns pela atitude.

2.13- **Silva Junior** Um fantástico trabalho, mas do que esclarecedor. Assisti com toda a minha família. Ficamos triste, mas esta é a realidade da nossa nação, nossa gente!

2.14- **Nailton Lavor** Valderez Moreira Lima Cade a divisão? Uma pequena parte barulhenta, com cargos e organizada tomando a Igreja de assalto por década é exposta agora. O que ele fez foi denunciar os erros, as ligações escusas de membros da Igreja com partidos politicos e movimentos esquerdistas, que usam a Igreja para seus propósitos ideológicos de poder.

2.15- **Valderez Moreira Lima** A Igreja tem muitas faces. Todas as faces são de Cristo. A misericórdia, piedade, proteção, amparo, salvífica, sofredora, mártir, cruenta, não cruenta etc. Cabe a nós fazermos parte desse corpo, pois somente Cristo é o todo. Não devemos ter medo. Pois o Próprio Cristo nos garantio "os poderes do inferno nunca prevalecera" não se vence o "inimigo" com atos que provocam divisões dentro da Igreja. Quantos cristãos foram martirizados por causa das injustiças, quantos padres, irmãs, bispos. O momento politico no Brasil é delicado todos os atos , diálogos caminham pro campo da política. Não passa nada despercebido, jogar disputa politica partidária no ceio da igreja é muito perigoso e nocivo nas comunidades. Cristo tem muitas faces. Ha Igreja em todas as partes; nos centros urbanos, nos bairros, nas periferias. A mesma Igreja mas com realidades distintas, umas abastadas outras que

passam fome, umas justicadas outras injusticadas, umas com a face Cruenta de Cristo e outras com a face não cruenta. "A Igreja é maior do que a terra".

**2.16- Cloves da Silva** O Bernardo pareceu mesmo um direotista? será que me enganei? quem sao os de direita e os de esquerda? gostaria de entender melhor? de esquerda foram os que saíram do poder? e os de direita sao os que comandam hoje o País?

**2.17- Jose Osmildo** Bernardo, você não passa de um embusteiro que quer aparecer a custa dos erros da igreja, você não tem nada de caridade, o que tem na teologia da libertação, tem muito pior em você, que não tem nenhum compromisso com os pobres, os necessitados, como os irmãos do MST que você mete o pau, você já visitou um acampamento do MST para falar as baboseiras que você fala do MST? Esqueça os líderes e visite os assentamentos para você morder nessa sua língua de trapo, isto é, se você vivenciar um pouquinho do evangelho de JESUS CRISTO, você irá de imediato confessar suas calúnias. Deixa de ser prepotente, levanta está bunda da cadeira e vá conhecer a pobreza de perto, foi isso que JESUS fez, mas morreu. Será que você daria sua vida pelo evangelho? Deixa de ser oportunista, querer aparecer com uma coisa tão séria que é ter compromisso com os pobres. Isso que você está fazendo é o mesmo que os religiosos fizeram com JESUS há 2000 anos atrás. fariseus, açorda.

**2.18- Bernardo Pires Küster** Jose Osminto, julgar a intenção é a primeira coisa que um idiota faz. Julgue os fatos. Se puder contradizê-los com mais contundência, darei meu braço a torcer. Até lá, cale-se.

**2.19- Cesar Manieri** José, honre o nome que tu tens e honre o filho de Deus que nasceu do ventre imaculado de Maria. Não se engane. A igreja não pode ser instrumento das trevas. Acorde você: Jesus não morreu!

**2.20- Solange Bomentre** Bernardo Pires Küster Mandou vc "açordar" - agora a coisa ficou séria.

**2.21- Jose Osmildo** O problema que pessoas como vocês só julgam e não contribuem, foram pessoas que agiam como vocês que mataram JESUS e queimaram muitas pessoas inocentes na inquisição, porque vocês acham que estar certo é estar numa ponta da "verdade", nas não se esqueçam que quem vai julgar vocês é o mesmo que disse "Pai perdoa-lhes eles não sabem o que fazem" entre a sua verdade caro Bernardo tem uma coisa que São Paulo fala "só o amor e a caridade salvam" o resto é vaidade e vento que passa. Cuidado você se acha com toda razão em expor, perseguir, difamar, julgar... por acaso DEUS te constituiu juiz? Se coloque diante de JESUS e pergunte o que ELE acha desta sua atitude?

**2.22- Bernardo Pires Küster** Então ótimo, vamos tolerar a CNBB em conluio com o PT. Lindo. **Parabéns**, José!

**2.23- Bernardo Costa** Esse José é doente. Fala nada com nada.

**2.24- Alessandro Bufalo** Bernardo Pires Küster não perca tempo discutindo com comunistas

**2.25- Jose Osmildo** Doente é você só de não entender nada do que JESUS nos propõe, a sua doença chama-se farisaísmo, se é que você sabe o que é isso.

2.26- **Bernardo Pires Küster** José, contraprovas. Só isso. Pare de acusar e reclamar e seja amigo da verdade, ó paladino do Evangelho.

2.27- **Jose Osmildo** Bernardo você não é a partidário, você é um reacionário alienado de direita, seja isento, seja santo cara.

2.28- **Joao Batista Freitas** Mst, cambada de vagabundos. Conheço.

2.29- **Jose Osmildo** Julgar a sua intenção é fácil, aparecer as custas da igreja

2.30- **Alex Silva Silva** Aprendeu idiota? Cale-se! Kkkkkkkkkkkkkkkkk

2.31- **César B. Júnior** Irmãos do MST? Só se forem seus irmãos pq meu quero distância....

2.32- **Jones Duarte de Souza** A frase que mais fala a Esquerda quando vai falar de Cristo é "Não julgue"...E a frase que Cristo falou,"Eu sou o Caminho a Verdade e a Vida...Tem gente que fala de Cristo como se ele fosse um hippie.Jesus foi condenado por falar verdades,não confunda as coisas.Bernardo está abrindo nossos olhos pro Comunismo na Igreja,isso é uma verdade.

Graças a Deus temos pessoas abençoadas igual a vc irmão Bernardo Pires Küster,pra mostrar mais de perto o que está acontecendo. Se alguns não querem abrir os olhos...que podemos fazer?Da um tapa na cara como fazia Padre Pio...kkkk pra ver se acorda,ou ignorar,deixar ver com os próprios olhos,n sei...deixa que o Espírito Santo nos guie.

2.33- **Jose Osmildo** Pensamentos sem o mínimo de caridade e amor, adianta querer discutir fariseus e saduceus?

2.34- **Silva Junior** Um cara desses aparecer aqui pra defender Lula e sua tralha que se instalou dentro das igrejas e ainda fala no nome do Filho de Deus pra defender MST que não passa de uma organização criminoso. Melhor procurar um lavado de roupas cara.

2.35- **Stefano Di Pastena** Puts...citou "inquisição"? É jumento.

2.36- **Janara Hermina L. Dias** falou tudo

2.38- **Kauan Silva Sampaio** Quanta merda 😂😂😂😂😂

2.39- **Jose Osmildo** Fariseu, hipócrita, assim JESUS chamou muitos como você, que não tem um pingão de respeito com as pessoas.

2.40- **Junior Lobo** Oh doido, apresenta provas e argumentos contra o que o Bernardo disse. Ataque os argumentos e não a pessoa. E ah, so lembrando que cristão que apoia a esquerda é automaticamente excomungado. Ou tu é cristão ou de esquerda. Os 2 não da...

2.41- **Bernardo Pires Küster** Jose Osmildo conseguirá um block muito cedo.

2.42- **Bernardo Costa** Block

2.43- **Jose Osmildo** Mas é tu que é maionese, leia um pouco mais irmão

2.44- **Leneildo da Silva Bernardo Pires Küster** você esta de **Parabéns**, ã pare de mostrar a vdd sobre esses ditos pregador da verdade. Você é 10...

2.45- **Ana Clara Sterque** Caridade mesmo é o que se ve na Coreia do Norte, Venezuela, Cuba... o que se viu na URSS. caridade vermelha do sangue de inocentes.

2.46- **Jose Osmildo** Fariseus mesmo

2.47- **Wagner Antonio Horta** Nossa jose é era o nome daqueles irmao que o vendeu para os Egipios kkkk mas talvez e demente funcinal vem aqui para defenter um bando de vagabundo que entra e matas as pessoas donas sitio e ainta vem dizer o nome de yeshua para defender um abortista que o lula e defender mstkkkkk creio que não defender assassinos e ruaceiro do lula essa gente que so sabe invadir terras das pessoas .kkkkk disse que ninguém sabe o que acontece dentro dos acampamento do mst além de orgias e bebedeiras .Até drogas são enconteada dentro desses acampamentos de noados e drogados que usam crianças para se protejerem kkk cara este é o Exercito de lula para ser usado para morte deles mesmo porque eles comem pão velho com salame estragado la dentro desse acampamentos drogas e sexo a vontade pois as mascaras estao caindo cara irmãos de mst kkkkkk irmão do lula meu irmão e homem cara e não é ladrão

2.48- **Ivan Carlos Semmer** Mostre onde ele não provou com documentos o que ele fala. Xingar ele sem argumentos é atestar a veracidade do que ele falou.

2.49- **Kauan Silva Sampaio** Comunista é mal caráter por essência , defende genocídio , e agora quer falar de Deus ?

2.50- **Wagner Antonio Horta** José cade as contraprovas vir para um debater e começar a ofenter as pessoas este e o ideal comunista socilista quando não tem provas e nem argumento para discutir irmão voce ja passou vergonha vai dormir ou entao vai namorar ai pouco ok primo.

2.51- **Vitor Santos** Se você soubesse verdadeiramente o que é o MST e pra que ele foi criado, não estaria falando em "irmãos do MST". Pobreza sempre existiu e sempre existirá, nenhum ser humano tem o poder de erradicar isso, mas diminuir sim. O MST diz lutar pela reforma agrária, durante todos esses anos do governo petista, por acaso eles fizeram reforma agrária? Não. Mas estão sempre usando como massa de manobra para desestabilizar o país, inclusive, a desestabilização é estratégia de subversão, Yuri Bezmenov explica isso, é melhor dar uma procurada. Então colega, fomentar a miséria como esses criminosos fazem para se manter no poder, isso é um pecado gravíssimo. Quem necessita confessar de imediato e se arrepender pelos males que fazem contra os mais pobres e a população brasileira no geral, são esses caciques. Ninguém aqui está sendo contra os mais necessitados, pois nós também somos pobres, eu sou pobre. Aqui na minha paróquia sempre tem doação de cestas básicas, montadas pelos fiéis para doar aos mais pobres da minha cidade. Isso sim são ações efetivas, e não movimentos ditos sociais que servem apenas para desestabilizar o país e manter na miséria seus seguidores. O trabalho do Bernardo merece sim todo o nosso apoio, pois se ele quisesse realmente aparecer, estaria fazendo vídeos com palhaçadas, e não mostrando as infiltrações criminosas comunistas no seio da igreja.

2.52- **Wagner Antonio Horta** Democracia boa que pt e lula e da coreia do norte ,china , , russia , cuba e venezuela sabe o eles tem em comum cometeram um genocídio contra pessoas do

próprio país mais. As democracia de Nicolás Maduro na Venezuela se é contra o Socialismo comunista de la ou e executado ou e levado para os Campos teabalar ate morrer sem descanso nenhum , Raul castro vai lá para Cuba que é mesma coisa se contra todos seus bens são confiscado pelo governo federal de lá e aí levado para trabalhar como voluntário forçado trabalhar sem descansar todos dias e executado para servir de exemplo para não ter resistência alguma contra ao regime ditador do socialismo comunista implantado por che Guevara e Fidel Castro kkkkkk esses aí são seus irmaos e primo que levaram ao caos duas nações e agora vem falar de democracia kkkkk .Você deveria viver em Cuba com uma dia se iria sobreviver lá ou então na Venezuela para trabalhar como escravo nos Campos de Maduro.

2.53- **Joana Cruz** Parei de ler no "compromisso BLABLABLA...irmãos do MST" . Vai arrumar um emprego, embuste!

2.54- **Francisco C Araújo Filho** Julgue os fatos explanados e não o expositor. O socialismo faz isso! Condena o expositor e inocenta o crime!

2.55- **Francisco C Araújo Filho** Jose Osmildo Julgue os fatos explanados e não o expositor. O socialismo faz isso! Condena o expositor e inocenta o crime!

2.56- **Flavio Souza** Este Jose é aquele dois tipos possíveis: Tem total retardo mental, sua mente e espírito foram tão corroídos pelas heresias e o marxismo que não sobra nada ali aproveitável para dar alguma luz a razão, este é mais um daqueles que se está com poder total nas mãos promove o genocídio. Ou ele é um canalha safado que esta mamando na CNBB (no dinheiro dos fiéis) e teme perder sua boquinha com essas denúncias, está desesperado.

2.57- **Juliano Jovemac** Eu iria responder esse analfabeto de língua e de cérebro por vc... Mas tantos ja responderam esse lixo desse xusé osmirdo... Que eu que não vou perder meu tempo não

2.58- **Helena Lucia Barbosa Contreiro**Pergunto a esse "irmão cumpanhero" que defende o MST: ja viu um saco de feijão plantado e colhido por eles? Mostre...e procure ler mais pra depois vir argumentar direito e com VERDADES!

2.59- **Gilvan Felix Dos Santos** MST. LUGAR DE VAGABUNDO SEM VERGONHA , PILANTRAS QUE NÃO TRABALHAM E QUE SÃO USADOS POR COMUNISTAS, E VC JOSE DEVE SER MAIS UM DESTES IMPRESTÁVEIS.

2.60- **Ricardo Lima** Jose Osmildo Esse desavisado e enrolado está apoiando tb o aborto, movimentos Gayzistas e Feminazistas que querem mais direitos que os outros mortais, e por fim o genocida sistema comunista... Ou então é burro mesmo...

2.61- **Jose Osmildo** Um bando de judeus que seguiram Anás e Caifás, " crucifiquem-no, crucifiquem-no, crucifiquem-no "

2.62- **Jose Osmildo** O cristianismo que vocês seguem não é o de JESUS, qualquer pessoa que possa ver um pouquinho diferente de vocês as coisas é comunista. Cegos e guia cegos, vocês cairão na mesma vala que o Gustavo por falta de discernimento

2.63- **Ricardo Lima** Jose Osmildo Vc não está falando de Jesus... Está falando de Comunistas anti-Cristãos... E ladrões que usam os pobres e desavisados...

2.64- **César B. Júnior** Bernardo Pires Küster vc acredita que respondi aqui nesse seu post para um Padre (acho que é padre) se ele tinha alguma dúvida que o comunismo é anticristão e ele (acho que foi ele) excluiu ? Absurdo neh?

2.65- **Wagner Antonio Horta** Porque o Lula e Dilma Rousseff não fizeram na reforma Agraria que os dois prometeram fazer .Um bando vagabundo juntos invadindo exroubandando até matando pessoas para roubo o Socialismo comunista e assim porque você Vinicius Vinnicius CesaroCésar o vai lá em Cuba para falar do jeito amigável seu demente funcional pensa estas pessoas mst, cut mtst tudo aí tem casas deixam suas casa para roubar estrupar e matar e legal uma pessoa que defende só ladrao kkkk Jesus Cristo irmão não veio para pobres ele Jesus Cristo veio para todo o povo de Jerusalém e todo aquele que crê em Jesus Cristo será salvo e legal falar mas o problema é que Lula em 8 anos de mandato não teu terras para esta tropa de ladrão e bandidos.

2.66- **Suelem Mahal** Mts só tem ladrão Pq quem invade terras dos outros é ladrão. Eu não li na bíblia Jesus mandando os pobres roubar. Pq esses vagabundos fazem é isso ROUBAR. PT 13 anos no "poder" e esse povo continua sem terras.

2.67- **Ivi Lopes** Esse José, fala tanto que julgar é errado e está fazendo a mesma coisa.

2.68- **Fernando Gonçalves** Segundo o amigo José, a minha divida histórica acabou de aumentar.

2.69- **Wagner Antonio Horta** José os milhões tem um decreto de 1949 feito pelo Papa Pio XII que condena está política de comunismo e a própria teologia da libertação irmão e estar lá todos que apoiarem e de idéias comunistas marxistas estará mais excomungado automaticamente nem precisa de ter autorização do bispo está CNBB ficou calada quando Lula fazia com dinheiro público dos impostos dos brasileiros um aeroporto em moçambique milhões de dólares, uma hidroelétrica na Nicarágua se eu me engano 364 milhões de dólares iai vai a compra de uma refinaria na cidade de pasadina EUA e teu de graça um refinaria de gás obra Bolívia que gostou aos brasileiros mas de 22 milhões de dólares aí ele deu de graças. Você sabe o que isso irmãos né isso aí é roubou ele lula e CNBB não disse para ninguém estes desvios de verbas usando o BNDES para financiar estar tudo em documentos .Dou graças a Deus que grande parte da Petrobrás está sendo privatizada se não mst , cut , estas ongs que não fazem nada né só embolsam o dinheiro e sai .Agora pergunta cadê a reforma Agrária que Lula prometeu ?? Não sabe responder né. Já teu este povo já roubou demais os cofres públicos e a CNBB só fingia que não sabia ela ajudou estas tropa do comunismo roubar o Brasil é ficou caladinha agora estar sem resposta né. Jesus Cristo veio a terra para salvar as pessoas se não irmão Jesus Cristo seria corrompito pelo poder e pelo dinheiro .Todos pensam assim que Cristo veio para os pobres mas veio para aquele que crê nele cara Jesus Cristo não foi um revolucionário com che Guevara .Aí veja che Guevara matou milhões de pessoas em iai não vai criticar e condenar o che Guevara sábado da verdadeira vida de che Guevara né eu sei porquer estudo sobre ele todo tempo quando mas eu leio e dos crimes deles fico com nojo e do comunismo marxista que ele é fidel Castro pregava .estar aí pt mst , cut não sabia que che Guevara líder do comunismo em Cuba matou vários membros da igreja católica Apostólica Romana por se opor contra o Socialismo

comunista marxista cara , a pessoa que é você que acredita que chegar não fez nada começa a procurar ele colocou o povo todo trabalhando escravamente nos campos em domingo ele era bom o Socialismo era bom em Cuba e mas mesma coisa que emitam fazer no Brasil se este mst e Lula voltar você deveria acordar.

**2.70-** **Denis Cervinskis Bernardo Pires Küster, #WagnerAntonioHorta, #KauanSilvaSampaio, Ivan Carlos Semmer, #AnaClaraSterque, #JuniorLobo, #RosemaraNunes,** não adianta discutir com comunistas como esse, **#JoseOsmildo,** que não entende de nada, não tem argumentos e, muito menos, religião definida.  
Deixe esse ser pra lá.  
Dou meus parabéns às pessoas que, como o **#BernardoPiresKüster,** defendem a verdadeira Igreja e denuncia o que precisa ser denunciado.  
Daí, eu pergunto: o que o Papa tem feito? Denunciado!!!

**2.71- Vic Oliveira** Bernardo, a vinda aqui de pessoas como o José está apenas começando. Eles vão atacar de vários lados, como pragas. Insuflados que são pelos discursos da TL... preparemos-nos.

**2.72- Magno Sales** José se e o MST é mesmo de um povo sofrido e trabalhador, me diz pq eles precisam do PT como ajuda?

**2.73-Rodrigo Nogueira** Jose Osmildo, eu tenho embasamento para o que vou falar: uma pessoa que é casada, tinha casa na cidade, entra para o grupo do MST, invadem uma área, montou seu barraco e para não perder aquele espaço enquanto a ocupação ocorria, revezavam marido e mulher para que ninguém lhes tirasse dali. Ambos empregados e cada qual ia para seu barraco após fim de expediente, fazendo a troca na vigilância. Regularizado a situação, dividido os terrenos, feito escritura e registro, o que fizera!?!?! VENDERAM a área que haviam ganhado com o único esforço de permanecer no local por um curto tempo. É esse lixo em que se resume o MST. OBS: fato verídico que acompanhei perto.

**2.74- Jackson Kloeppel** Por favor José, conteste o que o Bernardo apresentou, vc fica falando, falando e não apresenta nada que possa nos mostrar que Bernardo falou alguma mentira!

**2.75- Ivi Lopes** Ah o José estudou em Universidades Federal, isso explica muita coisa.

**2.76- Dalte Anderson Fonseca** Jose Osmildo , Mostre onde o Bernardo esta mentindo. Estou esperando. Sempre ouço que petista não tem cérebro para separar fatos de argumentos. Será que é verdade isto?

**2.77- Andreia Peixoto** José. Honra teu nome. Todos estão cansados do discurso comunista, marxista etc. A verdade não vai ser mudada de tanto vc repetir mentiras. Não vê o Lula? Quanto mais mente. Mais verdades aparecem sobre ele.

**2.78- Nailton Lavor** Olha o idiota útil com o discursinho manjado da TL. O uso ideológico que esquerda faz do pobre e da pobreza.

**2.79- 河村 ヘリソン** Fariseu comunistinha detectado! rsrc

**2.80- Elisa Martins** Incomoda muita gente esquerdista kkkk

2.81- **Leonardo Guerra** "Cristão" contra os valores das escrituras está berando a porta do inferno! Jose vc ja esta cheirando queimado cuidado!!

2.82- **Marcio Balthazar** Lá vai um textão com trechos do livro The story of Reality, de Gregory Koukl:

So let us be clear. Jesus did not come to help us get along or teach us to take care of the poor or to restore “social justice.” there are many noble people who are drawn to Jesus for his moral excellence (as they should be). However, often their admiration of his civic virtue has distracted them from a more important matter. Their mistake is thinking that Jesus came principally to teach us how to live a better life. He did not. You can read from John’s first sentence to his last and you will not find a single word about helping the poor or restoring social justice. Not one. First, in his Sermon on the Mount Jesus commends not the poor per se but rather the poor in spirit. To them, he says, belongs the Kingdom of Heaven. There is a reason the Kingdom belongs to them—not because they are poverty stricken (their income is irrelevant to Jesus), but because they are morally broken and they know it.<sup>4</sup> That is what “poor in spirit” means. Picture the tax collector in Jesus’ parable—hardly a destitute man—beating his breast pleading, “God, have mercy on me, a sinner.” This man proclaiming his spiritual poverty goes away justified, Jesus says, while the Pharisee, whose spiritual arrogance clouds his genuine spiritual need, does not. The second qualifier I want you to keep in mind about Jesus’ comments on the poor is this: In the vast majority of cases where Jesus mentions the poor, he does so not to commend the poor as such, but to make a point about something else—hypocrisy, a widow’s generosity, Zacchaeus’s repentance, the rich young ruler’s confusion, or a lesson about the after life. Even when he mentions them, the plight of the poor simply was not the focus of Jesus’ teaching. Now, we must not conclude from this that Jesus didn’t care about the poor and so we need not care either. He cared very much about them, and the Story has much to say about their situation. Do not miss, though, that he also cared about the rich and powerful. Jesus helped everyone and anyone who came to him—poor beggar or prostitute, wealthy tax collector or Pharisee. The divide for Jesus was not between the poor and the rich, but between the proud and the repentant, regardless of income or social standing. Miss that, and you miss everything. These are the facts we must face if we are to get Jesus right. “Social justice” is not the Gospel.

2.83- **Jaqueline Almeida** José, o Bernardo está cumprindo com louvor a tarefa de denunciar e instruir. Isso é muito importante e isso tb é dar a vida porque ele está se expondo e mexendo em vespeiro. Pense bem!

2.84- **Rafael Pacheco** Quando esse cara falou de modo pejorativo da santa inquisição eu joguei a toalha, não vale a pena dialogar com ele.

2.85- **André Miranda** Nenhum argumento. Um só esse vermelho colocou... É massa de manobra apenas!

2.86- **Rita De Cassia Carvalho** Deus está arrependido Devia ter deixado nessa terra apenas os dinossauros

2.87- **Celia Souza Ciqueira** Que nojo desse esquerdistas...vomitaria na cara dele...

2.88- **Josemar Oliveira** É José Osmildo, vc não se dá ao trabalho de buscar as informações e contrargumentar embasado, o que faz então?? Acusa, acusa e acusa. Tese utilizada desde sempre por Luladrão e todos os líderes destas ONGs que por mais bem intencionadas, são usadas por inescrupulosos dioturnamente. Diante de tais fatos só sobrou uma palavra pra definir suas palavras aqui, VERGONHA. Mas creio também, assim como eles, vc não admitirá, então, fique vc com seus "amigos" de estimação até o dia que vc não os servir mais ou vc se enxergar e ser liberto destas chagas, chamadas MST, CUT, MTST, CNBB e outros tantos deste país. Passar bem 🙏

2.89- **Luís Julliano Bernardo Pires Küster** palavras polidas com esquerdopatas??? Eles não merecem, e você não pode conferir a eles, através da palavra e do diálogo, qualquer autoridade, pois no fundo, eles querem na verdade, é nos eliminar. Portanto, José osmildo, vou falar na linguagem que vermes como você merecem: VÁ SE FODER seu filho da puta.

2.90- **Luís Julliano** Jose Osmildo vá se foder comunista filho da puta. Que argumento você apresentou seu desgraçado??? O Cristianismo que nos seguimos é o de Jesus. O Messias de vocês é o próprio anti-Cristo, que vocês querem às pressas preparar o terreno para a chegada dele. Mas... vocês sim vão cair, na vala do desespero, da desolação, e como sempre, irão condenar a Deus.

2.91- **Luís Julliano** Jose Osmildo já fez a sua marquinha na mão ou na testa??? Mostra aí a sua tatuagem do 666....

2.92- **Carlos Eduardo Silveira Raimundo** 🍌🍌🍌🍌🍌🍌 Boa **Bernardo Pires Küster**

2.93- **Rodrigo Atayde** Bernardo **parabéns** pela coragem de revelar a verdade ! So nao podemos ter atitudes que levem a divisão pois e.

2.94- **Rodrigo Atayde** Pois é esse o objetivo comunista a divisao entre as comunidades entre as famílias e assim por diante ! Mas a verdade deve ser dita com misericórdia pois a maioria das pessoas foram blindadas a verdade para fazerem parte de ideologias

2.95- **Wagner Antonio Horta** José osmildo você é uma sem cérebro e uma pessoa demência funcional ok. Deste que começou este mst aí no Brasil só fizeram guerra contra aqueles que sustentam o país não falo de presidentes e deputados e senadores da República mas os micro-produres rurais e produtores e, este sofrem nas mãos de milicianos do pt este vagabundos que só roubam matam estrupar, e usam drogas foram das câmeras porque isso é ser verem isso a opinião da população será fatal contra estes vagabundos sem vergonha . Já viu um desse vagabundos trabalhar irmão José osmildo não né já viu eles dizer que uma terra e produtiva para plantar e vender eu nunca vi isso é nem vamos ver sabe o porquer eles não querem fazer só querem invadir terras Jesus Cristo nunca ensinou a invadir uma casa de alguém para roubar mas sim ensinou coisas de valores .O MST só invadem como invadiram uma aérea de o terreno que pertence a uma concessionária elétrica na Bahia invadiram e derrubaram tudo danificaram tudo aí ninguém fez nada sabe o porque eles não agem dentro da lei no governo do Lula não houve a a reforma agrária não faltou oportunidade para esta reforma né. No governo

ela disse que iria realizar a reforma agrária porque eles não invadiram as terras no governo Dilma Rousseff e porquer ela não fez a reforma agrária moro de rir este hipócrita dizer o nome de Jesus Cristo para justificar estes erros aí tanta corrupção de Lula e Dilma dou risada porquer senhor José osmildo você é outro general mst estar na cara que um militante do mst isso é vergonha para você.

2.96- **Jose Osmildo** Não falei nenhuma vez de lula e os seus, ou o PT, mas vocês não tem o amor e a caridade dentro de seus corações, por isso julgam tão bem, "túmulos caiados, por fora são belos, mas por dentro estão cheios de carnificinas e podridão"

2.97- **Jhonnatan Inovar** Eu já fiquei preso em assentamentos da quadrilha MST! Deu medo e indignação!

2.98- **Lucas Junior** Acredito que estamos perdendo tempo ...tantos de nós dando atenção a alguém que tem uma "idéia" definida. Vamos a luta a igreja precisa de pessoas de coragem para lutar e seguir firme. A muitas tentativas do inferno mas o Céu vai triunfar em nome de Jesus

2.99- **Danilo Giamondo Francisco** Ter compromisso com os pobres não é ter compromisso com o comunismo. Apenas um compromisso que garanta a liberdade plena do ser humano e não as mazelas do totalitarismo de esquerda tal qual em Cuba e Venezuela. Entendeu Santo José Osmildo?

2.100- **Rafael Jesus** Esse babaca é so tipo daqueles q diz q Lula é martir hehe... babaca doente!

2.101- **Audro Antonio Audro De Sousa Silva** Jose Osmildo, ainda li até os IRMÃOS DO MST 😂😂😂. Fuiii

2.102- **Mirian Sabino** Esse MST é uma forma de meio de vida **parabéns** Bernardo Pires Küster por nós abrir os olhos